

EDUCAÇÃO ESCOLAR INTERCULTURAL

TEMBÉ TENETEHAR



A Produção do Etnoconhecimento
na Escola Indígena



EDUCAÇÃO ESCOLAR INTERCULTURAL TEMBÉ TENETEHAR

A Produção do Etnoconhecimento
na Escola Indígena



Universidade do Estado do Pará

Reitor

Clay Anderson Nunes Chagas

Vice-Reitora

Ilma Pastana Ferreira

Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação

Luanna de Melo Pereira Fernandes

Pró-Reitora de Graduação

Acylena Coelho Costa

Pró-Reitor de Extensão

Higson Rodrigues Coelho

Pró-Reitor de Gestão e Planejamento

Carlos José Capela Bispo



Editora da Universidade do Estado do Pará

Coordenador e Editor-Chefe

Nilson Bezerra Neto

Revisão

Marco Antônio da Costa Camelo

Design

Flávio Araujo

Web-Page e Portal de Periódicos

Bruna Toscana Gibson

Livraria

Arlene Sales

Bibliotecária

Rosilene Rocha

Estagiários

João Lucas Ferreira Lima

Natália Vinagre de Souza Souza

Conselho Editorial

Francisca Regina Oliveira Carneiro

Hebe Morganne Campos Ribeiro

Jofre Jacob da Silva Freitas (Presidente)

Joelma Cristina Parente Monteiro Alencar

Josebel Akel Fares

José Alberto Silva de Sá

Juarez Antônio Simões Quaresma

Lia Braga Vieira

Maria das Graças da Silva

Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da Silva

Marília Brasil Xavier

Núbia Suely Silva Santos

Robson José de Souza Domingues

Pedro Franco de Sá

Tânia Regina Lobato dos Santos

Valéria Marques Ferreira Normando



Antônia Zelina Negrão de Oliveira
Bruna Fernanda Soares de Lima Padovani
Claudio Emidio-Silva
Eliana Ruth Silva Sousa
Joelma Cristina Parente Monteiro Alencar

Org.

EDUCAÇÃO ESCOLAR INTERCULTURAL TEMBÉ TENETEHAR

A Produção do Etnoconhecimento
na Escola Indígena

Realização
Universidade do Estado do Pará - UEPA
Núcleo de Formação Indígena da UEPA - NUFI/UEPA
Editora da Universidade do Estado do Pará - EDUEPA



Normalização e Revisão

Marco Antônio da Costa Camelo

Designer Gráfico

Flávio Araujo

Ilustração de capa

Eder Ferreira Monteiro

Capa

Flávio Araujo

Diagramação

Odivaldo Teixeira Lopes

Apoio Técnico

Bruna Toscano Gibson

Arlene Sales Duarte Caldeira

Assessoria Linguística do NUFI

Bruna Fernanda Soares de Lima Padovani

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Editora da UEPA - EDUEPA

- E24 Educação escolar intercultural Tembé Tenetchar: a produção do etnoconhecimento na escola indígena / Antônia Zelina Negrão de Oliveira ; Bruna Fernanda Soares de Lima Padovani ; Claudio Emídio-Silva ; Eliana Ruth Silva Sousa ; Joelma Parente Monteiro Alencar (Org.). – Belém : EDUEPA, 2025.
363 p.: il.

Inclui bibliografias

ISBN: 978-85-8458-056-9

1. Educação Escolar Intercultural. 2. Escola Indígena. 3. Etnoconhecimento Indígena. 4. Conhecimento Etnobiológico. 5. Material Didático - Metodologia. 6. Alimentos Tradicionais. 7. Jogos e Brincadeiras. 8. Arte e Grafismo Tembé. 9. Música do Povo Tembé. 10. Tecnologia – Educação Escolar Indígena. I. Oliveira, Antônia Zelina Negrão de. II. Padovani, Bruna Fernanda Soares de Lima. III. Emídio-Silva, Claudio. IV. Sousa, Eliana Ruth Silva. V. Alencar, Joelma Parente Monteiro. VI. Título.

CDD 371.9798 – 22.ed.

Ficha Catalográfica: Rosilene Rocha CRB-2/1134.

Editora filiada



**Associação Brasileira
das Editoras Universitárias**



Editora da Universidade do Estado do Pará - EDUEPA

Travessa D. Pedro I, 519 - CEP: 66050-100

E-mail: eduepa@uepa.br/livrariadauepa@gmail.com

Telefone: (91) 3284-9112

SUMÁRIO

I LINGUAGENS E ARTES

APRESENTAÇÃO DA ÁREA DE LINGUAGENS E ARTES 19

Bruna Fernanda Soares de Lima Padovani

AS NARRATIVAS ORAIS DO POVO TEMBÉ EM QUADRINHOS 20

Tamires Tembé

Antonia Zelina Negrão de Oliveira

DAS NARRATIVAS ORAIS ÀS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: práticas de linguagem na língua Tenetehar 33

Ronaldo Tembé

Antonia Zelina Negrão de Oliveira

RECEITA CULINÁRIA DO POVO TEMBÉ NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA 44

Edilma Dias Carneiro Tembé

Antonia Zelina Negrão de Oliveira

TENETEHAR REHE MA'EMUME'U HAW: uma experiência de ensino-aprendizagem de língua portuguesa através de narrativas orais 57

Walter Ribeiro Reis

Paula Miranda Monteiro

MIAR KA'ARUPI HAR WAMA'E KWAW HAW WÀ: o livro de histórias Tenetehar nas aulas de língua portuguesa na escola indígena tembé 66

Valsanta Tembé

Paula Miranda Monteiro

TENETEHAR ZE'EGATE: O catálogo de exposição de artesanatos como metodologia de ensino de língua Tembé 78

Sandra Tembé

Paula Miranda Monteiro

AS ARTES VISUAIS DO POVO TEMBÉ: possibilidades de uso na educação escolar indígena Tembé	88

Jailton Carneiro Tembé
Thomas R. A. Teixeira

A ARTE DO GRAFISMO TEMBÉ	95

Katiane Leitão Tembé
Thomas R. A. Teixeira

AS MÚSICAS DO POVO TEMBÉ TENETEHAR	108

Leosmar L. Tembé
Thomas R. A. Teixeira

II CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

APRESENTAÇÃO DA ÁREA DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS.....	119

Magno Kamiran Oliveira Sousa Tembé

A TERRITORIALIDADE DO POVO TEMBÉ DO GURUPÍ: uma cosmografia das mudanças	121

Iritan do Espírito Santo Tembé
Julia Cleide Teixeira de Miranda

A IMPORTÂNCIA DA TERRA INDÍGENA PARA OS KA'APOR E TEMBÉ DO GURUPI.....	134

Sibila Carneiro Arixihú
Haieny Nazaré Reis Santos

AS MULTIPLAS REFERÊNCIAS DO RIO URAIM PARA O POVO TEMBÉ DO GURUPI DA ALDEIA CAJUEIRO – PARAGOMINAS – PARÁ	147

Joselito de Jesus Borges
Haieny Nazaré Reis Santos

TEMPO E MEMÓRIA: transformações no cotidiano da aldeia Cajueiro	164

Elidiane Bonafonso Soares Tembé
Susana Braga de Souza

ADORNOS E AMULETOS: tradições e significados do povo Tembé do Gurupi	177

Gleyce Patrícia Tembé
Susana Braga de Souza

CORPO, NATUREZA E CULTURA: uma abordagem sobre as pinturas corporais Tembé Tenetehar	191

Erika Sarmento Tembé
Joelma Cristina Parente Monteiro Alencar

JOGOS E BRINCADEIRAS: elementos da cultura e da tradição Tembé 205

Miqueias Leitão Tembé

Joelma Cristina Parente Monteiro Alencar

III CIÊNCIAS DA NATUREZA E MATEMÁTICA

APRESENTAÇÃO DA ÁREA DE CIÊNCIAS DA NATUREZA E MATEMÁTICA 218

Sinei Braga Reis Tembé

OS MAMÍFEROS DA TERRA INDÍGENA ALTO RIO GUAMÁ: construção de materiais didáticos para as escolas do povo Tembé Tenetehar a partir do etnoconhecimento indígena 220

Celina Santos Tembé

Claudio Emidio-Silva

Eliana Ruth Silva Sousa

AS AVES DA TERRA INDÍGENA ALTO RIO GUAMÁ E O ETNOCONHECIMENTO DO POVO TEMBÉ TENETEHAR: materiais didáticos e metodologias para o ensino de ciências na escola indígena . 232

Joelcy Leitão Tembé

Claudio Emidio-Silva

Eliana Ruth Silva Sousa

A SAÚDE DA MULHER INDÍGENA E O ETNOCONHECIMENTO DO POVO TEMBÉ TENETEHAR: propostas para trabalhar o ensino de ciências na educação escolar indígena 246

Maridiuza Carneiro Tembé

Claudio Emidio-Silva

Rita de Cássia Almeida-Silva

OS INSETOS DA TERRA INDÍGENA ALTO RIO GUAMÁ: conhecimento etnobiológico para usar nas aulas de ciências nas escolas indígenas Tembé Tenetehar 260

Valnir Guajajara Tembé

Claudio Emidio-Silva

Rita de Cássia Almeida-Silva

ALIMENTOS TRADICIONAIS DE ORIGEM VEGETAL: diálogos sobre os hábitos alimentares do povo Tembé Tenetehar 273

Cleidiane Leitão Tembé

Iêdo Souza Santos

A IMPORTÂNCIA DAS PLANTAS MEDICINAIS PARA O POVO TEMBÉ TENETEHAR DAS ALDEIAS DO GURUPI, PARAGOMINAS – PA: a utilização dos conhecimentos tradicionais no cotidiano da educação escolar indígena..... 282

Erica Vandira da Silva Oliveira Tembé

Iêdo Souza Santos

PLANTAS USADAS NA PRODUÇÃO DE UTENSÍLIOS E ARTEFATOS DA CULTURA TEMBÉ: uma proposta de material didático para o ensino de ciências na escola indígena..... 292

Raíra Carneiro Noronha Tembê
Iêdo Souza Santos

O USO DE TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA: a problemática ambiental da Terra Indígena Alto Rio Guamá (TIARG) 301

Enivaldo Sarmento dos Santos Tembê
Iêdo Souza Santos

AS FONTES ECONÔMICAS DA ALDEIA CAJUEIRO COMO CONTEXTO PARA O ENSINO DE MATEMÁTICA NA ESCOLA INDÍGENA.....310

André Francisco Tembê
Eliana Ruth Silva Sousa

AS UNIDADES DE MEDIDAS TRADICIONAIS DO POVO TEMBÉ NO CONTEXTO DA SALA DE AULA..... 320

Eliaquim Pereira Tembê
Eliana Ruth Silva Sousa

RELAÇÃO DA PRODUÇÃO E VENDA DO ARTESANATO TEMBÉ COM O ENSINO DE MATEMÁTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL331

Elizete Tembê
Eliana Ruth Silva Sousa

AS FORMAS GEOMÉTRICAS NOS ARTESANATOS DO POVO TEMBÉ: material didático para o ensino de geometria na escola indígena..... 346

Maiara Borges dos Santos Tembê
Eliana Ruth Silva Sousa

ORGANIZADORES..... 360



APRESENTAÇÃO

Temos a satisfação de apresentar a obra intitulada *Educação Escolar Intercultural Tembé Tenetehar: a produção do etnoconhecimento na escola indígena*, coletânea que reúne as produções acadêmicas dos professores indígenas Tembé Tenetehar (graduandos à época da pesquisa) e seus respectivos orientadores no âmbito do curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará – LICIND/UEPA.

O povo Tembé Tenetehar reside na Terra Indígena Alto Rio Guamá - TIARG. Território que abrange os municípios paraenses de Garrafão do Norte, Santa Luzia do Pará, Nova Esperança do Piriá e Paragominas. Os trabalhos aqui apresentados foram desenvolvidos pelos indígenas que vivem nas aldeias localizadas na porção de terra que se situa no município de Paragominas, região do rio Gurupi. Dito isso, aproveitamos este espaço para registrar e agradecer o apoio prestado pela prefeitura de Paragominas e pelo Campus VI da UEPA na realização do curso.

Esta obra é composta por 28 artigos distribuídos em três partes principais que correspondem, por sua vez, as três grandes áreas do curso de Licenciatura Intercultural Indígena, são elas: Linguagens e Artes, Ciências Humanas e Sociais e Ciências da Natureza e Matemática. Os artigos que constituem esta coletânea trazem relatos das experiências dos professores indígenas no que se refere à preocupação e o empenho de traçar efetivamente um diálogo entre os conhecimentos escolares e os conhecimentos tradicionais mantidos pelo povo Tembé. Além disso, observa-se também, uma profunda reflexão sobre questões voltadas para a construção de uma educação escolar indígena intercultural, bilingue e diferenciada.

I Linguagens e Artes

No primeiro artigo intitulado *As narrativas orais do povo Tembé em quadrinhos*, as autoras, descrevem a produção de um material pedagógico de caráter bilingue para o ensino das línguas Tenetehar e Portuguesa a partir da transposição do gênero ‘narrativas orais’ para o gênero ‘história em quadrinho (HQ)’.

O artigo *Das narrativas orais às histórias em quadrinhos: práticas de linguagem na língua Tenetehar*, trata da elaboração de um material voltado para o ensino-



-aprendizagem da língua Tenetehar a partir também, da transposição didática do gênero ‘narrativas orais’ para o gênero ‘história em quadrinho (HQ)’, mas com foco no incentivo à leitura, à escrita e à prática de oralidade na língua Tenetehar.

O terceiro texto que constitui esta obra, *Receita culinária do povo Tembé no ensino da Língua Portuguesa*, busca promover o ensino-aprendizagem da língua portuguesa a partir de um livro de receitas da culinária tradicional do povo Tembé.

No artigo *Tenetehar rebe ma'emume'u haw: uma experiência de ensino-aprendizagem de língua portuguesa através de narrativas orais*, descreve-se a elaboração de uma cartilha que reúne narrativas tradicionais do povo Tembé. O material visa desenvolver o ensino-aprendizagem do português por meio de elementos culturais e identitários importantes ao povo Tembé.

Miar ka'arupi har wama'e kwaw haw wà: o livro de histórias Tenetehar nas aulas de língua portuguesa na escola indígena tembé, quinto artigo desta coletânea, as autoras apresentam o processo de produção de um material didático que objetiva trabalhar o ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa nas escolas indígenas do povo Tembé. A ideia é mostrar como o universo encantado das narrativas orais Tembé, que trata sobre os animais, a floresta e os rios, pode ser um importante instrumento de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa na escola indígena, proporcionando, desta forma, para os alunos um ensino contextualizado e intercultural.

No texto *Tenetehar ze'egate: o catálogo de exposição de artesanatos como metodologia de ensino de língua Tembé*, as autoras trazem uma proposta de trabalho que busca desenvolver o ensino-aprendizagem da língua Tenetehar por meio de um catálogo, onde se apresenta os artesanatos do povo Tembé. Tal material é composto por atividades que procuram promover, principalmente, a oralidade, a leitura, a interpretação e a produção textual.

As artes visuais do povo Tembé: possibilidades de uso na educação escolar indígena Tembé, neste artigo, os autores discutem sobre a importância das artes visuais do povo Tembé. O texto reflete, sobretudo, acerca das cerâmicas antigas, que há anos estão perdendo espaço na vida desse povo. Mas que são fundamentais, pois carregam as histórias Tembé e que estão, por sua vez, guardadas apenas nas memórias dos anciões. Daí os autores darem destaque, à importância de se trabalhar com esta temática em sala de aula, pois a aquisição desse conhecimento tradicional na escola, pelas crianças, permitirá o fortalecimento do patrimônio cultural do povo Tembé.

O artigo *A arte do grafismo Tembé*, descreve uma pesquisa realizada sobre o grafismo Tembé. Busca-se tecer reflexões acerca da importância de se trabalhar no contexto escolar sobre esse traço identitário e da neces-



cidade de conscientizar os alunos a conhecerem tal aspecto cultural. O material utilizado para desenvolver tal tarefa foi uma sequência didática, onde se realizou um levantamento dos grafismos, seus significados, contexto de uso de cada pintura, bem como os processos de preparação das tintas usadas para fazer os grafismos.

No artigo intitulado *As músicas do povo Tembé Tenetebar*, os autores apresentam um estudo sobre as músicas Tembé. Por meio deste trabalho foi possível registrar as músicas tradicionais desse povo, assim como as músicas que surgiram mais recentemente através da realização das festas tradicionais. O texto traz, ainda, orientações pedagógicas no que se refere o trabalho com essa temática em sala de aula.

II Ciências Humanas e Sociais

O decimo texto desta coletânea *A territorialidade do povo Tembé do Gurupi: uma cosmografia das mudanças*, apresenta os resultados de uma pesquisa que visa observar as mudanças na territorialidade ocorridas ao longo do tempo na aldeia Cajueiro. O objetivo deste estudo é verificar as mudanças na territorialidade nesta aldeia e como a escola pode contribuir para que a comunidade possa conviver com tais mudanças sem perder sua cultura tradicional. Para tanto, foi elaborada uma cartilha intitulada *Zawereko Haw* que visa colaborar para tal reflexão e para a construção de uma educação indígena intercultural, específica e diferenciada, conforme preconiza a legislação atual.

O artigo *A importância da Terra Indígena para os Ka'apor e Tembé do Gurupi*, traça uma reflexão sobre a importância da Terra indígena para o povo Tembé do Gurupi no Pará e para o povo Ka'apor no Maranhão. As autoras discutem sobre a importância desses espaços para esses povos, no que se refere à manutenção da cultura, conhecimento geográfico e luta por terra. Diante disso, foi elaborada uma cartilha de geografia, onde foram abordados tais aspectos, visando debater com os alunos da escola indígena assuntos como: conflito de terra, desmatamento e os impactos ambientais causados pelo homem.

No texto *As múltiplas referências do rio Uraim para o povo Tembé do Gurupi da aldeia Cajueiro – Paragominas – Pará*, discute-se sobre as diversas referências que o rio Uraim tem para o povo Tembé do Gurupi. Este artigo, discute, ainda, a relevância dos recursos hídricos para o planeta e para a comunidade local. Ao debater este tema foram abordados questões relevantes como: meio ambiente, educação ambiental e ensino de geografia. Tais questões foram sistematizadas em uma cartilha de geografia que, por sua vez, busca conectar esses assuntos com os conhecimentos indígenas, visando proporcionar aos alunos indígenas reflexões acerca da importância do meio ambiente e da sua conservação para as futuras gerações.



O artigo *Tempo e memória: transformações no cotidiano da aldeia Cajueiro*, traz os resultados de um estudo sobre a história e as mudanças ocorridas no cotidiano do povo Tembê que vivem na aldeia Cajueiro. O objetivo principal das autoras é registrar, através de um material didático, a história da formação da aldeia Cajueiro. Além disso, o trabalho visa também, identificar o ingresso de instituições não indígena no contexto da aldeia e detectar as mudanças nos hábitos e costumes tradicionais do povo Tembê, a partir da chegada dessas instituições. Para se discutir tais questões, no contexto escolar, foi elaborado um material didático, em que se buscou traçar uma linha do tempo dos acontecimentos ocorridos desde a fundação da aldeia até os dias de hoje, visando, desse modo, auxiliar os alunos na compreensão das várias transformações que ocorreram no decorrer do tempo na aldeia Cajueiro.

O artigo *Adornos e Amuletos: tradições e significados do povo Tembê do Gurupi*, apresenta um estudo que tem por objetivo registrar os saberes tradicionais que envolvem a produção do artesanato, seus significados e o uso desses elementos como amuleto na cultura Tembê. As autoras, realizaram um levantamento sobre os diferentes usos dos adornos e amuletos, sua valorização e manutenção na identidade cultural do povo Tembê. Além disso, foi organizado um recurso didático sobre esta temática, em que se buscou mostrar os conhecimentos tradicionais que envolve a produção dos artesanatos Tembê. A elaboração desse material visa auxiliar professores e alunos indígenas no processo de ensino-aprendizagem das escolas indígenas no que corresponde à visibilidade das temáticas indígenas no contexto escolar.

O texto *Corpo, Natureza e Cultura: uma abordagem sobre as pinturas corporais Tembê Tenetehar* trata da elaboração de um recurso didático que aborda a representatividade das pinturas corporais do povo Tembê. As autoras apresentam neste material as relações cosmológicas entre corpo-natureza-cultura estabelecidas a partir das pinturas corporais.

No artigo *Jogos e brincadeiras: elementos da cultura e da tradição Tembê*, os(as) autores(as) desenvolveram um trabalho sobre os jogos e as brincadeiras tradicionais do povo Tembê, em que se realizou um levantamento destas atividades que, por sua vez, foram registrados em um material didático.

III Ciências da Natureza e Matemática

O decimo sétimo artigo intitulado *Os mamíferos da Terra Indígena Alto Rio Guamá: construção de materiais didáticos para as escolas do povo Tembê Tenetehar* apresenta um estudo sobre a fauna Tembê. Neste trabalho, os(as) autores(as) refletem principalmente acerca da presença (ou não) dos mamíferos no referido território. O trabalho visa mostrar as dificuldades que os indígenas dessa área tem em encontrar algumas espécies de mamíferos no território. Pontua-se, ainda, que esse desequilíbrio se dá em virtude da exploração da floresta, no que se refere



à caça ilegal e desmatamento na região. Tal debate é abordado em um material didático para o ensino de ciências nas escolas do referido povo.

As aves da Terra Indígena Alto Rio Guamá e o etnoconhecimento do povo Tembé Tenetehar: materiais didáticos e metodologias para o ensino de ciências na escola indígena, os(as) autores(as), neste texto, relatam a construção de um material didático que objetiva auxiliar os alunos indígenas na identificação das aves existentes em seu território, uma das últimas áreas que apresenta vegetação conservada no nordeste paraense. Ressalta-se também, a importância da construção de materiais desse tipo para as escolas indígenas, pois tais trabalhos ajudam a promover e fortalecer os conhecimentos tradicionais dos indígenas.

No artigo *A saúde da mulher indígena e o etnoconhecimento do povo Tembé Tenetehar: propostas para trabalhar o ensino de ciências na educação escolar indígena*, discute-se acerca da importância de se trabalhar nas escolas indígenas sobre a saúde indígena, dando ênfase à saúde da mulher. Para tanto, foram desenvolvidas pesquisas com as mulheres, sobretudo, as mais velhas, como o intuito de produzir um material didático a ser trabalhado com os alunos indígenas em sala de aula.

No artigo intitulado *Os insetos da Terra Indígena Alto Rio Guamá: conhecimento etnobiológico para usar nas aulas de ciências nas escolas indígenas Tembé Tenetehar*, os(as) autores(as) apresentam os resultados de um levantamento das espécies de insetos existentes na TIARG, bem como a análise da relação desses animais com o povo Tembé Tenetehar. Esta pesquisa permitiu a construção de um material didático que visa destacar a importância dos insetos para a manutenção da floresta e para o equilíbrio ecológico. O objetivo central do material é levar o aluno a conhecer seu território e tudo que há nele. Além disso, esse recurso didático busca, ainda, aproximar o ensino de ciências a realidade do aluno.

O artigo *Alimentos tradicionais de origem vegetal: diálogos sobre os hábitos alimentares do povo Tembé Tenetehar* traz uma reflexão acerca dos alimentos tradicionais de origem vegetal consumidos na aldeia Cajueiro. Neste trabalho, reflete-se sobre a importância de se discutir sobre os alimentos tradicionais no contexto escolar. Para tanto, foi elaborado um material de caráter pedagógico que aborda tal assunto. O material busca fazer um resgate desses alimentos, bem como, a maneira como eram produzidos no passado.

No texto *A importância das plantas medicinais para o povo Tembé Tenetehar das aldeias do Gurupí, Paragominas – PA: a utilização dos conhecimentos tradicionais no cotidiano da educação escolar indígena*, discute-se sobre a importância das plantas medicinais para o povo Tembé. O texto traz, ainda, os usos, preparos e contraindicação dessas plantas. Tal conhecimento foi sistematizado em um material didático sobre tal temática a ser usado no contexto escolar.



Plantas usadas na produção de utensílios e artefatos da cultura tembé: uma proposta de material didático para o ensino de ciências na escola indígena, neste artigo, reflete-se sobre a importância das plantas para vida dos seres vivos e para a manutenção da vida do nosso planeta. O texto destaca também a relação de dependência das populações tradicionais tem dos recursos naturais para seu bem viver, pois são eles que fornecem as matérias primas para a produção de seus utensílios e artefatos usados no cotidiano e nas festas tradicionais do povo Tembê. A partir desse estudo se produziu um material didático de ciências para se refletir com os alunos da escola indígena acerca desses conhecimentos.

No artigo *O uso de tecnologias na educação escolar indígena: a problemática ambiental da Terra Indígena Alto Rio Guamá (TIARG)*, os autores relatam os resultados obtidos na produção e apresentação do documentário (curta metragem) *Os Impactos Antrópicos no Ambiente da Terra Indígena Alto Rio Guamá (TIARG)* para alunos do 3º ano do ensino médio. Esse material foi elaborado com o objetivo de fortalecer o conhecimento tradicional e discutir os impactos ambientais no modo de vida do povo Tembê.

No artigo intitulado *As fontes econômicas da aldeia Cajueiro como contexto para o ensino de matemática na escola indígena*, apresenta-se o processo de elaboração de um material didático, em formato de cartilha, para o ensino de matemática. Neste material, discute-se acerca das práticas econômicas desenvolvidas na aldeia Cajueiro. Para tanto, foi aplicado um questionário com dez famílias dessa comunidade, que desenvolvem as seguintes atividades econômicas: agricultura, artesanatos, extrativismo e caça e pesca. A cartilha produzida, buscou trazer uma reflexão sobre a importância dessas atividades para a cultura e economia do povo Tembê, bem como tais práticas podem promover a preservação da floresta e a manutenção da identidade cultural do povo.

O texto *As unidades de medidas tradicionais do povo Tembê no contexto da sala de aula* mostra o desenvolvimento de um trabalho que buscou resgatar as unidades de medidas tradicionais do povo Tembê. O resultado desta pesquisa derivou na produção de uma cartilha que visa trabalhar este tópico, tendo como objetivo desenvolver práticas de ensino que envolva saberes tradicionais e científicos por meio da disciplina de matemática, promovendo assim, o fortalecimento de traços culturais do Tembê.

Relação da produção e venda do artesanato Tembê com o ensino de matemática no Ensino Fundamental, trata da elaboração da produção de um recurso didático para o ensino de matemática. Esse material didático objetiva debater a produção e a venda de artesanato no contexto do povo Tembê.

Por fim, o artigo intitulado *As formas geométricas nos artesanatos do povo Tembê: material didático para o ensino de geometria na escola indígena*, o último texto que com-



põem esta coletânea, as autoras apresentam o desenvolvimento de um trabalho sobre as formas geométricas encontradas no artesanato Tembé. Demonstra-se, através deste trabalho, que os Tembé possuem saberes geométricos próprios, que requerem muitas habilidades e conhecimentos sobre o mundo natural, como por exemplo, os grafismos que representam a floresta e os animais. Este estudo, por sua vez, resultou na produção de uma cartilha para o ensino de matemática na escola indígena. Destaca-se, ainda, que tal material aborda várias temáticas situadas em outros campos do conhecimento, fomentando assim o ensino intercultural e interdisciplinar.

No mais, desejamos a todos uma ótima leitura e que esta coletânea possa abrir novos horizontes no que se refere à Educação Escolar Indígena Específica e Diferenciada.

Antonia Zelina Negrão de Oliveira
Bruna Fernanda Soares de Lima Padovani
Claudio Emidio-Silva
Eliana Ruth Silva Sousa
Joelma Parente Monteiro Alencar
(Organizadores)





I

LINGUAGENS E ARTES



APRESENTAÇÃO DA ÁREA DE LINGUAGENS E ARTES

Árdua e resiliente tem sido a luta dos povos originários do Brasil na busca por uma educação escolar indígena específica, diferenciada, intercultural e bilíngue prevista e garantida nos documentos oficiais. Uma educação que respeite os diferentes processos de ensino e aprendizagem, que reconheça os saberes ancestrais e as diversas possibilidades de ensinar e aprender.

Nesse contexto, tenho a honra de apresentar os trabalhos da área de Linguagens e Artes que compõem esta coletânea. Os textos tecem diferentes análises das experiências compartilhadas entre o ensinar e o aprender com o outro, com a comunidade, com os professores e com as crianças que, ao aprenderem, ensinam sobre como ensinar para os olhares atentos desses professores em formação (à época da pesquisa) que procuram, em diferentes referenciais (científicos e tradicionais), compreender a complexidade dos distintos processos de ensino-aprendizagem, pois educar em contextos interculturais amazônicos demanda essa tessitura de saberes.

Assim, faz-se oportuno ressaltar que, a Educação Escolar Indígena deve ser construída, conforme destaca Suanno (2017, p.12), com seu povo, sua cultura e suas tradições em diálogo com os conhecimentos acadêmicos e a cultura escolar. Nessa perspectiva, os textos que compõem essa obra evidenciam a riqueza epistêmica e metodológica que edifica pontes entre as múltiplas formas de construir o conhecimento e estabelecer práticas interculturais.

As discussões teóricas e as práticas aqui descritas, nestes nove textos, visam, sobretudo, resgatar e fortalecer conhecimentos linguísticos, artísticos e culturais, cuja transmissão vem sendo enfraquecida pelo contato, interferências e imposições colocadas pela sociedade majoritária ao povo Tembé Tenetehar.

Destaco, por fim, que os relatos apresentados, em forma de capítulos, dos professores Tembé, procuram, ainda, desconstruir coloniedades impostas aos povos indígenas, mostrando a busca pelo empoderamento das sociedades historicamente minorizadas e que podem e devem ter políticas públicas destinadas a elas de modo que possam escrever uma nova história pautada no reconhecimento da sua língua, da sua arte e de seus saberes.

Bruna Fernanda Soares de Lima Padovani

Professora do curso de Licenciatura Intercultural Indígena
Universidade do Estado do Pará



AS NARRATIVAS ORAIS DO POVO TEMBÉ EM QUADRINHOS

Tamires Tembé¹
Antonia Zelina Negrão de Oliveira²

INTRODUÇÃO

No contexto atual, os Tembé Tenetehar tentam manter sua identidade cultural por meio de suas pinturas corporais, de seus rituais, de suas narrativas e principalmente de seu modo de vida. As narrativas orais, passadas de geração em geração, têm sido utilizadas como mecanismo pedagógico nas escolas indígenas no intuito de preservar cada vez mais os saberes tradicionais deste povo.

Durante minha formação acadêmica no curso de Licenciatura Intercultural Indígena da UEPA, nas disciplinas de Estágio e nas disciplinas de Prática como Componente Curricular, senti a necessidade de construir um material pedagógico que contemplasse as narrativas orais Tembé sob a forma do gênero história em quadrinho (HQ), pois pude perceber que nas escolas indígenas do Alto Rio Guamá, região do Gurupi, não existe material pedagógico específico para se trabalhar esse conteúdo no formato do gênero que se pretendia desenvolver. Os livros disponibilizados pela Secretaria de Educação do município de Paragominas, trabalham o gênero HQ, porém com base em histórias dos ocidentais. Dessa forma, são materiais que não estão interligados à realidade socio-cultural dos alunos indígenas e não primam pela interculturalidade.

Diante dessa situação-problema, surgiram as seguintes perguntas: como utilizar as narrativas orais do povo Tembé no gênero HQ com as turmas do terceiro ano, visando a interculturalidade? Como confeccionar um material didático que trabalhe aspectos da cultura do povo Tembé no gênero HQ? Como utilizar o gênero HQ para promover o ensino-aprendizagem das línguas indígena e portuguesa?

Este artigo, portanto, apresenta o processo de elaboração do material pedagógico bilíngue “As narrativas orais do povo Tembé em quadrinhos” para ser trabalhado no ensino-aprendizagem das línguas Tenetehar e portuguesa. O

¹ Egressa do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena Universidade do Estado do Pará - UEPA.

² Docente do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará - UEPA.



material didático terá por suporte o gênero história em quadrinhos, no intuito de promover, de forma lúdica e prazerosa, a leitura, a escrita e a oralidade dos alunos do Ensino Fundamental I.

As narrativas orais do povo Tembé são consideradas um patrimônio cultural muito importante, por contribuírem para a manutenção e preservação da identidade étnica e cultural do povo Tembé. Dessa maneira, na atualidade, esses conhecimentos estão sendo utilizados pelo povo Tembé dentro do espaço da escola como material didático, com o objetivo de proporcionar além do aprendizado das línguas Tenetchar e portuguesa, o aprendizado também, de aspectos da realidade sociocultural do povo indígena.

O formato HQ das narrativas orais do povo Tembé apresentam-se como um importante material pedagógico para se trabalhar tanto o conhecimento da cultura Tembé como o conhecimento das línguas Tenetchar e portuguesa. Esse material didático foi desenvolvido, de acordo com a realidade do povo Tembé, tomando por referência a história de vida da líder indígena, Verônica Tembé, uma guerreira, considerada por eles a guardiã dos saberes tradicionais Tembé.

Na seção a seguir, apresento a trajetória de construção do material pedagógico com a temática “As Narrativas Orais do Povo Tembé em Quadrinhos”.

CAMINHOS DE PESQUISA PERCORRIDOS

Para compreender a educação escolar indígena

Sabemos que a educação indígena existe desde muito antes de existirem as escolas. Mas como era repassada essa educação? Através do dia a dia, no convívio na aldeia. A família era uma das principais responsáveis por repassar esses conhecimentos, depois a comunidade. Naquela época, os pais não tinham um horário definido para repassar os conhecimentos da cultura, as crianças aprendiam a língua materna, a construção de artesanatos, os preparos dos remédios tradicionais, dentre outros conhecimentos, através da observação. As comunidades indígenas tinham um modo próprio de educar seus filhos e repassar os conhecimentos, sem mesmo estarem dentro do espaço da escola, pois, para os indígenas:

A escola não deve ser vista como o único lugar de aprendizado. Também a comunidade possui sua sabedoria para ser comunicada, transmitida e distribuída por seus membros; são valores e mecanismos da educação tradicional dos povos indígenas. Essas formas de educação tradicional podem e devem contribuir na formação de uma política e prática educacionais adequadas, capazes de atender aos anseios, interesses e necessidades diárias da realidade atual. Tais conhecimentos não são incompatíveis com os conhecimentos da escola contemporânea (RCNEI, 2005, p. 23).

Os anos se passaram e o contato do indígena com o não indígena causou um grande impacto no modo de viver e de se organizar dos povos indígenas. No



início ao chegar nas aldeias eles implantaram as escolas dentro das aldeias indígenas, os não índios obrigavam os índios a aprenderem sua língua e costumes, e deixarem de lado os conhecimentos tradicionais. O aluno indígena, naquela época, não contribuía com os seus conhecimentos culturais dentro do espaço da escola. Devido essas imposições, muitos indígenas acabavam desistindo de falar sua língua materna e até mesmo algumas etnias acabaram deixando de existir e foram extintas.

De acordo com Brostolin e Cruz (2009, p.31), “este modelo de aprendizagem contribuiu muito para a ação integracionista, destruindo dessa forma a cultura indígena e a forma de organização existente”. Nesse percurso de luta, encontram-se pessoas que o apoiaram e juntos tentaram mudar o modo como a educação foi imposta, uma educação agressiva e preconceituosa, afastando a cultura de origem do indígena de dentro do espaço da escola. Esse cenário só mudou a partir da Constituição Federal de 1988, que garantiu aos indígenas o direito a uma educação que levasse em conta a língua materna e a cultura do povo.

As mudanças ocorridas a partir da década de 90 estabeleceram um marco legal na legislação escolar indígena com uma nova configuração que embora assegure uma educação diferenciada, intercultural e bilíngue, “concretamente persiste um desencontro entre a institucionalização do sistema de ensino representado pelos municípios e estados e as práticas dos professores nas salas de aula” (Brostolin; Cruz, 2009, p. 33).

A educação escolar indígena é uma educação que é garantida por lei, sendo definida como uma educação diferenciada e específica, de acordo com a realidade dos povos indígenas. A educação destinada aos povos indígenas tem que respeitar o modo de viver dos índios, sua organização, sua cultura em geral. No entanto, cabe destacar que apesar de estar garantido na Lei, ainda hoje, não ocorre dentro das escolas indígenas esse processo:

Muito há ainda por se fazer para que as escolas indígenas conquistem a autonomia curricular e administrativa reivindicada. As normas adotadas pelos sistemas de ensino contradizem os princípios da educação diferenciada quando tomam como referência para criação das escolas critérios que não se adaptam à realidade indígena (RCNEI, 2005, p. 39).

As secretarias de educação juntamente com os departamentos indígenas acabam deixando de lado as necessidades que de fato devem ser levadas em consideração, como por exemplo, a carga horária de língua indígena, muitas vezes, não é o suficiente para se ter uma aula proveitosa, os materiais didáticos são completamente diferente da realidade indígena, o calendário escolar não respeita as datas comemorativas do povo Tembé, dentre outras situações, sem de fato respeitarem o que está garantido por lei.



Alguns alunos do curso de Licenciatura Intercultural estão trabalhando e estudando para mudar essa forma de ensino dentro das escolas indígenas, outros ainda estão em processo de capacitação para assim assumirem os espaços dentro das escolas que é por direito. Assim, “atualmente, a escola desponta buscando o seu espaço, no desejo de criar o seu Projeto Político Pedagógico para que dessa forma, a comunidade possa colocar em prática seus saberes culturais” (Brostolin; Cruz, 2009, p.37).

As escolas indígenas do povo Tembé, localizadas na Terra Indígena Alto Rio Guamá, à margem do Rio Gurupi, município de Paragominas Pará, ainda não possuem um Projeto Político Pedagógico específico, voltado para sua realidade indígena, os professores juntamente com as comunidades buscam criar um projeto para as escolas, um projeto que atenda à realidade do ensino-aprendizagem do aluno indígena dentro da aldeia na qual reside.

Para compreender os gêneros textuais

Atualmente, os gêneros textuais vêm cada vez mais ganhando importância, devido estarem presentes em todo o processo de ensino-aprendizagem das línguas. Os gêneros textuais são uma ferramenta fundamental para a humanidade, mesmo antes do ser humano saber o que era um gênero textual, ele já fazia uso dele.

Para Marcuschi (2010)

Já se tornou trivial a ideia de que os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia. (Marcuschi, 2010, p.19).

Ao fazer parte da vida cultural e social, estão assim inseridos na realidade do povo Tembé da Terra indígena Alto Rio Guamá, região do Gurupi, assim como das demais sociedades, todos fazem uso desses diferentes gêneros textuais, essa utilidade ocorre no momento da contação de história em noite de luar, nos rituais, no prato de receita da festa do moqueado, na própria língua materna utilizada no dia a dia, dentre outros momentos vivenciados pelos moradores das aldeias Tembé.

Há uma variedade de gêneros, cada um com uma função diferente, mas com um único objetivo, repassar as informações para o leitor, de modo que possa ser bem claro em sua comunicação. Os gêneros vêm, na atualidade, sendo cada vez mais usados devido aos meios tecnológicos que de certa forma têm contribuído muito para a divulgação de outros textos característicos desse meio.

Hoje, dentro das aldeias do povo Tembé, o uso dos gêneros textuais tem sido cada vez mais intenso entre os jovens. Alguns anos atrás, a tecnologia, como mencionamos anteriormente, foi vista por muitos indígenas como uma ameaça, devido acharem que tal instrumento poderia distanciar os jovens da cultura, mas, na atualidade, as ferramentas tecnológicas estão tendo um papel muito importante, pois a cada dia que passa os jovens buscam sempre utilizar a tecnologia, de forma



que a cultura venha a ser preservada e os conhecimentos tradicionais do povo resguardados. Observa-se que a tecnologia como meio comunicativo, promove a conscientização da valorização e preservação dos conhecimentos tradicionais.

A sociedade indígena Tembé, mesmo com algumas mudanças, devido ao contato com o homem branco, ainda possui seu modo de vida e sua própria organização. Os índios Tembé compreendem a importância dos gêneros no dia a dia e no processo histórico de sua cultura. Além do mais, os indígenas se comunicam através desses gêneros, então é impossível você deixar de usá-lo, as pessoas a todo momento estão fazendo uso, ou na escrita ou na fala, dependendo da situação comunicativa em que se encontram.

O povo Tembé, mesmo antes de saber utilizar os símbolos da escrita, utilizava a língua materna falada no dia a dia para se comunicar, ainda muito presente no cotidiano das aldeias Tembé.

O estudo intercultural dos gêneros textuais tem sido pontuado no Curso de Licenciatura Intercultural Indígena como forma de abrir espaços para que os gêneros característicos do cotidiano dos povos indígenas, façam parte da dinâmica das escolas das aldeias, contribuindo para a propagação das línguas e da cultura de um povo.

Nas comunidades Tembé, principalmente os mais jovens, entendem que o seu povo pratica os diferentes gêneros textuais e que se no caso, eles não tivessem resistido para manter os seus conhecimentos, talvez hoje não pudessem usufruir desses saberes dentro de suas comunidades e do espaço educacional.

Para conhecer o gênero História em Quadrinhos (HQ)

O gênero História em Quadrinhos é uma ferramenta que desde muito antes de se ter a escrita, os seres humanos já utilizavam como meio de comunicação. O gênero HQ tem uma longa história desde o seu surgimento até os dias atuais. Esse gênero foi inicialmente utilizado pelos homens primitivos que se comunicavam através de algumas imagens expostas nas cavernas.

Atualmente, dentro das escolas, as HQs são consideradas uma arte, porque comportam diversos elementos artísticos, além de narrarem histórias interessantes com diferentes personagens, sem falar na contribuição para o ensino-aprendizagem dos alunos.

Segundo Carvalho e Ribeiro (2018), o gênero textual história em quadrinhos tem atingido, atualmente, um potencial de ensino e aprendizado no desenvolvimento das crianças, o que tem contribuído para superar as dificuldades dos alunos. Porém, os materiais didáticos precisam ser produzidos de acordo com o contexto cultural de cada sociedade, facilitando assim, o entendimento do aluno.

Dentro das escolas indígenas do povo Tembé os professores indígenas da Licenciatura Intercultural Indígena estão fazendo uso desse gênero, trabalhando



o próprio conhecimento da cultura, a partir das narrativas orais em quadrinho. Pois as mesmas são:

Exemplos de transmissão oral de conhecimentos, uma característica típica de sociedades tradicionais. Com a conservação da língua, dá-se apoio aos métodos tradicionais de transmissão desse conhecimento, nos contextos em que essa transmissão ocorre (por exemplo, a narração de mitos por falantes mais velhos a falantes mais jovens em situações específicas, como conversas junto ao fogo; e, de um modo específico, o uso de um “parceiro” na narração, com a função de fazer perguntas e dialogar com o narrador). A preservação da língua é importante para a preservação desses contextos e das histórias em seus estilos originais, e, consequentemente, para a manutenção dos conhecimentos assim transmitidos (Pará, 2016, p. 16).

O uso das HQ dentro das escolas indígenas é uma grande novidade para todos os alunos, falo de modo geral, tanto para as crianças como para os adultos, devido os professores indígenas e não indígenas não trabalharem frequentemente esse gênero, eles tão pouco o conheciam, mas depois que tiveram o contato, começaram a se familiarizar com o gênero. Os professores observaram que através das HQs as aulas se tornam mais interessantes e proporcionam o aprendizado não só das línguas como de conhecimentos da própria cultura, visto que:

Frente aos novos tempos e, às novas exigências da sociedade, do conhecimento, do aluno, dos diversos universos culturais e dos meios de comunicação, os professores, por sua vez, se deparam com o desafio de reverem sua prática educativa e sua didática, enquanto corpo de conhecimentos específicos ao exercício da docência. (Malgarejo; Fruet, 2011, p. 5).

Hoje, dentro das escolas indígenas, nós, professores estamos utilizando os próprios conhecimentos da cultura Tembé como didática de ensino, assim, desenvolvi um material que trata das narrativas orais do povo Tembé em história em quadrinhos, esse material foi desenvolvido relacionado tanto com o conhecimento científico como ao tradicional, já que ambos são favoráveis no desenvolvimento do aluno, dando pra ele um olhar de respeito às demais sociedades.

Contexto da elaboração e aplicação do material didático

O material pedagógico revestinha em quadrinhos foi desenvolvido a partir de uma pesquisa de campo dentro do território do povo Tembé. O objetivo era coletar, junto aos anciões, narrativas orais do povo Tembé que ainda não haviam sido publicadas. Assim, a pesquisa de campo foi realizada na Aldeia Teko-Haw e Cajueiro, localizadas na TIARG à margem do rio Gurupi, município de Paragominas - Pará. O tema gerador das entrevistas com os anciões foi a figura da líder indígena Verônica Tembé. Paralelo a essa etapa de pesquisa, fiz também uma pesquisa bibliográfica baseada em livros, artigos, dissertações que abordassem as temáticas: educação indígena, ensino-aprendizagem de línguas, gêneros textuais, dentre outros.



As narrativas orais para todas as sociedades, independente ou não de ser indígena, possuem um importante significado, porque fazem parte do processo histórico de todas as sociedades trazendo consigo inúmeros conhecimentos a serem repassados para as futuras gerações, como forma de usufruírem desses saberes em benefício do bem-estar no meio onde estão inseridos, além de resguardar a identidade étnica de um povo.

Os indígenas da etnia Tembê preservam e valorizam muito os saberes deixados pelos seus ancestrais, eles procuram repassar tudo para os jovens da aldeia para que eles não percam esses saberes, como as músicas, as danças, as pinturas, as narrativas, entre outros conhecimentos, que são inúmeros conhecidos e praticados por esse povo. A etnia Tembê há alguns anos, passou por uma fase muito triste, devido a vários fatores, dentre eles, as doenças que mataram vários indígenas desse povo e a opressão que o homem branco impôs para que deixassem de falar a própria língua. Com o passar do tempo, esses problemas se agravaram dentro das aldeias Tembê, os conhecimentos desse povo não estavam sendo mais praticados e foi assim que surgiu uma grande guerreira que marcou a história do povo Tembê, dona Verônica Tembê, uma índia que viu que se alguém não tomasse alguma atitude, seu povo iria se acabar.

Segundo os relatos de Valdeci Tembê (2019), morador da aldeia Cajueiro:

A dona Verônica Tembê, conhecida como Capitoa devido ter se tornado líder do povo Tembê, ela foi a sabedoria da família Tembê, ela teve o domínio de repassar para todos os jovens daquela época todos os conhecimentos da cultura Tembê da região do Gurupi Então ela nos deixou esse legado que hoje existe no meio de nós e vai existir para sempre dentro da cultura do povo Tembê (Tembê, 2019. In: entrevista oral – aldeia Cajueiro, nov.2019).

Atualmente, o povo Tembê tem resgatado os conhecimentos tradicionais, devido os ensinamentos deixados pela Capitoa, que buscou repassar para os mais jovens os saberes do povo Tembê.

Para Paulo Sérgio Tembê, pajé indígena da aldeia Teko-Haw, dona Verônica foi muito importante, tudo que ele sabe hoje da cultura Tembê foi ela que ensinou, os remédios tradicionais, os rituais, as pinturas e todos os outros conhecimentos.

Devido à falta de materiais didáticos e específicos para as escolas indígenas da região do Gurupi foi que vi necessidade e a possibilidade de se trabalhar as narrativas orais do povo Tembê em história em quadrinho, para que os alunos pudessem vivenciar através da utilização do gênero o conhecimento de seu povo de maneira lúdica, com o intuito de despertar nos alunos indígenas o prazer pelo mundo da leitura e escrita, utilizando as narrativas orais Tembê em quadrinhos. Esse material didático pedagógico tem também por seu interesse, levar para dentro das salas de aula os conhecimentos culturais, buscando relacionar os saberes tradicionais do povo Tembê dentro do ambiente escolar, a partir do gênero HQ.



O material didático produzido foi aplicado com os alunos do 3º ano do ensino fundamental da Escola EMEIFI Maria Francisca Tembê, da aldeia Cajueiro, localizada na Terra Indígena Alto Rio Guamá à margem do rio Gurupi, município de Paragominas. Com base nas pesquisas realizadas, construí cinco revistinhas em quadrinho, devidamente ilustradas, e com narrativas orais do povo Tembê, produzidas a partir das entrevistas realizadas. As revistinhas produzidas tiveram por tema: O legado da Índia Guerreira, Práticas de Cura do povo Tembê, As Pulseiras de Tucumã e Inajá, Verônica e o Jenipapeiro e O Mingau de Mandiocaba. Esse material foi feito de acordo com a realidade do povo Tembê. As histórias contidas nas revistinhas serviram como suporte para o desenvolvimento de atividades de leitura bilíngues, escrita e oralidade.

Para a aplicação do material foi feita uma sequência didática com sete planos de aula, um para cada dia, onde foram trabalhados os seguintes conteúdos: interpretação textual, linguagem dos balões e onomatopeias, produção textual, leitura e oralidade. A seguir, passamos ao relato de experiência, conforme os conteúdos trabalhados:

O primeiro dia com a turma foi muito bom, como eles já me conheciam, não ficaram tão tímidos. Logo de início, realizei uma dinâmica com eles para mostrar que a união faz a força e supera qualquer dificuldade, utilizei como exemplo dez flechas. Mostrei que uma flecha sozinha se torna mais fraca para quebrar, depois peguei todas para provar aos alunos que elas se tornam mais resistentes quando estão juntas. Depois, apresentei o objetivo de se trabalhar o conteúdo dentro das escolas indígenas, como forma de proporcionar aos alunos o conhecimento do gênero textual HQ na transposição das narrativas orais do povo Tembê. Logo no início da aula, apresentei o conteúdo que seria trabalhado, interpretação textual, a partir do gênero textual HQ. Em seguida, explorei através do gibi “A Capitoa Verônica e o Jenipapeiro”, os personagens, o enredo, o local etc. Depois, apresentei para os alunos a estrutura do gênero HQ, focando nos elementos que compõem o gênero textual HQ como balões, personagens e a linguagem utilizada nesse gênero. Em seguida, distribuí alguns gibis para que os alunos lessem e para que fizessem a interpretação do texto lido em voz alta para a turma. Eles logo começaram a ler e a identificar os diferentes elementos que existiam naquela história. Foi possível observar que o aluno que tinha mais dificuldade de ler e de falar foi o que mais participou. Tinha alguns alunos que demonstraram dificuldade em entender de como poderia ler devido ter vários quadrinhos, mas com a minha ajuda e dos colegas conseguiram entender e fazer a leitura da história. Observei também que eles gostaram mais ainda devido estar sendo narrada ali a vida de dona



Verônica Tembê. Ao final, juntos fizemos a socialização do assunto abordado em sala. Por vontade própria, depois da aula os alunos pediram para que lhes dessem folhas de papel sulfite para que desenhasssem uma história em quadrinhos, eles desenharam e me mostraram. Vi, nesse momento, o grande interesse deles em estudar a partir desse gênero. Desse modo, verifica-se que a aula foi bem produtiva e as crianças conseguiram entender o conteúdo, atingindo o objetivo esperado.

A segunda aula tinha por objetivo, trabalhar os sinais de pontuação na construção do gênero HQ. Logo de início, apresentei para turma, através de um cartaz, algumas frases retiradas dos gibis com os diferentes sinais de pontuação. Em seguida, dei uma breve explicação da função de cada um deles, em que momento devem ser utilizados. Depois, distribui alguns gibis para eles lerem. Em seguida, lemos o texto, em voz alta, identificando os sinais de pontuação. Adiante, realizaram uma atividade em que teriam que utilizar os sinais de pontuação de forma correta nas frases encontradas nos gibis. Os alunos demonstraram algumas dificuldades em conhecer e entender a função de cada sinal de pontuação, depois de várias explicações, eles conseguiram entender o conteúdo. Observei, ainda, que na leitura feita pelos alunos para colocar os sinais de pontuação, alguns alunos se confundiam com os sinais, porém, sabiam que naquele lugar se utilizava um sinal de pontuação. Ao final da aula, compreenderam que não apenas a escrita é importante, mas os sinais de pontuação também. O que mais me chamou a atenção é que um dos alunos me disse que havia entendido o porquê de se utilizar os sinais de pontuação e a importância deles no texto. Foi possível nessa aula trabalhar a leitura tanto na língua Portuguesa como na língua Tembê, conforme imagem abaixo:

Imagem 1: A) Leitura da HQ; B) Produção de elementos da HQ.



Fonte: Tamires Tembê, 2019.



Na terceira aula, o objetivo foi trabalhar a estrutura do gênero HQ, a partir dos conhecimentos relacionados à realidade dos alunos. No primeiro momento da aula fiz um breve comentário da estrutura do gibi. Em seguida, apresentei para os alunos os diferentes tipos de balões e onomatopeias que compõem esse gênero. Depois, expliquei os significados de cada balão e onomatopeias. Logo após, distribuí novamente a HQ “A Capitoa Verônica e o Jenipapeiro”. Em seguida, pedi para os alunos que fizessem uma breve leitura e observassem na HQ as falas dos personagens, os balões e onomatopeias. Distribuí os alunos em grupos de quatro, pedi para cada grupo que montassem um cartaz com os diferentes tipos de balões e onomatopeias e, se quisessem, podiam colocar alguma fala dentro dos balões. O material construído deveria ser apresentado para a turma:

Imagem 2: A) Produção de balões HQ; B) Atividade concluída.



Fonte: Tamires Temb , 2019.

Na quarta aula, o objetivo era possibilitar ao aluno conhecer textos que possuem diferentes tipos de discurso. No início da aula expliquei o que era o discurso direto e o indireto. Depois, coloquei exposto através de um cartaz, a história em quadrinhos “O Legado da  ndia guerreira”. Em seguida, fizemos a leitura em conjunto e por meio dessa leitura, identificamos no texto o discurso direto e o indireto. Falei da importância do discurso direto e indireto na construção do texto. Os alunos perguntaram, deram exemplo. Assim, percebi que com a exposição do cartaz com a história facilitou mais o entendimento deles. Quando estávamos para encerrar a aula, pediram que novamente l ssemos juntos a história em quadrinhos e conforme íamos lendo, comentavam entre si dizendo onde se encontrava o discurso direto e indireto.

No quinto dia de aula, o conteúdo teve por objetivo, proporcionar aos alunos reconhecer a importância do verbo na construção do texto HQ. No primeiro momento, apresentei numa cartolina a HQ e pedi para que dessem destaque



para os verbos presentes nela. Depois, pedi que conjugassem os verbos em destaque a partir de orações do dia a dia. Em seguida, leram em voz alta os verbos conjugados. Logo após, distribui o gibi (o material pedagógico produzido) sobre “A Capitoa Verônica e o Jenipapeiro”. Pedi para os alunos identificarem nos balões os verbos e suas conjugações. Dividi os alunos em dois grupos grandes para que cada grupo criasse um personagem e uma pequena HQ envolvendo esse personagem, explorando principalmente a utilização de verbos. A diante apresentaram para a turma a HQ criada.

No sexto dia de aula, o objetivo era possibilitar aos alunos a construção de um gibi utilizando as características do gênero textual HQ trabalhadas anteriormente. No início da aula, propus aos alunos a construção de um gibi. Depois, expliquei como ocorreria a elaboração do gibi. Em seguida, levei os alunos para uma aula passeio para que realizassem uma entrevista com algumas pessoas da aldeia. Reescrevi a entrevista em formato de texto em prosa, transpusei o texto para o formato história em quadrinhos, utilizando os discursos direto e indireto e apresentei o gibi para a turma. Durante a aplicação da aula, logo de início os alunos já começaram a gostar, mesmo porque anteriormente a gente vinha falando e desenvolvendo atividades quase que parecidas, onde uma estava relacionada com a outra. Quando falei logo no início da aula que naquele momento eles teriam de utilizar os conhecimentos que eles aprenderam no decorrer das aulas anteriores para que construíssem um gibi, ficaram muito alegres. Dei algumas orientações para eles, algumas regras que deveriam ser seguidas para que o trabalho deles fosse realizado. Quando recolhemos voltamos para sala de aula, onde os alunos sentiram um pouco de dificuldade de escrever a entrevista, então propus a eles que apenas ouvissem e interpretassem e criassem sua história em quadrinho. Todos eles fizeram sua história em quadrinho, criaram a personagem de acordo com sua imaginação, utilizaram os balões de forma correta, criaram as falas, utilizaram o formato da HQ de maneira correta. Todos os alunos sentiram dificuldade em desenhar a personagem de dona Verônica. Eles perguntavam se podiam desenhá-la mais velha ou mais jovem, então falei para eles fazerem de acordo com as ideias deles e mesmo assim não estavam conseguindo e foi nesse momento que mostrei uma foto dela antiga para eles observarem como ela era. Foi depois disso que conseguiram desenvolver a atividade. Nessa aula, eu percebi que os alunos fizeram uso dos conhecimentos aprendidos. Eles criaram os personagens, pintaram, usaram os balões de forma correta, as onomatopeias e criaram as falas. Ao terminarem de construir, cada grupo apresentou seu trabalho, oralmente, explicando o passo a passo e no final leram para a turma suas histórias.



Imagem 3: A) Criação da HQ; B) Socialização das HQ's criadas pelos estudantes.



Fonte: Tamires Temb , 2019.

A sétima e última aula tinha por objetivo, mostrar para a comunidade que   possível e importante se trabalhar a história de vida de dona Verônica Temb  a partir de uma didática de ensino da língua portuguesa no contexto escolar indígena. No primeiro momento foi lançado o convite para os membros da aldeia participarem junto conosco na ramada, casa cultural Temb , para a apresentação das atividades desenvolvidas durante as aulas. No segundo momento, foi organizada a exposição dos trabalhos na ramada que estava adornada com artesanatos Temb  e o mural com as atividades construídas pelos alunos. No terceiro momento, foi dado sequência   apresentação dos trabalhos. No início da apresentação, começamos agradecendo a participação de todos que estavam ali presentes como caciques, lideranças, professores, coordenador, diretor, pais de alunos, dentre outros membros da comunidade, dei sequência falando um pouco resumidamente do meu material didático desenvolvido para trabalhar os conhecimentos tanto tradicional como científico dentro das escolas indígenas do povo Temb ; falei também como ele foi desenvolvido, através das narrativas orais do povo Temb , conhecimentos que dona Verônica Temb  nos repassou e deixou para o nosso povo; falei do processo de construção desse material, falei da experiência que tive com os alunos dentro da sala de aula, já usando o material didático relacionado às narrativas orais do povo Temb  em história em quadrinho. Depois que terminei de apresentar o meu trabalho didático e as atividades desenvolvidas pelas crianças, deixei que os participantes dialogassem e falassem sobre os trabalhos elaborados. Segundo os membros da comunidade, esse tipo de atividade é muito bom para a educação das crianças Temb , eles gostaram muito mesmo porque eles ainda não tinham visto ninguém da região do Gurupi fazendo esse tipo de trabalho e nem mesmo se importando de apresentar para a comunidade, apenas outras pessoas que



não eram indígenas que faziam e fazem esse tipo de trabalho. Segundo alguns comentários dos participantes, é essa forma de ensino que se deve buscar para melhorar a qualidade de ensino dentro das escolas indígenas. Propus a eles que observassem as atividades produzida pelos alunos. Por fim, foi possível observar que a comunidade, em geral, gostou muito do trabalho, porém falaram que futuramente querem ver esse material nas escolas. Dessa forma, todos viram a importância desse material, porque vai repassar os conhecimentos de ambos os lados, buscando cada vez mais preservar a identidade étnica e cultural do povo Tembé. Encerramos esse momento com uma música do povo Tembé em homenagem à dona Verônica, guerreira e líder desse povo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O material pedagógico - revistinha em quadrinhos - elaborado a partir da transposição do gênero narrativas orais do povo Tembé para o gênero HQ, foi aplicado na escola indígena Maria Francisca Tembé na aldeia Cajueiro e promoveu, de forma lúdica e prazerosa, o ensino-aprendizagem da cultura do povo Tembé e das línguas Tenetehar e portuguesa.

REFERÊNCIAS

- IDEFLOR-BIO. *Narrativas Tembé sobre Biodiversidade*. 2017. Belém. Série conhecimento indígena volume II.
- BRASIL. *Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas*. Brasília. Secretaria de Educação Fundamental/MEC/SEF.1998. 339 p.
- BROSTOLIN, Marta Regina e CRUZ, Simone Figueiredo. Estilos de aprendizagem e de Ensino na Escola Indígena Terena. *Constr. psicopedag.* [Online]. 2009, vol. 17, n: 14, pp. 24-43.
- CARVALHO, M. de; RIBEIRO, P. B. *As HQ chegam à escola*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.
- CORTELLA, Mario. Sergio. *A Escola e o Conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticas*. São Paulo. Ed. Ver. e ampl. Cortes. 2008.
- MARCUSCHI, L. A. *Gêneros Textuais: definição e funcionamento*. In: Gêneros Textuais & Ensino. DIONISSO, A. P *et al*, São Paulo. Parábola. 2010.
- MELGAREJO, C, O; FRUET, F S. O. *O potencial das histórias em quadrinhos no desenvolvimento da leitura e da escrita: Um estudo a partir de uma turma de 5º ano do ensino fundamental*. 2011.



DAS NARRATIVAS ORAIS ÀS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: práticas de linguagem na língua Tenetehar

Ronaldo Tembê³

Antonia Zelina Negrão de Oliveira⁴

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta o relato de experiência da elaboração e aplicação do material didático – revistinhas em quadrinhos na língua Tenetehar - confeccionado como Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará (UEPA) aplicado a alunos do 6º ano da escola indígena Teko-Haw.

O material pedagógico produzido foi utilizado como recurso didático para desenvolver o ensino-aprendizagem da língua Tenetehar a partir de narrativas orais, que trazem em seu enredo os conhecimentos tradicionais do povo Tembê.

Há alguns anos venho atuando como professor indígena na Escola Teko-Haw, situada na aldeia Teko-Haw, na região do Gurupi, na Terra Indígena do Alto Rio Guamá, pertencente ao município de Paragominas - PA e tenho percebido que os alunos da aldeia estavam com dificuldades para aprender os conhecimentos da cultura, falarem e escreverem a própria língua materna dentro do espaço da escola; também percebi que os materiais que são trabalhados, contemplam normalmente, um único gênero textual, o das narrativas orais no formato em prosa. Sempre tive interesse em fortalecer a cultura e os conhecimentos tradicionais do povo Tembê como forma de promover, em sala de aula, o aprendizado da prática da leitura, da escrita e da oralidade dos alunos na língua Tenetehar. Portanto, este trabalho faz parte da minha trajetória de reflexão na construção da identidade de professor indígena.

Assim, nasceu a ideia de transpor o gênero das narrativas para o formato de revistinha de história em quadrinhos. Pesquisei entre os anciões da aldeia Teko-Haw as narrativas que ainda não haviam sido publicadas, como forma de despertar ainda mais o interesse dos alunos. Além disso, também fiz a leitura de vários textos que abordavam as temáticas que pautaram a construção do material didático e deste artigo.

³ Egresso do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará - UEPA.

⁴ Docente do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará - UEPA.



Acredito que a produção de um material pedagógico específico e de base intercultural para a realidade dos alunos Tembê, torna o ensino diferenciado na escola indígena e promove os direitos assegurados na Constituição Federal de 1988, que garante aos povos indígenas uma educação intercultural, específica e diferenciada, realizada na própria língua materna dos alunos.

Este artigo está organizado da seguinte forma: introdução que apresenta os objetivos e a justificativa do trabalho realizado; os caminhos teóricos de conhecimentos, onde está todo referencial que foi necessário à reflexão para o desenvolvimento do trabalho; os caminhos metodológicos que indicam como as narrativas orais foram transpostas para o formato histórias em quadrinho e aplicadas no contexto da sala de aula da escola indígena; e, por último, as considerações finais.

TRAÇADOS PARA UMA PESQUISA

A Educação Escolar Indígena

Os povos indígenas do Brasil antes do contato com os homens brancos viviam apenas com as suas tradições culturais e as dos outros povos indígenas de línguas diferentes. Com a chegada dos portugueses no Brasil, começa a preocupação dos indígenas, pois muda totalmente a sua história. O indígena passa a ser colonizado e é proibido de falar sua própria língua, fato que só ganha contornos diferentes, a partir da Constituição Federal (CF) de 1988, em que são assegurados os direitos a se expressarem em suas próprias línguas e a cultivar suas tradições e rituais, conforme os artigos 230 e 231.

Esse novo cenário da educação escolar indígena, de pouco menos de trinta anos, que se desenhou no Brasil, possibilitou se trabalhar currículos diferenciados para serem aplicados nas escolas indígenas. Passam a valer palavras como interculturalidade e interdisciplinaridade na educação escolar dos povos tradicionais. Os documentos oficiais produzidos a partir de 1988 apontam para a necessidade de se trabalhar o conhecimento tradicional da realidade de cada povo, envolvendo as culturas, as histórias, as narrativas tradicionais, entre outros aspectos.

Assim, podemos dizer que a escola tem um papel muito importante para reafirmar e fortalecer os conhecimentos culturais da comunidade a partir dos saberes tradicionais da cultura. Antes, tudo o que se ensinava vinha da sociedade envolvente, por meio da imposição de conhecimentos próprios dessa mesma sociedade, uma educação que distanciava os indígenas de seus conhecimentos culturais. Porém, hoje, a educação nacional vem traçando novos meios para melhorar e superar esse modelo de educação do passado, trazendo novas oportunidades de ensino, com saberes que partem primeiramente do contexto cultural do aluno indígena.



Os gêneros textuais, as narrativas orais e a língua Tenetehar

Os gêneros textuais são muito importantes para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem das crianças e dos jovens, na promoção de conhecimentos e no aperfeiçoamento da leitura, da escrita e da oralidade. Estão sempre presentes no dia a dia, em todos os lugares, pois fazem parte das necessidades de comunicação humana. Para Marcuschi (2002, p. 23) os gêneros textuais são:

Realizações linguísticas concretas definidas por propriedades sócio comunicativas; constituem textos empiricamente realizados cumprindo funções em situações comunicativas; sua nomeação abrange um conjunto aberto e praticamente ilimitado de designações concretas determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função (Marcuschi, 2002, p. 23).

Ao cumprir funções em situações comunicativas, o trabalho com os gêneros textuais dentro das escolas passou a pautar o trabalho com o ensino-aprendizagem das línguas numa visão bem diferente da visão tradicional que se tinha, que previa apenas o trabalho com a gramática da língua como base para o ensino-aprendizagem de atividades de linguagem. Dessa forma, os gêneros textuais surgem como importante ferramenta e metodologia para esse novo modelo.

Nesse novo modelo, cabe o trabalho com as narrativas orais tradicionais do povo Tembé, que se apresentam como um gênero importante de valorização e preservação da identidade da etnia por meio da tradição cultural, das ciências, das crenças e da língua. Essas narrativas estão presentes no contexto escolar e são, normalmente, o único gênero de texto a figurar nas salas de aula de língua indígena. Conforme Alcoforado (2007, p. 4) “o texto oral simultaneamente é um texto artístico e um texto etnográfico. Mantido virtualmente na memória do seu transmissor, que o ajusta ao universo cultural do seu grupo”. Como texto artístico e etnográfico, essas narrativas têm estado presente nas salas de aula das escolas indígenas, no ensino-aprendizagem da língua Tenetehar, não apenas no formato oral, mas também no escrito, por isso têm tido grande importância para manter ainda mais viva a nossa identidade e a preservação da língua materna, pois possibilitam a valorização da língua através da escrita e da leitura.

O gênero textual das narrativas orais é muito importante para o povo Tembé, porque através das narrativas tradicionais podemos aprender novos conhecimentos da cultura, as narrativas também fazem parte do nosso dia a dia a dia, pois repassam aspectos da ciência, das crenças e dos mistérios da natureza.

As narrativas orais do povo Tembé ainda estão bastante preservadas, por isso a escola precisa reconhecer os valores desse gênero textual no ensino-aprendizagem das línguas, para que os alunos aprendam a ler e a escrever na língua materna, a partir dos conhecimentos do próprio povo, pois para Zumthor (2010, p.8) “ninguém sonharia em negar a importância do papel que desempenharam, na história da humanidade, as tradições orais”.



Na aldeia Teko Haw onde resido e atuo como professor indígena, as narrativas fazem parte do dia a dia da comunidade, pois ainda falamos a língua Tenetchar, graças ao legado do importante líder e guerreira, Verônica Tembê (Gonçalves, 2004, p. 20).

O fato de a aldeia Teko Haw ainda manter viva a língua Tenetchar possibilita a utilização de outros gêneros no cotidiano da escola e da comunidade.

Dessa forma, a narrativa oral abre espaço para a transposição didática para o gênero história em quadrinhos na língua Tenetchar. A HQ possibilita o trabalho com várias linguagens, a verbal e a não verbal, presente no formato dos balões, nas onomatopeias, nos elementos que compõem esse gênero. Segundo Dionísio (2006):

(...) imagens ajudam a aprendizagem, quer seja como recurso para prender a atenção dos alunos, quer seja como portador de informação complementar ao texto verbal. Da ilustração de histórias infantis ao diagrama científico, os textos visuais, na era de avanços tecnológicos como a que vivemos, nos cercam em todos os contextos sociais (Dionísio, 2006, p.141).

Utilizar o gênero narrativas orais no formato do gênero HQ na língua Tenetchar, constitui-se como possibilidade para a promoção do ensino-aprendizagem da língua e garante a intergenericidade no uso dos gêneros textuais.

O gênero textual história em quadrinhos

Segundo Paiva (2015), o gênero HQ só foi considerado como um meio de comunicação a partir do final do século XX e início do século XXI, quando foi divulgado no mundo. O gênero textual história em quadrinhos se faz presente e circula na sociedade de maneira muito vivencial e traz uma estratégia própria, porém invisível aos olhos de muitas pessoas que não o conhecem, e por esse motivo, deve ser trabalhado dentro do contexto escolar para que os alunos se familiarizem com esse gênero e assim possam perceber e valorizar. Para esse autor:

[...] O começo das HQs pode demonstrar a origem da comunicação na humanidade, ou da necessidade de comunicação humana, quando nos primórdios da história iniciam-se os registros por meio de desenhos rupestres em sequência - estes que assemelham-se às HQ na sua estrutura de simulação de movimentos. O Brasil que possui muitos registros dessas expressões, coleciona diversos relatos “em quadrinhos”, em todas as regiões geográficas (Paiva, 2015, p.19).

O autor considera que a HQ é muito importante como meio de comunicação porque através dela podemos comunicar e expressar a cultura de um povo. Além do mais, crianças que estão se apropriando da linguagem escrita, utilizam a linguagem dos quadrinhos, como fonte importante para essa aquisição.

Outro fator importante a destacar, é que:

[...] Nos quadrinhos, as palavras recebem um tratamento plástico diferente do usual, devido à forma como são colocadas: em balões, com tamanhos, formas e espessuras diferentes, que podem transformar os significados,



possibilitando conotações distintas daquelas que haveria no caso de o texto ser apenas escrito. (Fogaça, 2003, p.125).

Essa multiplicidade de linguagens utilizadas em um único gênero permite uma interação muito maior com o universo do ensino-aprendizagem de uma língua.

As Diretrizes Curriculares da Educação Básica (2008, p. 71) apontam que o processo de leitura das imagens deve contemplar os multiletramentos, dessa forma, segundo Mendonça (2007):

Reconhecer e utilizar histórias em quadrinhos como ferramenta pedagógica parece ser fundamental, numa época em que a imagem e a palavra, cada vez mais, as associam para a produção de sentido nos diversos contextos comunicativos (Mendonça, 2007, p. 207).

No material pedagógico confeccionado, as HQs foram utilizadas para difundir conhecimentos da cultura Tembé a partir da transposição do gênero narrativas orais, e promover o ensino-aprendizagem da língua indígena. Segundo Marcuschi (2008, p. 213):

Os gêneros são tidos como instrumentos comunicativos, portanto o material tem que ser de acordo com a realidade dos alunos, com uma forma de realizar essas atividades formais e informais de maneira adequada evoluindo a leitura dos alunos (Marcuschi, 2008, p.213).

Trabalhar a realidade dos alunos na perspectiva dos gêneros textuais, é de grande importância para as escolas indígenas, em que o material pedagógico utilizado pelo professor, parte normalmente, de realidades diferentes da dos alunos da aldeia. Assim, partir dos conhecimentos dos alunos requer partir de um gênero que lhes seja familiar, como as narrativas orais e depois caminhar para outros gêneros, como a HQ.

Dessa forma, nas escolas indígenas deve ser ensinado o gênero textual HQ, buscando os conhecimentos tradicionais das narrativas do seu povo, pesquisar as fontes com os anciões, porque as histórias não estão presentes só na escrita, estão muito mais presentes no oral.

Leitura, escrita e oralidade na escola indígena

As escolas indígenas têm a necessidade de desenvolver a leitura, porque ela gera autonomia frente aos conhecimentos que estão registrados. A escola indígena precisa praticar a leitura como um caminho para enfrentar as imposições da sociedade envolvente. O aluno indígena precisa estar preparado para usar a escrita e a leitura como um instrumento que amplie seu conhecimento sociocultural.

A prática da leitura e escrita nas escolas vem se tornando cada vez mais motivo de preocupação, por isso tanto professores quanto pais e alunos precisam caminhar para um meio de superar as dificuldades impostas por esse pro-



cesso. Nas escolas indígenas, a prática da leitura também é motivo de preocupação, principalmente pela falta de materiais pedagógicos adequados à realidade dos alunos, materiais que chamem a atenção deles para a leitura.

As atividades de leitura e escrita podem se desenvolver de melhor forma, se forem trabalhadas a partir de práticas da oralidade, desenvolvendo as atividades que se constroem no âmbito social dos alunos, pois:

A linguagem oral é o sistema pelo qual o homem comunica seus sentimentos e ideias, acontece através da fala, não é um processo inato, é uma habilidade que se constrói no âmbito social, ou seja, a criança nasce com a capacidade para desenvolvê-la, e a figura materna torna-se uma das principais fontes de colaboração nesse processo (Santos; Farago, 2015, p.116).

O desenvolvimento da oralidade na escola indígena dá incentivo aos alunos, através da explanação dos conhecimentos próprios que eles vivenciam em seu dia a dia, trazendo os conhecimentos que existem na comunidade, para que os alunos possam ter melhor desenvolvimento nas práticas de oralidade.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

A Pesquisa-Ação

Utilizei como estratégia, coletar todos os dados de acordo com as tradições culturais e modos de sobrevivência de vida na aldeia. Através da pesquisa, busquei investigar as narrativas orais que estão presentes na vida e no cotidiano do povo Tenetehar. Todos esses conhecimentos tradicionais fazem parte da vida na aldeia e preservam a cultura do nosso povo. Os anciões da aldeia Teko-Haw nos ajudaram nesta pesquisa-ação e nos trouxeram a possibilidade de conhecer narrativas orais do povo Tembê que ainda não foram publicadas em livros ou revistas.

A sequência didática no ensino-aprendizagem da língua Tenetehar como forma de promover a educação intercultural e interdisciplinar

A Sequência Didática é o termo que define a organização do trabalho pedagógico, das atividades a serem desenvolvidas. Nela está inserido o trabalho com a escrita, a leitura e a oralidade, a partir dos conhecimentos tradicionais da cultura. Para Dolz & Schneuwly (2011):

Uma sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito. [...] Uma sequência didática tem, precisamente, a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação. (Dolz & Schneuwly 2011, p. 82).

Uma vez que o material pedagógico produzido visa a transposição didática de um gênero para o outro, a sequência didática se apresenta como estratégia eficaz para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem da língua Tenetehar.



Dessa forma, todo o processo de construção e aplicação do material pedagógico foi planejado e discutido para que se chegasse à construção da revistinha história em quadrinhos na língua Tenetehar. Esse planejamento iniciou ainda nos primeiros momentos de realização de Disciplinas do Curso, como Estágio Supervisionado, em que foi discutido sobre avaliação, metodologias, propostas de ensino, projetos interdisciplinares na produção e aplicação de materiais didáticos. Depois, se efetivou de forma mais específica durante os momentos de orientação de TCC.

A sequência didática serve para organizar o ensino-aprendizagem do gênero textual oral ou escrito, através de estratégias de ensino que auxiliem os alunos no domínio e uso dos textos em seu aprendizado. A sequência didática permite também, trazer os conhecimentos tradicionais para construir materiais didáticos que possam facilitar o aprendizado dos alunos no contexto escolar indígenas diferenciado.

O contexto de aplicação do material pedagógico

A aldeia Teko-Haw, onde está localizada a escola indígena Teko-Haw, foi fundada no ano de 1991, por onze famílias que saíram da aldeia Igarapé Das Pedras, na margem esquerda para a margem direita do Rio Gurupi. Hoje a aldeia Teko-Haw está constituída por 65 famílias que somam um total de 600 pessoas, que sobrevivem da produção de roças, caça, pesca, artesanato, coleta de frutos, criação de alguns animais domésticos, projeto de preservação do meio ambiente e alguns funcionários públicos.

Desde o início da construção da aldeia Teko-Haw a cultura tradicional vem sendo desenvolvida a partir das narrativas orais, dos mitos, dos rituais, das músicas, das pinturas corporais, dos artesanatos e da língua materna. A aldeia Teko-Haw se encontra ainda com sua língua preservada, as crianças, os jovens ainda são falantes da língua materna, e os rituais tradicionais da cultura ainda são fortes na comunidade, principalmente na festa (*wira'u han*), que é a festa de passagem da adolescência para a vida adulta. Portanto, os jovens abraçaram a causa tradicional e hoje eles estão desenvolvendo um trabalho de conscientização sobre as tradições do povo Tembé, fruto de uma grande liderança exercida por Verônica Tembé, que nos deixou um trabalho de conscientização, como meio de trazer todos os conhecimentos tradicionais para fortalecer a identidade do povo.

A língua portuguesa hoje também está presente e é forte na comunidade, mas as práticas discursivas orais e escritas na língua Tenetehar também são frequentes na aldeia.

Hoje, a escola indígena Teko-Haw tem no total 200 alunos distribuídos entre o ensino fundamental e médio, a escola também tem uma demanda de conselheiros para discutir a melhoria escolar da comunidade. Nos eventos que



são desenvolvidos pela escola todos participam, caciques, lideranças e os pais. As lideranças e a comunidade estão sempre presentes na escola, apoiando no que for necessário junto com a coordenação da escola, buscando as melhorias para ajudar a desenvolver o ensino- aprendizagem dos alunos.

A escola indígena Teko-Haw e a comunidade andam em parceria para promover práticas escolares diferenciadas que tragam para dentro da escola as culturas tradicionais, que estão presentes no nosso dia a dia.

Os Sujeitos

Os discentes da turma na qual foi desenvolvida a proposta de revistinha HQ na língua Tenetehar a partir das narrativas tradicionais do povo Tembê, eram dez, todos da aldeia, alunos do 6º ano do Ensino Fundamental no ano 2019. Os alunos com os quais apliquei o material, têm idade entre 13 e 16 anos. Todos demonstraram interesse, dedicação e responsabilidade durante todo o trabalho desenvolvido, tanto em sala de aula quanto fora da sala de aula. Os alunos são bem desenvolvidos nos conhecimentos tradicionais do seu povo, e organizados nas atividades, têm bom relacionamento, uns com os outros e também compartilham os seus conhecimentos com os colegas nas atividades. Tiveram facilidade para ler os textos das narrativas Tenetehar na língua materna, interpretar e produzir sem maiores dificuldades, eles também têm facilidade para apresentar oralmente, por dominarem a língua materna, alguns enfrentam certas dificuldades na pontuação na língua Tenetehar.

A aplicação do material pedagógico

A aplicação do material didático - revistinhas no formato HQ na língua Tenetehar - foi desenvolvida com os alunos a partir de várias atividades previstas pela sequência didática produzida. Assim, inicialmente, foram apresentadas aos alunos as narrativas orais na língua materna, para desenvolver os conhecimentos tradicionais da cultura Tenetehar. Nessa proposta, trabalhamos atividades que tinham por objetivo desenvolver a escrita e a leitura na língua Tenetehar. Após as atividades de leitura e interpretação das narrativas, partimos para a produção escrita de um pequeno texto na língua materna, apresentado pelos alunos. Também desenvolvemos atividades que ressaltaram a oralidade dos alunos, através das narrativas, para que eles pudessem ter contato com os conhecimentos tradicionais do seu povo. Trabalhamos alguns elementos que são característicos do gênero história em quadrinhos e exploramos a importância de cada narrativa e os seus significados para a cultura de um povo. Desenvolvemos também atividades de leitura e escrita das narrativas na língua Tenetehar com os alunos, tanto no formato em prosa quanto no formato em quadrinhos. Essas atividades contribuíram para o trabalho com a entonação



decorrente da utilização dos sinais de pontuação na língua Tenetehar. Todas as atividades desenvolvidas deram aos alunos, a possibilidade de praticar a leitura, a escrita, a oralidade e a interpretação de textos na língua materna. Abaixo segue algumas fotografias dos momentos realizados:

Imagem 1: As fotografias mostram a realização das atividades pelos estudantes Tembé no seminário, na produção de desenhos e leitura.



Fonte: Ronaldo Tembé (2019).

Outro aspecto importante das atividades realizadas, foi o fato de os alunos desenvolverem atividades, através dos próprios conhecimentos adquiridos na aldeia com os anciões, por meio de contação das histórias e narrativas, o que gerou uma grande participação deles nas tarefas executadas a partir das narrativas *Zauxi arapuha zemu'agan ham*, *Tapixui zavar zãpixi har ramo* e *Zmwae pinim*.

A sequência didática foi finalizada com a socialização das atividades pelos alunos. Nessas atividades, apresentaram tudo o que desenvolveram a partir da proposta de se explorar a transposição do gênero narrativas orais para o formato história em quadrinhos.

Imagem 2: A) Apresentação da Produção textual; B) Socialização dos trabalhos para a comunidade.



Fonte: Ronaldo Tembé, 2019.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo de relato de experiência da produção e aplicação de material didático na língua Tenetehar, tive a oportunidade de exercer o meu protagonismo indígena a partir da pesquisa de conhecimentos tradicionais de meu povo, assim como busquei promover, de forma lúdica e prazerosa o ensino-aprendizagem da língua Tenetehar junto aos meus alunos e em um gênero com o qual não tinham muito acesso no dia a dia. Os resultados mostraram ser possível e produtivo trabalhar na escola indígena os conhecimentos do cotidiano dos alunos e promover a leitura e a escrita na língua indígena.

REFERÊNCIAS

ALCOFORADO, D. Oralidade e Literatura. In: *Oralidade e Literatura: outras veredas da voz* (Org.). FERNANDES, Frederico. Londrina: EDUEL, 2007.

BROCARD, Rosangela Oro; COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. *A elaboração do modelo didático de gênero e da sequência didática: uma perspectiva de trabalho com o gênero textual*. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2004-8.pdf>> Acesso em: 15 set. 2019.

DIONÍSIO, A. P. Gêneros Multimodais e Multiletramentos. In: KAROWOSKI, A. M., GAYDECZKA, B. e BRITO, K. S. (Orgs.). *Gêneros Textuais: reflexões e ensino*. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 131-144.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado das Letras, 2013.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. *Gêneros orais e escritos na escola*. [Tradução e organização: Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro]. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

FOGAÇA, A. G. A. *Contribuição das Histórias em Quadrinhos na Formação de Leitores Competentes*. Curitiba: PEC, 2003.

GONÇALVES, A. V.; BARROS, E. M. D. de. *Planejamento sequenciado da aprendizagem: modelos e sequências didáticas*. Disponível em: <<http://www.rle.ucpel.tche.br/index.php/rle/article/view/70/42>> Acesso em: 15 ago. 2019.

MARCONI, M. de A; LAKATOS, E. M. *Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados*. 3. ed. São Paulo: Atlas S. A., 1996.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P. et al.(Org.) *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.

PAIVA, F. da S. *Histórias em quadrinhos na educação: memórias, resultados e dados*. Tese de Doutorado: Universidade Federal de Pernambuco. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2016.



SANTOS, M.G. da S.; FARAGO, A.C. O desenvolvimento da oralidade das crianças na educação infantil. *Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade*. Bebedouro-SP, 2 (1), p.112-133, 2015. Disponível em: <http://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/35/06042015200343.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2019.

SILVA, A. L. da. A Educação Indígena entre diálogos interculturais e multidisciplinares: introdução. In: Aracy Lopes da; FERREIRA, Mariana Kawall Leal (Orgs). *Antropologia, história e Educação – A questão indígena e a escola*. São Paulo: Global, 2001.

TEIXEIRA, Josina Augusta Tavares. *História em Quadrinhos: produzindo falas e reconhecendo balões*. Disponível em: <[http:// portaldoprofessor. mec. gov. br/ fichaTecnicaAula.html?aula=6799](http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=6799)> Acesso em: 10 out. 2019.

ZUMTHOR, P. Introdução à poesia oral. Trad. de Jerusa Pires Ferreira et al. Belo Horizonte: Editora: UFMG, 2010.

MENDONÇA, M. R.S. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONÍSIO, A. P.; A. R. Machado e BEZERRA, M. A. Gêneros textuais & ensino. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucena, 2007.

INTERLOCUTORES TEMBÉ (ESPECIALISTAS)

TEMBÉ, L. Cacique geral do povo Tembé da aldeia Teko-Haw, uma das pessoas de mais experiência na cultura do povo Tembé.



RECEITA CULINÁRIA DO POVO TEMBÉ NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Edilma Dias Carneiro Tembé⁵
Antonia Zelina Negrão de Oliveira⁶

INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda o resultado da pesquisa realizada como forma de Trabalho de Conclusão do Curso da Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará. A proposta pedagógica desenvolvida teve por objetivo produzir um livro de receitas culinárias tradicionais do povo Tembé para promover, por meio de um material específico da cultura indígena, o ensino-aprendizagem da língua portuguesa e dos saberes característicos do povo Tembé da Terra Indígena Alto Rio Guamá (TIARG), região do Gurupi.

O povo indígena Tembé da região do Gurupi habita a TI Alto Rio Guamá, localizada à margem direita do rio, que pertence à cidade de Paragominas, distante 120 km da aldeia Cajueiro. Na mesma região existe um total de 18 aldeias, com uma população aproximada de 1200 indígenas. Nessa área, ainda, existem muitos animais e vegetais que são bastante consumidos pelos indígenas dessa região, alimentos que há muitos anos vêm sendo utilizados e repassados de geração em geração. É importante ressaltar que os nossos antepassados se alimentavam de uma grande diversidade de espécies de seres vivos. Eram vários tipos de peixes, caças, pássaros e frutos, e diante de toda essa riqueza animal e vegetal, os índios desenvolveram vários pratos de comidas que se tornaram tradicionais para o seu povo.

Porém, com o passar do tempo, principalmente, depois do contato com o *karaiw'* (sociedade branca) esses pratos da culinária Tembé foram se modificando devido ao conhecimento de outros tipos de pratos e à mistura de outras receitas, que levaram os indígenas a utilizarem dessas novas receitas que são de outras sociedades. Ou seja, os alimentos originais da cultura Tembé hoje, raramente são utilizados no cotidiano da sociedade indígena Tembé do Gurupi, conforme relata o senhor Elias Tembé, ancião da aldeia:

⁵ Egressa do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará – UEPA.

⁶ Docente do curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará – UEPA.



Do meu conhecimento nosso alimento era caça do mato, porcão, veado, cutia, paca, tatu, jabuti era alimentação antiga nossa. Era também mutum, é nambu esse que era alimentação nossa [...]. Hoje mudou muito a nossa alimentação modificou, não é como era. Hoje nos come como os brancos: arroz, feijão, café não existia... Hoje a gente parou de ir caçar a nossa comida original de ir atrás é muito difícil ir atrás né, os peixes também a gente pegava bem o pacu, o tucunaré, traíra. Agora ficou mais fácil porque agora nos compra dos karaiw, né?, a carne do gado e os frangos né (Tembé, Elias - entrevista concedida em 14 de nov. de 2019, Paragominas, aldeia Cajueiro).

O povo indígena Tembé vivia uma vida diretamente conectada à natureza, em virtude disso, os alimentos dos povos indígenas, no tempo passado, eram retirados da própria natureza, isto é, eram alimentos naturais e saudáveis para a vida dos índios. Esses alimentos eram caças, peixes, pássaros e frutos. Porém, na atualidade, há uma grande mudança no uso desses alimentos dentro das aldeias, pois muitos alimentos industrializados passaram a compor a alimentação dos Tembé. Alguns alimentos tradicionais ainda são bastante consumidos, quer seja nas festas e rituais, quer seja no dia a dia.

A produção de um livro de receitas da culinária da cultura Tembé colabora, não apenas no fortalecimento dos conhecimentos tradicionais entre os jovens e as crianças que não conhecem as histórias Tembé, mas, principalmente, no ensino-aprendizagem da língua portuguesa no contexto da aldeia. Por meio da temática culinária buscamos desenvolver, em sala de aula, as habilidades de escrita, de oralidade e de leitura de nossos alunos. O material pedagógico produzido também serve como forma de valorização do patrimônio cultural indígena, pois resgata e promove nosso modo de ser indígena.

Este artigo apresenta, portanto, uma discussão sobre a relação do povo Tembé com os alimentos, a educação escolar indígena, o ensino-aprendizagem da língua portuguesa e os resultados da produção e aplicação do material pedagógico com o tema “Receita Culinária do Povo Tembé”.

TRAJETÓRIAS DE PESQUISA

A relação do povo Tembé com os alimentos

Os Tembé Tenetehar da Região do Gurupi têm uma relação muito forte com a natureza e consequentemente, com os alimentos, que são de suma importância para a vida deste povo. Os principais alimentos consumidos pelos Tembé são: os peixes, as caças, os pássaros e os frutos. Esses alimentos além de serem fontes de sobrevivência para o povo, são também muito importantes, porque fazem parte do patrimônio cultural dessa sociedade, isto é, fazem parte da cultura tradicional, da existência e da identidade dessa etnia. Ressalta-se que esses alimentos são consumidos ainda hoje pelo povo Tembé. Vale, ainda, destacar que esses alimentos além de terem sua importância alimentar, têm grande valor



no que diz respeito aos significados socioculturais, pois existem alguns alimentos que, para o nosso povo, são considerados sagrados, visto que só podem ser consumidos no momento de um ritual, haja vista que toda a sua história tem uma forte relação com a natureza. O que se percebe, é que essa relação não é uma mera relação de contato, por utilizarem os recursos retirados da natureza, mas, principalmente, de significados desses alimentos para o povo Tembé.

Os alimentos, para os Tembé, também representam uma fonte de preservação de saúde para a vida do povo indígena, pois através do seu consumo, obtêm os nutrientes naturais necessários a uma vida saudável, a partir dos recursos da própria natureza. É importante ressaltar que após o contato do indígena com os alimentos industrializados muitas doenças, típicas dos não indígenas, passaram a ser frequentes entre os indígenas, conforme dados obtidos através de entrevistas orais realizadas junto às técnicas de enfermagem Izete da Silveira Dias e Rosiane Balieiro Alho, que atuam nas aldeias Cajueiro e Canindé. As doenças mais recorrentes dentro dessas comunidades são: diabetes, obesidade, baixo peso, hipertensão e colesterol, que alcança um total de 45 pessoas com esses problemas.

Educação Escolar Indígena

Durante muito tempo a educação escolar indígena não atendeu, de fato, às sociedades indígenas, pois era uma educação muito distante da realidade do nosso povo, e muito fora dos amparos que a constituição de 1988 passou a nos garantir, uma educação específica e diferenciada. Na realidade, a educação escolar indígena visava apenas repassar os conhecimentos de povos estrangeiros, era baseada somente na visão do não indígena. Dessa forma, esse modelo de ensino não oferecia uma qualificação ou uma capacitação aos alunos indígenas para que pudessem chegar a uma formação ou que desenvolvessem seus conhecimentos a partir de uma visão mais ampla, de novos saberes, que estivessem relacionados também aos saberes indígenas. Porém, no decorrer dos anos, a educação escolar indígena foi se modificando, caminhando junto com o sistema democrático, com a garantia de direitos adquiridos, uma educação cujo ensino visa capacitar os indígenas para exercerem seu protagonismo, conforme nos ampara a Constituição Federal de 1988 em seus artigos 210 e 231 que garantem, respectivamente “a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem” e “sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições”; assim como o Plano Nacional de Educação de 2001 que assegura aos indígenas, o direito a uma educação diferenciada, a garantia do uso de suas línguas, a valorização dos saberes tradicionais e a atuação docente dos próprios indígenas em suas comunidades.

Atualmente, devido muitas lutas por uma educação que objetive o saber tradicional para os povos indígenas foi sendo conquistado um novo modelo de



ensino, com novos conhecimentos, que ultrapassam o modelo de educação ao qual a população indígena era exposta no passado, com novas oportunidades de ensino, com conhecimentos que visem relacionar os conhecimentos de fora com a realidade vivenciada na aldeia pelos alunos. Assim, notamos hoje, dentro das escolas indígenas, uma grande diferença no processo de ensino-aprendizagem das nossas crianças e jovens, ainda que não esteja da forma como os indígenas desejam, já temos alguns avanços, pois temos indígenas formados em universidades, que atuam em sala de aula, já repassando seus próprios saberes tradicionais, de acordo com a realidade vivenciada dentro das aldeias. A chegada de professores indígenas para atuarem em suas próprias aldeias, foi um passo importante nessa mudança significativa dentro da educação escolar indígena.

O ensino-aprendizagem da língua portuguesa

O ensino-aprendizagem da língua portuguesa dentro das escolas indígenas é muito significativo para o desenvolvimento da aprendizagem de nossos alunos, isto é, além de nos proporcionar a leitura e a escrita, nos ajuda a desenvolver o protagonismo indígena tão necessário no contexto atual. É por meio do aprendizado da língua portuguesa, que temos tido a oportunidade de conectar os nossos conhecimentos tradicionais aos conhecimentos científicos, promovendo a interdisciplinaridade e alcançando resultados significativos na defesa de direito dos povos indígenas como cidadãos brasileiros. Podemos também usar essa aprendizagem para nos relacionarmos com as autoridades da sociedade envolvente, facilitando um entendimento melhor de ambas as partes. Dessa forma, o trabalho com a língua portuguesa, a partir do desenvolvimento dos gêneros textuais, promove um melhor ensino-aprendizagem do aluno em seus conhecimentos e na relação com os saberes tradicionais e as identidades, confirmado pela liderança indígena Valdecir Tembé:

[...] Acho muito importante esse ensino porque através de saber ler e escrever tem como escrever nossa história para registrar, e como eu sempre digo fortalece a nossa existência. Eu costumo dizer que o povo que não conhece sua história, ele se perde ele não sabe de onde veio e nem sabe para onde vai, eu acho que é muito importante conhecer, colocar nos livros para que os nossos filhos e netos conheçam nossas histórias. (Tembé, 2019 - Entrevista concedida em 15 de nov. Paragominas, aldeia Cajueiro).

Conforme o relato de Valdecir Tembé, o ensino da língua portuguesa é uma ferramenta importante para garantir o registro da cultura, da identidade e da história do povo diante das novas gerações, assim como na promoção da defesa dos direitos dos povos indígenas. A língua portuguesa também tem contribuído na formação de pessoas em outras funções importantes para a vida dos indígenas como: na formação de professores, médicos, enfermeiros, advogados, escritores de livros, até mesmo, como forma de reavivamento das línguas indígenas.



O ensino da língua portuguesa na escola indígena tem sido bastante importante para os alunos, pois tem contribuído no desenvolvimento dos processos de ensino-aprendizagem com vistas à promoção do diálogo com a sociedade não indígena, também tem transmitido o conhecimento de calcular, somar, dividir, fazer negócios, organizar, ler, escrever etc. Esse ensino tem se tornado muito útil para o conhecimento e desenvolvimento dos alunos em relação ao aprendizado da língua portuguesa, além disso, ajuda também no ensino da própria língua materna.

Os gêneros textuais

Antigamente, não existia para os povos indígenas uma educação que trabalhasse um ensino que fosse de acordo com a realidade vivenciada por essas comunidades. Após o contato com a sociedade branca, o ensino-aprendizagem dos alunos indígenas se modificou com novos conhecimentos adquiridos. Dentre esses conhecimentos está o trabalho com os gêneros textuais, que têm contribuído para a aprendizagem da língua portuguesa nas escolas.

O trabalho com os gêneros textuais é muito importante para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem dos nossos alunos, pois são vários os gêneros textuais que existem. Os gêneros textuais são diferentes formas de utilizar os textos, cada um com sua função para o nosso cotidiano (Marcuschi, 2010). Vale ressaltar que quando trabalhamos o ensino-aprendizagem da língua a partir dos gêneros textuais, a aprendizagem da língua abrange um conhecimento maior, obviamente, quando é levado em conta os elementos que são vivenciados no dia a dia, ou seja, aquilo que faz parte do contexto em que vivem. São vários os gêneros textuais e todos contribuem para um desenvolvimento transversal e interdisciplinar, conforme Marcuschi (2010):

[...] Os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia. São entidades sociodiscursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. (Marcuschi, 2010, p. 19).

Se fazem parte de qualquer situação comunicativa e se têm relação direta com a vida cultural e social, esses gêneros precisam estar em acordo com a realidade que o aluno indígena vivencia no seu cotidiano, para que possa formar indígenas cidadãos críticos, ou seja, capazes de lidar com as situações impostas pelo mundo globalizado.

Além disso, na atualidade, o contato do indígena com o branco é constante dentro das aldeias, devido essa situação, é importante que nas escolas Tembé existam materiais didáticos que promovam novos processos educa-



cionais, tanto na visão intercultural quanto na visão específica, materiais que compreendam o trabalho com as línguas numa visão sociointeracionista, que partam do texto e das novas teorias sobre gêneros textuais, visto que, para Marcuschi (2010):

[...] É impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum texto. Em outros termos, partimos da ideia de que a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual (Marcuschi, 2010, p. 22).

Conforme Marcuschi (2010) os gêneros textuais estão presentes em nossas vidas, pois nos comunicamos a partir de textos e, se nós, Tembê, fazemos uso das línguas portuguesa e indígena, o trabalho com os gêneros textuais torna-se ainda mais necessário, pois permite que tanto uma língua quanto a outra estejam em uso a partir das reais necessidades dos alunos.

Para Marcuschi (2008) os gêneros textuais fazem parte da realidade sociocultural na qual estamos inseridos, sendo assim, manifestam-se nos dizeres específicos de determinado povo.

Gênero textual: receita culinária

O gênero receita culinária faz parte da realidade sociocultural de toda e qualquer sociedade, seja ela indígena ou não indígena. Para os indígenas, entretanto, esse gênero sempre esteve presente muito mais na linguagem oral do que na linguagem escrita, primeiro, por ser um povo em que as bases culinárias estão diretamente relacionadas à natureza, depois, pela relação estreita com a oralidade.

As características linguísticas desse gênero se manifestam nas formas verbais no imperativo, que garantem orientação para a realização de um determinado procedimento, dessa forma, a linguagem objetiva também se faz presente nesse tipo de construto textual.

A elaboração do material didático

O material didático foi desenvolvido a partir de pesquisas realizadas com os mais velhos dentro das aldeias Cajueiro e Teko-Haw sobre as receitas tradicionais do povo Tembê, pesquisas bibliográficas a respeito dos conhecimentos em relação ao gênero textual, sequência didática, pesquisa-ação, dentre outros. Abaixo, foto de pesquisa de campo para a elaboração do material didático:



Imagem 1: Pesquisa de campo



Fonte: Arquivo pessoal de Edilma Temb .

Este material foi elaborado em virtude de não haver nas escolas indígenas da região do Gurupi um material didático específico com os conhecimentos tradicionais da cultura Temb , que pudesse contribuir no desenvolvimento do ensino-aprendizagem de nossas crianças e jovens, no que diz respeito aos saberes tradicionais vivenciados no cotidiano pelos mesmos, isto é, um ensino relacionado à realidade indígena em que vivem. Outro motivo que me levou a pensar na elaboração desse tipo de material, surgiu da necessidade que eu, enquanto professora e enquanto indígena me deparei no dia a dia da aldeia, primeiro, percebi que quase 90% das nossas crianças e jovens não têm o conhecimento de quais eram os alimentos que os antepassados consumiam e como eram preparados esses alimentos. Depois, a ausência de materiais didáticos específicos para as escolas indígenas para serem trabalhados por nossos professores em sala de aula com os alunos, visto que, os materiais que são distribuídos para as escolas indígenas Temb  - região do Gurupi são distribuídos pela Secretaria Municipal de Educação de Paragominas e são materiais adquiridos, normalmente, a partir de Programas Federais, como livro direto na escola. Esses livros didáticos (LDs) já estão planejados e organizados apenas com saberes científicos, aliás muito longe do que vivenciam nossos alunos indígenas. Os LDs trazem conteúdos que, na maioria das vezes, apontam de forma muito genérica alguns alimentos utilizados pelas populações indígenas, mas não costumam dar enfoque a alimentos específicos de determinadas etnias.



Dessa forma, a construção de um material didático com a temática receita culinária tradicional do povo Tembé é de grande importância para se trabalhar em sala de aula, visto que aborda a realidade do povo e promove um ensino-aprendizagem mais próximo daquilo que conhecem.

O objetivo é trabalhar em sala, tanto os saberes científicos quanto os saberes tradicionais, levando em conta a realidade vivenciada por nossos alunos e ajudando-os a preservar a cultura alimentar do povo Tembé, aliado a isso, o ensino-aprendizagem da língua portuguesa em uma dinâmica mais produtiva para a escrita, leitura e oralidade dos textos trabalhados.

A aplicação do material didático

A aplicação do livro de receitas culinárias do povo Tembé foi desenvolvida a partir de uma Sequência Didática que contou com a realização de uma série de atividades, relatadas por mim a seguir. A primeira aula sobre as receitas culinárias da cultura do povo Tembé com a turma do 5º ano na escola municipal de ensino infantil e fundamental indígena Nazatyw, iniciou com a apresentação do projeto aos alunos. Falei do assunto que seria abordado nesse dia, falei também, sobre a importância do projeto para as escolas indígenas. Em seguida, pedi que eles falassem um pouco sobre as expectativas para o projeto, eles falaram que o mesmo seria de muita importância e que iria ajudar bastante as nossas escolas, tendo um material com conhecimentos voltados para a realidade que vivenciamos. Expliquei o objetivo de contribuir com o conhecimento dos alimentos da cultura do povo pelos alunos e propiciar o fortalecimento da nossa cultura. Expliquei que ao trabalharmos o tema receita culinária estaríamos também trabalhando a língua portuguesa com o foco no gênero textual receita. Nesse dia, trabalhei também o conceito de gênero textual, fiz um apanhado geral sobre o gênero textual receita e explanei sobre sua função. Após todo esse diálogo, mostrei para eles o meu livrinho de receitas que tinha produzido para trabalhar com eles em sala, eles gostaram muito dos desenhos. Fiz um apanhado da culinária tradicional Tembé, sobre a base alimentar da cultura do povo. Em seguida, pedi a atenção de cada um para darmos continuidade à nossa aula, em que iria apresentar o preparo da moqueca de piaba. Perguntei se eles tinham conhecimento desse tipo de prato da comida do povo Tembé, todos disseram que sim, que seus pais consomem bastante, perguntei também se eles comiam e se eles gostavam, responderam afirmativamente, eles só não sabiam como se dava o processo do preparo.



Imagem 2: Moqueca de piaba



Fonte: Arquivo pessoal de Edilma Temb .

Mostrei por meio de slides, o passo a passo dessa preparação. Depois, fizemos uma roda de conversa para discutirmos melhor a importância de se cultivar as receitas culinárias dentro da nossa tradição cultural. O debate foi muito bom, chegamos à conclusão de que as receitas tradicionais do nosso povo, jamais poderão ser esquecidas, e que   necessário cada vez mais, repassar de pai para filho, pois não podemos nos esquecer de que tudo isso nos fortalece como um povo que tem seus próprios costumes, tradições e rituais, apesar do forte contato com o *karain *, devemos sempre praticar os saberes dos nossos ancestrais. No segundo momento da aula, após o recreio, distribui para cada aluno, uma folha de papel A4 para que desenhassem um tipo de alimentação consumido pelo povo Temb . Todos fizeram seus desenhos, depois, pedi que eles apresentassem e falassem da importância do mesmo para o povo Temb .

No segundo dia de aplicação do material pedagógico, iniciei a aula de receita culinária do povo Temb  com a temática - alimentos naturais e industrializados. Abordamos o assunto a partir de uma breve dinâmica, onde



distribui para cada aluno um pedacinho de papel sulfite e pedi para cada um deles que escrevessem o nome de um prato de comida que eles mais gostavam. Quando todos terminaram de escrever, recolhi os papéis e misturei todos, e de um por um aluno, fui devolvendo novamente os papéis, depois que terminei de distribuir, pedi que eles lessem em voz alta o nome do prato predileto que estava escrito nos papéis. No primeiro papel estava escrito o nome: *surubim assado com farinha*. Em seguida, outro aluno leu o nome do alimento preferido: *jabuti assado*, e assim os demais continuaram lendo os nomes dos pratos que ali estavam escritos, até o último fazer a sua leitura. Foram vários nomes de pratos prediletos, como: *arroz com feijão*, *farinha e peixe frito*, *jabuti assado com farinha*, *surubim assado*, *carne de veado cozido*, *frango com arroz*, entre outros.

Depois da realização da dinâmica, fiz um breve questionamento a respeito dos pratos citados. A primeira pergunta a eles foi: *Para vocês, todos esses pratos citados são tradicionais do povo Tembé?* Um aluno disse que não, já outro disse que sim. Após as respostas dos alunos, houve uma roda de conversa sobre os alimentos tradicionais e os alimentos industrializados, para melhor entendimento dos alunos sobre os diversos tipos de alimentação natural e industrializada, dei alguns exemplos desses alimentos tradicionais presentes na culinária do nosso povo Tembé, como por exemplo, a moqueca de piaba assada na folha de geniparana, que anteriormente já tínhamos visto, expliquei que a mesma é um alimento natural, que para o preparo não contém nenhuma alteração de produtos químicos, porém, os ingredientes utilizados nas alimentações industrializadas são colocados fortes alteração aditivas. Dei também o exemplo de alimentos industrializados como os frangos que compramos no supermercado. Após, explicar sobre ingredientes e modo de preparo, escrevi no quadro uma receita de bolinho de farinha feito pelos indígenas Tembé. Quando todos terminaram de escrever do quadro, perguntei se eles já tinham vistos seus pais preparando algum tipo de comida na casa deles, eles responderam que sim, depois que já tinha explicado sobre a receita do bolinho, como era feito, pedi que cada um deles produzisse um texto receita, que já tinham visto seus pais fazerem em casa. Ao terminarem a elaboração de suas receitas, pedi que cada um lesse, em voz alta, a receita produzida. Pedi também que falassem dos ingredientes e como a receita é preparada. Após a realização das apresentações, agradei e parabenizei a todos e encerramos a nossa atividade desse dia.



Imagem 3: Realização de atividades com os alunos



Fonte: Arquivo pessoal de Edilma Temb .

A terceira aula sobre a receita culinária da cultura Temb , teve por cont  do, a farofa do moqueado da festa da menina moça. Para início de conversa, perguntei aos alunos se eles conheciam esse tipo de prato de culinária do povo Temb , responderam que sim, tinham esse conhecimento, já viram a farofa, mas não sabiam como era o preparo. A partir daí comecei a explicar sobre a farofa do moqueado, depois da explicação, falei que iria passar um filme e que eles anotassem o modo de preparo da farofa relatado no filme. O filme *A festa do moqueado do povo Temb * mostra o momento do ritual do moqueado preparado para a festa da menina moça. O vídeo durou uma hora de tempo. Depois que assistimos ao filme, comentei com eles sobre alguns pontos importantes que foram relatados no filme como: esse tipo de prato não é consumido diariamente no cotidiano familiar, somente em momento de ritual do moqueado da menina moça. Depois, pedi que se organizassem em dupla e escrevessem a receita que anotaram no caderno durante o filme. Em seguida, todas as duplas apresentaram as receitas elaboradas.

No quarto dia de atividade, o tema abordado foi sobre a preparação do mingau do jabuti. Nossa aula começou por uma pesquisa na aldeia, com uma entrevista a uma anci a chamada Creuza Maria Temb , os alunos fizeram algumas perguntas a respeito do conhecimento sobre o tema abordado. As perguntas foram:



- a. Você tem conhecimento do prato do mingau do jabuti como alimento do povo Tembê? Quem repassou esse conhecimento para você?
- b. Esse alimento é utilizado no cotidiano ou em momentos de rituais?
- c. Quem podia comer esse alimento?
- d. Você come esse alimento em sua casa no seu dia a dia?
- e. Qual é o modo de preparo desse alimento?

Após a entrevista voltamos para a sala de aula, pedi que cada um dos alunos comentasse um pouco sobre o relato feito pela dona Creuza Tembê, sobre o que eles acharam das informações repassadas por ela, após o comentário, solicitei que elaborassem um texto mostrando a opinião sobre a importância de conhecer as receitas dos alimentos tradicionais da cultura Tembê.

A quinta aula do material pedagógico produzido sobre receita culinária da cultura Tembê, teve por conteúdo, a receita do bolo da macaxeira. No início da nossa aula, mostrei algumas fotos através do notebook de vários tipos de bolos que são utilizados pelos Tembê como refeições do café da manhã e expliquei sobre cada um. Após, ver as fotos dos vários tipos de bolos, partimos para a cozinha da escola na companhia da merendeira escolar, a cozinheira Iraki'i Tembê que iria preparar o bolo, sob a observação atenta do processo de preparação por parte dos alunos. Dona Iraki'i deu início ao processo e a cada passo ela ia dizendo como fazer. Antes, havia solicitado que cada um dos alunos escrevesse em seu caderno o que ela estava falando sobre o processo de preparo do bolo. Após a preparação da massa, partimos para a segunda etapa do processo que foi a colocação dos ingredientes na massa, enquanto ela fazia todo esse preparo, os alunos escreviam em seus cadernos. Ao terminar de preparar, levaram o bolo ao fogo para assar. Após a observação do preparo da receita, retornamos para a sala de aula e passei uma atividade, pedi que cada um dos alunos organizasse sua receita de acordo com a observação da prática no processo do preparo do bolo da macaxeira. Quando todos terminaram, a cozinheira chamou-nos para comer o bolo com suco, em seguida, encerramos com a nossa aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentei neste artigo os resultados da produção e aplicação de um livro de receitas da culinária Tembê, que teve por objetivo, divulgar a cultura alimentar do povo indígena e promover o ensino-aprendizagem da língua portuguesa. Os resultados desse estudo mostraram que o trabalho com materiais específicos do contexto indígena é muito mais favorável à aprendizagem, haja vista promove um ensino muito mais próximo da realidade vivenciada por nossos alunos.



REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. *Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas*. Brasília. Secretaria de Educação Fundamental/MEC/SEF.1998. 339 p.

TEMBÉ, Elias. *Entrevista sobre a culinária Tembé*. Aldeia Cajueiro-Paragominas, 15/12/2019.

TEMBÉ, Valdecir. *Entrevista sobre os saberes tradicionais do povo Tembé*. Aldeia Cajueiro-Paragominas, 15/12/2019.

MARCUSCHI, L. A. *Gêneros Textuais: definição e funcionamento*, In: Gêneros Textuais & Ensino. DIONISIO, A. P. *et al*, São Paulo: Parábola, 2010.



TENETEHAR REHE MA'EMUME'U HAW: uma experiência de ensino-aprendizagem de língua portuguesa através de narrativas orais

**Walter Ribeiro Reis⁷
Paula Miranda Monteiro⁸**

INTRODUÇÃO

Este artigo visa apresentar o relato de experiência de meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que consistiu na elaboração e a aplicação de um material didático específico para trabalhar o ensino aprendizagem de Língua Portuguesa na escola indígena. O material didático construído foi uma cartilha de narrativas orais com histórias importantes para cultura Tenetehar, e através desta cartilha, buscou-se contextualizar o ensino de Língua Portuguesa, para gerar nos alunos uma identificação com a metodologia de ensino, e assim obter resultados melhores no processo de aprendizado. A aplicação do material didático ocorreu da Aldeia Frasqueira, na Terra Indígena Alto Rio Guamá, na região do Guamá, com os alunos do 7º e 8º ano do ensino fundamental.

Durante minha trajetória escolar, tive que vivenciar um processo de aprendizagem distante de meus costumes indígenas, pois quando era criança fui levado para morar no município de Capitão Poço – PA, onde tive acesso a uma educação escolar bastante diferente de minha realidade indígena e mesmo não tendo me afastado completamente de meus costumes indígenas, pois sempre que podia ia visitar a minha aldeia e beber dos conhecimentos tradicionais de meu povo, pude perceber que meu processo escolar teria sido melhor, caso fosse mais voltado para minha realidade étnica.

Desta forma, vejo a importância de nós indígenas buscarmos melhorias para nossa escola, para que ao invés da cultura não indígena reger nossa prática escolar, buscarmos uma forma de construir uma educação escolar intercultural, que vise o respeito aos nossos saberes ancestrais e estimule à produção de materiais didáticos específicos para nossa realidade indígena, pois é sabido o quanto ainda temos carência desses materiais.

⁷ Egresso do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará – UEPA.

⁸ Mestra em Linguagens e Saberes na Amazônia. Docente do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena – UEPA.



A elaboração do material didático se deu através da colaboração de alguns parentes das aldeias Teko-Haw, Cajueiro, Canindé e Frasqueira, conhecedores das histórias que compõem esta proposta de material, foram eles a fonte de minha pesquisa de campo, os narradores das histórias que colhi para este trabalho. Os sujeitos entrevistados foram: Leosmar Lima Tembê (Tinai) da Aldeia Teko-Haw, que narrou a história “A'E a onça do vento”. O outro parente entrevistado foi Jailton Carneiro Tembê, da Aldeia Canindé, que narrou a história “A menina moça e o dono dos Queixadas”. Por fim, o quem narrou a “História da Mukura” foi o Ronaldo Tembê.

Nesta pesquisa, pretende-se responder a seguinte situação problema: *Quais os resultados obtidos no processo de ensino com os alunos do 7º e 8º ano do ensino fundamental da Escola Indígena Teko-Haw, ao trabalhar conteúdos relativos à disciplina Língua Portuguesa, através da Cartilha de Narrativas Tenetehar?* Para responder a este problema de pesquisa, formula-se as seguintes questões norteadoras: 1) *Quais são as narrativas orais que fazem parte da educação Tenetehar?* 2) *Como as narrativas orais se constituem como saber educativo Tenetehar e instrumento de ensino de Língua Portuguesa?* 3) *De que maneira a Cartilha de Narrativas Tenetehar possibilitou a aprendizagem dos alunos do 7º e 8º ano do ensino fundamental?*

Assim, esta pesquisa tem como objetivo geral avaliar quais os resultados obtidos ao trabalhar conteúdos relativos à disciplina Língua Portuguesa com os alunos do 7º e 8º ano do ensino fundamental da escola indígena da Aldeia Frasqueira, através da Cartilha de Narrativas Tenetehar. Os objetivos específicos são: 1) Identificar algumas narrativas que fazem parte da cultura Tenetehar; 2) Verificar como as histórias sobre os animais da floresta se constituem como saber educativo Tenetehar e instrumento de ensino de Língua Portuguesa; 3) elaborar material didático específico para a Escola Indígena Tembê.

Esta é uma pesquisa de caráter bibliográfico, e qualitativa, pois: “o pesquisador só pode ter acesso a fenômenos particulares, que são as produções sociais significantes dos indivíduos, quando participa do mundo que se propõe a estudar” (Goldenberg, 1998, p. 58). Outra técnica utilizada será a pesquisa de campo consistiu na realização de entrevistas, com alguns sujeitos da aldeia Teko-Haw e Cajueiro, também foram realizados registros fotográficos. Vale frisar que essas entrevistas foram gravadas em formato de áudio. A pesquisa de campo se deu através da observação participante que para Gil (2010, p. 32) possibilita o acesso a dados que a comunidade ou grupo considera de domínio privado. Esse método possibilita também captar palavras de esclarecimento que acompanham o comportamento dos observados. Com base nessas técnicas de pesquisa buscarei compreender melhor as nossas histórias e o universo que cerca esses saberes.



EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA E OS SABERES TRADICIONAIS

Imagem 1: Ramada Aldeia Frasqueira, 2019.



Fonte: Tapyz zuhu, 2019.

Há mais de 500 anos as populações indígenas estão resistindo aos constantes e diversos tipos de violência, milhares de indígenas já foram dizimados, e ainda assim continuam na luta em busca de respeito e condições melhores de vida, portanto, o contato com a sociedade majoritária ou não indígena nunca foi fácil e continua sendo um desafio a ser transposto. Neste sentido, muitos povos indígenas precisam se apropriar da educação escolar para obter os conhecimentos dos *karaim* (não indígenas) e assim reunir as condições necessárias para uma luta mais efetiva pelos seus direitos, uma educação escolar que considere suas especificidades, cultura, língua e todo legado ancestralmente construído e repassado através do processo educativo próprio de cada povo. E, apesar de que:

a escola é um bem cultural criado na e pela sociedade ocidental moderna. Mesmo que, em muitas situações, tenha sido imposta aos povos indígenas, é uma instituição que foi e continua sendo requisitada por essas sociedades. Porém, as comunidades indígenas não a recebem passivamente, mas transformam-na, *fagocitam-na* e dela se apropriam. Compreendendo que cada povo ou cada comunidade indígena *conferi sentidos próprios à escola*, apropriando-se dela e tornando-a também sua. A apropriação refere-se a capacidade criativa das pessoas de ocuparem espaços de escolarização, evidenciando a natureza ativa e transformadora de suas ações (Bergamaschi, 2000, p. 48, grifo nosso).

Esse *conferir sentidos próprios à escola* acaba sendo um desafio para os professores indígenas, que além de terem que se apropriar da forma ocidental de construir e repassar o conhecimento, precisam também povoar o espaço escolar de conhecimentos tradicionais, da sabedoria ancestral de seu povo, para que através desta prática os sujeitos envolvidos possam enxergar a si próprios neste processo, pois,



O reconhecimento, na escola, do valor das expressões artísticas dos vários grupos sociais, apura a percepção dos alunos sobre o valor de sua própria cultura, compreendendo-a no conjunto de tantas outras. Assim, os alunos que pertencem às minorias étnicas e culturais podem não somente exercer o seu direito de acesso ao conhecimento universal, mas redimensionar positivamente a sua identidade, a importância e o significado de seu saber, reunindo condições que lhes permitam compreender e superar as ideias preconceituosas e discriminatórias que muitas vezes são atribuídas às suas produções culturais e modos de vida. (RCNEI, 1998, p. 295).

Outro aspecto importante a ser considerado no contexto da educação escolar indígena é a interculturalidade, que segundo as Diretrizes para a política nacional de educação escolar indígena, é: “o intercâmbio positivo e mutuamente enriquecedor entre as culturas das diversas sociedades” (1993, p.11). Porém, essa troca tem que estar pautada em reflexões críticas que possam dar espaço para que nasçam novas epistemologias e metodologias de ensino que atendam devidamente a especificidade desta educação para que o colonialismo não acabe se sobrepondo a estas práticas.

Esta é a atual busca dos professores indígenas da escola indígena da Aldeia Frasequeira e certamente de outras aldeias do povo Tembé. Pois, a cada dia que passa nos vemos ainda mais diante de acesso a um ensino de qualidade e assim poder lutar de forma mais igualitária por seus direitos perante a sociedade não indígena, como já estava acontecendo em outros estados brasileiros.

A educação escolar chegou nas aldeias Tembé, porém sem a devida infraestrutura, pois nossas escolas não têm um Projeto Político Pedagógico próprio, são anexos das escolas municipais não indígenas, o que dificulta o trabalho na escola indígena, por não se ter a autonomia necessária para o desenvolvimento de um trabalho realmente diferenciado. As escolas também enfrentam outras dificuldades como a falta de merenda escolar e a falta de água encanada de forma constante, o que também prejudica a dinâmica dos trabalhos na escola indígena.

Mesmo diante dessas e outras dificuldades que surgem no percurso, os trabalhos seguem com ânimo e esperanças de que com a formatura dos professores Tembé, possamos viver dias melhores na escola, com o protagonismo de professores indígenas, que,

tem a difícil responsabilidade de incentivar as novas gerações para a pesquisa dos conhecimentos tradicionais junto aos membros mais velhos de sua comunidade, assim como para a difusão desses conhecimentos, visando sua continuidade e reprodução cultural; por outro lado, eles são responsáveis também por estudar e compreender, à luz de seus próprios conhecimentos e de seu povo, os conhecimentos tidos como universais reunidos no currículo escolar (Brasil, 2002a, p. 20-21).

Esses professores, por conhecerem a realidade de seu povo, certamente terão condições de proporcionar um ensino de melhor qualidade, considerando os elementos da própria cultura, e assim possibilitar o reavivamento e o fortaleci-



mento cultural do povo Tembé. Nesse sentido, o processo de ensino conduzido com uma metodologia que evidencie a cultura indígena apresenta-se como uma ferramenta importante no que se refere ao ensino da Língua Portuguesa. Nesse sentido, propõe-se aqui desenvolver um trabalho com o gênero narrativas orais, por meio da elaboração de um material didático denominado Cartilha de Histórias Tenetehar. Tal material se alicerça na relação dialógica entre os dois conhecimentos: o conhecimento indígena e o não indígena, entendendo que:

O diálogo não é um produto histórico, é a própria historicização. É ele, pois, o movimento constitutivo da consciência que, abrindo-se para a infinitude, vence intencionalmente as fronteiras da finitude e, incessantemente, busca reencontrar-se além de si mesma. Consciência do mundo, busca-se ela a si mesma num mundo que é comum; porque é comum esse mundo, buscar-se a si mesma é comunicar-se com o outro (Freire, 1987, p. 11).

Esta perspectiva dialógica proporciona o fortalecimento cultural e a busca de uma forma de trabalho pedagógico que propicie tal dinâmica. A escolha para trabalhar em sala de aula este elemento tão primoroso que são as narrativas orais se deu em virtude de elas estabelecerem um diálogo entre duas culturas diferentes. As narrativas orais colocam essas culturas em diálogo com um mundo encantado, onde a natureza tem voz, e transforma em ensinamentos suas próprias dinâmicas, de maneira criativa, com ludicidade e beleza, características importantes para a prática de sala de aula, já que outro diálogo possível, é o diálogo com a própria natureza, que quando interpretada como uma extensão do próprio ser humano, preenche de sentido à vida e consequentemente o ato de ensinar e de aprender.

OS GÊNEROS TEXTUAIS NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA

Trabalhar com a perspectiva dos gêneros textuais como ferramenta de ensino de Língua Portuguesa é importante pois, segundo as Diretrizes Curriculares para a Educação Básica (DCEs, 2008 p. 31) auxilia na formação de sujeitos que construam sentido para o mundo, que compreendam criticamente o contexto social e histórico de que são frutos e que pelo acesso ao conhecimento, sejam capazes de uma inserção cidadã e transformadora na sociedade.

E para que isso ocorra é necessário que utilizemos estratégias de ensino-aprendizagem que corroboram com esta inserção, e os gêneros textuais certamente integram essas estratégias, uma vez que são enunciados construídos socialmente, de forma oral ou escrita que trazem uma melhor percepção do caráter interativo da linguagem, fazendo com que locutores e interlocutores compreendam a ação da linguagem em suas diferentes situações comunicativas. Segundo Bakhtin:

[...] o uso da língua ocorre em forma de enunciados os quais possuem condições e finalidades específicas ancoradas em três elementos: conteúdo



temático (tema abordado), estilo de linguagem (os recursos linguístico-expressivos do gênero e as marcas enunciativas do produtor do texto) e construção composicional (a estrutura de texto pertencente a um gênero) (Bakhtin, 1992, p. 261).

Desta forma, segundo Marcos Baltar (2004, p. 68),

“toda produção linguística é uma ação social situada, levada a efeito por indivíduos singulares em formações sociais específicas”. E esta perspectiva quando utilizada em sala de aula acrescenta um caráter muito mais amplo a linguagem, fazendo com que os sujeitos interajam de forma mais completa com o universo linguístico que os cerca, através da observação de seus eventos discursivos e de suas respectivas zonas de cooperação socialmente determinadas.

PATRIMÔNIO CULTURAL TEMBÉ

Podemos visualizar todas as narrativas Tenetehar, como patrimônio cultural imaterial pertencente ao povo Tembé, pois essas narrativas falam sobre a nossa existência, quem somos e porque somos, aí vem as curas engrandecendo o seu poder científico e mítico, e nas caçadas podemos ouvir ver e sentir a experiência do índio com a mata e seus donos, as danças trazem a beleza rítmica da Caruara e os cantos, nos extasiam com a orquestra de vozes que trazem o encanto sobrenatural.

Outro aspecto grandioso de nossa cultura é a técnica na construção de adornos e artefatos, mostrando a capacidade natural da mente e das mãos, e as grandiosas e emocionantes festas tradicionais que juntam uma riqueza milenar de experiências e misticismo deixadas através dos ensinamentos por nossos ancestrais e repassados de pais para filhos no nosso cotidiano e nos encontros festivos nas *tapyꝥ zulu*, quando são contadas por anciões e outros aldeados. Afirmando a nossa historicidade.

PRODUÇÃO E APLICAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO

O processo inicial do material didático se deu através de pesquisa bibliográfica sobre o tema, levantamentos e pesquisas de campo realizadas em algumas aldeias da Terra Indígena Alto Rio Guamá, na região do Rio Gurupi. As comunidades que fizeram parte deste trabalho foram: as aldeias Teko-Haw, Canindé e Cajueiro e a Aldeia Frasqueira, na região do Rio Guamá. A aplicação do material didático foi realizada na escola indígena da aldeia frasqueira no alto rio Guamá.



Imagem 1: Imagens mostrando a aplicação do material didático.



Fonte: Walter Ribeiro Reis, 2019.

O material didático abordou conteúdos referentes à Língua Portuguesa, através das narrativas como fontes de conhecimentos para serem aplicados nas escolas das aldeias localizadas à margem direita da Terra Indígena Alto Rio Guamá, no 7º e 8º ano do ensino fundamental. A narrativa “A’ E (Onça do vento)” e a narrativa “A menina moça e o dono das queixadas”, contém conhecimentos que podem ser aproveitados para o ensino de Língua Portuguesa, com os saberes tradicionais Tembé, expõem traços importantes da nossa identidade como oralidade e ludicidade, através dos conteúdos envolvidos.

Durante a aplicação do material didático, busquei trabalhar os valores das narrativas do povo Tembé, contextualizando as narrativas com a realidade Tembé junto aos alunos em sala de aula. Também fizemos uma aula interativa por meio de conversa, para compreendermos como estava o entendimento de todos sobre o conteúdo abordado no primeiro momento, na sequência foi feita apresentação de livros, e outros registros como fontes de conhecimento do povo Tembé, bem como atividades em grupo.

Realizamos atividades de perguntas e respostas sobre as narrativas para trabalhar as habilidades orais e para verificarmos o que absorveram e o que permanece em suas vidas com base no entendimento dos seus valores, foram realizadas atividades de produção textual com base nas narrativas contadas, utilizando gêneros textuais, com apresentação dos textos escritos, socializando o aprendizado, avaliando todos os pontos pertinentes aos conhecimentos tradicionais na vida do povo Tembé.

Os resultados mostraram uma melhor apropriação dos conhecimentos da Língua Portuguesa, pois ela foi trabalhada de forma contextualizada por meio de



nossas narrativas tradicionais deixadas por nossos antepassados. Os resultados foram bem positivos desde a elaboração do material, momento em que pude refletir mais sobre os valores de nossas raízes identitárias, e me empenhar em pensar em formas de fazer com que essas narrativas pudessem ampliar os conhecimentos dos alunos, inclusive na apreensão de saberes que não são próprios de nossa cultura, que é o ensino da Língua Portuguesa.

Todo o trabalho foi programado com o compromisso de transformar saberes em fontes de fortalecimento cultural nas escolas indígenas para as futuras gerações do povo Tenetehar. O material foi construído através de pesquisa de campo com base nas narrativas e na territorialidade do povo Tembé, envolvendo o seu convívio social vindo da ancestralidade e a legitimidade dos fatos advindos dos conhecimentos de anciões, lideranças e comunidades indígenas que nos atribuíram parte dos seus conhecimentos de forma oral e na prática como: escrita, danças, cantos, artesanatos.

As narrativas que compõem esse material esclarecem significativamente os valores culturais Tenetehar, pois nos saberes existentes nesses contos nos transmite a sensibilidade com a natureza, conhecimentos culturais essenciais para o fortalecimento das gerações futuras.

É fundamental que as narrativas orais Tenetehar uma das principais bases de saberes e encantos, fontes de conhecimentos milenares, que por gerações resistiram às influências que afetaram a cultura desse povo, mas que por sua tamanha importância sobreviveu por séculos e com orgulho. Nós temos a nossa cultura fortalecida, e como instrumento de transmissão de uma infinita fonte de conhecimentos místicos que são indispensáveis de serem repassados aos mais jovens, pois uma vez absorvidos na escola o aluno se tornará um transmissor indispensável para o fortalecimento da cultura para as futuras gerações. Fator que será uma base de fortalecimento cultural do povo Tenetehar. É com imensa gratidão aos nossos antepassados que podemos trabalhar esses contos nas salas de aula.

A consciência desse valor, e a percepção da realidade com os acontecimentos ocorridos no novo cenário despontado pelas conquistas sociais, e a implementação da Educação diferenciada para os povos indígenas é impactante e me desafiou a propor o projeto de intervenção relatado aqui, em que buscamos trabalhar as narrativas tradicionais do povo Tembé para desenvolver processos de ensino da língua portuguesa. Tal estratégia se mostrou eficaz no que se refere, sobretudo, ao fortalecimento da cultura Tembé.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo foi construído com base em pesquisas de nossas histórias, nos saberes milenares da nação Tenetehar e na minha própria vivência. É importante dizer também que em cada fase dos estudos na universidade e nas buscas



de informações de nossas histórias, me deparei com uma imensidão de saberes naturais e místicos que fazem parte da nossa existência, e que precisam estar presentes em todos os momentos do nosso convívio social como esteios de sustentação de uma cultura milenar imensurável.

Portanto, só tenho a agradecer ao povo Tembê por me proporcionar a oportunidade de fortalecer a minha cultura, descolonizando um pensamento arraigado nas ideologias dos não indígenas. Busco estar no papel de educador, aumentando significativamente os meus conhecimentos sobre essa infinita riqueza cultural para promover o fortalecimento cultural, contribuindo com projetos pedagógicos que fortaleçam o repasse de conhecimentos como: confecção de materiais didáticos, difusão da língua indígena não acessível somente no universo escolar, mas com abrangência em toda comunidade.

É fundamental que as narrativas orais Tenetehar, uma das principais bases de saberes e encantos, fontes de conhecimentos milenares, que por gerações resistiram às influências que afetaram a cultura desse povo, mas que por sua importância sobreviveu por séculos e com orgulho, possam estar presentes nas salas de aula das escolas do nosso povo.

Nós temos a nossa cultura fortalecida, e como instrumento de transmissão de uma infinita fonte de conhecimentos místicos que são indispensáveis de serem repassados aos mais jovens, pois uma vez absorvidos na escola o aluno se tornará um transmissor indispensável para o fortalecimento das futuras gerações. Fator que será uma base de fortalecimento cultural do povo Tenetehar. É com imensa gratidão aos nossos antepassados que podemos trabalhar esses contos nas salas de aula.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 3. ed. São Paulo: Editora Martins. Fontes, 2000.

BALTAR, Marcos. *Competência discursiva e gêneros textuais*. Uma experiência com o jornal de sala de aula. Caxias do Sul: EducS, 2004.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida. *Educação Escolar Indígena*: um modo próprio de recriar a escola nas aldeias Guarani. Cad. CEDES [online]. 2007, vol. 27, n. 72.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. *Referenciais para formação de professores indígenas*. Brasília, 2002.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção Textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Editorial Parábola, 2008.



MIAR KA'ARUPI HAR WAMA'E KWAW HAW WÀ:

o livro de histórias Tenetehar nas aulas de língua portuguesa na escola indígena tembé

Valsanta Tembê⁹
Paula Miranda Monteiro¹⁰

INTRODUÇÃO

Este artigo visa apresentar meu Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, do curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará – UEPA, na área de Linguagens e Artes - disciplina Língua Portuguesa, onde desenvolvi um estudo sobre as narrativas orais, mais precisamente as narrativas que falam sobre as aventuras dos animais da floresta. Na cultura Tembê Tenetehar os animais são sagrados e nos ensinam grandes lições por serem dotados de sabedoria. E a partir desses estudos elaborei um material didático específico para ser trabalhado na Escola Indígena e desta forma contribuir com a educação escolar indígena.

Esta pesquisa foi realizada na Aldeia Teko-Haw, onde estou residindo atualmente, localizada na região do Rio Gurupi próximo ao Município de Paragominas-PA, na Terra Indígena Alto Rio Guamá, situada no Sudoeste do estado brasileiro do Pará com uma área de 279.897,7 hectares, nossa aldeia é uma das maiores da região do Gurupi com aproximadamente 400 moradores.

Por ser indígena e pensar nas necessidades de meu povo é que escolhi ser professora de Língua Portuguesa, para que nossos alunos indígenas tenham a oportunidade de aprender esta disciplina, de uma forma mais digna, mais contextualizada, já que se trata de uma língua diferente da nossa, e que foi historicamente fonte de tantos conflitos para os povos indígenas, sendo imposta para nós de forma violenta e dominadora, mas que hoje é necessária para nossa luta em busca de fazer valer nossos direitos diante da sociedade não indígena.

Durante o meu percurso como estudante indígena no ensino fundamental e médio e como aluna do curso de Licenciatura Intercultural Indígena da

⁹ Egressa do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará – UEPA.

¹⁰ Mestra em Linguagens e Saberes na Amazônia e Docente do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena – UEPA.



Universidade do Estado do Pará-UEPA, pude observar que há muito a se fazer na educação escolar indígena, que hoje atende nossas crianças, jovens e adultos, pois de fato necessitamos de uma educação que venha socializar o conhecimento científico com o conhecimento tradicional, de forma construtiva na vida cidadã indígena Tembé. E assim, trabalhar um ensino pautado em uma educação diferenciada e de qualidade como é garantido na própria Constituição Federal de 1988.

Portanto, foi necessário pensar em como construir essa educação diferenciada para que o ensino da Língua Portuguesa leve em consideração nosso contexto cultural, nossas riquezas étnicas. Para tanto, escolhi trabalhar com as narrativas orais que falam sobre os feitos dos animais da floresta, para que essas narrativas que nós indígenas Tenetehar escutamos desde crianças, sejam utilizadas em sala de aula, trazendo mais sentido e significado às aulas de Língua Portuguesa na Escola Indígena Tembé.

Outro ponto importante que me estimulou na construção deste trabalho foi a possibilidade da elaboração de material didático específico que servisse de apoio aos professores indígenas no processo de ensino, pois em minha época de estudante do ensino fundamental e médio na Escola Indígena Canindé¹¹, além de dificuldades como falta de merenda escolar, a ausência de material didático específico era outro ponto que prejudicava o desenvolvimento dos alunos e todos esses desafios acabaram resultando na desistência de vários indígenas, que além de não se identificarem com a metodologia de ensino oferecida na época, também sofriam com a insuficiência de infraestrutura na escola.

Desta forma, esta pesquisa tem como objetivo geral avaliar quais os resultados obtidos ao trabalhar conteúdos relativos à disciplina Língua Portuguesa com os alunos do 7º ano do ensino fundamental da Escola Indígena Teko-Haw, através do *Livro Sabedoria dos Animais*. Os objetivos específicos são: identificar quais são as histórias sobre animais da floresta que fazem parte da educação Tenetehar; verificar como as histórias sobre os animais da floresta se constituem como saber educativo Tenetehar e instrumento de ensino de Língua Portuguesa; elaborar material didático específico para a Escola Indígena Tembé.

Nesta pesquisa, pretende-se responder a seguinte situação problema: *Quais os resultados obtidos no processo de ensino com os alunos do 7º ano do ensino fundamental da Escola Indígena Teko-Haw, ao trabalhar conteúdos relativos à disciplina Língua Portuguesa, através do Livro Sabedoria dos Animais da Floresta?*

Para responder a este problema de pesquisa, formularam-se as seguintes questões norteadoras: *Quais são as histórias sobre os animais da floresta que fazem parte da educação Tenetehar? Como as histórias sobre os animais da floresta se constituem como*

¹¹Escola Indígena Tembé localizada na Aldeia Canindé, margem esquerda do rio Gurupi.



saber educativo Tenetehar e instrumento de ensino de Língua Portuguesa? De que maneira o Livro Sabedoria dos Animais da Floresta possibilitou a aprendizagem dos alunos do 7º ano do ensino fundamental?

Esta é uma pesquisa de cunho qualitativo, de caráter bibliográfico e também de observação participativa, pois: “o pesquisador só pode ter acesso a fenômenos particulares, que são as produções sociais significantes dos indivíduos, quando participa do mundo que se propõe a estudar” (Goldenberg, 1998, p. 58). Outra técnica utilizada será a pesquisa de campo, através de entrevistas em formato de áudio, com alguns anciões da aldeia Teko-Haw e Cajueiro. Utilizaremos, ainda, a observação participante que para Gil (2010, p. 32) possibilita o acesso aos dados que a comunidade ou grupo considera de domínio privado, possibilitando também captar palavras de esclarecimento que acompanham o comportamento dos observados. Com base nessas técnicas de pesquisa buscarei compreender melhor as nossas histórias e o universo que cerca esses saberes. Para tessitura teórica deste trabalho, utilizarei: Zumthor (2010); Abramovich (1991); Koch (2015) e Bakhtin (1992). Assim, a tessitura da bibliografia será de grande relevância para compor a pesquisa.

O material didático foi produzido a partir da coleta de dados, resultado da pesquisa de campo, e através da sistematização e análise de dados foi construído o Livro Sabedoria dos Animais da Floresta, com o intuito ensinar a Língua Portuguesa de forma específica e diferenciada na Escola Indígena Tembé, para que nossos alunos, ao necessitarem aprender mais sobre a estrutura da língua dos *karain*¹², também possam sempre reverenciar o saber Tenetehar, e que através desta interculturalidade se construa um saber digno de nosso povo.

A SABEDORIA DOS ANIMAIS PARA O POVO TEMBÉ TENETEHAR

Desde criança tive o privilégio de viver num espaço familiar onde meus pais sempre foram conhecedores da importância cultural para o sustento de nossa identidade e me ensinaram os valores tradicionais, mesmo com o avanço do capitalismo e de diversos meios de exploração, sobretudo em direção a nossa preciosa floresta Amazônia, nossos saberes e nossas histórias ultrapassam o tempo e continuam nos ensinando maneiras de não nos afastarmos de nossa essência, de quem realmente somos, e é da floresta que vem a sabedoria dos animais, seres que para nós, Tembé, tem um grande valor.

Nossos ancestrais sempre contaram algumas histórias narrando os feitos dos animais da floresta, pois na cultura Tembé Tenetehar, há muito tempo os animais viviam como seres humanos, podiam pensar, falar, e detinham diversos conhecimentos sobre a natureza, hoje em dia, eles já não têm mais a capacidade

¹² O não indígena.



de falar, mas continuam dotados de sabedoria, ensinando a todos nós sobre a vida e o valor da ordem que a natureza exerce sobre todos nós seres viventes.

Na cultura Tembé, acredita-se que os animais sempre tiveram vida, só que antes eles tinham as mesmas capacidades dos seres humanos, de pensar, falar e vários outros aspectos. O povo Tembé possui um grande respeito por todos os elementos da natureza, no entanto, os animais ocupam um lugar de suma importância em nosso contexto cultural, pois são grandes exemplos, por viverem de forma harmoniosa com o universo.

Deste modo, nós Tenetehar aprendemos muito com os animais em nosso dia a dia, uma boa lição que aprendemos com eles é saber viver coletivamente, sabendo respeitar uns aos outros, sendo cada uma parte integrante do ambiente em que vive, com sua função na manutenção do equilíbrio do todo que nos envolve. Assim, acreditamos que os animais possuíam poder de se comunicar e de se transformar dentro da natureza, como observa o professor indígena Ronaldo Tembé (2020):

Em nossa cultura, os animais eram igual pessoa mesmo, em nossa história as coisas feitas por eles foram uma realidade e não servem apenas para ilustrar um ensinamento, foi algo que aconteceu mesmo, existiu no tempo passado. Todo conhecimento que o povo Tembé tem, muitos foram trazidos pelos animais, como por exemplo a Festa do Moqueado, festa tradicional nossa, ela foi trazida através dos animais, né. Onde um Tenetehar saiu para caçar e conseguiu caçar vários pássaros, um dia ele chegou na aldeia e o irmão dele falou que ia também matar os animais, e foi, aí a onça matou esse rapaz, e seu irmão saiu a sua procura, até que chegou onde as onças estavam fazendo a Festa do Moqueado e de lá que ele trouxe esse conhecimento para dentro da cultura do nosso povo.

Ou seja, um dos traços mais importantes de nossa identidade, que é a Festa do Moqueado, é um conhecimento que herdamos dos animais da floresta. Nesse sentido, é importante observar que a onça citada na fala acima, matou o índio porque diferente de seu irmão que só caçava o necessário para nutrição dele e de sua família, ele acabou se excedendo e caçando de forma indiscriminada, animais que ele inclusive não deveria caçar, o que ocasionou sua morte. Isto nos ensina o respeito de como devemos ter com os animais, procurando saber usufruir da natureza de forma sustentável e equilibrada. Outro exemplo do poder dos animais vem do depoimento do Cacique da Aldeia Teko-Haw, senhor Kapara'i Tembé (2019), ao dizer que:

História Tembé, não é coisa inventada, é uma coisa que veio quando Mayr, que é Deus, trouxe o mundo para nosso povo, para outras etnias e até para os brancos. Antigamente os animais, eles tinham conversa com o povo indígena. Como a história da índia que foi arrancar mandioca e pediu para seu filho não ir para longe. Só que ele não ouviu, né. Saiu flechando bacurau e quando ele queria voltar, ele viu um rio e não pode voltar, ouviu um tucano cantar do outro lado do rio e falou assim: - Tucano, se tu fosse uma pessoa me levava do outro lado do rio onde minha mãe tá. Passando



algumas horas o tucano em forma de gente veio e disse para ele: - Rapaz, o que é que você falou? E o rapaz respondeu: - Eu ouvi o tucano cantando e falei que se ele fosse gente ele me levava para o outro lado do rio, onde minha mãe tá. O pássaro tucano disse que ele era o tucano que estava cantando e saiu um pouco longe e tornou a voltar já em forma de pássaro, e falou: - Se você quiser ir do outro lado comigo, eu te levo.

Interessante observar que na narrativa acima que o tucano não somente fala com o índio, como toma a forma humana, demonstrando ali sua capacidade de transformação, que é um princípio ligado a força da natureza. Todos os elementos da floresta possuem para nós alguns significados e alguma espiritualidade. Assim, durante a Festa do Moqueado, são cantadas músicas relacionadas com os animais, as aves, os peixes e outros elementos existentes na floresta. Portanto, é preciso bastante cuidado e respeito com cada animal, pois também já tiveram o poder de falar e fazer tudo que fazemos hoje e podem se manifestar em nosso ritual da Festa do Moqueado.

O povo Tenetehar continua ligado a esses saberes que estão sempre nos fazendo refletir sobre a grandeza do universo e nos fazendo pensar em uma forma de vivermos melhor, aprendendo com a natureza, pois fazemos parte dela. Então, nada mais justo que aproveitarmos esses conhecimentos tão valiosos, utilizando-os com respeito e sabedoria para um melhor aprendizado dos nossos alunos indígenas em nossa educação escolar, pois com criatividade e a devida reflexão sobre nossa identidade, certamente faremos a escola que precisamos.

NARRATIVAS ORAIS E GÊNEROS TEXTUAIS

Muitos e muitos séculos antes de Esopo, já havia lobos vestidos na pele de cordeiros estuprando inocentes. Muito tempo antes do homem se organizar em Estados, já existiam lobos ferozes proibindo carneiros de beber sua água. O homem ainda não tinha pensado em construir cidades quando raposas finórias e sem escrúpulos arrancavam queijos do bico de corvos ingênuos. E quando o último homem estiver apertando o último botão atômico ainda haverá sapos coaxando nos pântanos, cantando as glórias e a sedução do lodo. Falei, bicho, falei.

(Millôr Fernandes; a Bíblia do Caos).

Nossas narrativas devem se estabelecer em nossa educação escolar, para que possa nascer um novo tempo na escola Tembê, onde nossos alunos reconheçam essas histórias como nossa literatura, assim como outras sociedades têm as suas, ao invés de permanecermos aprendendo sobre as histórias que vem de fora, que possamos, então, nos debruçar sobre nosso próprio mundo, mas antes lembrando que essa literatura nasce da voz dos



mais velhos, nas rodas de conversa, em casa ou na ramada¹³. Segundo Frederico Fernandes (2002, p. 15-6):

As questões de ordem estética não podem ser apreendidas unicamente pelo aspecto formal, como muitas vezes se faz na literatura escrita. A forma de narrar é, por excelência, artesanal. E isso não quer dizer que a palavra esteja totalmente despida de uma estética, ao contrário, aqui a apreensão do belo torna-se mais facilmente compreendida pela transmissão de saberes e de coisas simples do dia-a-dia [...] Pode-se dizer, então, que a literatura popular resulta de um trabalho com a linguagem, em que a criatividade, as maneiras de contar, o entretenimento e o plano ideológico, provenientes dela, trazem indícios de que se está lidando com uma “enfabulação” do cotidiano.

A oralidade era a única forma de transmitir nossos conhecimentos como: as músicas, as narrativas, os remédios tradicionais, os rituais, as pinturas. Eram aprendizados passados de pais para filhos e de geração para geração, normalmente utilizando o diálogo e a observação, como na fabricação de artesanatos, na realização dos rituais como a Festa da Menina Moça. Tudo era repassado através da oralidade e era assim que nosso povo se educava, até então, sem a necessidade de nenhum registro escrito. Desta forma:

Por narrativas não se compreende apenas os registros impressos, mas quaisquer manifestações de linguagem, ou ainda, todos os textos da cultura no sentido lato dos gêneros textuais. O que de fato requer um olhar diferenciado e atento aos textos da oralidade, modalidade artesanal, constituinte de uma linguagem estética (Fares, 2014, p. 193).

As narrativas orais circunscrevem sua força no conhecimento Tenetehar, uma vez que através delas chegou a cada um de nós tudo que cultivamos de mais importante dentro de nossa ordem cultural. Assim sendo, a tradição oral, deve sempre ser objeto de nossos olhares até mesmo para que possamos registrar nossos saberes. Estes saberes se constituem como um importante ponto de partida não somente para nós indígenas, mas certamente no contexto de outras culturas. Afinal: “Ninguém sonharia em negar a importância do papel que desempenharam, na história da humanidade, as tradições orais” (Zumthor, 2010, p. 8).

Para Abramovich (1991, p.162), “ouvir ou ler histórias é uma possibilidade que a criança encontra para descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses e as soluções que todos os seres humanos vivem a atravessam ao longo da vida. É através de uma atividade prazerosa de leitura ou ouvir histórias que se pode descobrir outro lugar, outros tempos, outros modos de agir, de pensar e ser.

Outra perspectiva interessante na construção deste trabalho, é o conceito de gêneros textuais, para que nossos alunos percebam como o texto, ou seja, o próprio discurso, pode ser visto através de diversas facetas, uma vez que: “A interação entre indivíduos no dia a dia ocorre por meio de gêneros textuais próprios

¹³ Lugar onde são realizadas reuniões, festas e outros compartilhamentos de nossa cultura.



que o usuário da língua emprega, disponíveis num acervo de textos construído pela prática social ao longo da história” (Koch, 2015, p. 09).

Trabalhar com a perspectiva dos gêneros textuais como ferramenta de ensino de Língua Portuguesa é importante pois, segundo as Diretrizes Curriculares para a Educação Básica (DCEs, 2008 p. 31), formar sujeitos que construam sentido para o mundo, que compreendam criticamente o contexto social e histórico de que são frutos e que pelo acesso ao conhecimento, sejam capazes de uma inserção cidadã e transformadora na sociedade.

Para que isso ocorra é necessário que utilizemos estratégias de ensino-aprendizagem que colaborem com esta inclusão, e os gêneros textuais certamente integram essas estratégias, pois, são enunciados construídos socialmente, de forma oral ou escrita que trazem uma melhor percepção do caráter interativo da linguagem, fazendo com que locutores e interlocutores compreendam a ação da linguagem em suas diferentes situações comunicativas. Segundo Bakhtin:

[...] o uso da língua ocorre em forma de enunciados os quais possuem condições e finalidades específicas ancoradas em três elementos: conteúdo temático (tema abordado), estilo de linguagem (os recursos linguístico-expressivos do gênero e as marcas enunciativas do produtor do texto) e construção composicional (a estrutura de texto pertencente a um gênero) (Bakhtin, 1992, p. 261).

Ao adentrar nos estudos sobre gêneros textuais, pude verificar o quanto é interessante esta teoria, pois como foi citado acima, cada um tem seu conteúdo e estilo, pude perceber que através dessa diversidade proposta pelos gêneros textuais, o ensino da Língua Portuguesa fica mais dinâmico e de fácil entendimento, pois faz com que os alunos percebam as diversas formas do ser humano manifestar seu pensamento através de discursos, e assim, o próprio aluno identifique em sua prática textual cotidiana essas variáveis de forma crítica e cidadã.

Um gênero textual que me chamou atenção para a construção deste trabalho foi a fábula, que é uma narrativa cujos personagens são animais que agem como seres humanos, trazendo sempre uma moral, um ensinamento através da ação desses animais. Muitos provérbios populares vieram da moral contida nesta narrativa alegórica. É um gênero textual muito versátil, pois permite diversas situações e maneiras de se explorar um assunto. É interessante, principalmente para as crianças, pois permite que elas sejam instruídas dentro de preceitos comportamentais reflexivos.

Envolvidas pelo imaginário e o fantástico, as fábulas trilharam muitos caminhos, recebendo influências de costumes, valores e tradições dos lugares por que passaram. São elas pequenos repositórios de sabedoria que, através do jogo fabuloso exemplar, têm se situado no limiar entre a moral e a denúncia, entre as técnicas de si e as técnicas de afrontamento. Apesar de sua aparência pueril,



muitas vezes, estas narrativas, ultrapassando os limites da instrução, do preceito moral, tornaram-se argutas ferramentas de denúncia e crítica ao abuso do exercício do poder, transitando dos domínios das técnicas de si aos domínios das técnicas de resistência.

Porém, ao contrário das narrativas Tenetehar, as fábulas têm um sentido alegórico, ou seja, inventado, de algo que está fora da realidade. Todavia, sua função é interessante em sala de aula, no que diz respeito ao estímulo para a produção textual de nossos alunos, para que eles criem suas próprias fábulas, de acordo com o conhecimento que tem sobre os animais. Mas, vale ressaltar que os não indígenas, embora tenham grande criatividade em suas atividades textuais, como podemos verificar nas fábulas, mas não conseguiram enxergar além para ver a natureza como ela é, no que diz respeito aos animais, nossas “fábulas” são encantadoramente reais. Portanto, no universo indígena realidade e imaginário são concomitantes.

MATERIAL DIDÁTICO: ELABORAÇÃO, APLICAÇÃO E RESULTADOS

A construção do material didático nasce do desejo de trabalhar os processos de ensino/aprendizagem da Língua Portuguesa, utilizando os saberes próprios da comunidade para que se possa levar a uma educação integral aos alunos. Tendo em vista os costumes, crenças e tradições de cada povo. Não há dúvida que as narrativas orais ocupam um lugar de suma importância em cada comunidade indígena, além de representar parte da cultura na qual elas se encontram.

Imagem 1: Capa do material didático



Fonte: Valsanta Tembê, 2019.



Após escolher o tema, fui buscar com a comunidade, procurar saber as histórias próprias do povo Tembé. Além disso, como parte da pesquisa procurei investigar o nível de conhecimento dos mais idosos comparando com o dos mais jovens com relação aos conhecimentos das narrativas sobre animais da floresta, lançando duas perguntas para o público idoso e duas perguntas para o público jovem.

E no dia 05/12/2019, entrevistei o ancião da Aldeia Teko-Haw denominado de João Tembé de 69 anos de idade. Lançando a primeira pergunta; quando você era criança, você ouvia narrativas em que os animais agiam como seres humanos? Quem contava essas histórias para você? Quando? Em que lugar? O primeiro entrevistado respondeu: “Quem contava história pra mim era minha vó, ela tinha costume de contar a noite, quando tava deitada na rede, isso foi há muito tempo” (João Tembé, 2019).

Já o segundo entrevistado residente da mesma aldeia chamado de Manoel Moreira Tembé de 77 anos, respondeu essa mesma pergunta dizendo que:

“Ah, quem contava história pra mim, faz tempo, era meu pai, minha mãe e ainda falava pra mim: - você tem que prestar atenção, quando for no rio e no mato, é perigoso. Ela contava também pra mim ensinar as histórias como a do jabuti que ensina que nós indígenas temos que viver juntos, unidos pra defender nossa terra” (Manoel Tembé, 2019).

Em seguida, lancei a segunda pergunta: Você lembra de alguma narrativa onde os animais agem como seres humanos que você ouvia na infância?

“Sim, eu lembro, são muitas, tem do jabuti, tem da mucura. A mucura disse para o jabuti: - vamos fazer aposta, quando o mamãozinho tiver maduro eu te chamo pra ti comer, o jabuti saiu para comer, aí a mucura entrou no buraco, passou muitos dias. Quando o jabuti foi olhar já tinha morrido”.

Para os jovens foram feitas as mesmas perguntas: Você já ouviu alguma narrativa em que os animais agem como seres humanos? Quem contou essa história para você? Quando? Em que lugar? A jovem entrevistada, Marcilenilza Tembé, de 20 anos de idade, confirmou que já ouviu histórias desse tipo contada pelo seu avô paterno denominado de Lourival Tembé quando era bem pequena, mas que já quase não contava com tanta frequência. A mesma relembrou que seu avô tinha o costume de contar história no período da noite. E a história que ela lembrou foi a da preguiça e a onça.

A onça e a preguiça eram machos. O preguiça tava fazendo o remédio dele, porque a esposa dele tinha ganhado nenê ...Aí ele tava fazendo remédio que era de subir na embaúba lá no alto e cair de cabeça em cima da pedra... (Marcilenilza Tembé, 2019).

O segundo jovem Laércio Tembé, relatou ter ouvido histórias de sua bisavó materna, conhecida por Ruth Tembé, quando também era pequeno durante o período das noites. E umas das histórias contada por ela era do jabuti



com a arara onde relatou que: “O jabuti namorava com a arara, só que pra apanhar sapucaia o arara mandava o jabuti subir no pé de sapucaia pra ela, ele não sabia subir...”

Durante a pesquisa feita foi possível constatar que há uma grande importância de se trabalhar as narrativas sobre os animais da floresta dentro dos espaços de aulas, como uma possibilidade de assegurar toda uma história que atualmente não está sendo transmitida com tanta frequência dentro das aldeias Tembé.

Após a coleta de informações foi então que eu comecei a desenvolver o material didático. Resolvi fazer utilizando a escrita e os desenhos ilustrativos, seguidos de sequências de atividades com intuito de nortear o professor em sala. Trabalho este, pensado para os alunos do 7º ano do fundamental maior na escola da aldeia Teko-Haw. E pode servir como suporte no trabalho do professor do ensino infantil proporcionando desde cedo a interpretação de textos através das imagens, assim como leituras de mundo através da interpretação oral.

As principais histórias trabalhadas são: O veado e o jabuti; A mucura e o jabuti; A preguiça e a onça; O tatu e a arara. Os conteúdos trabalhados na aplicação do material didático foram: interpretação textual, retextualização, análise linguística, a oralidade, leitura, produção textual, escrita, linguagem verbal e não verbal. Este planejamento foi desenvolvido com intuito de avaliar e formar o conhecimento dos alunos indígenas em Língua Portuguesa.

A metodologia adotada por mim durante as aulas foi na maior parte do tempo explicando, dialogando e escrevendo no quadro com intenção de facilitar a compreensão dos alunos com o assunto. E várias vezes fui chamada pelos alunos para tirar dúvidas ou explicar novamente o assunto. Observei no desenvolvimento das minhas aulas que os alunos são bastante prestativos, se mantêm sempre calmos. E os momentos que participam, são nas horas da realização das atividades, onde todos dialogavam uns com os outros e comigo tirando dúvidas com relação às questões trabalhadas em sala.

A avaliação foi realizada com base na participação dos alunos nas atividades em sala de aula, os resultados foram excelentes, pois os objetivos desejados foram alcançados, uma vez que pude realizar a coleta das histórias através de pesquisa de campo, e perceber o quanto essas histórias estão no campo do saber Tenetehar, e por isso este conhecimento deve ser extensivo a escola também, como foi feito através do material didático.

Desse modo, o material didático aqui elaborado veio proporcionar aos alunos indígenas Tembé um encontro com a leitura e escrita no ensino de Língua Portuguesa de forma prazerosa, a partir das histórias do nosso povo que são muito importantes para a perpetuação de nossa cultura e devem ser reconhecida



pelos sujeitos indígenas Tembé como um processo constante de aprendizagem, preservação e continuação desses saberes pertencentes ao nosso povo, além de ser considerada, como uma ferramenta primordial no contexto patrimonial cultural do Povo Tembé.

Imagem 2: Fotografias da aplicação do Material Didático.



Fonte: Valsanta Tembé, 2019.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho é um recurso didático que vem contribuir no processo do ensino e aprendizagem dos alunos da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Indígena Teko-Haw, uma vez que ela ainda não possui fundamentos metodológicos que tratam da realidade escolar dos alunos que nela atuam, pois, as narrativas orais vistas como uma temática de ensino, são essenciais no desenvolvimento do processo de aprendizagem dos discentes.

Essas narrativas ajudam bastante no processo de ensino/aprendizagem, pois tornam as aulas mais atrativas e prazerosas, alcançando melhor os objetivos desejados, de forma mais eficiente ao lançar um olhar atencioso para que a interculturalidade seja trabalhada de forma harmônica pelos professores que atuam em sala de aula, ao trabalhar a Língua Portuguesa através das narrativas Tene-tehar, com o intuito de transformar novas atitudes, capaz de entender e respeitar a realidade do outro, culturas diferentes que se entrelaçam com os objetivos maior de formar cidadãos.

Contudo, a partir deste estudo realizado, observa-se a grandeza do quanto essa temática contribui no processo de conhecimento dos discentes indígenas Tembé dentro do contexto escolar. Entendimento capaz de favorecer tanto com o mundo da escrita, quanto com a valorização destas histórias para o mantimento cultural Tembé, em meio às tantas mudanças que hoje ocorrem no mundo.



Atualmente, a população indígena Temb  mant m contato constante com sociedade branca, com acesso a inúmeras transformações tecnológicas e científicas que acabam modificando nosso modo de pensar e de agir. Por isso, o professor precisa fazer uso de método em sua prática pedagógica capaz de estimular os educandos a valorização integral com os elementos culturais, para que os alunos se constituam como cidadãos atuantes, conhecendo e resguardando seus princípios étnicos na sociedade.

Portanto, a construção deste trabalho de pesquisa, sobretudo a construção do material didático, foi de extrema importância para meu desenvolvimento acad mico e étnico, pois me senti, além de uma professora em formação em busca de aumentar meus conhecimentos sobre a educação escolar, sobretudo na disciplina Língua Portuguesa, que será minha área de atuação, me senti como uma autêntica cidadão Tenetehar, mergulhando ainda mais em minha cultura, refletindo sobre ela, para poder ressignificar o trabalho do professor indígena, aproveitando o necessário da cultura não indígena.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Est tica da criação verbal*. 3. ed. São Paulo. Editora Martins. Fontes. 2000.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. *Referenciais para formação de professores indígenas*. Brasília. 2002.

FARES, Josebel. Imagens da Matinta Perera em contexto amazônico. In: *Oralidade e Literatura: manifestações e abordagens no Brasil*. (Org.). FERNANDES, Frederico. Londrina: EDUEL, 2003.

FERNANDES, Frederico. *Entre histórias e terer s: o ouvir da literatura pantaneira*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

PIMENTEL, Danieli do Santos, FARES, Josebel Akel. O Lugar das poéticas orais. *Revista Boitat *, Londrina. 2014. p. 193.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz*. São Paulo: Companhia das letras, 1993.



TENETEHAR ZE'EGATE: O catálogo de exposição de artesanatos como metodologia de ensino de língua Tembé

Sandra Tembê¹⁴

Paula Miranda Monteiro¹⁵

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por intuito apresentar meu trabalho de Conclusão de Curso – TCC, do curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará – UEPA, na área de Linguagens e Artes – disciplina Língua Materna, onde através dos Artesanatos Tenetehar (*Teneterar ze'egate*), busquei possibilitar aos alunos uma aula mais criativa e contextualizada de nossa Língua Tembé. Este trabalho de pesquisa foi realizado na Aldeia Teko-Haw, localizada na Terra Indígena Alto Rio Guamá, às margens do Rio Gurupi, Município de Paragominas – PA e dele se originou um material didático específico para o trabalho na Escola Indígena Teko-Haw.

Os artesanatos são uma fonte riquíssima de conhecimentos dos costumes, tradições e modo de viver do povo Tembé, quando os primeiros ancestrais começaram a produzir estes artefatos, a Língua Tembé ainda era soberana no seio de nosso povo, não havendo nenhuma influência de qualquer outra língua ou cultura nos modos de ser Tenetehar. Portanto, nossos artesanatos estão diretamente ligados com nossa língua materna, pois um povo expressa sua cultura, modo de ser e de pensar através deste elemento primordial que é a língua materna.

A relação entre esses elementos, língua materna e artesanatos, é de fundamental importância para se pensar em um ensino-aprendizagem intercultural e diferenciado para nossa escola indígena, localizada na Aldeia Teko-haw. Estas reflexões sobre a relação entre cultura e língua são sempre muito bem-vindas para que possamos pensar cada vez mais sobre quem somos e como devemos fazer para que mesmo necessitando interagir com uma cultura diferente da nossa, saibamos fortalecer nossos saberes étnicos.

Iniciei os meus estudos em Língua Portuguesa aos 12 anos, na Escola Canindé que era o único prédio construído pela Funai na região Gurupi. A minha

¹⁴ Egressa do curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará – UEPA.

¹⁵ Mestra em Linguagens e Saberes na Amazônia. Docente do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena – UEPA.



primeira professora foi Carmiranda Gomes Padilha esposa do chefe de posto, o ensino só era de 1º a 4º- ensino fundamental, para mim foi tão difícil porque tive que deixar meus pais e conviver com famílias diferentes, mesmo com essa dificuldade consegui concluir a segunda série na época, depois parei e passei um longo período sem estudar.

Em 1993 estudei com o professor Norval, missionário na época, onde fui alfabetizada na própria língua materna, foi assim que eu aprendi a ler e a escrever em Língua Tembé, foi quando surgiu o interesse de ser professora de língua indígena na minha aldeia. Por volta de 1999 a Prefeitura de Paragominas municipalizou a educação indígena, logo disponibilizou professores não indígenas para as Aldeia Teko-Haw, Cajueiro e Canindé, mas só voltei estudar novamente em 2005, repetindo toda as séries que já tinha estudado, foi apenas nesse período que consegui concluir todo o ensino fundamental.

Em 2009 surgiu a vaga no curso do magistério indígena para formação de docente indígena no Pará, me inscrevi no curso, ao mesmo tempo comecei trabalhar na Escola Teko-Haw, voluntariamente com os alunos do 5º ano do ensino fundamental. Nesse percurso o trabalho foi difícil por falta de material didático para utilizar com os alunos, porque todo material didático que a secretaria disponibilizava não era adequado à nossa realidade, por isso não facilitava a aprendizagem da língua indígena com os alunos.

O motivo que fez eu me interessar pela disciplina Língua Materna Tembé, foi o fato de eu ter sido criada falando esta língua, o contato com o Português veio depois. Em nossa casa só falávamos na Língua Tembé, e até hoje é assim, mesmo já conhecendo o Português ainda falamos a nossa língua.

Também tive a oportunidade de me formar no Magistério Indígena e na sequência passei a dar aula de Língua Tembé na Escola Indígena Teko-Haw, momento de grandes desafios em meu percurso como professora, mas que me motivou a entrar no Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da UEPA, pois queria melhorar as condições de ensino nesta área. O motivo pelo qual incluí os artesanatos em minha prática pedagógica foi o fato de eu ser artesã, aprendi esta arte com minha avó e continuo praticando, pois é um conhecimento de extrema importância em minha vida.

Os sujeitos entrevistados neste trabalho foram as senhoras: Ruth Tembé de 87 anos, residente da Aldeia Teko-Haw e Maria de Fátima Tembé de 56 anos, moradora da Aldeia Faveiro.

Pretendo responder nesta pesquisa a seguinte situação problema: *Quais os resultados obtidos no processo de ensino com os alunos do 5º ano do ensino fundamental da Escola Indígena Teko-Haw, ao trabalhar conteúdos relativos à disciplina Língua Tembé, através do Catálogo de Exposição de Artesanatos Tembé?*



Para responder a este problema de pesquisa, formula-se as seguintes questões norteadoras: Quais são os artesanatos que fazem parte da cultura Tenetehar? Como os Artesanatos Tenetehar podem contribuir para o ensino da Língua Tembé e para o fortalecimento cultural de nosso povo? De que maneira o Catálogo de Exposição de Artesanatos Tenetehar possibilitou a aprendizagem dos alunos do 5º ano do ensino fundamental, ao trabalhar conteúdos relativos à disciplina Língua Tembé?

Desta forma, esta pesquisa tem como objetivo geral avaliar quais os resultados obtidos ao trabalhar conteúdos relativos à disciplina Língua Tembé com os alunos do 5º ano do ensino fundamental da Escola Indígena Teko-Haw, através do Catálogo de Exposição de Artesanatos Tenetehar. Os objetivos específicos são: 1) Identificar quais são os artesanatos existentes na cultura Tenetehar; 2) Verificar como os artesanatos Tenetehar se constituem como instrumento de aprendizagem de Língua Tembé e de fortalecimento cultural de nosso povo; 3) Elaborar material didático específico para a Escola Indígena Tembé. Na tessitura teórica deste artigo contarei com o aporte de Rodrigues (1985), Marcuschi (2002) e Koch (2012).

Esta pesquisa é de cunho bibliográfico e qualitativo, pois: “o pesquisador só pode ter acesso a fenômenos particulares, que são as produções sociais significantes dos indivíduos, quando participa do mundo que se propõe a estudar” (Goldenberg, 1998, p. 58). Outra técnica utilizada será a pesquisa de campo, através de entrevistas em formato de áudio, com alguns anciões da aldeia Teko-Haw e a observação participante que para Gil (2010, p. 32) possibilita o acesso a dados que a comunidade ou grupo considera de domínio privado, possibilita também captar palavras de esclarecimento que acompanham o comportamento dos observados.

A LÍNGUA E O ARTESANATO TENETEHAR

A Língua Tembé é uma língua pertencente à família Tupí-Guaraní, que segundo o Rodrigues (1985), é membro do subconjunto IV dessa família linguística, juntamente com as línguas: Tapirapé, Ava-Canoeiro, Assurini do Tocantins, Parakanã, Suruí e Guajajara. Atualmente a língua Tembé é falada por diversas pessoas, principalmente nas aldeias localizadas na região do Rio Gurupi. Tudo o que construímos culturalmente, nossas características étnicas, modos de ser, agir, pensar, nossa arte, rituais sagrados, tudo isso chegou até nós por meio de nossa língua, tudo o que somos, cabe dentro de nossa língua materna, como o próprio nome diz, é uma mãe que dá origem a toda nossa identidade.

Segundo Rodrigues (2015):

Língua e cultura se interpenetram de tal forma, que não se pode conceber uma sem a outra. Sem as línguas não poderiam ter-se desenvolvido as



culturas humanas, pois as línguas é que permitem não só a transmissão da experiência dos conhecimentos e dos conhecimentos adquiridos às gerações seguintes, mas também as ações cooperativas que caracterizam a organização dos indivíduos em sociedade (Rodrigues, 2015. p. 39).

Portanto, uma boa estratégia para o ensino/aprendizagem de uma língua é através de uma imersão no próprio universo cultural no qual essa língua está inserida, principalmente no caso de nossa língua Tembé que já sofre tanta influência da Língua Portuguesa, uma vez que alguns indígenas já aprendem o Português como primeira língua e já percebemos que a cultura não indígena está bastante presente no cotidiano de nosso povo, principalmente dos jovens.

Desta forma, é importante trazer para a sala de aula, estratégias que possibilitem um maior contato com os elementos de nossa cultura, assim como refletir sobre esses elementos para o fortalecimento de nossa língua, já que, como postula Rodrigues (2015, p. 39) “Cada língua corresponde, na realidade, a um complexo etnolinguístico, um corpo de hábitos, experiências, conhecimentos, maneiras de ser e de sentir para os quais essa língua tem expressão adequada e imediatamente disponível”.

Um desses conhecimentos expressos através de nossa língua é a arte que produzimos. A arte é uma manifestação presente em diversas comunidades indígenas, geralmente está ligada com nossos rituais, como por exemplo, as nossas danças, cânticos e muitos artefatos que utilizamos, o que nos mostra como tudo está relacionado dentro de nossa cultura e é através de nossa língua mãe que acessamos esses conhecimentos, dando-lhes expressão para que sejam transmitidos e conhecidos pelas futuras gerações, formando o que conhecemos como cultura Tenetchar. A senhora Ruth Tembé de 87 anos afirma que:

Antigamente, antes de chegada da Língua Portuguesa nas nossas aldeias todas as Aldeias só falavam a Língua Tembé, hoje muitos jovens têm vergonha de falar sua própria língua devido o uso da Língua Portuguesa, mas mesmo assim continuamos mantendo a língua materna, os conhecimentos, os nossos artesanatos e tudo isso nos identifica como um povo é a nossa identidade, eu falo desde criança aprendi a fazer vários tipos de artesanatos também, como: rede, maracá, cuia, saia (Ruth Tembé, 2019).

A Dona Ruth Tembé é uma de nossas anciãs da Aldeia Teko-Haw, ela tem muito conhecimento sobre nossa arte, cultura e língua materna, foi responsável por repassar seus conhecimentos para muitas pessoas, inclusive para mim e tem contribuído muito para a preservação identitária Tenetchar em nossa aldeia, principalmente, ensinando sobre a confecção e significado de nossos artesanatos. Neste sentido, é importante considerar que:

Apesar da grande diversidade de manifestações, as artes indígenas não são criadas para ser contempladas. Revestem-se antes de particularidades expressivas e constituem, na maior parte das vezes, meio para a transmissão de concepções de fundo social ou cosmológico. Possuem, dessa forma,



funções representativas e utilitárias, além de outros objetivos e eficácias. A experiência estética constitui, para os índios, elemento fundamental na transmissão de conhecimentos e de valores sociais, por meio dos quais pode ser definida sua especificidade, ou seja, a natureza ou a essência de sua própria humanidade. Deve ter, portanto, apreciação que englobe igualmente outras expressões culturais (Velthem, 2010, p. 23).

Outra narrativa que ratifica a importância da prática da conservação e valorização de nossa cultura, é a de Maria de Fátima Tembê de 56 anos, moradora da Aldeia Faveiro, grande conhecedora dos saberes de nosso povo:

Nossos avós foram muito resistentes e conseguiram manter todos esses conhecimentos e habilidade de como confeccionar todos esses materiais: plumária, fiação e tecelagem e também as pinturas corporais e os cantos do povo Tembê. Antes, esses saberes só eram passados oralmente porque não tinha o conhecimento da escrita, agora nos dias de hoje, temos os professores indígenas que ensina o próprio indígena dentro da escola que também é um local adequado para ensinar todos esses conhecimentos e também estabelecer com as outras aldeias essa minha reflexão sobre os nossos artesanatos e a Língua Tembê (Maria de Fátima Tembê, 2020).

Estas reflexões sobre a relação entre cultura, língua e artesanato, suscitam outra reflexão, que é a perspectiva do Patrimônio Cultural, pois toda essa riqueza presente em nossa cultura se configura como patrimônio cultural do povo Tenetehar, assim, é importante trazer à luz este olhar perante nossa prática pedagógica, a língua e o artesanato como patrimônio cultural Tenetehar, sendo a Língua Tembê, um patrimônio cultural imaterial. Para Gallois (2006), o patrimônio cultural imaterial são:

As práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – assim como os instrumentos, objetos, artefatos e espaços culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, indivíduos reconhecem como fazendo parte integrante de seu patrimônio cultural. Esse patrimônio cultural imaterial – que se transmite de geração em geração – é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu entorno, de sua interação com a natureza e sua história, e lhes fornece um sentimento de identidade e de continuidade, contribuindo assim a promover o respeito pela diversidade cultural e a criatividade humana (Gallois, 2006, p. 10).

Gallois (2016) inclui nesta categoria de Patrimônio Cultural Imaterial: as tradições e expressões orais, incluindo a língua como veículo do patrimônio cultural imaterial, a dança, música e artes da representação tradicionais, as práticas sociais, os rituais e eventos festivos, os conhecimentos e os usos relacionados à natureza e ao universo, as técnicas artesanais tradicionais. Então, o fato de a língua materna ser esse veículo do patrimônio cultural imaterial, que é todo esse conhecimento das raízes étnicas de um povo, a perda dessa língua significa a perda de um todo identitário de grandeza inestimável, de conhecimentos únicos. Daí a importância de se buscar melhores formas de preservar a Língua Tembê.



OS GÊNEROS TEXTUAIS NO ENSINO DE LÍNGUA TEMBÉ

Nesta proposta de ensino apresento a perspectiva dos gêneros textuais, por acreditar que esta é uma forma muito eficaz de trabalhar o ensino-aprendizagem também na Língua Tembé, pois mostra para nossos alunos as diversas maneiras de produção textual, tanto na oralidade que é uma característica muito forte de nós, povos indígenas, como também na escrita, que é uma habilidade que precisamos desenvolver cada vez mais para termos uma vida cidadã efetiva diante da sociedade envolvente, os não indígenas.

Marcuschi (2001) considera que cabe à escola promover o debate e embate entre oralidade e escrita, uma vez que estas estão amplamente ligadas entre si, entendendo que não há assim como privilegiar o estudo da língua materna sem considerar as duas modalidades, uma vez que uma decorre da outra e as promove de forma concomitante na interação com o meio. A escrita, enquanto aspecto formal da língua permitirá ao seu estudioso um olhar mais estanco, considerando apenas o contexto em que será empregada, todavia mesmo sob a égide da coerência e coesão, como nos diz, Koch (1995, p. 68-9), há uma escrita informal que se aproxima da fala e uma fala formal que se aproxima da escrita, dependendo da situação comunicativa.

Os gêneros textuais permitem que essas habilidades, oral e escrita, sejam desenvolvidas, sem que uma se sobreponha a outra, e sim no sentido de se completarem, mostrando para o aluno a diversidade de formas em que essas habilidades podem ser vivenciadas textualmente. Marcuschi (2002) afirma que os gêneros textuais são ilimitados, pois inúmeras são as formas comunicativas que requerem seu uso.

E uma dessas formas comunicativas que utilizamos para compor este trabalho foi o gênero textual Catálogo de exposição, para que a partir dele nossos alunos possam ter mais conhecimento sobre nossos artesanatos e também de nossa língua materna, este gênero textual apresenta cada peça de nosso acervo de artesanatos, através de imagem ilustrada e com seu respectivo texto descritivo, redigido em Língua Tembé, apresentando do que cada peça do catálogo é feita e para que serve dentro de nossa cultura. Assim,

Os catálogos de exposição, por sua vez, são reflexo e decorrência do espaço expositivo e do que nele está exposto. Em suas páginas se encontram reproduções do acervo disponibilizado, associado a apreciações institucionalizadas, permitindo uma aproximação do observador com a obra, dentro das escolhas feitas para a produção do enunciado no contexto enunciativo da exposição (Teixeira Coelho, 2008, p. 9).

Outra definição para gênero textual Catálogo de Exposição:

Catálogos, em sua acepção mais geral, são instrumentos de organização, categorização, sistematização e exposição de informações, utilizando-se de recursos verbais ou verbo-visuais, de acordo com a natureza da informação catalogada. Ou seja, entende-se catálogo como um instrumento de consulta (Koch, 2012, p. 19).



Interessante que podemos observar diversos aspectos a serem trabalhados no ensino-aprendizagem de língua materna a partir deste gênero textual, e um deles é a linguagem verbal ou verbo-visual, que se configura como um estímulo a criatividade do aluno, da mesma forma os gêneros textuais em geral possibilitam que o aluno faça diversas atividades de leitura e produção textual, também podem estimular a prática da oralidade, uma vez que, existem gêneros orais e escritos, também podemos propor atividades de retextualização de um gênero para outro, tudo isso tendo como ponto de partida a cultura e identidade Tenetehar.

ELABORAÇÃO E APLICAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO “TENETEHAR ZE’EGATE RUPI”

A elaboração e aplicação do material didático “Tenetehar Ze’egate Rupi” - Catálogo de Exposição de Artesanatos Tenetehar, foi realizada na aldeia Teko-Haw. Para a elaboração do material, iniciei com algumas leituras sobre línguas e arte indígena, também realizei pesquisa de campo para colher alguns depoimentos de anciões da aldeia sobre a língua e artesanatos Tembé. Dada a importância dessas pessoas para o repasse de conhecimento e perpetuação de nossas tradições culturais, no momento da pesquisa de campo pude aprender ainda mais e pensar sobre uma melhor maneira de repassar esses conhecimentos na escola indígena de forma intercultural e diferenciada.

Imagem 1: Capa do Material Didático



Fonte: Sandra Tembê, 2019.



Após a pesquisa de campo, escolhi os artesanatos que fariam parte da cartilha e começamos o trabalho de ilustração, pedi a um rapaz da comunidade para que fizesse as ilustrações, enquanto eu construía os textos da cartilha, todos em Língua Tembé. Após essa etapa comecei a construir os planos de aula, relativos à aplicação do material didático, com conteúdo de leitura, interpretação, produção textual, e também alguns jogos para deixar as aulas mais lúdicas e criativas.

Após a elaboração das sequências didáticas utilizadas para a aplicação do material didático, iniciou a aplicação do material na Escola Indígena Teko-Haw, com os alunos do 5º ano do ensino fundamental, o material foi trabalhado através de leitura, interpretação, produção textual e jogos. A ideia de trabalhar com os jogos foi para atribuir mais ludicidade às nossas atividades, utilizamos um jogo de dado, jogo da memória, dominó e caça-palavras, todos envolvendo a língua Tembé.

Todos gostaram dos jogos e alguns fizeram sugestões de outros jogos que podemos utilizar nas aulas, faremos isso em um outro momento, notei também que alguns tiveram certa dificuldade na hora utilizar os jogos, mas que depois de esclarecidas as dúvidas, conseguiram desenvolver a atividade normalmente. Portanto, essas estratégias que utilizei foram muito proveitosas, e os resultados foram positivos no aprendizado dos alunos de nossa língua materna.

As atividades de leitura, interpretação e produção textual também foram muito proveitosas, embora eu tenha notado algumas dificuldades dos alunos, principalmente na produção textual, mas foi bom para fazer uma avaliação de onde estão as maiores dificuldades, para que se possa montar novas estratégias e resolver esta situação, de modo geral a participação oral e escrita dos alunos nas aulas foi de muito positiva.

No final das aulas os alunos conseguiram melhorar a escrita da Língua Tembé e perceberam ainda mais o quanto a língua é de suma importância para nós. Também pedi que fizessem seus próprios desenhos dos artesanatos, sem consultar o catálogo. Os desenhos ficaram muito bons, acredito que pelo fato desses artefatos fazerem parte do cotidiano deles, já estão acostumados, assim, fizeram desenhos de cocar, pulseira de tucumã, maracá, pinturas corporais, saia feita com penas de aves, peneira, entre outros. O interessante nesta atividade é que os alunos não foram instruídos sobre quais artesanatos deveriam desenhar e também não perguntaram a respeito, simplesmente desenharam os objetos que, por sua vez, ficaram muito bons.



Imagem 2: Fotografias de momentos da aplicação do material didático na Escola Indígena Teko-Haw.



Fonte: Acervo pessoal Sandra Tembé.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste trabalho de pesquisa, no curso de Licenciatura Intercultural Indígena foi um momento muito satisfatório em minha vida como professora indígena da etnia Tembé, momento em que obtive vários conhecimentos para a produção e aplicação do material didático, que se deu realmente de forma intercultural e diferenciada. No início da aplicação de nosso material didático, percebi que os alunos demonstravam timidez e até mesmo um pouco de desânimo, mas com o tempo pude perceber o avanço que tiveram com relação aos conteúdos trabalhados.

Todos se empenharam na produção, sempre interagindo com o colega. Os alunos que tinham dificuldade, procuravam sempre perguntar e esclarecer as dúvidas. Tive boas surpresas, mas a melhor, foi a de conseguir alcançar os objetivos propostos, que foi promover o conhecimento da língua Tembé através do trabalho com nossos artesanatos na aldeia, a partir do ensino/aprendizagem do gênero textual catálogo de exposição para o desenvolvimento da leitura da escrita na língua do nosso povo.

Fico muito agradecida por esta experiência, pois através dela percebi que nós, povos indígenas podemos ir muito mais longe em nossa educação escolar, e assim venceremos as barreiras que ainda estamos enfrentando, fortalecendo nossos costumes e crenças diante de nós mesmos e diante da sociedade não indígena, formando cidadãos capazes de lutar por seus próprios direitos.

Espero que cada vez mais nossa cultura seja respeitada e valorizada por todos, pois temos uma grande riqueza, um grande patrimônio cultural e não podemos de modo algum abrir mão dele, pois é um exemplo para toda a humanidade, somos um povo de luta e vamos continuar lutando por melhorias em nossas aldeias e em nosso país, para que todos os indígenas possam cada vez mais fazer o exercício pleno de cidadania.



REFERÊNCIAS

- GALLOIS, Dominique Tilkin. *Expressão gráfica e oralidade entre os Wajãpi do Amapá - Brasil*. Boletim do Museu do Índio, Documentação, Rio de Janeiro, v. 9, p. 67, 2002. Patrimônio cultural imaterial e povos indígenas. São Paulo: Iepé, 2006.
- GIL, Antônio Carlos. *Metodologia e Técnicas de Pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2010.
- GOLDENBERG, Miriam. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. 3 ed. São Paulo: Record, 1999.
- KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. “Gêneros textuais” In: KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: Os sentidos do texto*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros Textuais: Definição e funcionalidade*. In: BEZERRA, Maria Auxiliadora; DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Ana Rachel. *Gêneros Textuais e ensino*. 2. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- Rodrigues, A. D. (2015). Biodiversidade e diversidade etnolinguística na Amazônia. *Ecolinguística: Revista Brasileira De Ecologia E Linguagem (ECO-REBEL)*, 1(1), 38-46. Recuperado de <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/9966>
- TEIXEIRA, Coelho. *As quatro estações de uma coleção*. In: MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO ASSIS CHATEAUBRIANT. *A natureza das coisas*. São Paulo: Comunique, 2008.
- VELTHEM, Lucia Hussak Van. *Artes indígenas: notas sobre a lógica dos corpos e dos artefatos*. Textos escolhidos de cultura e arte populares, Rio de Janeiro, v.7, n.1, p. 19-29, mai. 2010



AS ARTES VISUAIS DO POVO TEMBÉ: possibilidades de uso na educação escolar indígena Tembé

Jailton Carneiro Tembé¹⁶
Thomas R. A. Teixeira¹⁷

INTRODUÇÃO

As artes de cerâmica são de suma importância para o povo Tembé Tenetehar, estando sempre presente dia a dia deste povo. Podemos observar o uso dos objetos de cerâmica nos potes, panelas, alguidar e outras peças para os mais diversos tipos de utilização. As peças mais antigas de cerâmicas, que já não são produzidas, deixaram histórias guardadas nas memórias dos indígenas mais idosos do povo Tenetehar. Esse saber, o modo de construção das peças de cerâmicas com argila, era passado de geração em geração, por isso, trabalhos como esses, que focam nas artes visuais, seja a pintura em tela ou na cerâmica com argila, são fundamentais na escola para o avanço dela em direção à cultura do povo Tembé.

A arte é um dos elementos que expressa a identidade étnica e cultural de um povo, sendo a produção de materiais didáticos um instrumento a mais no fortalecimento da identidade do povo Tembé. É fundamental que os professores e alunos percebam a relevância desse aspecto cultural do nosso povo e reflitam sobre essas questões e que também tenham oportunidade de desenvolver suas potencialidades, como produtores de artes, no processo, por exemplo, de preparação de livros para a traduzir e comunicar as concepções estéticas e o sentimento de seu povo, assim como os nomes na língua.

Este trabalho foi realizado a partir, primeiramente, de um levantamento bibliográfico de materiais da área das artes com a finalidade de organizar uma exposição e produzir um catálogo das peças de cerâmica. Realizei, ainda, um minicurso sobre a cerâmica Tembé, para proporcionar aos alunos na escola Canindé e nas demais escolas das outras aldeias Tembé, através das orientações dos mais idosos da aldeia, o ensino de como

¹⁶ Egresso do curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará – UEPA. Docente e diretor pela Secretaria Municipal de Educação de Paragominas. Atua na Escola Indígena Canindé.

¹⁷ Docente do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará – UEPA. Docente da Secretaria de Estado de Educação (Seduc/PA). Sociólogo (registro nº 0000850/PA).



são feitas as peças de cerâmicas e, como se constituem como patrimônio cultural do povo Tembê. Dessa forma, foi repassado conhecimentos tradicionais para a comunidade escolar e a comunidade em geral, não ficando restrito ao ambiente escolar tal trabalho.

Objetiva-se estimular e promover a prática destas artes nas escolas Tembê para que os alunos conheçam os trabalhos artísticos do nosso povo e possam valorizar as culturas indígenas com seus saberes históricos relacionados às artes. Espera-se, ainda, que com esse trabalho os alunos compreendam como eram os vasilhames das peças de cerâmicas antigas, como eram utilizadas esses objetos na etnia Tenetehar, quais materiais são e/ou eram utilizados para a construção das modelagens de cerâmicas, com as quais elas eram criadas, para assim fortalecer a identidade patrimonial artístico Tembê.

Buscamos fomentar também acerca do debate sobre a importância da natureza para desenvolvimento desta prática, uma vez que vários materiais usados, por exemplo, na produção das cerâmicas são extraídos da natureza como: argila, talas e fibras para amarrações. Tal discussão é importante, pois é perceptível que esse debate ainda é fraco, sobretudo entre os professores, pois a prática de produzir cerâmica já é fraca na aldeia, sendo mais difícil encontrar pessoas especialistas em confeccionar essas peças.

APROXIMAÇÃO AO TEMA

Esse trabalho surge como uma forma de fortalecer o ensino de artes visuais nas escolas Tembê, proporcionando aos alunos do 5º ano uma experiência a partir do meu trabalho como artista visual. A ideia inicial é fazer um diagnóstico das formas de expressar as artes na aldeia Canindé, apresentar a importância das cerâmicas existentes em nosso território, percebendo as formas de transmissão desses conhecimentos entre os Tembê, bem como verificar qual é a forma mais adequada de repassar tais conhecimentos, aliando, desse modo, as práticas de educação já presente nas escolas dentro da aldeia Canindé e os conhecimentos tradicionais do povo Tembê.

O interesse em realizar esse estudo surge a partir de vários aspectos, entre eles destaco: o meu interesse de trabalho com as artes na escola da aldeia onde venho exercendo a docência, o futuro das crianças que estudam e passam por disciplinas que nem sempre estão preocupadas em reforçar os nossos saberes tradicionais e culturais, na disciplina de artes, por exemplo, é mais presente essa dificuldade pelo desconhecimento que o professor não indígena tem sobre a nossa cultura, assim como a dificuldade que o professor indígena tem de usar a arte Tembê em sala de aula.

Dessa forma, eu professor Jailton Tembê, que já atuo na disciplina de artes indígenas, quero levar para meus alunos mais conhecimentos sobre o trabalho



artísticos, descobrir o potencial dos alunos artistas que ainda está escondido, estimulando para que desenvolva esta habilidade.

Nesse sentido, destaco a ausência de professores qualificados que sejam sensíveis ao assunto, bem como a falta de continuidade de capacitação de professores indígena e a ausência de materiais didáticos voltados especificamente para esta área o povo Tembé. Uma outra dificuldade presente, ainda, hoje, no que se refere à educação do povo Tembé, é a adequação de um calendário específico para as escolas.

Outro fator que dificulta a educação do povo Tembé é a estrutura das escolas, que nem sempre é a esperada. As escolas indígenas ainda carecem de uma estrutura básica, sobretudo no que se refere ao desenvolvimento de trabalhos voltados para as artes visuais. Falta nas nossas escolas materiais essenciais, como por exemplo: papel, tintas, pincel, tala etc.

Em suma, ainda temos muitos desafios para superar no que se refere a ter uma escola bem estruturada, com ambiente de conforto para receber os alunos e professores, para se ter assim resultados satisfatórios no que corresponde o futuro de nossos alunos em todas as disciplinas, mas principalmente na disciplina de artes.

APLICAÇÃO DO MATERIAL

É importante para o fortalecimento da identidade do povo Tembé Tene-tehar suas práticas, modos de fazer, festas e outros aspectos que são características importantes de sua cultura. Os anciões, nossos dicionários e enciclopédias vivas, as fontes principais e fundamentais na transmissão da cultura e da identidade do nosso povo, que ajudaram nas informações para o desenvolvimento da pesquisa desse trabalho de artes, especificamente sobre as peças de cerâmicas Tembé, porque são eles que têm guardado a história de tudo que faz parte da cultura tradicional, portanto, a realização deste trabalho tem o intuito de desenvolver ainda mais as artes visuais na etnia Tembé, o foco recai, sobretudo na arte de cerâmicas.

O material didático que foi elaborado para o ensino dos alunos da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Indígena Canindé para a turma do 5º ano, foi construído buscando sempre colaboração e envolvimento da aldeia. Na elaboração dos desenhos, por exemplo, se deu a partir de pesquisa e da orientação dos mais velhos do povo Tembé, que detêm mais conhecimentos sobre o trabalho artísticos. Cabe destacar, ainda, que a participação dos mais velhos foi primordial, pois eles participaram de todas as etapas desse trabalho. Primeiro no levantamento das informações, que se deram, principalmente por meio de entrevistas e depois na aplicação do material com os alunos na escola.



A aplicação deste material ocorreu em dois momentos. Primeiro foi apresentado, através de uma exposição das matérias-primas e ferramentas necessárias para produzir as artes do povo Tembé. Nesse momento, os alunos puderam conhecer as artes construídas de forma prática, mostrando também catálogo, o material didático elaborado que visa o ensino e aprendizado na cultura do povo Tembé na escola da aldeia.

O segundo momento, ocorreu a partir de um minicurso, onde se deu orientações de como construir peças de cerâmicas. Além disso, se debateu também sobre os distintos saberes que envolvem esta prática, sobretudo sobre aqueles que guardados nas memórias dos nossos anciões Tembé, fazendo com que eles, não deixem somente esses conhecimentos acumulados nas suas memórias, mas sim fazendo essa transmissão de saberes para os jovens de sua etnia, mostrando para os alunos o valor que nosso patrimônio cultural tem e o quanto não podem deixar de utilizar e construir as peças de cerâmicas, que é um dos nossos patrimônios.

Discutiu-se, ainda, no minicurso que todas as peças têm uma função e uma maneira de serem utilizadas. Esse foi o primeiro passo para o aluno se familiarizar com os objetos, trazendo essa estratégia de ensino para as escolas indígenas Tembé. Ressalto que é muito importante para os professores trabalharem em sala de aula com os alunos utilizando esses conhecimentos práticos, com objetivo de fortalecer a identidade e o patrimônio cultural do povo Tembé.

O minicurso buscou fomentar o estudo das artes de cerâmicas na escola da aldeia Teko-Haw no intuito de proteger e fortalecer tal prática tradicional e do uso dessa matéria-prima construída de barro, assim fazendo a proteção desse aspecto cultural. Assim, esse trabalho visa assegurar, por meio da escola, o ensino desse patrimônio cultural com vistas à utilidade dessas artes para o meio de vida do povo da aldeia.

Esse minicurso aliou, ainda, a temática do patrimônio com a da cerâmica. O Patrimônio Arqueológico é um incentivo para se valorizar esses materiais recordando as histórias dos antepassados Tembé da aldeia Canindé. A exemplo de patrimônio citamos as paredes do Posto Pim Canindé, construída de tijolos que, por sua vez, foram feitos com barro retirado da margem do rio, no porto da Aldeia Canindé na década de 1940. Atualmente, essas paredes ainda estão de pé como forma de recordação para as nossas histórias. Podemos perceber aqui outra forma de utilizar o barro para a produção de tijolos.

Nas construções das peças de cerâmicas Tembé, os moradores da aldeia Canindé retiravam o barro do próprio local para modelar seus vasilhames utilizados no cotidiano, além disso, tem o canhão de proteção da aldeia, as máquinas de construção de telhas e tijolos, tudo isso faz parte do patrimônio cultural do



povo Tembê, pois são saberes próprios do povo, e devem ser transmitidos para os jovens na escola e na aldeia.

Cabe destacar que para a realização do minicurso elaborei um plano de curso, pensei em um minicurso de orientação de construção de peças de cerâmicas como patrimônio cultural Tenetehar incluindo a aldeia com participação especial dos anciões, alunos e professores e os demais participantes interessados em aprender todos os processos de modelar e construir essas artes escultóricas do povo Tembê, o tema principal do minicurso foi as artes visuais do povo Tembê, onde as peças de cerâmicas estão inseridas dentro do contexto das artes visuais, pretendendo descobrir mais sobre o conhecimento desses materiais com os anciões da comunidade da Aldeia Teko-Haw. Utilizei também esse momento como pesquisa, para enriquecer mais o trabalho com os anciões da aldeia, pois já havia feito pesquisa na aldeia Cajueiro e Canindé.

A oficina iniciou às 09h10 da manhã na escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Indígena Teko-Haw, trazendo a preparação do barro, onde ocorreu uma troca de conhecimentos para todos que ali estavam presentes. Dois idosos da aldeia deram orientações para os jovens, sobre seus conhecimentos referentes à construção de cerâmicas, Dona Maria Tembê e o Senhor Moreira Tembê. Eles trouxeram também para a oficina a classificação dos tipos de barros para a construção das cerâmicas, alguns desses materiais não precisam de preparo, pois já são extraídos pronto para serem utilizados da natureza.

Imagem 1: Anciões da aldeia Teko-Haw ensinando a construção das peças de cerâmica.



Fonte: Jailton Tembê, 2019.



Foram construídos muitos modelos de peças. O aprendizado foi muito enriquecedor, porque mostraram que não só os alunos aprendem a partir de trabalhos como esses, mas nós professores também. Os conhecimentos sobre as Artes Tembê e cerâmica que carregamos, são frutos do trabalho do povo Tenetehar e temos que repassar para os jovens o conhecimento desse patrimônio cultural e não deixar de utilizar o que é nosso. Por fim, o minicurso de orientação de construção de peças de cerâmicas finalizou-se às 10h30 da manhã.

Quando se pode contar com a participação da aldeia na ajuda aos professores orientando os mais jovens para que possam sentir e usufruir de algo que lhe pertence, que deem o devido valor às artes indígenas é um estímulo a mais aos profissionais da área da educação. Acreditamos que assim teremos uma resposta positiva que venha reforçar a importância desses significados e a valorização do nosso Patrimônio cultural do povo Tembê Tenetehar.

O planejamento inicial foi de um minicurso incluindo e estimulando os idosos da aldeia a participando na orientação, para explicação de construção das peças de cerâmicas da cultura do povo Tembê, mostrando passo a passo o projeto de como construir as peças valorizando mais o uso desses materiais na cultura Tenetehar, o minicurso foi bem proveitoso com bons resultados que atraiu alunos, anciões e comunidade da aldeia, a construírem vários objetos de barro para apresentarem e falarem sobre elas chamando a atenção de todos. Como culminância foi realizada exposição de algumas peças de cerâmicas dando as respectivas explicações de como são construídas, matérias-primas necessárias, enfim, todas das aldeias estiveram presentes.

No que se refere à aplicação do material didático, este se desenvolveu a partir de sequências didáticas com vários conteúdos voltados para as artes visuais, programados sobre as artes de cerâmicas e pinturas em telas e outras artes visuais, a aplicação com cerâmicas foi na escola Canindé, desenvolvendo na prática as artes na construção das cerâmicas.

Nos dias 11 e 12/11/2019, e dia 13/11 foi organizado o evento, fruto do projeto de TCC, um evento na Escola Teko-Haw, com diversas vivências e oficinas para mostrar aos alunos a importância dos elementos de nossa cultura como patrimônio cultural de nosso povo. Foram construídos muitos modelos de peças, aprendemos muito, enriquecendo mais as práticas de sala de aula sobre as Artes Tembê, é uma herança do povo Tenetehar e temos que repassar para os jovens nas escolas, o conhecimento desse patrimônio cultural e não deixar de utilizar o que é do povo Tembê, que marca enquanto povo indígena.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido no âmbito da Licenciatura Intercultural Indígena foi um momento satisfatório como Tembê, professor e artista, onde foi possível ampliar os conhecimentos acerca das artes, tanto indígena como não indígena, na elaboração das sequências didáticas de forma intercultural e interdisciplinar. Por meio do estudo e da pesquisa foi possível alcançar os objetivos propostos nesse projeto. No início da aplicação da Sequência Didática sobre as artes visuais do povo Tembê, foi trabalhado a arte Tenetchar a partir das peças de cerâmicas e, os alunos demonstraram certo interesse em aprender mais acerca dos saberes sobre as cerâmicas, apesar de apresentarem certa timidez na hora de expor suas ideias e/ou nas atividades propostas na Sequência. É sempre um desafio fazer algo que seja diferente na sala de aula, fugir da norma ou do que é natural, o ensino formal, é um desafio para o professor e para os alunos.

REFERÊNCIAS

ASSIS, H. L. et al. (Orgs.). *O ensino de Artes Visuais: desafios e possibilidades contemporâneas*. Goiânia: Grafset, 2009.

BRASIL. *Referencial curricular nacional para as escolas indígenas*. Brasília. Secretaria de Educação Fundamental / MEC / SEF. 1998. 339p.

EÇA, Teresa Torres De. *Para além do crepúsculo das artes visuais na escola*. In Revista Lusófona de Educação, n. 26, p. 17-27, 2007.



A ARTE DO GRAFISMO TEMBÉ

Katiane Leitão Tembê¹⁸

Thomas R. A. Teixeira¹⁹

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta uma pesquisa que resultou na elaboração de um material didático, que tem como objetivo trabalhar com o grafismo do povo Tembê da Terra Indígena Alto Rio Guamá (TIARG) da região do Gurupi. Esse material foi produzido para ser trabalhado com alunos do 6º ano do ensino fundamental, da escola Maria Francisca Tembê, localizada na Aldeia Cajueiro. Este tema surgiu a partir das dificuldades vivenciadas pelo povo Tembê, com relação à falta de materiais didáticos que tratassem traços da nossa cultura Tembê e por conta dessa necessidade busquei trabalhar este tema, a arte do grafismo Tembê.

As pinturas estão sempre presentes na vida dos povos indígenas, pois são as responsáveis pelo fortalecimento de cada cultura. Este material, por sua vez, apresenta aspecto relacionado ao grafismo das pinturas corporais do povo Tembê, também destaca os diferentes momentos que se podem utilizar as pinturas, seus significados, o processo de elaboração das tintas feitas com jenipapo e urucum. Todos esses aspectos são descritos neste trabalho. Na elaboração deste trabalho, foram realizadas entrevistas com os mais velhos, para melhor desenvolvimento do tema, pois são eles as fontes dos saberes tradicionais da cultura Tembê. Todas as atividades realizadas no âmbito dessa pesquisa foram registradas em fotografias, entrevistas e atividades para serem trabalhadas com os alunos em sala de aula.

A arte do povo Tembê está sempre presente em diferentes momentos da vida deste povo, nos rituais, nas caçadas, nas brincadeiras, nas moradias ou até mesmo na organização social desse povo. A arte se constrói através de valores, união, conhecimento e as técnicas de fazer suas produções. Cada povo tem sua forma de produzir suas artes, a arte do grafismo não é diferente. Esses grafismos são um grande registro de memória deixada pelos ancestrais. Na arte podemos

¹⁸ Egressa do curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará – UEPA. Docente da Secretaria Municipal de Educação de Paragominas (Semed). Atua na escola Maria Francisca Tembê na aldeia Cajueiro.

¹⁹ Docente do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará – UEPA. Docente da Secretaria de Estado de Educação (Seduc/PA). Sociólogo (registro nº 0000850/PA).



identificar as mais importantes expressões que é a pintura corporal do povo Tembê, assim como em muitos outros povos indígenas, que têm suas diversas formas de pintar o corpo. A pintura corporal Tembê é uma manifestação cultural, uma arte, uma roupa colada no corpo, que também sofre transformações ao longo do tempo.

Por ter influência de outras culturas, sabemos que os grafismos passam por mudança a partir do contato, do tempo e do lugar em que os povos indígenas estão localizados. Mas também com a chegada de tecnologia dentro das aldeias indígenas, algo novo que vem chamando a atenção das crianças e jovens, essa é uma preocupação que devemos ficar atentos para que esses jovens não percam seus costumes, ou acabarem fazendo substituição por algo que não é da sua cultura, de forma que venha desvalorizar as marcas de sua cultura. A tecnologia deve ser uma ferramenta para contribuir também para o fortalecimento de nossos saberes.

A disciplina de arte dentro da escola indígena só vem para contribuir para a promoção dos conhecimentos sobre a arte indígena, assim podemos trabalhar os grafismos da nossa cultura. A arte de pintar o corpo tem diversos sentidos, não somente para embelezar, vem para mostrar sua verdadeira identidade, são esses os valores que são considerados para transmitir através da arte.

Nas sociedades indígenas a arte está sempre presente nas diferentes esferas da vida: nos rituais, na produção de alimentos, nos locais de moradia, nas práticas guerreiras, além de expressar aspectos da própria organização social, dentre outras funções. As produções artísticas dos povos indígenas são um meio de comunicar aspectos da cultura, da vida social e da visão de mundo. As experiências e referências adquiridas pelo ensino da arte atuam positivamente sobre os alunos, aumentando-lhes o sentimento de pertencerem a determinado povo e contribuindo para a construção da identidade (RCNEI, 1998).

A compreensão da arte como uma forma de expressão e comunicação, presente em diferentes sociedades, possibilita trabalhar melhor as diferenças, o que beneficia os alunos tanto nas relações pessoais, em situação de contato com outros povos, quanto na valorização das produções de sua própria cultura (RCNEI, 1998).

Há algumas décadas, estudiosos perceberam que o grafismo dos povos indígenas ultrapassa o desejo da beleza, trata-se, de um código de comunicação complexo, que exprime a concepção que um grupo indígena tem sobre um indivíduo e suas relações com os outros índios, com os espíritos, com o meio onde vive. Em qualquer lugar do mundo, tem vários povos indígenas com suas características iguais, mas também podemos ver que cada povo com sua própria história e cultura diferente. E é isso que quero levar para os jovens das escolas Tembê. Desejo que eles conheçam, compreendam e respeitem essa grande diversidade.



Assim como outros povos indígenas, o povo Tembé também têm várias formas de mostrar sua sabedoria. As pinturas corporais, por exemplo, são apresentadas através de manifestações, rituais e cerimônias. Portanto, esse traço cultural é de grande importância, tem um grande sentido de não só cobrir o corpo de qualquer jeito, mas sim por seus grandes valores podendo manter sua identidade e fortalecer a cultura.

De acordo com RCNEI (1998), através desse tema, o aluno terá a oportunidade de interagir com os conhecimentos específicos que envolvem as diferentes formas de expressão e comunicação da arte, exercitando o seu próprio fazer e refletindo sobre as manifestações artísticas de sua sociedade e de outros. Ao voltar seu olhar e pensamento para a arte, o aluno desenvolve potencialidades e adquire saberes que possibilitam e ampliam a compreensão e as formas de apreciação de suas próprias produções, das que se apresentam em sua cultura e das que fazem parte das demais culturas que existem no mundo.

No livro *Arte Indígena no Brasil*, Els Lagrou (2009) começa abordando a importância do movimento da arte moderna e do pensamento etnológico para o reconhecimento, por parte das culturas ocidentalizadas, da riqueza e autonomia das formas de arte que não necessariamente obedecem ao mesmo recorte conceitual das modalidades artísticas das tradições ocidentais. Isso não quer dizer que nas culturas indígenas brasileiras não haja separação ou limites entre os saberes, mas que nesses grupos as classificações e modalidades seguem ordens de classificação que diferem inclusive de uma cultura indígena para outra. (Pimentel; Quintal, p.108, 2009).

Els Lagrou (2009) chama atenção para a maneira como o senso comum convencionou relacionar o tradicional com o acervo fechado, incapaz de dialogar com os elementos da ciência moderna. Ao demonstrar a diferença entre conhecimento tradicional e conhecimento científico, ela afirma que este último não constitui apenas por seus resultados, se não pelo seu próprio conceito. Se o conhecimento científico se constrói por princípios universalizantes e de afirmar a parte de uma verdade absoluta, o conhecimento tradicional torna-se muito mais aberto e tolerante para acolher explicações divergentes. Sendo, portanto, a base do conhecimento científico.

A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

De acordo com o RCNE (1998), a educação escolar indígena no Brasil vem obtendo, desde a década de 70, avanços significativos no que diz respeito à legislação que a regula. Se existem hoje leis bastante favoráveis quanto ao reconhecimento da necessidade de uma educação específica, diferenciada e de qualidade para as populações indígenas, na prática, entretanto, há enormes conflitos e contradições a serem superados (p.11).

Os professores indígenas estão procurando fazer com que os currículos estejam de acordo com a realidade dos povos indígenas. Há cinco anos que estou em sala de aula e já percebo que há uma grande falta de materiais que tenham conteúdos relacionados a realidade dos indígenas, desse modo, vem a questão que os professo-



res apoiam, a oportunidade de estar elaborando materiais e reivindicando novas propostas para suas escolas, para que venham substituir modelos de educação impostos fora da nossa realidade, porque não estão sendo correspondentes a cultura indígena.

A Constituição de 1988 e a nova LDB garantem aos povos indígenas o direito de estabelecerem formas particulares de organização escolar – como, por exemplo, um calendário próprio-e lhe assegurem, também, grande autonomia no que se refere à criação, ao desenvolvimento e à avaliação dos conteúdos a serem incorporados em suas escolas (RCNEI, p.11-12, 1998).

Essa é uma questão que é muito discutida pelos professores das escolas indígenas, porque o calendário da escola indígena não vem respeitando as festas que acontecem nas aldeias e outros eventos importantes. Por não ter um indígena dentro da secretaria de educação, eles fazem do jeito que eles querem, sem respeitar as especificidades dos povos indígenas. Os professores, por sua vez, têm que obedecer às demandas impostas pelas secretarias de educação. Cabe destacar que isso não acontece apenas com o calendário, mas também com os conteúdos e com os materiais didáticos. Tudo vem pronto da secretaria. Se os governantes apoiassem os professores indígenas na elaboração de materiais didáticos para as escolas indígenas, as crianças teriam um bom desenvolvimento com relação à língua indígena, principalmente as que não sabem falar sua própria língua.

Hoje, estamos nos formando e queremos mudar para melhorar a nossa educação, podendo mostrar os dois saberes, o tradicional e o científico, para desenvolver uma educação de qualidade. Portanto, a nossa cultura dentro da escola é fundamental, já que é a herança que pode ser passada para muitas gerações. Os dois conhecimentos, o tradicional e o científico, dentro da escola indígena, só vem somar cada vez mais.

Há muito tempo os caciques e lideranças procuram melhorar as escolas, um ensino de qualidade para as crianças. Hoje, estamos enfrentando um problema muito sério em algumas escolas que é a questão da multissérie, onde o professor tem que dar aula para três turmas de séries diferentes, é muito complicado uma criança aprender dessa maneira.

Quando as lideranças falam em mudar, a Secretária Municipal de Educação (Semed) alega que não tem como, por causa da quantidade de alunos. Dessa forma, eles não estão pensando no aprendizado do aluno, o que a Semed quer é que o professor indígena dê conta de ensinar o aluno de qualquer maneira, isso é uma falta de respeito com os alunos e com a população indígena que querem uma educação pública e de qualidade para seus filhos.

Portanto, todos os trabalhos que estamos fazendo são para buscar melhorias para a aldeia, assim a secretaria de educação deveria apoiar as demandas dos povos indígenas. Não é certo que a secretaria mande para as escolas as atividades já prontas. Da forma que a educação indígena está sendo conduzida cada vez mais a cultura se distancia do ambiente escolar.



Os professores indígenas têm de trabalhar de acordo com o planejamento que já vem pronto, a escola vem para as Terras Indígenas para somar aos conhecimentos e não para tirar os costumes dos indígenas. É importante lembrar que uma escola indígena tem que ter materiais que possam ajudar os professores, mas que esteja de acordo com a realidade de cada povo. Que essa educação de qualidade leve em consideração os dois saberes, tanto o tradicional como o científico, o conhecimento científico vai nos ajudar a entender o mundo lá fora, o mundo desconhecido para nossas crianças, o povo indígena precisa conhecer os códigos da cultura não indígena para poder lutar pelos seus direitos, e os tradicionais para se firmarem enquanto povo indígena, povo Tembé.

A educação que queremos é a que venha para ampliar os conhecimentos, porque há muito tempo a educação que foi passada para nossos avós era totalmente errada, pois eles tiravam tudo o que o índio tinha de mais valioso, que é a língua materna, e os professores obrigavam os falantes a não falarem a sua própria língua. Isso afetou muito a criação dos seus filhos, porque os pais já ensinavam seus filhos a falarem a língua portuguesa, antes de entrarem na escola, para não ficarem de castigo. Essa foi a primeira educação que veio para a etnia Tembé, até hoje ainda encontramos resquícios dessa disso.

Atualmente, conversando com os mais velhos percebemos o quanto eles sofreram para deixar de falar sua própria língua. Eles sempre falam que foram enganados, porque antigamente eles não tinham esse conhecimento de proteger as músicas, as danças, a tradição. Então, tudo que o branco falava, eles obedeciam, essa era uma prática comum. Porém, hoje, não queremos mais isso, queremos uma educação que venha nos ajudar a fortalecer nossa língua e cultura, bem como os nossos direitos, como qualquer povo deve ser reconhecido e entendido como ser humano, por isso lutamos por uma educação de qualidade para a nossa sociedade Tenetchar.

Nas sociedades indígenas a arte está sempre presente nas diferentes esferas da vida: nos rituais, na produção de alimentos, nos locais de moradias, nas práticas guerreiras, além de expressar aspectos próprios da organização social como um todo.

PESQUISA DE CAMPO

A elaboração do material didático foi baseada em entrevistas com algumas pessoas da aldeia Cajueiro, sobre o tema: a arte do grafismo do povo Tembé, sua importância e significados. Foram entrevistadas as pessoas da Aldeia Cajueiro que detêm o conhecimento e a prática da pintura corporal que, inclui na sua grande maioria as pessoas mais velhas e alguns jovens.

Ao longo da pesquisa as pessoas entrevistadas destacaram a importância da arte do grafismo do povo Tembé para a identidade e histórica do povo Tembé, pois o grafismo é algo muito sério para o povo Tembé que desde muito tempo



vem lutando pelos seus direitos. Destaco também que durante o estudo as dificuldades foram muitas, sobretudo no que se refere a encontrar materiais que tratassem do grafismo do povo Tembê. Como já mencionado, há uma falta muito grande de materiais didáticos disponibilizados pela Secretaria Municipal de Educação (Semed) de Paragominas-PA, que atenda às necessidades das escolas Tembê.

Por isso, um dos focos deste trabalho é fazer um registro dos materiais, deixados pelos mais velhos, porque eles são os verdadeiros livros da cultura tradicional do povo Tembê. Apesar das dificuldades em encontrar pessoas que quisessem dar entrevistas, mas a partir de conversas informais fui conseguindo me aproximar mais dos interlocutores. A aplicação do material didático foi feita com as turmas do 1º ano do Ensino Médio e 4º, 5º e 6º ano do Ensino Fundamental da Escola Maria Francisca Tembê, da Aldeia Cajueiro.

Portanto, todas as aulas foram com relação à pintura corporal do povo Tembê, sendo essa etapa de extrema importância para a construção do material. O material do texto que construímos, das leituras que contribuíram bastante dentre vários autores que pesquisados. Então pude fazer esse material com o apoio de toda essa pesquisa tanto de campo, como também a parte teórica que fala da importância da arte, da pintura para os povos indígenas.

PRÁTICA DA PINTURA NA ESCOLA DA ALDEIA CAJUEIRO

Foram elaboradas dez sequências didáticas, das dez elaborei cinco planos de aula, para aplicar na sala de aula com os alunos do 6º ano do ensino fundamental. Por questões de adaptação não foi possível aplicar somente nas turmas do 6º ano como previsto, foram realizadas algumas adaptações para serem aplicadas nas turmas do ensino médio, que foi a primeira aula aos alunos do 1º ano do ensino médio que era constituído por 4 mulheres e 5 homens. Para essa aula ser realizada tive que conversar com a professora da turma que estava em período de prova e por isso teve um pouco de resistência em colaborar com a atividade, mas pude realizar a aula com autorização do professor que estava em sala.

Ao iniciar a aplicação das aulas sobre a arte do grafismo do povo Tembê na escola indígena da aldeia Cajueiro os alunos demonstraram estar curiosos para saber do assunto que ia ser trabalhado, mas também havia alguns alunos tímidos. Quando comecei a apresentar o tema da aula alguns alunos começaram a conversar com o colega que estava do lado sobre a temática. Destaco que já trabalho com crianças em sala de aula no ensino fundamental, mas fiquei um pouco insegura porque naquele momento ia dar aula para os alunos do ensino médio, que é constituído apenas por jovens e adultos. Conseguir ficar tranquila e realizar uma boa aula, pois era um assunto que eu dominava.

A primeira dinâmica realizada nessa primeira aula foi de apresentação. Desse modo, me apresentei e pedir que cada um também se apresentasse. Esse



momento foi descontração, quebrando um pouco a tensão inicial. Ao término desta primeira aula os alunos já queriam a continuidade da próxima, pois eles estavam se divertindo ao tratar do assunto, do que acontecia nas festas da tradição onde as pessoas pegam *Karwar*, e um dos motivos de pegarem é porque não se pintam da forma adequada. Em todas as aulas levei a tinta do jenipapo para eles se pintarem e eles gostaram e mostraram interesse por essa vivência.

Apresentei também aos alunos o trabalho de TCC o qual tinha objetivo de estudar esse assunto, tanto a professora Joelciléia (UEPA) e a professora Cleidiane que é do ensino médio estavam presentes. O tema da aula foi às pinturas corporais na Festa do Moqueado falei do plano de aula brevemente, como ia ser desenvolvido e da avaliação, logo em seguida iniciei com uma pergunta de motivação que foi sobre o assunto, a pergunta era: quem já havia participado da festa do moqueado? A pergunta era para estimular eles a comentarem acerca do tema.

Uma das alunas falou que participou da festa, porque sua mãe sempre quis, que por ela mesma não queria porque é muito cansativa, por esse motivo ela não tem interesse, outra aluna falou que nessa festa o menino que pulou com ela foi o primo dela escolhido por sua mãe, aqui a aluna destaca um momento da festa que lhe chamou atenção. O restante dos alunos falou que só participaram como convidado e que foi muito bom. Depois desse momento comentamos sobre as pinturas corporais como manifestações artísticas do povo Tembê, que se são utilizadas em diferentes momentos, principalmente nos rituais. Nesse sentido, falei da importância de se fortalecer essa prática, o do porquê temos que valorizar essas pinturas e em que momento pode usar cada pintura e quais não podemos usar no nosso dia a dia. Este momento foi de socialização e levantamento de informações.

Outro ponto a ser destacado desta aula corresponde à Festa do Moqueado que está diretamente relacionado à arte. Ressaltou-se que na Festa do Moqueado são feitos grafismos específicos no corpo das pessoas. Foram apresentados através de cartazes e fotos as pinturas usadas na Festa do Moqueado, bem como os demais que podem ser usados no cotidiano. Um dos alunos lembrou que desde pequeno participa dessa festa e que faz a pintura no corpo, mas ele nunca procurou saber o significado de cada uma. Isso demonstra a relevância deste trabalho.

Foi uma experiência nova e enriquecedora dar aula para os jovens, que desde quando comecei a dar aula sempre atuei apenas com crianças pequenas de 3 a 5 anos de idade, por isso a aplicação foi de grande importância para a minha formação profissional na educação, apesar da insegurança inicial, mas depois que comecei a desenvolver a aula foi fluindo de forma mais natural.

Na aula seguinte, foi realizada uma aula dialogada, onde se explicou para os alunos sobre a temática da pintura corporal, a fim de que eles colocassem suas opiniões e vivências. O tema foi exposto explicando cada pintura e seus significados e



a importância de cada uma delas. Portanto, foi uma conversa muito enriquecedora, todos participaram comentando sobre a pintura corporal, como eles falaram que nunca tinham estudado sobre esse assunto, repetir os temas vistos na aula anterior para que eles pudessem assimilar melhor o conteúdo. Depois dessa conversa eles estavam bem ansiosos para que houvesse outras aulas abordando o mesmo tema.

Este momento de diálogo com os alunos foi de grande importância, porque os alunos falaram que esse foi o primeiro momento que tiveram a oportunidade de falar das pinturas corporais dentro da escola. Foi uma aula de troca de conhecimento mútuo, porque alguns dos alunos contaram como foi participar das festas tradicionais que acontecem na cultura, como, a Festa do Mingau da Menina Moça, a Festa do Moqueado. Cada um contou sua experiência de ter participado.

Na aula seguinte, a aplicação do material aconteceu com os alunos do 4º ano do ensino fundamental, o tema da aula foi conhecer as pinturas corporais do nosso povo Tembê e a forma de preparo das tintas que são utilizadas (Figura 1 e 2). Os planos de aula foram com base nas sequências didáticas que foram elaboradas, ao fazer os planos de aula algumas modificações foram necessárias para se adequar ao público em questão.

Imagem 1: Fotografias mostrando as crianças no momento da aplicação da temática sobre a pintura corporal.



Fonte: Katiane Tembê, 2019.



À tarde foi realizada uma dinâmica em forma de diálogo com os alunos sobre as aulas de Arte que eles frequentam na escola, no momento foi difícil falarem, mas dois ou três alunos relataram o que era feito nas aulas, como, desenhos, pinturas dentre outras atividades. Em seguida, iniciei a aula de fato, pois as crianças estavam bem ansiosas para o início, por ser um momento mais descontraído, ficaram mais tranquilas, algumas perguntas com relação ao tema da aula foi usada para estimular a participação deles, de acordo com seus conhecimentos e elas responderam. A interação é maior com os colegas a respeito do assunto, se sentem mais à vontade quando estão entre eles. Uma das alunas comentou que é difícil o professor dar aula de arte e que elas estudam pouco sobre as pinturas corporais do povo Tembé.

Como atividade, foi proposto que cada aluno desenhasse o jenipapo e o urucu e depois falassem da importância dessas frutas para a nossa pintura corporal. Todos fizeram essa atividade. Uma das alunas sugeriu que fosse passado trabalho em grupo, então divididos a turma em dois grupos. Cada grupo tinha que fazer pinturas corporais do povo Tembé na cartolina e depois apresentar para os colegas. Então foi feito essas duas atividades. No primeiro momento da aula, como já falei, fizemos um pequeno debate sobre a importância das tintas naturais que utilizamos para fazer a pintura, distribui folhas de papel A4 para cada aluno, onde eles desenharam a árvore do jenipapo e do urucum, comentaram a importância desses materiais para a nossa pintura corporal.

Imagem 2: Fotografias mostrando as crianças no momento da exposição de seus trabalhos sobre a pintura corporal.



Fonte: Katiane Tembé, 2019.

Uma das alunas, falou que “é muito bom se o professor de arte passasse trabalhos relacionados à nossa cultura e que é muito difícil o professor dar aula de arte”. Outra também comentou que elas gostam de fazer trabalhos em grupo, principalmente em cartazes, outro aluno que o pai dele



é Munduruku falou que sabia fazer a pintura do jabuti e, sobre a aula ele achou muito boa só que teve essa mudança de formar os grupos a pedido dos alunos que não estava acostumado. Esses comentários surgiam no meio das atividades, pois quando eram perguntados diretamente eles sentiam mais dificuldade em falar.

Na aula realizada no dia 25 de outubro, com os alunos do 5º ano, já foi um pouco difícil, porque a turma era maior o que tornava mais difícil fazer com que todos prestassem atenção nas atividades, perdi algum tempo chamando atenção deles. Foi explicado o assunto da aula e realizei algumas perguntas e eles iam respondendo. Alguns dos alunos falaram que nunca tinham percebido o quanto estudar sobre as pinturas era importante e, que essa foi a primeira vez que ele tinha ouvido falar o nome de cada pintura, quando chegou a hora de cada um pintar fizeram duplas para realizarem a atividade. O plano de aula não foi alterado, passei duas atividades e todos cumpriram. Alguns alunos tiveram mais dificuldades em habilidades básicas como escrita e leitura.

No dia 27 de outubro foi realizada outra aula em que se buscou repassar um assunto que é de grande importância na cultura do povo Tembé que é a pintura feita na Festa do Mingau da Menina Moça, eles acharam bem interessante estudar esse assunto, porque de acordo com eles, os professores nunca tinham trabalhado sobre essas festas da própria cultura.

A primeira atividade a ser feita por eles foi desenhar as pinturas e falar da importância de cada uma delas, de acordo com seu conhecimento, depois cada aluno fez sua apresentação expondo sua opinião relacionada ao assunto da aula que foi acerca das pinturas corporais utilizadas na Festa do Mingau da Menina Moça. Depois, discutimos sobre o porquê de só as mulheres poderem fazer as pinturas. Destacou-se também que ao longo do tempo isso foi se modificando, pois, atualmente, os homens já estão tendo a prática de fazer a pintura uns nos outros. Vale frisar que, nesse momento, uma das alunas disse que é muito bom estudar sobre as pinturas, porque ela gosta muito de se pintar com as amigas, mas ela não conhecia os nomes das pinturas, desse modo, a aula foi muito boa por esclarecer esses pontos.

Nesta aula foi realizada uma pequena oficina, onde junto com os alunos, foram preparadas às tintas utilizadas para fazer a pintura no corpo. Em sala de aula com o fruto do jenipapo e o urucum, foi explicado para eles todo o procedimento de preparação das tintas feitas a partir dos frutos supracitados. Em seguida, foram para prática (Figura 7 e 8), realizando todo o processo de preparação que consiste em: ralar o jenipapo para preparar a tinta, depois foi o mesmo com o urucum, porém o urucum sua preparação é mais fácil de fazer.



Imagem 3: Fotografias mostrando as crianças no momento da prática, (A) na extração da tinta do jenipapo e (B) na pintura no corpo.



Fonte: Katiane Temb , 2019.

DA CONSTRU O DO MATERIAL DIDÁTICO

O material foi elaborado a partir da necessidade da escola que não possuía materiais didáticos sobre os grafismos Temb . Materiais didáticos são fundamentais para o processo de ensino e aprendizagem, porque por meio deles é que vai ficar registrado, por exemplo, os conhecimentos sobre o grafismo e os saberes associados a eles.

Durante o período do curso de Licenciatura Intercultural Indígena, muito se aprendeu sobre a arte do grafismo Temb  a partir de todas as disciplinas práticas e teóricas que destacam essa temática dentro do curso. Desse modo, tínhamos o objetivo de construir um material didático que fosse específico para trabalhar na disciplina de arte, com os alunos.

Este material tem o intuito de fortalecer a cultura, mais principalmente o conhecimento sobre os grafismos do povo Temb . As atividades desse material foram elaboradas de acordo com algumas perguntas feitas para as pessoas que entendem do assunto, em especial os mais velhos. As perguntas foram: qual a importância da pintura corporal Temb ? Como está sendo transmitidos os saberes referentes às pinturas atualmente dentro da aldeia? Porque a pintura da lua, o que significa? Por que a pintura da onça? Por que a pintura da estrela? Por que a pintura da borboleta? Em que momento pode ser usada cada uma dessas pinturas? Quem faz as pinturas no corpo? Por que a pintura da cuia? Por que a pintura da onça é usada no rosto da menina moça na Festa do Mingau? Como   feito o grafismo nos artesanatos? Para você o que   arte indígena? É importante a pintura corporal na educação? Por quê?



A partir da pesquisa surgiram vários temas para se abordar em sala com os alunos. Trabalhou-se também com os alunos todo o processo de como preparar as tintas utilizada na pintura corporal, que também faz parte da arte, conhecendo as tintas que usamos. Depois que foi produzido esse material didático, foi apresentado para os alunos e alunas, mostrando a importância do grafismo para a identidade do povo Tembé, e que esse grafismo é uma forma de resistência para a cultura. Ao apresentar este material para os alunos eles debateram sobre a importância de cada pintura e seus significados como, por exemplo, a pintura da lua, a pintura da onça, a pintura da estrela, a pintura da jiboia, a pintura da cuia, além de que podemos estar conhecendo os significados de cada uma dessas pinturas.

Cabe ressaltar que foi em cima dessas pinturas que foi construído dez sequência didática e dessas sequências fiz cinco plano de aula para trabalhar na disciplina de arte de forma mais concisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante esse período de estudo, no curso da Licenciatura Intercultural Indígena, da Universidade do Estado do Para (UEPA), adquirimos conhecimentos que contribuíram em nosso aprendizado, como acadêmica deste curso. Esses conhecimentos vieram para somar e contribuir na formação profissional de todos, possibilitando outro olhar sobre a nossa prática de sala de aula.

O objetivo de elaborar esse material de arte consistiu, principalmente, em poder registrar os conhecimentos tradicionais do povo Tembé, bem como produzir mais um recurso didático específico para ser trabalhado nas escolas Tembé. Mais especificamente, o intuito desse material é mostrar para os alunos a importância de preservar a pintura corporal do povo Tembé. Todos os conhecimentos que adquirimos durante curso da Licenciatura Intercultural Indígena vai auxiliar, nós professores indígenas, a desenvolver métodos que venham nos ajudar a trabalhar os conteúdos repassado dentro da sala de aula.

O projeto desenvolvido buscou produzir um material que possibilite que os alunos tenham mais contato sobre a temática dos grafismos e que possam compreender a importância que o grafismo tem para o povo Tembé. Desse modo, esse material vem contribuir, primeiramente, com o professor de Artes, pois vai ter em mãos um material específico sobre a arte Tembé. Além disso, esse trabalho ajuda também na construção da autoestima dos jovens do nosso povo, pois passaram a se ver representados nos materiais utilizados na escola. Por fim, o desenvolvimento desta pesquisa contribuirá no fortalecimento da cultura e identidade Tembé.



REFERÊNCIAS

BRASIL. *Referencial curricular nacional para as escolas indígenas*. Brasília. Secretaria de Educação Fundamental / MEC / SEF. 1998. 339p.

LAGROU, Els. *Arte indígena no Brasil: agência, alteridade e relação*. Els Lagrou. [Editor: Fernando Pedro da Silva; Coordenação: Fernando Pedro da Silva e Marília Andrés Ribeiro; Orientações Pedagógicas: Lucia Gouvêa Pimentel e William Resende Quintal]. Belo Horizonte: C / Arte, 2009.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa & QUINTAL, William Resende. Orientações Pedagógicas. In *Arte indígena no Brasil: agência, alteridade e relação*. / Els Lagrou. [Editor: Fernando Pedro da Silva; Coordenação: Fernando Pedro da Silva e Marília Andrés Ribeiro]. Belo Horizonte: C / Arte, 2009.

VIDAL, Lux Boelitz. *Grafismo Indígena: estudo de antropologia estética*/Lux Vidal, organizadora. São Paulo: Studio Nobel: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP. 1992. Belo Horizonte: C / Arte, 2009.



AS MÚSICAS DO POVO TEMBÉ TENETEHAR

Leosmar L. Tembé²⁰
Thomas R. A. Teixeira²¹

INTRODUÇÃO

Este artigo trata das músicas tradicionais Tembé, um elemento cultural fundamental para manutenção da nossa identidade étnica Tembé Tenetehar. As músicas Tembé trazem uma energia, uma satisfação muito grande para o nosso povo. A música envolve as emoções, sensações, sentimentos e ao mesmo tempo revela alegria e tristeza. Podemos fortalecer a cultura, a união e organização social do povo Tembé por meio desse aspecto cultural, pois através das músicas é possível relembrar dos relacionamentos que aconteceram em momentos passados das festas, dos trabalhos e dos passeios. Envolve tudo que está relacionado à cultura Tembé.

O povo Tembé a partir das músicas se comunica com os espíritos dos animais, das águas, da floresta; assim também é através dos cânticos das músicas, das danças é que pedimos, rezamos, oramos e fazemos a cura com a experiência do pajé que possui um domínio com o mundo sobrenatural. Nesse sentido, as músicas tradicionais possuem significado positivo com um todo que está em sua volta, sendo um rico elemento cultural da identidade Tembé.

Desse modo, verifica-se que há uma grande relevância em se trabalhar as músicas Tembé Tenetehar, dentro do contexto escolar, que além de proporcionar um contato de forma prazerosa com as músicas que serve para a manutenção da cultura tradicional Tembé, também aproxima ainda mais os jovens com a capacidade de recriar novas canções e aprender a valorizar todos esses saberes culturais.

Entretanto, com o contato intenso e inevitável com a população não indígena, os jovens passaram a prestigiar mais as coisas que vem de fora, deixando muitas vezes os seus costumes próprios da sua realidade indígena. Isso resulta muitas vezes em desvalorização e esquecimento da cultura do seu povo, como, por exemplo, o que vem acontecendo com as músicas do

²⁰ Egresso do curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará – UEPA. Docente da Secretaria Municipal de Educação de Paragominas (Semed). Atua na escola Maria Francisca Tembé na aldeia Cajueiro.

²¹ Docente do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará – UEPA. Docente da Secretaria de Estado de Educação (Seduc/PA). Sociólogo (registro nº 0000850/PA).



povo Tembé. Poucos jovens têm domínio desse saber. O maior número de conhecedores das músicas se concentra no público adulto e idoso. Daí, a importância de se trabalhar com esta temática em sala de aula. Precisamos dar oportunidade para os alunos dentro do espaço da sala de aula, para eles aprenderem a música do seu povo.

As músicas tradicionais do povo Tembé precisam ser ensinadas na escola ao lado das atividades leitura e escrita na língua materna, assim como os outros saberes que a escola proporciona. É necessário que às crianças dialoguem, tenham contato com a cultura do seu povo. Para que possam entender e valorizar a sua cultura e se colocarem como parte dela. A escola deve funcionar como parte integrante e essencial no estímulo da preservação da cultura e identidade Tembé para as futuras gerações.

A música Tembé Tenetehar é de suma importância para permanência da identidade do povo Tembé Tenetehar da TIARG. Desse modo, os anciões figuram como peças essenciais na transmissão desses saberes tradicionais. Apenas eles podem ajudar na tradução das músicas, porque são eles as fontes dos saberes originais. Dessa forma, só o próprio povo que pode ajudar nessas tarefas.

As músicas e danças Tembé Tenetehar, são conhecimentos que acompanham todo processo histórico do povo Tembé de geração a geração. Esses saberes das músicas, as crenças, costumes, tudo vem do que a gente percebe ao mundo ao nosso redor. Assim, construímos as músicas dos rituais, das festas culturais, como, a Festa do Moqueado da Menina Moça, a Festa do Mingau da Menina Moça, Festa do Milho e do Mel. E cada ritual existe. Nos momentos certos das músicas serem cantada.

De acordo com autor Snyder (1991, p.90), “Muitos autores gostam de considerar as músicas como meio de comunicação dos jovens”. Esta posição, todavia, traz o risco de reduzir a música a uma das paixões que passarão naturalmente quando a juventude passar, a um dos meios utilizados pelos jovens, em conjunto, para provocar os adultos. A música não vale, todavia, muito mais do que isto?

E isso na verdade são os saberes tradicionais que vem de geração em geração do povo Tembé que ainda hoje continuam vivos na cultura Tembé Tenetehar, com todas as pessoas: jovens, adolescentes e adultos. Todos fazem questão de destacar sua cosmologia, na língua materna, nas músicas, nos grafismos, em todos esses conhecimentos que faz partes, e que existem na vida cultural Tembé, apesar das constantes batalhas para a valorização dos nossos saberes.

E que esses valores fortaleçam na aldeia e na escola saberes como a música, os cânticos, as danças, pinturas corporais e tudo que está relacionado à cultura Tembé.



De acordo com o Willems (1970):

É prática comum nas escolas, principalmente nas séries iniciais, ouvir música na entrada e na saída do período escolar, no recreio, e ainda de forma bastante acentuada, nos momentos de festividades que obedecem a um calendário com datas a serem comemoradas pela comunidade escolar. Porém, embora a música esteja presente no cotidiano da escola, algumas questões precisam ser esclarecidas para entendemos o porquê da ausência do ensino sistemático da música e do lugar que ela vem ocupando no cenário educacional brasileiro.

Com avanço da tecnologia e com a rapidez da informação é possível conviver com a diferentes formas de expressões artísticas, seja através da mídia ou pela participação ao vivo, em eventos culturais que ocupam os espaços, continuamente em nossa cidade, e na escola no ensino fundamental. (p.10).

Todas as músicas Tembé as letras são produzidas de acordo com o que acontece no cotidiano do nosso povo. É com a música que nos comunicamos com outras vidas, com os espíritos dos animais, das águas, das florestas e de tudo que está relacionado à natureza. As músicas também acompanham a realização dos ritos do povo Tembé, como o rito de passagem das meninas Tembé Tenetehar à puberdade, que acontece com a chegada da primeira menstruação. Cabe destacar que, embora o foco seja nas meninas, os meninos que estiverem mudando a voz também participam desse rito. Para a realização desse rito também é necessário ser iniciado um tempo de resguardo baseado em dietas alimentares bastante rígidas e muitos cuidados com o corpo, até chegar o dia da festa final que pode ser a festa do moqueado ou a festa da menina moça. Essas festas acontecem com muitas músicas, cantorias, farturas envolvendo toda a comunidade é também um momento que é renovado do repertório musical. A música está inserida nesses costumes respeitando valores tradicionais Tembé.

De acordo com o autor Koellreutter (1997),

é que a música vem desempenhando, ao longo da história, um importante papel no desenvolvimento do ser humano, seja no espaço religioso, seja moral e social, contribuindo para aquisição de hábitos e os valores indispensáveis ao exercício de cidade. (p. 66).

A palavra música vem do Grego Musiké, e designava juntamente com a posição e a dança a “Arte das musas” o ritmo, denominado comum das três artes, fundidas numa só. Como nas demais civilizações antigas os Gregos atribuíam aos deuses suas memórias e suas músicas definida como uma criação e expressão integral dos espíritos, um meio de alcançar a perfeição.

As músicas do povo Tembé Tenetehar vieram de uma aldeia encantada, principalmente as tradicionais do povo Tembé que estão nas festas do moqueado, da menina moça, do mingau, do milho, do mel. Todas essas músicas presentes nesses rituais foram trazidas dos nossos ancestrais que eram encantados. Eles tinham uma experiência baseada na experiência indígena, tinham um poder



através do *Mayr* (Tupã, deus para os Tenetchar). Faziam remédios caseiros, defumação, curava os doentes cantando a música dos espíritos dos seres humanos, dos animais, da floresta e das águas, e curavam as pessoas só cantando as músicas referentes a qualquer espírito, e primeiramente ao *Mayr*²² que é o nosso deus. Ele que deu esses poderes para os nossos ancestrais e que eram os encantados de onde surgiram todas as músicas do povo Tembê Tenetchar.

Enquanto a música faz parte das nossas crenças e nossa religião por ser sagrada para nós, com ela que nos comunicamos, rezamos, pedimos, agradecemos primeiramente com *Mayr*, o nosso deus, com os espíritos dos animais, das águas, da floresta. E de tudo que está interligada a natureza.

A música indígena chama atenção não só dos seres humanos, mas também dos espíritos, ela envolve muitas emoções das pessoas tanto na alegria como também na tristeza, porque recordam os momentos passado dos parentes que viviam antes e que participavam desses eventos e rituais. As músicas relatam o que acontecia nos momentos das festas culturais tradicionais dos Tembê e por isso considera-se que todas as músicas Tembê são sagradas.

As músicas contam histórias que tratam do passado, do presente e do futuro que acontece na vida do povo Tembê. Mas para isso é preciso ter o maior respeito e consideração no momento que estamos realizando a festa.

AS MÚSICAS TEMBÊ USADA COMO FERRAMENTA PARA CONQUISTAS EM MOVIMENTO INDÍGENAS

Na cultura tradicional do nosso povo Tembê, as músicas Tenetchar exercem um papel importante no meio coletivo das aldeias. Pois seus usos em movimentos sociais indígenas transmitem energia capaz de favorecer a resistência aos nossos parentes Tembê e proporcionar a vitória pelo alvo desejado durante toda a manifestação realizada.

A música *zegarainw haw*, por exemplo, emite um tipo de oração realizada nos momentos problemáticos que nossas aldeias estejam enfrentando. Sua utilização transmite um significado bastante rico de atrair energias positivas em forma de conquista para tal situação, pois envolve uma ligação com o sobrenatural.

A música da onça pintada, usada na organização das mulheres, é escolhida, por ela atrair suas caças e ser um animal bastante ágil, mostra-se como uma ferramenta também para as mulheres e suas lutas. Ela transmite para nós, Tembê da região do Gurupi, uma força espiritual em torno dos nossos objetivos almejados. A música da onça-pintada é utilizada, principalmente, nos encontros

²² Filho de Maira'yr, pagé Tenetchar, grande liderança espiritual do povo Tembê.



das reuniões com as autoridades, como prefeitos, deputados, secretários. Ela é cantada como uma forma de conquista para nossas aldeias, na área da saúde, da educação e em vários outros pontos da vida do povo Tembé.

AS MÚSICAS TEMBÉ E A NATUREZA

As músicas Tembé Tenetchar possuem uma ligação íntima com a natureza. Elas nascem a partir, sobretudo da observação do indígena Tembé com seu entorno de forma prática e integral. A exemplo citamos a música do bacurau denominada na língua indígena de “*wiz’a’u zegar han*”. Essa música surgiu a partir da observação do sujeito indígena Tembé com a natureza. Ela relata as características desse pássaro.

O mesmo acontece com a música da borboleta “*panàn zegar han*” que é uma música que deve ser cantada somente pelo pajé, pois ele é a única pessoa que mantém comunicação direta com os seres sobrenaturais da natureza. A música da borboleta no momento que ela é cantada acredita-se que ela irá trazer os espíritos da floresta para participar do ritual e, com isso envolve um cuidado dos pais com as crianças em não deixar seus filhos andarem sem a companhia de algum adulto durante o período do meio-dia.

Ressalta-se que todas as músicas fazem parte e tem uma ligação com a natureza, pois acreditamos que existem outras vidas principalmente com o *Mayr* que é o nosso deus, os espíritos dos animais, das águas e de tudo que está relacionado à natureza.

AS MÚSICAS TEMBÉ TENETEHAR NOS RITUAIS CERIMÔNIAIS

Existem várias músicas que estão presentes nos rituais do povo Tembé Tenetchar. E que são de suma importância para a manutenção e fortalecimento dos conhecimentos e identidade do nosso povo Tembé.

Dentre as músicas cantadas durante o dia destaca-se: a música da sururina, da arara, borboleta, tucano e garça, estas músicas são cantadas especificamente somente durante o dia até chegar ao meio-dia no ritual da Menina Moça (*Wira’uhaw*). Antes do meio-dia são cantadas duas músicas que são: do pássaro gaivão que chamamos na língua indígena de *zapokani* e do pássaro tesoureiro que chamamos de *nyratapem*. Estas músicas são consideradas as mais respeitadas nos rituais Tembé Tenetchar, pois exercem uma ligação com o sobrenatural, com os espíritos da floresta, da água e do ar; ela também ser de transição para o turno da tarde.

Pela parte da tarde já é cantada músicas que atraem *karumar*, cantamos outras músicas relacionadas a outros animais, por exemplo: a música do peixe, da cobra grande, da mãe d’água, da onça, do vento, da mucura e a música dos



artesanatos. Essas são as músicas que podemos cantar durante o turno da tarde. Cada uma tem seus momentos certos para serem utilizadas durante o ritual da Menina Moça Tenetehar.

Porém, a noite continua a mesma norma do dia (tarde), logo no início da noite cantamos as músicas de outros animais como até chegar à meia noite. Assim que chega a meia noite cantamos uma música fazendo um ritual de passagem da meia noite para o dia da manhã com outras músicas do ritual do povo Tembé.

A Festa do Milho

Além dessas músicas existia as músicas que eram cantadas na Festa do Mel e do Milho. Rituais estes que não são mais praticados atualmente na cultura do povo Tembé. A Festa do Milho era um ritual desenvolvido para lembrar a colheita do milho. Esse ritual reunia todas as pessoas da aldeia, onde cada qual era responsável de fazer comida típica com o milho: milho assado, milho cozido, mingau de milho, pamonha e farinha (Tembé, 2019a; Tembé, 2019b). Depois de toda preparação dos diferentes pratos com o milho, todos se organizavam e juntos iam dançar e cantar. Sendo que neste ritual, era o pajé que comandava os cânticos. Os homens e mulheres apenas acompanhavam os cânticos realizados naquele ritual.

De acordo com as entrevistas realizadas com os anciões da aldeia Teko-Haw, os homens também pintavam o rosto com urucum e jenipapo, eles pegavam pena brancas e colava nos braços e pernas. Enquanto, as mulheres também enfeitavam seus cabelos com penas brancas e colavam no peito. Além disso, no início do ritual as mulheres e homens apenas acompanhavam a música com o batuque dos pés e maracás.

As músicas cantadas na festa do milho eram criadas especificamente para aquele momento relacionado ao período da colheita do milho. Os pajés eram as figuras principais, vistos como detentores de poderes e controladores de espíritos perigosos denominados *Azàg*²³ durante toda realização da festa.

A Festa do Mel

A festa do mel, era feita no período da lua crescente, pois era o tempo que estava tendo bastante mel nas colmeias. Era comum o pajé fazer um momento com todos das aldeias para se organizar com antecedência para preparação da festa. A época de chuvas em março e abril, indicavam o início da coleta do mel até o final da estação seca entre setembro e outubro. E todos os guerreiros ficavam responsáveis de ir para floresta e busca de mel e armazenar em cabaças que

²³ Espírito responsável por levar as pessoas e coisas ruins.



seriam guardadas numa grande casa denominada de *Tápyzubu* que até hoje conhecemos como ramada²⁴, mas que era feita especificamente para essa ocasião.

Segundo as entrevistas realizadas com moradores da aldeia Teko-haw, toda vez que chegava um guerreiro da floresta com uma cabaça cheia de mel, todos cantavam e dançavam comemorando sua chegada com o mel. Ressalta-se que naquela época, para realização de uma grande festa era necessário uns cento e vinte a cento e sessenta aproximadamente de cabaças cheias de mel.

Durante o período da grande colheita, todos se reuniam durante a noite e cantavam, sendo que nesse ritual o pajé era o único que podia cantar, pois ele era quem sabia quais as músicas que poderiam ser cantadas durante o festejo do mel, enquanto o restante dos homens apenas o acompanhava. As mulheres cantavam dentro da ramada e os homens cantavam no terreiro fora da ramada. O mel era distribuído no final da festa, para todas as pessoas da aldeia.

AS MÚSICAS TEMBÉ TENETEHAR COMO PATRIMÔNIO CULTURAL DO POVO TEMBÉ

As músicas compõem o patrimônio cultural do nosso povo Tembé. É um conhecimento que acompanha todo processo histórico dos Tenetehar. Esse conhecimento se dá através dos ensinamentos dos anciões para os mais jovens de forma coletiva e a partir da observação no momento da música na prática.

O momento propício para essa transmissão das músicas indígenas Tembé é durante a Festa do Moqueado que é considerada uma ocasião bastante importante e conta com diversas ferramentas que caracterizam a identidade do povo Tembé, especialmente o maracá no qual é um instrumento musical que é de suma importância nos momentos que é realizado a música.

Vale ressaltar que as saias de tabocas, o batuque dos pés dos cantadores possui uma contribuição na sonoridade da festa, na arte de cantar, além de emitir todo um significado desde a confecção até a utilização. Dessa forma, a música Tembé Tenetehar em cada observar, em cada imaginar, em cada cantar e batuque dos pés, ela se refaz cada vez mais, se tornando um marco histórico na cultura do nosso povo Tembé Tenetehar do Gurupi, constituindo-se como patrimônio para esse povo.

AS MÚSICAS TEMBÉ TENETEHAR NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA DO POVO TEMBÉ: PASSANDO POR UMA EXPERIÊNCIA

No dia 26 de setembro de 2019, às 14 horas da tarde, na escola indígena da aldeia Teko-Haw, apliquei o material para a turma do Ensino Fundamental do

²⁴ Local onde acontecem os eventos importantes do povo Tembé, como reuniões com as lideranças, rituais, reuniões com autoridades, festas e outros momentos da vida Tenetehar.



5º e 6º ano, onde trabalhei com o conteúdo: a música Tembê “Araruna”. Nesse primeiro dia, iniciei a aula cumprimentando os alunos e expliquei sobre o assunto que seria abordado em sala.

Em seguida, apresentei algumas figuras ilustrativas que seriam usadas no desenvolvimento da aula. Mostrei para os alunos, através de uma cartolina, a letra da música *Araruna*; depois cantei a música Araruna para os alunos ouvirem. Ao terminar esse momento, perguntei para os alunos se eles conheciam a música cantada ou se haviam identificado alguns nomes de pássaros ou de animais na música.

No segundo momento da atividade, pedi a turma que se organizassem em dois grupos. Expliquei que cada grupo iria desenvolver uma atividade de acordo com a música cantada em sala e que teriam que desenhar os pássaros e nomeá-los na língua indígena. O nome dos pássaros que aparecem na música Araruna, são: *azuru*, *wyrazu*, *tukàn*, *arar*, *pitàwà*, *boko*, *kàkà* etc.

Depois que cada grupo terminou de ilustrar os desenhos, pedir que cada equipe organizassem as figuras de acordo com as sequências que eram citadas na música. Após, o término da organização das figuras, fiz uma pequena encenação de como aquela atividade teria que ser desenvolvida. Depois da explicação cantei novamente a música do “*Araruna*” e os alunos teriam que colocar no quadro as figuras dos desenhos numa sequência de acordo com que estava sendo citado na música, sendo que os alunos tinham de fazer isso dançando até o quadro. E esse método teria que se repetir até completar a música com a última figura do animal que era citada na música.

O vencedor era o grupo que conseguisse colocar todas as figuras na ordem que iam aparecendo na música, no desenvolver do cântico, sem cometer nenhum erro. Ao finalizar a aula, perguntei para os alunos se eles haviam gostado da aula e da forma como ela havia sido desenvolvida. Todos falaram que haviam achado muito legal a aula, pois haviam aprendido, através da brincadeira, a dar mais importância a letra das músicas Tembê. Desse modo, havia sido mais fácil o entendimento da música, bem como possibilitou que eles conhecessem de forma mais profunda os cânticos.

Na segunda aula, apresentei a música do *wirapuru*. Dividi novamente os alunos em grupo e pedi a eles que criassem outra música. Para isso era importante que eles trabalhassem os versos da música. No final da aula, os alunos apresentaram a música reinventada.

Na terceira aula, trabalhei a música do “*Azuru*”, em seguida, expliquei a temática e o conteúdo da música e pedi que os alunos fizessem os desenhos dos pássaros que tinham sido citados no cântico. Quando todos terminaram pedi que apresentassem seus trabalhos em sala, realizando uma pequena exposição. Depois eles cantaram, e cada um pegava seu desenho e mostrava como era cita-



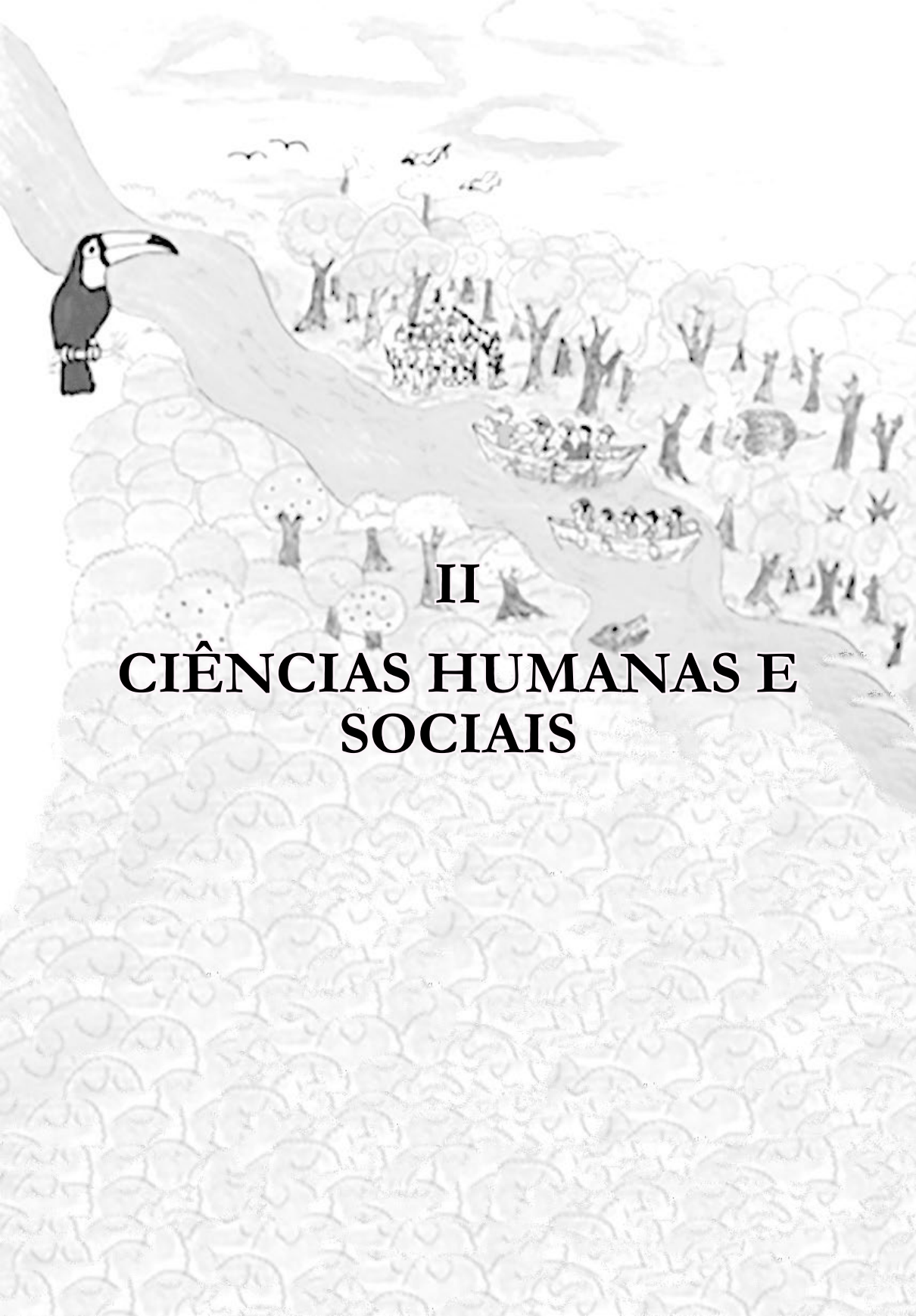
do na música. Tal estratégia foi utilizada como uma forma de reconhecer o que a música estava pedindo para o restante da turma vê.

Na quarta aula, trabalhei com a música do “*nyxa'u*”, com canto sobre o pássaro bacurau. Novamente apresentei a música para os alunos, em seguida, cantei para que todos se familiarizarem com a música. Expliquei que a música falava das características do bacurau. Depois, pedi que cada um elencasse as características que eram mencionadas na música e apresentassem em sala. Como atividade complementar, pedir que toda a turma cantasse a música e fizessem ou imitassem as características do pássaro bacurau.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Referencial curricular nacional para as escolas indígenas*. Brasília. Secretaria de Educação Fundamental / MEC / SEF. 1998. 339p.





II

CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS



APRESENTAÇÃO DA ÁREA DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

Os textos da área de Ciências Humanas e Sociais que compõem esta obra trazem elementos das nossas memórias coletivas que estão conectados por uma grande teia, que se entrelaçam por uma etnografia que é ressignificada e, muitas vezes, transformadas pela ação do homem branco que impacta diretamente na diversidade sociobiocultural em que estamos inseridos. Falar dos nossos saberes tradicionais ainda tem sido um grande desafio.

Este livro, por sua vez, trilha novos caminhos para que nossos pesquisadores indígenas sejam de fato os construtores de suas próprias histórias e possam reescrever as suas memórias, proporcionando assim o verdadeiro protagonismo indígena.

Convém destacar que, historicamente, o acesso às universidades por estudantes indígenas, privados da sua cidadania plena, em um país estruturado sobre uma concepção racista e colonizadora, vem sendo consolidado, pois a Universidade do Estado do Pará – UEPA, por meio do curso de Licenciatura Intercultural Indígena, tem firmado um diálogo com os povos indígenas na implementação de um ensino superior para nós e a prova disso é esta obra.

A UEPA tem estabelecido o diálogo democrático e coletivo com os professores e lideranças indígenas para participarem desse processo de construção de um ensino superior que considere às matrizes e cosmologias de cada etnia indígena, pois, nós, povos indígenas do Alto Rio Guamá precisamos dizer que universidade queremos, definir que currículo e calendário escolar queremos e qual é o nosso desafio com essa universidade.

Ao longo de quase duas décadas a UEPA vem constituindo políticas de ações afirmativas no ensino superior para formação de professores indígenas através do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena. Este curso se tornou um marco histórico e vem se consolidando enquanto política de estado. Isso demonstra o compromisso e o respeito com a Educação Escolar Indígena que deve ser levado a sério em todas as suas modalidades.

A produção dos materiais didáticos elaborados como produto dos Trabalhos de Conclusão Curso (TCC) no âmbito da Licenciatura Intercultural Indígena, descritos aqui neste livro, representam para os povos indígenas, especialmente para nós Tembé Tenetehar, uma alternativa na ótica de desconstruir as narrativas errôneas direcionadas a nós indígenas. Esta obra ajuda a apagar o estereótipo e a imagem do “índio exótico”, como se as nossas histórias fossem meras fabulas e/ou uma concepção romântica.

Observa-se também que a produção dos TCC, elaborados pelos indígenas, tem proporcionado impactos positivos para a comunidade Tembé, pois eles,



em especial os de Ciências Humanas e Sociais, retratam as memórias coletivas e ancestrais do Tembé Tenetehar. Tais trabalhos retratam a realidade sociocultural dos Tembé, na perspectiva epistemológica do nosso povo.

Entende-se, por meio destes sete trabalhos da área de Ciências Humanas e Sociais, que o conhecimento científico-acadêmico pode se fortalecer ao se aproximar dos conhecimentos dos povos indígenas e sua ancestralidade. Verifica-se, ainda, que o Povo Tembé Tenetehar se sente representado com suas vozes e percepções ecoando nos trabalhos dos professores indígenas. Compreende-se que estes trabalhos, além de representarem a resistência do povo Tembé, simbolizam também a “retomada de um território importante para as memórias ancestrais na e para as perspectivas de futuro” (Kayapó e Schwingel, 2021, p. 4).

É pertinente atentar-se também ao diálogo entre as diferentes epistemologias e recriar espaços para essa troca de saberes, remetendo ao conceito de intercientificidade. A implementação de práticas e reflexões intercientíficas no âmbito acadêmico é urgente para compreender o todo de maneira coerente e sua integralidade, sobretudo rompendo com a tradição da ciência eurocêntrica que é vivenciada extenuantemente no meio universitário e proporcionando o diálogo com diferentes sistemas de conhecimentos, tal quais os conhecimentos indígenas (Little, 2002; Saes 2012; Galdino, Ayres, Maciel, 2016).

Nessa perspectiva, a UEPA, por meio da Licenciatura Intercultural Indígena, tem buscado implementar, como já mencionei, processos formativos dentro do seu planejamento, abrindo espaço para o debate da intercientificidade e da interculturalidade no contexto da Educação Escolar Indígena. A interculturalidade, de acordo com Wawzyniak (2010), deve ser entendida, sobretudo, no domínio da educação, como elemento disseminador da diversidade cultural, assegurada por uma política governamental, fazendo referência à Lei de Diretrizes e Bases – LDB (Brasil, 1996) e à Lei nº 11.645/2008 (Brasil, 2008), que dispõe sobre a obrigatoriedade do ensino da história e das culturas africana e indígena nas escolas.

Magno Kamiran Oliveira Sousa Tembé

Professor Mestre em Educação Escolar Indígena pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar Indígena da Universidade do Estado do Pará – PPGEI/UEPA



10

A TERRITORIALIDADE DO POVO TEMBÉ DO GURUPÍ: uma cosmografia das mudanças

Iritan do Espírito Santo Tembé²⁵

Julia Cleide Teixeira de Miranda²⁶

INTRODUÇÃO

Este estudo foi desenvolvido na aldeia Cajueiro, do povo Tembé do Gurupi, tendo como tema central as mudanças ocorridas ao longo do tempo nas territorialidades da aldeia e como essas mudanças vem influenciando na cultura do povo Tembé que vive na Aldeia Cajueiro. Este estudo se pauta na abordagem da geografia, pois procura-se entender as mudanças na territorialidade da comunidade indígena da aldeia Cajueiro. Como resultado desse trabalho foi possível elaborar um material didático denominado Cartilha Educativa *Zawereko Han*²⁷ que, por sua vez, foi aplicado com os alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental que estudam na aldeia Igarapé Grande, anexo da Escola Maria Francisca Tembé localizada na aldeia Cajueiro. Esse material tem a finalidade de contribuir com a educação escolar indígena intercultural, específica e diferenciada.

O interesse em desenvolver este trabalho surgiu a partir das dificuldades vivenciadas ao longo de alguns anos ao trabalhar como professora na Escola Indígena Maria Francisca Tembé. Sabemos da necessidade de trabalhar de maneira intercultural, específica e diferenciada, onde a escola exige que se trabalhe voltado para a realidade do povo, porém o material que temos na escola não atende as necessidades do currículo pedagógico da escola indígena, tendo sempre a necessário de adaptar para a nossa realidade.

Esta pesquisa tem como objetivo geral compreender as mudanças nas territorialidades da Aldeia Cajueiro do povo Tembé do Gurupi e como a escola pode contribuir para que a aldeia possa conviver com as mudanças sem perder sua cultura tradicional. Os objetivos específicos são: identificar as transformações na territorialidade da aldeia Cajueiro ao longo do tempo; verificar como essas transformações na territorialidade influenciaram na cultura; elaborar um

²⁵ Egressa do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará - UEPA.

²⁶ Doutora em Educação. Docente do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará - UEPA.

²⁷ Em língua portuguesa: "Lugar da cultura".



material didático para trabalhar esses conteúdos com os alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental.

O estudo partiu dos seguintes questionamentos: Como era a territorialidade da aldeia Cajueiro no passado? Como é a territorialidade da aldeia hoje? Como essas mudanças influenciam na vida dos habitantes da aldeia? Como essas mudanças na territorialidade influenciam na cultura? Como a escola pode contribuir para que possamos conviver com as mudanças sem perder nossa cultura tradicional?

Para responder esses questionamentos a pesquisa se desenvolveu em uma abordagem qualitativa, por compreender que, segundo Goldenberg (1998, p. 58), o pesquisador só pode ter acesso a fenômenos particulares, que são as produções sociais significantes dos indivíduos, quando participa do mundo que se propõe a estudar. Utilizamos, ainda, a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo no desenvolvimento deste trabalho. Para a coleta de dados foram realizadas entrevista com os mais velhos da aldeia e com jovens, bem como a observação participante que para Gil (2010), possibilita o acesso a dados que a comunidade ou grupo considera de domínio privado; possibilita também captar palavras de esclarecimento que acompanham o comportamento dos observados. Essas técnicas de coleta de dados possibilitaram o registro das principais mudanças ocorridas na aldeia durante aproximadamente os últimos dez de sua fundação.

Os dados coletados na pesquisa foram analisados e sistematizados resultando na elaboração do material didático intitulado Cartilha Educativa “Zawereko Haw”, mencionado anteriormente. Esta cartilha apresenta-se como um recurso importante para que a escola indígena possa trabalhar pedagogicamente com os alunos as influências das mudanças nas territorialidades da aldeia e como conviver com essas mudanças sem perder sua cultura tradicional. O material didático tem a finalidade, portanto, de colaborar para a educação indígena intercultural, específica e diferenciada se concretize nas escolas das aldeias do povo Tembé, conforme preconiza a legislação atual e é o desejo do povo Tembé.

AS MUDANÇAS NA TERRITORIALIDADE TEMBÉ: NOVAS COSMOGRAFIAS

O território é muito importante para os saberes na vida do povo Tembé, os saberes tradicionais são uma fonte de vida para todos, principalmente para os povos indígenas que possuem suas atividades comunitárias ligadas diretamente a ele. As reflexões empreendidas durante o desenvolvimento desta pesquisa nos levaram a necessidade de pensar o território para além da visão tradicional e avançar no sentido de considerar também as múltiplas e diversificadas relações que são estabelecidas no espaço. Para isso vamos trabalhar com uma análise integrada do território vinculando-o a ideia de territorialidade.



Segundo Raffestin (1993, p. 158), a territorialidade reflete a multidimensionalidade do vivido territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral. Desse modo:

a territorialidade, além de incorporar uma dimensão mais estritamente política, diz respeito também às relações econômicas e culturais, pois está intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar (Haesbaert, 1977, p. 54).

Na territorialidade é onde se trabalha a concretização de todas as atividades humanas, e em especial das comunidades indígenas que estão intimamente ligados a terra onde vivem. Little (2004, p. 253) define a territorialidade como o esforço coletivo de um grupo social para ocupar, usar, controlar e se identificar com uma parcela específica de seu ambiente biofísico, convertendo-a assim em seu “território”. O mesmo autor complementa sua afirmação dizendo que:

um território surge diretamente das condutas de territorialidade de um grupo social implica que qualquer território é um produto histórico de processos sociais e políticos. Para analisar o território de qualquer grupo, portanto, precisa-se de uma abordagem histórica que trate do contexto específico em que surgiu e dos contextos em que foi defendido e/ou reafirmado (Little, 2004, p. 253).

Isso é o que acontece na comunidade indígena da aldeia Cajueiro do Gurupí, que tem em seu território geográfico várias expressões culturais e sociais.

O povo Tembé habita a Terra Indígena Alto Rio Guamá - TIARG, criada pelo decreto nº 307 de 21 de março de 1945, no governo do interventor federal General Joaquim Magalhães Barata, com 279.892 ha e um perímetro de 366.292,90 metros e demarcada/homologada pelo Decreto nº 011 de 04/10/1993. Apesar da criação da TIARG em 1945, foi apenas na década de 1970 que os Tembé-Tenetehar começam a tomar posse de fato de suas terras e coordenar o processo de ocupação. Inicialmente de maneira desorganizada e por essa razão os conflitos com a sociedade envolvente começam a se acirrar. Na década de 1980 começaram a perceber a necessidade de se organizarem em associações para melhor enfrentar as invasões e o massacre.

No final da década de 1970 foi fundada a aldeia Cajueiro, que inicialmente era um local de ponto de caçada dos indígenas do Gurupí, depois chegou Dona Maria Francisca, achou o lugar bonito e disse para seus netos que iria fazer umas roças, e assim ela o fez. A partir daí, começaram a construção das casas. A pesquisadora Haieny Santos relata assim:

A aldeia primitiva (como eles chamam a primeira) foi construída em 1978, segundo o relato da Liderança Reginaldo Tembé, a aldeia foi construída pela sua avó Maria Francisca Tembé e irmã de sua avó Raimunda Tembé. Reginaldo tinha apenas 10 anos de idade na época da construção da aldeia eles escolheram esta localidade pelas condições geográficas da área, segun-



do seu Reginaldo a outra aldeia não era tão próxima ao rio e tinha muitos altos e baixos (depressões) o que dificultava a locomoção, roças, entre outras atividades realizadas pelos indígenas e não tinha como expandir (Santos, 2017. p.10).

As primeiras casas eram de palhas e varas retiradas do igapó, por serem mais fácil de construir, eram apenas duas casas, a de dona Maria Francisca e a sua filha, com seus netos. Posteriormente chegou sua irmã, dona Raimunda e seu irmão, o senhor Bentríz Tembê, que foi empossado pelo chefe de posto da FUNAI como cacique, para ajudar na organização da aldeia, que foi registrada na FUNAI como uma aldeia onde residiam quatro famílias.

A Sra. Lídia Timbira, moradora antiga da aldeia Cajueiro relata assim a vida na aldeia no passado:

A aldeia era só mato não tinha nada, era só floresta, mata virgem. Eles viviam da natureza e a maior parte das plantas eram retiradas da natureza como o açaí, o cupuaçu e outros alimentos. Nesse tempo pra ir para cidade de Paragominas eles tinham quer ir de canoa remando até uma semana para chegar até a cidade, eles passavam cinco dias para chegar. A aldeia tem o nome de aldeia Cajueiro porque era o nome de um pé de cajú que tinha no ponto de caçada, na beira do rio Uraim, mas com um tempo a árvore morreu e ficou o nome de aldeia. Nesse tempo eles usavam a água do rio para lavar, banhar e fazer todas as atividades da casa e outros trabalhos. Eles não tinham remédios da farmácia e nem da saúde, era só remédio caseiro, e dava certo na doença só morriam quando tinha de morrer (Lídia Timbira, 2019).

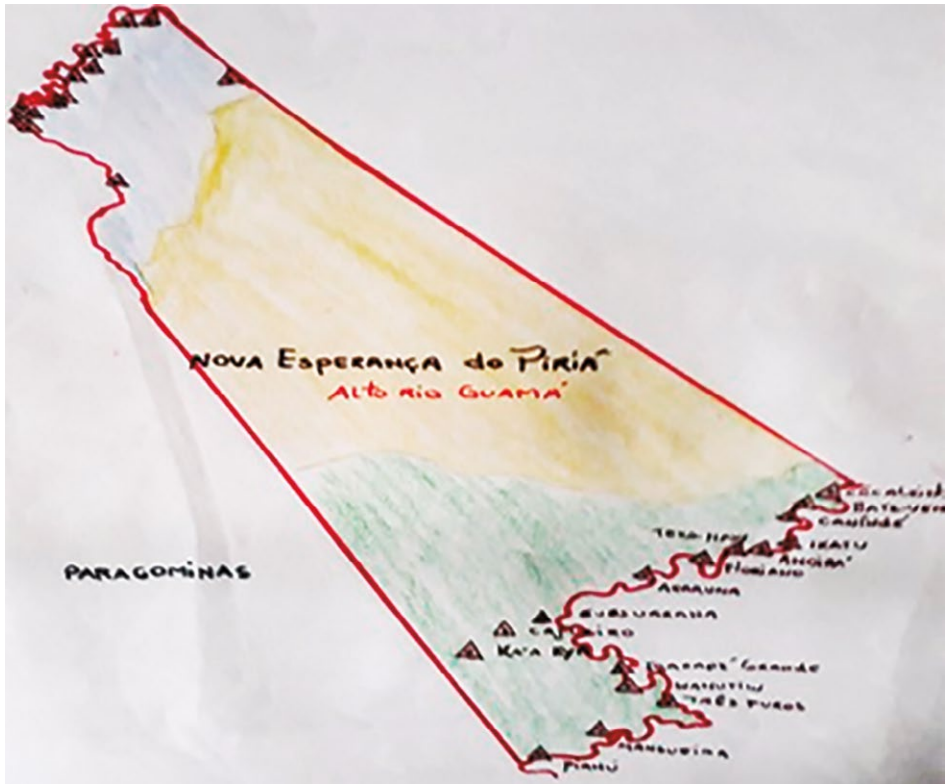
Essa visão da aldeia Cajueiro nos tempos passados, no período da sua fundação, é corroborada pelo Sr. Izidoro Bonafonso Timbira no seguinte relato:

Nesse tempo só existia o posto Canindé não tinha outras aldeias, ela foi a primeira mulher que criou a primeira aldeia que hoje é uma das maiores da região. No começo eles só viviam do peixe, da caça e da mandioca, o milho e o arroz, a batata o cara doce, e o café. O açúcar era a calda da cana. Eles viviam da natureza e a maior parte das plantas eram retiradas da natureza como o açaí, o cupuaçu e outros alimentos nesse tempo não tinha nada onde pudesse compra e não tinha café pronto nem açúcar industrializados era tudo difícil. Eles pra ir pra cidade de Paragominas eles tinham que ir de canoa remando até uma semana para chegar até a cidade, eles passavam cinco dias para chegar. Não tinha o que tem hoje. Antes do senhor Bentríz chegar já tinha chegado uma irmã a dona Francisca e a dona Raimunda Tembê, aí foi que eles fundaram a aldeia, que deu o nome de aldeia cajueiro esse nome era o nome de um pé de caju que tinha no ponto de caçada, na beira do rio Uraim mas com um tempo a árvore morreu e ficou o nome de aldeia cajueiro. Nesse tempo eles usavam a água do rio para lavar, banhar e fazer todas as atividades da casa e outros trabalhos, eles não tinham remédios da farmácia, era só remédio caseiro (Izidoro Bonafonso Timbira, 2019).

Esse modo de viver, relatado pelo Sr. Izidoro, que predominava na época em que a aldeia Cajueiro foi criada, demonstra uma profunda conexão do povo com seu território e a construção de muitas territorialidades, traduzidas na re-

lação íntima com a natureza através da coleta dos frutos da floresta para a alimentação, da convivência harmoniosa com o rio, cujas águas serviam tanto para transportá-los para outros lugares, como para tomar banho e muitas outras atividades. A natureza também fornecia as substâncias que posteriormente seriam transformadas em remédios para cura das doenças, e para isso eram mobilizados saberes ancestrais da medicina nativa.

Imagem 1: Mapa da Terra Indígena Alto Rio Guamá (TIARG) apresentando todas as aldeias da região do rio Gurupi.



Fonte: Desenho produzido por Viviane Capô, 2019.

Essa forma de ocupação e de uso do território que resulta na construção de territorialidades múltiplas e a qualidade das relações construídas nesse processo pode ser caracterizado como uma cosmografia, no sentido dado a este conceito por Little (2001), definido como os saberes ambientais, ideologias e identidades - coletivamente criados e historicamente situados - que um grupo social utiliza para estabelecer e manter seu território. A cosmografia de um grupo inclui seu regime de propriedade, os vínculos afetivos que mantém com seu território específico, a história da sua ocupação guardada na memória coletiva, o uso social que dá ao território e as formas de defesa dele.



Em contraste com a cosmografia capitalista, que reduz o território à materialidade, como simples ‘coisa’, recurso a ser explorado, e as territorialidades a meras relações mercadológicas, as territorialidades para os Tembê da aldeia Cajueiro são vivenciadas de maneira ampliada, compreendida como um lugar de vida e de convivência, experimentadas como espaço de produção e reprodução das práticas sociais e culturais. Uma cosmografia traduzida na fala do Sr. Izidoro Bonafonso Timbira:

Nesse tempo a Dona Maria Francisca ela era falante da língua indígena e sabia os rituais e mantinha a cultura, ela cantava, dançava e contava história para seus netos e bisnetos. Os remédios caseiros eram feitos por ela, que também era uma boa parteira. Eles não passavam necessidades de alimentos, pois havia muita caça, os pássaros, eram muitos, havia muitos frutos na mata, como bacuri, bacaba, açaí, cupuaçu, pequiá e outros, tinha fartura de alimentos por quase toda parte, não tinha divisão todos combinavam nos trabalhos planejados (Izidoro Bonafonso Timbira, 2019).

Com o passar dos anos muitas e variadas mudanças aconteceram nas territorialidades da aldeia Cajueiro causadas principalmente pela intensa relação com a sociedade não indígena. Hoje, a aldeia possui escola que atende o ensino fundamental e médio, um posto de saúde, uma quadra poliesportiva, um sistema de abastecimento de água, energia elétrica durante as vinte a quatro horas do dia, o que proporciona o uso intensivo da televisão e outros aparelhos eletrônicos. Essas mudanças são relatadas pelo Sr. Izidoro Bonafonso Timbira:

Com a chegada da escola, energia e estrada posto de saúde, o projeto do cheque moradia tudo mudou na aldeia, chegaram outras pessoas de outros lugares para morar na Cajueiro por acesso de estradas e a saída ser mais fácil e também tem internet muitas pessoas já tem em suas casas tudo isso e também o ensino médio dentro da aldeia Cajueiro que foi umas das causas de saírem de outras aldeias para colocar os filhos para estudar, tudo isso vem modificando as vidas dos moradores (Izidoro Bonafonso Timbira, 2019).

No relato o Sr. Izidoro se refere a estrada que facilita a chegada na aldeia, mas também acelera o processo de degradação da floresta e dos rios. Isso contribui para as mudanças que acontecem na alimentação dos habitantes da aldeia, pois com a escassez de caça e pesca as pessoas são obrigadas a consumir alimentos industrializados que facilmente chegam à aldeia pela estrada.

Outra mudança significativa acontece em relação a comunicação com a cidade e com outras aldeias, que se tornou mais fácil e ágil a partir da introdução do celular e do advento da internet. Hoje a maioria dos jovens e adultos possuem um aparelho de celular sempre conectado à internet. Em entrevista à pesquisadora, a Sra. Nilza Tembê relata seu olhar sobre essas mudanças:

Hoje as pessoas não conversam mais na frente das casas, só na televisão e no zap por conta da internet que todo mundo tem. Isso atrapalhou a cultura, ninguém se pinta mais como antes ou praticam a cultura como antes. Isso é problema, isso é impacto. Vejo como transformação da cultura.



Também são poucos que se interessam pela proteção da terra, esses acham que é só dever do cacique (Nilza Tembê, 2019).

As preocupações relatadas pela Sra. Nilza Tembê são pertinentes, à medida que os indígenas da aldeia Cajueiro não estão imunes ao processo de globalização em que vivemos. Segundo Canclini (2007), nesse contexto os indígenas se permitem relacionar-se com outras sociedades e situar sua fantasia em múltiplos cenários ao mesmo tempo. Isto quer dizer que uma comunidade indígena, por exemplo, não mais ficará isolada em sua aldeia, vivendo apenas de suas tradições. Através da internet o indígena sai de sua aldeia e circula por diversos espaços, adotando alguns outros costumes e levando também algo de sua cultura.

Assim como as mudanças trazem elementos importantes para a aldeia, também apresentam uma nova realidade que desperta um duplo sentimento de aprovação e desaprovação simultâneos, conforme o relato da aluna Taiane Tembê:

Mudou muita coisa na aldeia. Antes não tinha escola, enfermaria, internet. Mas tem uma coisa que achei muito ruim: a internet. Porque muitos jovens estão deixando de lado a nossa cultura para ficarem no celular. Mas também o celular ajuda muito para podermos nos comunicar com nossos parentes que moram longe ou que viajam. Bom, eu gostei das mudanças que aconteceram aqui na aldeia (Taiane Tembê, 2019).

O que há de comum nesses dois relatos é a preocupação com a “transformação da cultura”, com a cultura sendo “deixada de lado”, o temor de que os elementos da cultura possam ser perdidos. Carneiro da Cunha (1986) inspirada no conceito de fronteiras que delimitam uma cultura, elaborado por Barth (1969), afirma que o que define uma cultura não são seus traços constitutivos, mas sim o estabelecimento da fronteira entre um e outro, o que é feito pela atribuição da diferença, pelos traços diacríticos.

Nesse sentido, o que importa não é a manutenção dos traços em si, mas a manutenção da diferença que origina a identidade e que é estabelecida contextualmente por meio de traços maleáveis e flexíveis. A cultura não deve se manter em uma suposta integridade; o que deve ser preservada é sua diferenciação em relação às outras, são as fronteiras, e essas são traçadas por elementos que têm origem cultural, mas são escolhidos em contexto. E esse contexto é o contexto histórico. Todas as culturas estão na história, o que diverge entre elas é o modo como lidam com a história com que se defrontam e se transformam (Sahlins, 1991).

O povo Tembê da aldeia Cajueiro está se confrontando com grandes mudanças em suas territorialidades que possibilitam a elaboração de uma outra cosmografia. Essas mudanças precisam deixar de ser uma ameaça para a cultura tradicional e tornarem-se um meio de reprodução social, partindo do entendimento de que é necessário mudar para permanecer o mesmo.



A ELABORAÇÃO DA CARTILHA EDUCATIVA “ZAWEREKO HAW”

Imagem 2: Capa da cartilha educativa



Fonte: Iritan do E. S. Tembê, 2019

A elaboração da cartilha educativa “Zawereko Haw” foi iniciada, como mencionado anteriormente, com uma pesquisa de campo nos meses de maio a outubro de 2019, onde pudemos observar o espaço da aldeia Cajueiro e sua configuração do espaço natural, social e cultural registrando em entrevistas, utilizando celular para a nossa orientação específica.

Para que pudéssemos fazer esses levantamentos iniciais, fizemos pesquisas de campo pela área da aldeia, para mapear as mudanças, os impactos na vivência da sociedade, e utilizamos, fotos para identificar o local como era antes e depois e registrar os espaços maiores e os rios parte do território aos impactos o corrido pela ação do homem, relacionados a eles. Após essa atividade construímos mapas com as localizações dos pontos importantes para a comunidade.

Na aplicação do material didático utilizamos o conteúdo contemplado na cartilha e outras atividades para estimular o aluno a entender sobre o território indígena que ele vivência e como existe uma ligação global entre estes, buscamos reavivar os saberes culturais fazendo o diálogo com os saberes científicos, entendo que “os saberes, por si só, não se traduzem em um processo educativo. Para isso se faz necessário que esses saberes sejam apropriados, assimilados e ressignificados pelos jovens e contribuam para a construção de sua identidade étnica e afirmação de sua cultura diferenciada” (Miranda, 2015, p. 81). Veremos de forma mais específica estes passos a seguir.



O material que foi construído tem como base os conhecimentos obtidos na pesquisa realizada na sociedade da aldeia Cajueiro que teve como foco pesquisar as modificações do território Tembé do Gurupi. Nele trabalhamos conceitos como espaço da territorialidade, os conhecimentos que são a fonte principal, com o intuito de conhecer o espaço local com as características tradicionais e culturais da comunidade Tembé do Gurupi, localizada na aldeia Cajueiro.

A proposta da cartilha educativa *Zawereko Ham*, em que abordamos questão sobre mudanças na territorialidade, visa repassar para os mais novos o quanto a cultura é importante para os processos próprios de vida da aldeia. São destes conhecimentos sobre a territorialidade que a comunidade se mantém viva a cultura do povo, como por exemplo, os rituais, entre outros costumes. A valorização do espaço e recursos é de suma importância para o povo Tembé. Sabemos que o território da Amazônia é imenso e se interliga. Por esta razão repassar a importância deste conhecimento para os mais novos é de suma importância para que estes preservem e conservem para seu uso fruto.

O espaço geográfico e área da aldeia também foram frutos de pesquisa e repasse de conhecimentos aos mais novos para que estes valorizem e tenham o conhecimento amplo do espaço. Os tópicos a seguir vão mostrar um pouco acerca de como se deu a construção e aplicação da cartilha desenvolvida no projeto que apresentamos neste artigo.

Imagem 2: Vista panorâmica da Aldeia Cajueiro.



Fonte: Iritan do E. S. Tembé, 2019.

Após esta pesquisa iniciamos os registros fotográficos que nos ajudariam a elaborar o material, reconhecendo as modificações da região e os espaços de



atividades comunitárias da aldeia cajueiro. Terminada a pesquisa de campo iniciamos a leitura de materiais escolhidos para construir o material baseado na geografia. Em conjunto com a leitura foram criados mapas para subsidiar nos conhecimentos acerca do espaço geográfico do território, dos recursos tradicionais e cultural a serem repassado aos alunos.

A estrutura da cartilha

A cartilha inicia com o sumário onde são elencados todos os assuntos a serem abordado. Em seguida, temos a apresentação que mostra do que se trata a cartilha, depois a introdução, contextualização o trabalho a ser desenvolvido. Assim, começamos a tratar da questão do território existentes em nossos cotidianos, como a sociedade vem sofrendo transformações ao longo dos anos na aldeia Cajueiro.

Abordamos o ciclo de pesquisas para compreender essas modificações explicando como funciona. Em seguida, relatamos a importância da conservação e preservação do território para manter viva a cultura. As atividades que compõem a cartilha tem exercícios específicos sobre como conservar este patrimônio cultural. Tratamos, ainda, sobre os principais recursos que estão sendo modificado na natureza da aldeia e sua importância para a comunidade.

Em outro tópico do material iniciamos o assunto com o mapa da aldeia Cajueiro, ensinando os alunos a localizar as casas. Tratamos das principais atividades econômicas da aldeia Cajueiro e sobre alguns elementos cultura Tembê, como as principais atividades e festividades ligadas a estes recursos. Entre esses destacamos a festa do mingau da menina moça e do moqueado, que fazem parte do ritual de passagem de jovem para mulher adulta que a torna pronta para ter uma família. Neste momento, também estão presentes a cantoria que sempre acontece na aldeia só para as pessoas brincarem e se divertir.

No tópico sobre os espaços da aldeia abordamos tratamos da realização das festas culturais e outros eventos. Em seguida, propomos algumas atividades com o intuito de fazer os alunos fixarem o conteúdo, e depois mostramos o mapa da localização das aldeias em uma imagem de satélite. O mapa mostrava o tamanho do território da Terra Indígena Alto Rio Guamá. Como atividade propomos a elaboração do mapa da aldeia Cajueiro. Todas essas atividades visaram trabalhar a importância do espaço geográfico do território para a concretização da cultura e vivências Tembê em relação com as mudanças que aconteceram.

A aplicação da cartilha educativa “Zawereko Haw”

No dia quatorze de outubro foi realizada a aplicação da cartilha, com os alunos do 5º ano na Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria Francisca Tembê na aldeia Cajueiro. No dia 14/10/2018 foi falado sobre a importância do



território no nosso mundo, pois a disciplina de geografia abrange quase todas as outras disciplinas e ajuda a entender a importância de se preservar e conservar o meio ambiente como, por exemplo, o patrimônio natural, como os rios, lagos, igarapés e principalmente as florestas que são muito importantes para o equilíbrio do clima global. Depois de explicar todos esses assuntos foi entregue uma cópia da cartilha para cada aluno.

Imagem 3: Momentos em sala de aula, durante a aplicação do material didático



Fonte: Acervo de Iritan do E. S. Tembê, 2019.

No segundo dia, além da recapitulação do conteúdo, foram passadas atividades para os alunos, em que tratamos da importância do território para a população indígena. Foi discutido também sobre as mudanças no território e os seus processos envolvidos nessas mudanças. Debate-se sobre a importância da preservação da floresta relacionada a esse ciclo. No final da aula foi repassado uma atividade para eles responderem com a construção de mapas demonstrando as duas partes: o passado e o presente.

No terceiro dia, os alunos entregaram todas as atividades feitas para correção. Neste dia, vale ressaltar que, foi tratado de como devemos conservar e preservar o território em relação as transformações corridas. Explicamos aos alunos os motivos das modificações na vivência dos indígenas do território como fonte de conhecimentos. Neste momento, foi tratado das ações realizadas que visavam equilibrar as transformações ocorridas nas territorialidades Tembê, para não perder a cultura tradicional como o foco na proteção, para o bem de todos os seres vivos do planeta. A aula terminou com atividade para eles responderem e entregarem. A atividade consistia na exposição dos mapas corrigidas e devolvidas.



No quarto dia a aula se tratou mais especificamente sobre a aldeia Cajueiro e as principais mudanças na territorialidade da aldeia. Tratamos de identificar a localização da aldeia nos mapas produzidos na pesquisa, nas diversas escalas e depois tratamos sobre as mudanças corridas no território da aldeia. Entre as perguntas que tinham sido feitas aos alunos destacamos a seguinte: Quais as causas das mudanças e os impactos causados pela ação do homem ou causas pela ação da natureza como a chuva e os vendavais essas mudanças o correram, ao longo do tempo na vida dos moradores da aldeia, o que eles conhecem? Todos falaram das causas que o correram nas vidas das pessoas, todo tem o conhecimento que aprenderam com seus pais alguma coisa ficou guardado na memória.

Terminando esta atividade passamos para a segunda parte que era consistia em falar sobre como conviver com as mudanças sem perder a cultura. Foi pedido para cada aluno falar sobre isso e desenhar um mapa da aldeia de acordo com o que estava na cartilha. Cabe destacar que todos desenharam muito bem seus mapas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção da cartilha educativa *Zawereko Haw* foi de grande importância para o conhecimento das territorialidades indígenas da aldeia com o espaço geográfico e o conhecimento dos recursos naturais existentes na aldeia Cajueiro da Terra Indígena Alto Rio Guamá. Exploramos alternativas de se construir mapas, fotografar as construções e como repassar as informações existentes para os alunos. Compreendemos também os principais objetos existentes que passaram por transformações no nosso território demos importância aos recursos locais, da comunidade de onde tratava o nosso projeto.

Ao abordar as mudanças do povo Tembé percebemos que a geografia possibilita este trabalho, pois ao entender a relação das modificações com o meio ambiente aborda-se também aspectos culturais que são importantes para a preservação tanto da cultura em si como dos recursos naturais que estão no entorno da população.

Ao aplicar os assuntos do projeto desenvolvido com os alunos percebemos o quanto nosso papel de educador é importante para as novas e futuras gerações perceberem a importância local dos recursos tradicionais e a importância da cultura no espaço geográfico do território da aldeia, das modificações e como essas mudanças podem se tornar um meio de reprodução social, partindo do entendimento de que é necessário mudar para permanecer o mesmo. Este projeto nos trouxe um novo olhar sobre como repassar esses saberes educacionais com qualidade, relacionando o trabalho intercultural com as comunidades indígenas.

Apesar da educação indígena ser garantida na lei, percebemos que ainda precisamos garantir direitos através da atuação de professores indígenas na sala



de aula. O fato de termos nesse processo pessoas, pesquisadoras e educadores da própria comunidade indígena facilita as discussões sobre diversos projetos a serem abordados, que são importantes para o fortalecimento das novas futuras gerações, indígenas da aldeia Cajueiro.

As práticas da população que passa por transformações a cada ano e continua mantendo a cultura viva. Os professores indígenas relacionam os conhecimentos tradicionais com o científico para repassar para os alunos, e falar realmente desses valores tradicionais na perspectiva da educação escolar indígena, que é um grande avanço para os povos indígenas. Porém, os professores devem continuar a se qualificar, se aprofundar nos saberes nos conhecimentos, para associar os dois saberes em sala de aula na educação escolar indígenas, na educação intercultural.

REFERÊNCIAS

BARTH, F. *Grupos étnicos e limites*. A organização social da cultura diferença. Boston, Little, Brown and Company, 1969.

BRASIL.MEC. *Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígena* (RCNEI). Brasília: MEC/SEF, 2005. 348p.

CANCLINI, Néstor García. *A Globalização Imaginada*. São Paulo: Iluminuras, 2007.

CARNEIRO DA CUNHA, M. *Etnicidade: da cultura residual, mas irreduzível*. Antropologia do Brasil. São Paulo: Brasiliense/Edusp, 1986.

HAESBART, Rogério. 1977. *Des-territorialização e identidade*. Niterói: Editora da UFF.

LITTLE, Paulo E. *Amazônia: lutas territoriais em fronteiras perenes*. Johns Hopkins University Press, 2001.

MIRANDA, Júlia Cleide Teixeira de. *O ritual da festa do moqueado na sociedade indígena Tembé-Tenetebara: teias e tramas de saberes*. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - EDUCERE. 12, 2015. Curitiba. Anais [...]. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/19426_11546.pdf. Acesso em: 20 out. 2019.

RAFFESTIN, C. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.

SAHLINS, M. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

SANTOS, Haieny Nazaré Reis. *Modos de perceber e representar o ambiente e o espaço no ensino de geografia realizado por professores indígenas Tembé da aldeia Cajueiro – Paragominas – PA*. Dissertação de Mestrado, UFPA, 2017.



A IMPORTÂNCIA DA TERRA INDÍGENA PARA OS KA'APOR E TEMBÉ DO GURUPI

**Sibila Carneiro Arixihú²⁸
Haieny Nazaré Reis Santos²⁹**

INTRODUÇÃO

O presente artigo visa relatar a pesquisa desenvolvida para o Trabalho de Conclusão de Curso da Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará, que tem como tema A Importância da Terra Indígena para os Ka'apor e Tembé do Gurupi. Esse trabalho objetivou construir uma cartilha de Geografia sobre Território, Terra Indígena e Legislações concernentes, na perspectiva de criar um material que subsidie os professores indígenas de Geografia a trabalharem temas locais que despertem nos educandos uma maior participação social no que se refere à proteção e à conservação de suas terras.

O presente trabalho tem como objetivo geral entender a importância da Terra Indígena para os Ka'apor e Tembé do Gurupi. Tivemos como objetivos específicos: criar um material de geografia que discuta sobre a importância do território e da Terra indígena para o povo Tembé e Ka'apor; entender a história da construção dessas terras; entender como cada povo percebe a importância do espaço vivenciado socioeconômico e culturalmente; levar o aluno a perceber a importância de seu território.

A metodologia empregada no desenvolvimento desta pesquisa se deu a partir de levantamento bibliográfica com autores que discutem Terra, Território, Ensino de Geografia, legislações; pesquisa de campo com entrevistas realizadas com as lideranças, caçadores, anciãos dos povos Tembé e Ka'apor. Houve, ainda, a construção de mapas das terras desses povos e finalmente a elaboração da cartilha com assuntos e atividades que foram aplicadas a alunos do 9º ano do ensino fundamental da Escola Pyahu localizada na aldeia Ka'apor no estado do Maranhão.

Este artigo está dividido em três partes: na primeira parte discutimos com os autores os conceitos de Terra, Território, educação indígena, ensino

²⁸ Egressa do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará - UEPA.

²⁹ Mestre em Antropologia e Docente do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará - UEPA.



de Geografia, legislações; na segunda parte fazemos os relatos das entrevistas realizadas com os Ka'apor e Tembé, e; na terceira parte fazemos o relato da aplicação da cartilha. Finalizando o artigo temos as considerações finais e o referencial bibliográfico.

DISCUTINDO TERRITÓRIO, TERRA INDÍGENA: UM BREVE DEBATE

Os povos indígenas viviam pacificamente em seus territórios, mas com a chegada dos portugueses ao Brasil foram alijados de suas terras e até hoje vivem em situações de conflitos pela posse delas.

O espaço vivido por estas comunidades possui um valor diferente daquele que a nossa sociedade tem. O território vai além do visto, perpassa pelo sentido, percebido através dos olhos da cultura e identidade.

Neste sentido o território é bem um lugar antes de ser uma fronteira, identificado por uma rede de lugares sagrados cujas fronteiras não são linhas, mas muitas vezes são constituídas por espaços vazios, sem lugares e sem habitantes. A fronteira delimita o território, marca o espaço de sobrevivência, o espaço de força. É este o espaço defendido, negociado, cobiçado, perdido, sonhado cuja força afetiva e simbólica é forte. (Medeiros 2015 in Saquete e Sposito).

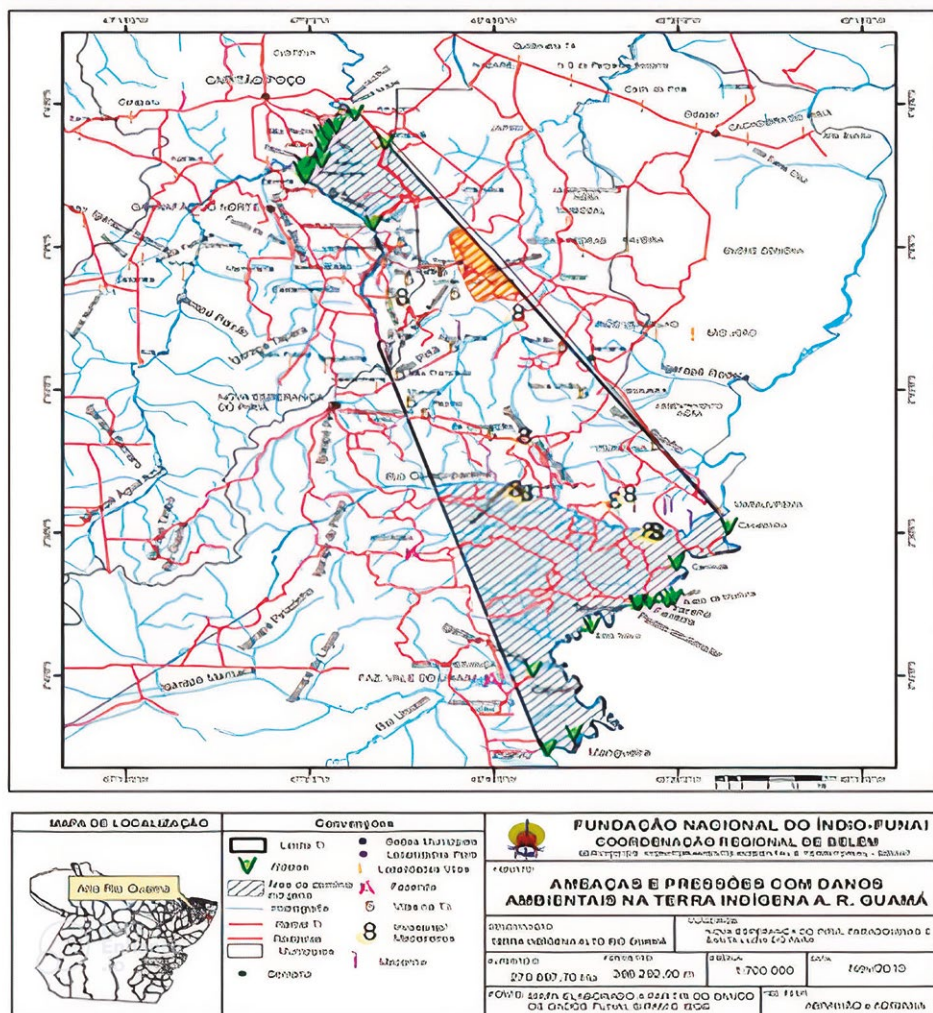
Esses espaços refletem vários sentimentos em seus moradores. A luta pela conquista deles não foi fácil como é o caso da Terra indígena Alto Rio Guamá (TIARG), espaço onde os Tembé vivem. A TIARG inicia no município de Santa Luzia do Pará, passando pelo município de Nova Esperança do Piriá e vai até o município de Paragominas – Pá, fazendo fronteira com o Maranhão. O rio Guamá, atinge a parte da Terra Indígena que está localizada no município de Santa Luzia, o rio Uraim e o rio Gurupi passam pela parte da terra que está localizado o município de Paragominas.

A TIARG foi criada 1945, mas o processo de demarcação da Terra Indígena só ocorreu em 1972, em virtude de fatores conflitantes. Os conflitos em meio a demarcação da terra indígena se deram, principalmente, pela criação da fazenda Mejer que ocasionou intensos conflitos na área. Apenas em 2014 ocorreu a desocupação total do território (Neves; Cardoso, 2015). Apesar disso, atualmente, existe, ainda, intensos processos de retirada ilegal de madeira da Terra Indígena, o que tem, por sua vez, ocasionado confrontos entre os Tembé e os madeireiros.

A Terra Indígena também passa por um processo de pressão das lavouras de soja que existem ao redor, bem como dos posseiros que ainda circulam em seus espaços. Os conflitos na Terra Indígena são muito intensos e acabam por prejudicar algumas atividades na aldeia.



Imagem 1: Mapa da Terra Indígena Alto Rio Guamá - TIARG.



Fonte: FUNAI, SIPAM e IBGE.

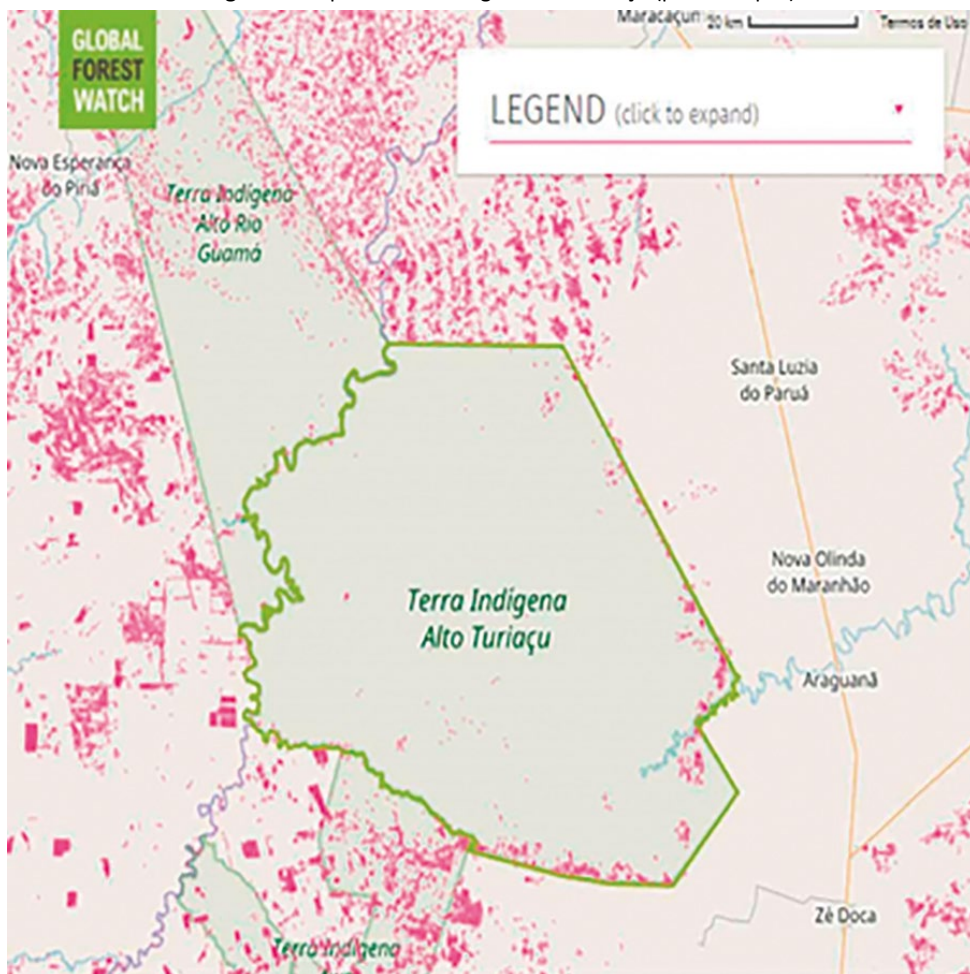
O povo Ka'apor, também foco desta pesquisa, surgiu há cerca de 300 anos, provavelmente nas regiões entre os rios Tocantins e Xingu. O aparecimento desse povo nessa área talvez tenha acontecido por causa de conflitos com colonizadores luso brasileiros e outros povos nativos que provocaram essa longa e lenta migração que os levou nos idos de 1870 para o Estado do Pará e através do rio Gurupi ao Maranhão (Peggion, 2002).

O povo Ka'apor vive no norte do Maranhão, suas terras fazem limite ao norte com o Rio Gurupi e ao sul com os afluentes meridionais do Rio Turiaçu, a oeste com o igarapé Araçatiwa e a leste com uma linha no sentido noroeste-sudeste quase paralela à rodovia BR 316. Todos os córregos e rios drenam para



três grandes rios Maracaçumé Turiaçu e Gurupi que por sua vez desaguam diretamente no oceano a área da Terra Indígenas Alto Turiaçu é de 530.525,25 ha (Peggion, 2002). Como podemos perceber os Ka'apor também foram retirados de seu espaço primeiro, migrando para outro espaço em busca de um território que fosse seu. A terra que hoje ocupam já faz parte de sua cultura e é nela que estes praticam suas atividades.

Imagem 2: Mapa da Terra Indígena Alto Turiaçu (povo Ka'apor)



Fonte: racismoambiental.net.br, 2018.

A luta destes povos por espaço foi grande. Os povos indígenas, de modo geral, ao longo dos séculos tiveram que lutar pela garantia de suas terras, até que leis em favor de sua causa fossem aprovadas. A partir da constituição de 1988 as conquistas foram sendo mais amplas e foram formalizadas.

O direito a especificidade passou a ser reconhecido pela Constituição federal de 1988, que, em seu artigo 231, no tocante às terras indígenas,



reconhece “aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo a união demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens. As terras tradicionalmente ocupadas são definidas no § 1º São terras tradicionalmente ocupadas pelos índios as por eles habitadas em caráter permanente as utilizadas para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários ao seu bem-estar e as necessárias à sua preservação física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições. (Constituição de 1988 in Arruda, 2020).

Para que possamos entender o tópico deste trabalho, precisamos iniciar discorrendo sobre dois conceitos muito caros que, são: o conceito de Terra Indígena e Território. A título de entendimento Cavalcante discute acerca do conceito de Terra Indígena:

Ao tratar de terras de ocupação tradicional necessárias à reprodução física e cultural dos povos indígenas, ampliou-se a compreensão, antes limitada às terras habitadas (no sentido de local de moradia) pelos indígenas, para todas aquelas que sejam de importantes e necessárias para a reprodução física, cultural e social desses povos. Desta maneira, ao se realizar a identificação e a delimitação de uma terra indígena, o grupo técnico não se limita a levantar os espaços necessários para a habitação e reprodução econômica de um povo, mas também inclui aqueles locais de relevância para a sua cultura, religião e organização social (2016, p. 22).

A Constituição Federal também fala acerca de Terras Indígenas. Segundo o parágrafo 1º do artigo 231 da Constituição Federal de 1988,

São terras tradicionalmente ocupadas pelos índios as por eles habitadas em caráter permanente, as utilizadas para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem-estar e as necessárias à sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições (Brasil, 1988).

A própria Constituição Federal de 1988 fala da importância das Terras Indígenas para a reprodução cultural e de seus modos de vida para os indígenas. De acordo com nossas pesquisas, a terra vai para além de algo físico e da vida cotidiana é o espaço onde existe ligações emocionais e culturais, seja pela luta empreendida para conquistá-la, seja pelos hábitos, costumes enraizados nesses espaços, seja pelo contato com a natureza que é de suma importância para os povos indígenas, seja pela espiritualidade e encantaria que estes espaços possuem para os povos indígenas.

Conceituando Território, temos muitos autores que discutem acerca deles para Godelier:

Designa-se por território uma porção da natureza e, portanto, do espaço sobre o qual uma sociedade reivindica e garante a todos ou a parte de seus membros direitos estáveis de acesso, de controle e de uso com respeito à totalidade ou parte dos recursos que aí se encontram e que ela deseja e é capaz de explorar. (Godelier apud Haesbaert, 2009, p. 56).



Neste conceito podemos encontrar também a questão do direito ao território muito claro para os indígenas que são detentores do controle sobre estes espaços e tem direitos de permitir ou não a entrada de estranhos em seus territórios. No que se refere à questão da retirada ilegal de madeira da terra Tembê, este povo luta e briga com fazendeiros e madeireiros para garantir que sua floresta permaneça intacta.

Redeel (2010) também conceitua Território dizendo que:

O território dentro da geografia é uma porção de espaço geográfico dominado e ocupados por um povo. Representa um espaço delimitado construindo por construções humanas e elementos naturais. (2010 cp.17)

O território dos povos indígenas foi construído por eles, e por sua cultura, o formato das casas a disposição das aldeias é regido pela cultura e formas de apropriação de seu espaço geográfico, contudo não podemos confundir os conceitos de território e Espaço Geográfico. Segundo Andrade:

Conceito de território não deve ser confundido com o de espaço ou de lugar estando muito ligado à ideia de domínio ou de gestão de uma determinada área. Deste modo o território está associado à ideia de poder de controle que se faça referência ao poder público estatal quer ao poder das grandes empresas que entendem os seus tentáculos por grandes áreas territoriais ignorando as fronteiras políticas (Andrade 1995, p. 19).

Ainda sobre este ponto Raffestin (1980, p. 143), diz que:

É essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator “territorializa” o espaço. [...] O território, nessa perspectiva, é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder. (Raffestin, 1980, p. 143 In Crespo).

O território indígena é resultado de muitas lutas de um povo, como é o povo Tembê e Ka'apor que para ter seu território demarcado tiveram que travar muitas lutas com os não indígenas no decorrer da sua história. Houve conflitos por conta da retirada ilegal de madeira, queimadas criminosas ocasionadas por brigas entre indígenas e posseiros e madeireiros, quebras de pontes para impedir a passagem dos indígenas ocasionadas por posseiros entre outras situações. Os povos indígenas são muito pressionados em suas terras e o valor que dão a elas vai se fortalecendo a cada dia.

Por esta razão torna-se cada vez mais importante levar para a sala de aula estas questões, pois tais assuntos mechem com a vida de todos na aldeia, contudo devemos levar em consideração a especificidade e a realidade indígena, por esta razão resolvi enquanto indígena elaborar um material que pudesse abrir caminho na sala de aula a essas discussões e levar nossos alunos a enxergarem



a importância do território e de suas terras indígenas. Escolhi a disciplina de geografia para tratar desse assunto, porque ela trabalha com estes conceitos e temos muita carência em nossas aldeias de materiais específicos para trabalhar as questões indígenas. Segundo Netto e Barbosa (2010):

Tradicionalmente, os conteúdos ensinados na Geografia escolar são marcados pela fragmentação do saber e pelo distanciamento da realidade cotidiana dos educandos. Por isso não é estranho afirmar que esta postura tem contribuído para uma aprendizagem mecânica, que em nada ajuda o aluno a dar sentido aos saberes geográficos. Infelizmente, essa é uma realidade que persiste na maioria das escolas brasileiras. (p. 162).

A LDB, prevê aos povos indígenas uma educação específica que garanta seus saberes e modos de ver e entender o mundo.

O art. 78 afirma que a educação escolar para os povos indígenas deve ser intercultural e bilíngüe para a reafirmação de suas identidades étnicas, recuperação de suas memórias históricas, valorização de suas línguas e ciências, além de possibilitar o acesso às informações e aos conhecimentos valorizados pela sociedade nacional.

Como podemos observar, a garantia dos povos indígenas a seus direitos territoriais está prevista nas legislações, como na mencionada acima. No tópico abaixo iremos perceber o olhar da comunidade acerca de sua terra indígenas e suas múltiplas importâncias.

A TERRA INDIGENA TEMBÉ E KA'APOR: RELATOS ACERCA DA IMPORTÂNCIA DAS TERRAS INDÍGENAS

Abaixo escolhemos algumas entrevistas que demonstram a importância dos territórios para o Povo Tembé e Ka'apor. Começaremos apresentando as entrevistas do povo Tembé. A entrevista apresentada aqui é com a liderança da aldeia Cajueiro Sr. Reginaldo Noronha Tembé. Quando perguntamos ao eu seu Reginaldo sobre qual a importância do território para o povo Tembé a resposta que obtivemos foi a seguinte:

A importância que o território tem para nos povo Tembé e porque nós vimos ele como nossa mãe ele traz bons sentimentos temos uma ligações com nossa terra através de espíritos que vem de lá da natureza mãe Entre tudo quando precisamos de alguns alimentos recorremos a eles por que sabemos lá está para nos servir entre outros como os medicamentos tradicionais e outros recursos por isso estamos sempre em lutas de manter preservado para o futuro não vim acabar para que futuramente nossos netos tem o privilégio de apreciar essa bela riquezas que tem dentro do nosso território e também repassar os nosso conhecimentos que temos sobre ele então e muito importante pra nos povo Tembé. Também ele fazer parte de nossa cultura ele e nossa identidade através dele nos identificamos como os verdadeiros Tembé por mim vamos lutar com todas as nossas forças e faze nos viver bem (2019).



Na fala de seu Reginaldo percebemos que o território possui múltiplas funções e importâncias que perpassam pela cultura, alimentação, moradia, espiritualidade e sentimento de pertencimento.

Outro entrevistado foi seu Jorge Bonafonso Tembê, segundo ele, houve a diminuição da caça no território Tembê, pois antes a caça ficava muito próxima a sua casa, atualmente é bem difícil caçar, de acordo com o seu Bonafonso, pois por conta dos madeireiros, desmatamentos, queimadas a caça diminuiu. Além disso, o número da população da aldeia também aumentou. Ele nos relata que o Território é importante para a sobrevivência do povo Tembê, pois é dele que a alimentação é retirada. Ele ainda conclui dizendo que trabalhos como o descrito aqui, podem ajudar as novas gerações a entenderem a necessidade de conservar e proteger o território. Seu Bonafonso, ainda, nos diz que o território Ka'apor é mais preservado, pois possui ainda caças e madeiras de lei diferente do que acontece com o Território Tembê que não possui mais a madeira de lei. Isso ocorre, segundo seu Bonafonso, devido à grande retirada de madeira pelos madeireiros. Por esta razão é importante que as gerações conservem o território Tembê.

Nesta entrevista percebemos o quanto a entrada de outros atores no território prejudicou e prejudica elementos importantes para os Tembê como, por exemplo, a caça, o entrevistado também nos diz como é importante trabalhos como este para levar as futuras gerações a refletirem sobre seu território.

No território Ka'apor colocaremos algumas falas sobre o a importância do Território para este povo. Segundo Carlos Carneiro Arixihu:

A demarcação do território ocorreu devido muitas lutas de vários povos Timbira, Tembê e os Ka'apor para faz o caminho que chamamos de pico juntos com nós tivemos apoio da Funai sempre estava nos apoiando. O nosso território faz parte de nós, porque se um dia vim acabar nossa mata como e que nosso povo vai conseguir sobreviver, pois o nosso mundo é diferente dos não índio. Nós estamos acostumados com o nosso território. Todos os dias acordamos com os cantos dos pássaros e o brilhar do sol então tudo isso faz parte de nós povo Ka'apor. Estamos sempre buscando meio de como está trabalhando na forma de preservação do território para que futuramente nossos netos chegam a ver o nosso território como está hoje com muitas caças e o rio muitos peixes etc. Antigamente, logo quando chegamos aqui, tinha um senhor morando aqui chamado Expedito. Ele foi embora e resolvemos fazer uma aldeia. Tudo era mais fácil! As caças e peixes tinha muitos mesmos, mas os anos foram se passando e com a destruição da floresta foram se afastando. Lutamos para retirar os madeireiros, mas agora estão voltando para perto (2019).

Ele buscar relatar um pouco sobre a história da demarcação da Terra Alto Turiaçu e faz uma viagem no tempo de como era antes e como está hoje. De acordo com o relato de seu Carlos, antes tinha muitas caças e peixes, mas com a invasões dos madeireiros os animais se distanciaram mais por contar da de-



vastação da floresta. Atualmente a situação melhorou. Com a ajuda de todos os parentes conseguimos afastar os madeireiros e posseiros.

Segundo Pirawi Guajajara, grande caçador:

E muito importante manter a floresta preservada, porque nós caçador temos onde buscar um alimento rápido quando queremos comer carne onde nós vamos buscar no mato então por isso é muito importante. Quando nós caçador vamos caçar pedimos licença para o dono da mata que é a curupira batemos em uma árvore chamada curupira e aí seguimos viagem para caçar. Não podemos caçar atoa se não ela pode fazer mal para o caçador dentro da floresta. Existem os espíritos que as pessoas não vêem como João perdido matim, taperera e curupira (2019).

Esse relato evidencia a importância de manter a floresta preservada, por conta, sobretudo dos animais e os espíritos que ali contém na mata, bem como outras espécies de seres vivos como as aves, plantas medicinais etc.

Percebemos, portanto, nesta fala a presença dos espíritos da floresta que se fazem presentes para vigiar e punir aqueles que desrespeitam o território e os animais que ali habitam. Observamos esse aspecto tanto na fala dos Ka'apor, quanto nas falas dos Tembé.

A importância dos territórios, a luta pela posse da terra para ambos não foi fácil, e para os Tembé esta luta pela conservação e segurança de sua terra continua, pois, a pressão sobre eles de madeireiros posseiros e fazendeiros é maior que a pressão realizada nos Ka'apor, porém ambos os povos percebem a diminuição da caça em seus espaços, ocasionados por fatores ambientais e aumento de suas populações e desmatamento. O território para eles tem importância especial, como já dito vai além do visto, perpassa pelo sentido e vivido.

Ao analisar estas falas, criamos então um recurso didático de Geografia para o 9º ano do ensino fundamental que discutisse Terra, Território, Espaço Geográfico, Lugar. Nesse material trabalhamos algumas questões relacionadas às legislações vigentes sobre Terra Indígena e Território, ao final, criamos atividades para avaliarmos o entendimento dos alunos acerca dos temas trabalhados. Aplicamos este material para o povo Ka'apor, contudo ele também pode ser utilizado pelos professores Tembé, pois existe uma carência muito grande de matérias de Geografia com o olhar indígena. No tópico a seguir fazemos um breve relato sobre a aplicação da Cartilha.

APLICAÇÃO DA CARTILHA: A IMPORTÂNCIA DA TERRA INDÍGENA PARA OS KA'APOR E OS TEMBÉ DO GURUPI

Neste Tópico faremos um breve relato da aplicação de nossa cartilha com os alunos do 9º ano do ensino Fundamental da Escola Indígena Pyahu, localizada na aldeia Sitio Novo, Terra indígena Alto Turiaçu no Maranhão.



A 1ª Aplicação do material ocorreu no dia 26-08-2019, primeiro dia de aula com os alunos o tema abordado foi Espaço Geográfico e Terra indígena. Explicamos o que é uma Terra Indígena, após toda a explicação alguns alunos deram sua opinião sobre a importância de sua terra para eles e para sua comunidade. A aula foi dialogada, no final da aula fiz a proposição de uma atividade para que eles respondessem algumas questões. Destaco que todos conseguiram alcançar os objetivos esperados.

A minha aula foi muito gratificante e produtiva, porque os meus alunos conseguiram absorver um pouco do assunto repassado. Durante no primeiro dia de aula não houver pontos negativos. Cabe ressaltar que nessa primeira aula foi usado o Mapa para explicar os conceitos do tópico da aula.

Imagem 3: Mapa dos espaços Geográficos do Rio Gurupi.



Fonte: Sibila 2019.

A 2ª aplicação do material ocorreu no dia 27 de agosto de 2019, segundo dia de aula na escola indígena Pyahú. O tema da aula foi Os Impactos Ambientais no Território Ka'apor e Tembê. Primeiro foi exposto no quadro dois mapas do território. Logo em seguida, fiz uma pergunta para motivá-los a interagir. A pergunta foi: O que são impactos ambientais? Alguns alunos deram exemplos de destruição que vem causando impactos no seu território. Quando eles terminaram de falar, expliquei o que são impactos ambientais, no final da aula passei uma atividade para eles com as seguintes perguntas: 1) De acordo com o texto estudado, reescreva o que são impactos ambientais; 2) Quais são os impactos



mais encontrada no nosso território; 3) Diga o que podemos fazer para evitar esses impactos.

O segundo dia de aula foi muito proveitoso. Os alunos participaram mais das aulas e tiveram mais interação com a professora. Consegui ministrar minhas aulas tranquilamente e os alunos conseguiram adquirir os conhecimentos repassados.

Imagem 4: Nas imagens temos: a esquerda mapas da TIARG e direita mapa da Terra Indígena Alto Turiaçu (povo Ka'apor); esses mapas foram trabalhados em sala de aula.



Fonte: Sibila 2019.

No terceiro dia de aplicação do material que ocorreu no dia 28 de agosto de 2019, o tema abordado foi A Importância do Território para os Tembê e Ka'apor. Nessa aula, primeiramente, apresentei o meu plano de aula. Após essa apresentação fiz uma pergunta inicial que era: Qual a importância do nosso território para o nosso povo? Os alunos falaram o que eles acharam, após suas falas, expliquei o conceito de território e lugar. Todos ficaram empolgados com o conteúdo repassado e os conhecimentos adquiridos sobre território. Durante a aula conversamos e sempre debatemos os conteúdos observando a realidade dos dois povos, Ka'apor e Tembê. Trabalhamos também algumas histórias adquiridas a partir de relatos orais dos mais velhos. Demonstrando aos alunos que a importância desses espaços não é só física, mas também é espiritual. No final da aula, passei uma pequena atividade que consistia em fazer um pequeno texto sobre a importância do nosso território. O terceiro dia de aula foi muito valioso, porque foi uma aula dialogada, em que os alunos conseguiram perceber e observar as diferenças entre os territórios.

A 4ª aplicação do material didático ocorreu no dia 29 de agosto de 2019. Essa foi a última aula que, por sua vez, teve o seguinte tema: Legislações sobre o Território Indígena. Como sempre comeci a aula com uma pergunta: vocês sabem me dizer se alguém conhece alguma legislação que fala sobre o território? Todos os alunos responderam que não tinham ne-



nhum conhecimento sobre legislações que podem amparar a questão dos territórios. Expliquei algumas que tenho conhecimento e as que já estavam na cartilha para eles. Depois, iniciamos um diálogo sobre este assunto. Nesta última aula, discutimos também acerca dos impactos ambientais causados nas Terras Indígenas e realizamos a atividade final.

Posso dizer que foi muito bom trabalhar com os alunos, consegui repassar um pouco dos meus conhecimentos para os alunos de minha comunidade Sítio Novo Aldeia Ka'apor onde moro, fico muito feliz por alcançar os meus objetivos que era aplicar minhas aulas e fazer com que eles entendessem que estava sendo repassado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho se constituiu em um grande aprendizado para mim como indígena, pois, entendi um pouco mais sobre os temas Terra Indígena, Território e Legislações concernentes. Entrei em contato com conhecimentos do povo Tembé sobre suas terras e pesquisei sobre o processo de demarcação destas. Nas entrevistas percebi o quanto o território é importante para os Tembé e o quanto eles lutam para manter seu espaço. Escutei histórias orais sobre esse território e ao olhar para o meu espaço e povo Ka'apor consegui ter um outro olhar sobre meu território além de relembrar com a entrevista dos mais velhos histórias sobre os protetores da floresta de minha Terra Indígena.

Para a construção da cartilha precisei adquirir conhecimentos sobre cartografia, sobretudo da área que transito que são os territórios do povo Tembé e do povo Ka'apor. Percebi com a construção desse material as nuances do espaço geográfico, os espaços de caça e os espaços de pesca e tive a possibilidade de repassar aos meus alunos todo o conhecimento científico, bem como os conhecimentos indígenas que carrego e que as entrevistas me possibilitaram obter.

Acredito que o material construído vai facilitar ao professor indígena de Geografia a repassar os conhecimentos acerca do seu território aos seus alunos, fazendo com que eles consigam respeitar e reafirmar a luta pela defesa e conservação de suas terras tão caras aos povos indígenas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Manuel C. *A questão do território no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1995.

ARRUDA, Rinaldo. *Territórios indígenas no Brasil: aspectos jurídicos e socioculturais*. Etnodesenvolvimento e políticas públicas. Disponível em: <http://laced.etc.br/site/arquivos/08-Etnodesenvolvimento.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2020.

BRASIL. *Constituição federal de 1988*.

BRASIL. *LDB*, - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.



CRESPINO, Matheus Pepe. Um estudo sobre o conceito de território na análise geográfica. *Anais III encontro de Geografia: A Geografia e suas vertentes*. Instituto Federal Fluminense. RJ.

CAVALCANTE, Thiago Leandro Vieira. “*TERRA INDÍGENA*”: Aspectos históricos da construção e aplicação de um conceito jurídico. Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). 2016.

HAESBAERT, Rogério; ARAUJO, F. G. B. (Orgs.). *Identidades e Territórios: Questões e Olhares Contemporâneos*. Rio de Janeiro: v. 1. 2007

HAESBART, Rogério; ARAUJO, F. G. B. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. 2 ed. rev. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

NEVES, I. dos S.; CARDOSO, A. S. P. *Patrimônio cultural Tembê-Tenetebara: Terra Indígena Alto Rio Guamá*. Belém: Iphan. 2015.

NEVES, Ivânia. *A invenção do índio e as narrativas orais tupi*. Tese de doutorado. Campinas: Unicamp. 2009

NETO, Francisco Otavio Landim; BARBOSA, Maria Edvani Silva. *O ensino de geografia na educação básica: uma análise da relação entre a formação do docente e sua atuação na Geografia escolar* Francisco Otávio Landim Neto Graduado em Geografia – Universidade Federal do Ceará. **Geosaberes**, v. 1, n. 2, 2010.

NEVES, I. dos S.; CARDOSO, A. S. P. *Patrimônio cultural Tembê-Tenetebara: Terra Indígena Alto Rio Guamá*. Belém: Iphan. 2015. 106 p.

RIDEEL, Manual. *Compacto de Geografia Ensino Fundamental*. São Paulo: Editora Rideel, 2010.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma Geografia do Poder*. São Paulo: Ática, 1980.

SILVA, Elizangela Cardoso de Araújo. *Popos Indígenas e o direito à terra na realidade Brasileira*. Recife, PE: Editora da UEPE, 2018.

SAUER, Carl. O Geografia Cultural. In: Correa e Z, Rosendahl. *Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000.



12

AS MÚLTIPLAS REFERÊNCIAS DO RIO URAIM PARA O POVO TEMBÉ DO GURUPI DA ALDEIA CAJUEIRO – PARAGOMINAS – PARÁ

Joselito de Jesus Borges³⁰
Haieny Nazaré Reis Santos³¹

INTRODUÇÃO

Ao ver a destruição ambiental e as mudanças que foram ocorrendo no rio Uraim e dentro das aldeias próximas a esse rio ao longo do tempo afetando a coloração da água, diminuição de peixes e da biodiversidade local, enquanto aluno da Licenciatura Intercultural Indígena da UEPA, indígena e futuro professor pensei em construir uma cartilha de geografia para os alunos do 7º ano do ensino fundamental que abordasse os principais impactos ambientais causados ao rio Uraim, pela atuação do homem na modificação desse espaço na perspectiva que este aluno tivesse um olhar global e local sobre estes impactos, ressaltando a importância da educação ambiental para a promoção da conservação da vida. Levando os alunos a refletirem sobre a importância do rio Uraim e das águas para a vida de nossa comunidade indígena.

Para um maior entendimento este trabalho teve como objetivo geral entender a importância do rio Uraim para o povo indígena Tembé que vive na aldeia Cajueiro. Tivemos como objetivos específicos: elaborar um material didático que seja utilizado pelos professores indígenas para discutir acerca da conservação do rio Uraim, dentro da disciplina de Geografia; entender as múltiplas referências do rio Uraim para os pescadores, comunidade em geral, professores e anciões; levar o aluno a refletir sobre os principais impactos ambientais que podem afetar os sistemas locais por falta de uma consciência ambiental; levar o aluno e a comunidade a conservar seus recursos hídricos.

A metodologia empregada neste trabalho se deu a partir de pesquisa bibliográfica com autores que discutissem impactos ambientais, educação ambiental, ensino da geografia, educação indígena; para perceber a importância do rio

³⁰ Egresso do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará – UEPA.

³¹ Mestra em Antropologia. Docente do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará -UEPA.



Uraim para a comunidade, realizamos entrevistas com pescadores, a comunidade local, anciões e professores, após isto, iniciamos a criação da cartilha com a construção de mapas dos rios próximos a aldeia e do espaço geográfico da aldeia cajueiro relacionando com assuntos inerentes da Geografia, ao final construímos a cartilha e aplicamos aos alunos do 7º ano do ensino fundamental; em seguida, iniciamos a escrita do presente artigo.

Este artigo está dividido, além desta introdução, em três grandes tópicos. O primeiro intitulado *A importância das águas e dos rios: uma breve discussão bibliográfica*, em que fazemos uma breve discussão de temas concernentes a hidrografia, educação ambiental, conservação ambiental. No segundo tópico apresentamos as entrevistas realizadas com a comunidade, anciões e pescadores que relatam sobre a importância cultural e do rio Uraim. No terceiro tópico intitulado *Relatos da aplicação da cartilha*, descrevemos o processo de elaboração da cartilha, mostrando a entrevista realizada com os professores, discutimos sobre a legislação da educação indígena e sobre o ensino de geografia. O artigo é finalizado com as considerações finais e o referencial bibliográfico.

A IMPORTÂNCIA DA ÁGUA E DOS RIOS: UMA DISCUSSÃO A PARTIR DAS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A água é o recurso mais importante do planeta, sem ela o ser humano não sobrevive por muito tempo, sem ela nossa sociedade entraria em colapso, pois 70 por cento de nosso planeta é água e apenas uma pequena parcela desta porcentagem é potável. O ciclo hidrológico ajuda a manter uma série de sistemas e regimes de rios em nosso planeta e reativar a vida biológica nele. Contudo nós seres humanos estamos a cada dia poluindo nossas fontes de recursos naturais causando sérios problemas aos recursos hídricos do planeta.

De acordo com Brasil (2008, p.11 a 13) a água cobre 70% da superfície do Planeta Terra, sendo que desta quantidade 97,5% do volume total de água está distribuída nos mares e oceanos e a água doce é apenas 2,5%, distribuídas em rios, lagos e outros reservatórios. Mesmo assim essa água está distribuída de forma desigual no Planeta, ou seja, em alguns lugares há muita água e em outros existe pouca. No Amazonas, por exemplo, estado da Região Norte há muita água, enquanto a Paraíba, na Região Nordeste, é marcado pela escassez de água. A água é vital e de fundamental importância para a sobrevivência de todas as espécies vivas da Terra, sendo de grande utilidade para o desenvolvimento das atividades econômicas, sociais e culturais criadas pelo ser humano (Mierza; Hespanhol, 2005 apud Brasil, 2008, p.10). Por causa do mau uso da água, o crescimento da contaminação das mesmas, vem acontecendo como umas das diversas causas para a crise de água no Planeta. Por isso existe uma grande quantidade de rios poluídos. E Isso é ocasionado em grande parte pela ausência de Educação Ambiental melhor. (Almeida; Nogueira; Gomes, 2016).

Existem lugares no planeta que a água é escassa, temos como exemplo parte da Ásia, África e até mesmo no Brasil região do sertão nordestino. A região



amazônica é uma das áreas do planeta onde a água ainda é abundante, contudo, existem muitos focos de poluição desta, e a população infelizmente ainda não se conscientizou da importância deste recurso, por esta razão se torna muito importante a educação ambiental que leva a reflexão acerca da importância do meio ambiente e sua conservação.

A educação ambiental deve se constituir em uma ação educativa permanente por intermédio da qual a comunidade têm a tomada de consciência de sua realidade global, do tipo de relações que os homens estabelecem entre si e com a natureza, dos problemas derivados e de ditas relações e suas causas profundas. Este processo deve ser desenvolvido por meio de práticas que possibilitem comportamentos direcionados a transformação superadora da realidade atual, nas searas sociais e naturais, através do desenvolvimento do educando das habilidades e atitudes necessárias (Bertolon; Mendes 2014).

O Brasil apresenta extensa rede hidrográfica, formada por rios, lagos, igarapés e por diversas bacias hidrográficas divididas em várias regiões do Brasil. O rio Uraim localizado no município de Paragominas-Pará está dentro da Bacia Amazônica que possui 4.819 819 km quadrados:

Abrangendo os quatro maiores estados da União - Amazonas, Pará, Goiás e Mato Grosso (estes três últimos não inteiramente), além de todo o território do Acre - e onde sobressaem, pelo tamanho, as bacias secundárias de seus afluentes, Madeira, Tapajós, Xingu, Tocantins e Negro (Santos, p. 3, 1962).

O rio Uraim localizado no município de Paragominas no estado do Pará possui parte de suas águas dentro da Terra Indígena Alto Rio Guamá e passa por algumas aldeias desta Terra Indígena, como por exemplo, a aldeia Cajueiro, onde habita parte do povo Tembé do Gurupi. Este rio é muito importante para a comunidade da aldeia, pois é nele em que a população realiza algumas atividades relevantes do seu dia a dia, como a pesca, o banho, lazer, lavagem de roupas, entre outras. É deste rio que os seres imortais (*karuaras*) saem para as festas na aldeia e de onde várias histórias orais são contadas. O transporte e locomoção entre aldeias também é feito por este rio. No rio se concentra vários tipos de animais, plantas. Nas suas margens é possível encontrar diferentes espécies de frutos e ervas que servem de medicação.



Imagem 1: Mapa do Rio Uraim.



Fonte: Joselito 2019

O rio Uraim apesar de sua grande importância, infelizmente, apresenta um pequeno grau de poluição. O lixo é jogado em suas margens pela própria comunidade o que tem afetado a limpeza deste, além dos problemas ambientais globais que tem afetado o local, pois, segundo relato da comunidade, o rio tem passado muitos dias quase seco em períodos que deveria estar cheio.

Como indígena, pertencente ao povo Tembé, percebo a importância da preservação do rio Uraim para minha comunidade, anciões, pescadores, crianças, homens e mulheres, pois é através dele que realizamos nossas atividades diárias. Os sinais de que o rio possui alguns problemas ambientais tem se tornado visíveis a cada dia, pois desde seu início em Paragominas ele já apresenta graves sinais de poluição que ao longo do caminho para a aldeia vai sendo minimizado e aumenta já próximo a ela com a ação da própria comunidade local.

Imagem 2: Mulher fazendo atividade no rio.



Fonte: Joselito, 2019.



A poluição ambiental não é só um problema do rio Uraim, no Brasil existem vários rios altamente contaminados, seja por lixo jogado pela população, seja por rejeitos químicos de indústrias, seja por mineração, seja o esgoto a céu aberto entre outros.

Atualmente, a preservação do meio ambiente é uma questão que vem sendo trabalhada por várias entidades governamentais e não governamentais – ONG's, principalmente, no que se refere aos recursos hídricos; recursos esgotáveis que a cada dia vem sofrendo um processo de poluição e, conseqüentemente, de redução da sua disponibilidade (Rodrigues et al, 1993). A poluição dos recursos hídricos é geralmente decorrente do lançamento de esgoto doméstico e industrial, na maioria das vezes sem tratamento prévio. Caso o lançamento ocorra em corpos d'água com baixo poder de depuração, aumenta circunstancialmente o risco à saúde da população (Cunha et al., 2005). Outros tipos de poluição dos corpos d'água ocorrem pela ação das águas da chuva, por transportarem a poluição disposta nas superfícies para os corpos d'água receptores, e pelo escoamento ave e depósitos de origem urbana ou industrial. (Mierzwa, p. 123, 2001).

Existem várias formas de poluição e contaminação dos rios, como demonstrado acima, contudo, também existem várias formas de conservar e preservar os rios através de uma conscientização da importância desses espaços para o bem viver da comunidade que o rodeia:

Na base da ação da Agenda 21, em geral seu capítulo 26 sobre reconhecimento e fortalecimento do papel das populações indígenas e suas comunidades, destaca-se tendo em vista a inter-relação entre o meio natural e o seu desenvolvimento e o bem estar cultural, social, econômico e físico das populações indígenas, os esforços nacionais e internacionais de implementação de um desenvolvimento ambientalmente saudável e sustentável devem reconhecer, acomodar, promover e fortalecer o papel das populações indígenas e suas comunidades.

Nesta citação percebemos a importância do papel do protagonismo indígena na busca pela sua sustentabilidade, pois apenas aqueles que vivem diariamente nos espaços das florestas sabem da importância cultural e social destas e dos rios que rodeiam os espaços das terras indígenas, só nos indígenas podemos reconhecer e entender toda a necessidade de conservar nosso território para as atuais e futuras gerações

Como podemos observar vários autores discutem sobre a questão da poluição dos rios, conservação da natureza e importância do meio ambiente para os povos indígenas, mas a nossa questão aqui é a de pensar como diminuir os impactos ambientais no rio Uraim que é tão importante para os povos indígenas moradores da aldeia cajueiro rio? Como fazer com que a comunidade preserve este espaço tão importante para os habitantes da aldeia Cajueiro? bem como perceber qual a importância desse espaço para a comunidade da aldeia cajueiro. Destaco que ao longo da pesquisa essas questões foram sendo esclarecidas.



A primeira questão a ser pensada foi qual a importância do rio Uraim para o povo Tembê residente na aldeia Cajueiro? Pois a água e os rios de forma geral apresentam múltiplas referências para a comunidade que o rodeia, segundo Diegues (2007):

Os rios, riachos, lagos, córregos, poços (e para as populações litorâneas, a praia e o mar) desempenham um papel fundamental para a produção e reprodução social e simbólica do modo de vida. Eles garantem a água para saciar a sede dos homens e animais, para o uso doméstico, para as hortas e pomares, para transporte e navegação e para algumas dessas populações são também fonte de energia. Para muitas delas, são também locais, habitados por seres naturais e sobrenaturais benéficos que, quando desrespeitados, podem trazer destruição e desgraça. (Diegues, 1996) Essas populações atribuem valores às águas que são distintos daqueles utilizados pelas sociedades urbano-industriais.

Para que pudéssemos obter respostas relacionadas a importância do rio Uraim para a comunidade da aldeia Cajueiro realizamos entrevistas com pescadores, anciões e comunidade geral que descreveremos no tópico a seguir:

AS MULTIPLAS REFERÊNCIAS DO RIO URAIM PARA O POVO TEMBÊ DA ALDEIA CAJUEIRO

A primeira entrevista realizada foi com seu Elias que nos relatou a importância do rio Uraim:

Segundo seu Elias Tembê: Quando (tupã) Jesus na cultura Tembê quando ele foi embora, deixou nos que ele deixou esse rio pra nós tem muitas coisas no rio, que nós não podemos duvidar. Que os animais que vivem no rio os animais, como a cobra, jacaré que a gente não pode brincar também, que tem muita gente que não ver. Pelo meu conhecimento que o meu pai contava pra mim, que viviam uma família cobra. Então lá no Rio Capim e aqui no Rio Gurupi tinha outra cobra, a do rio Capim ficava com ciúme da cobra daqui do Gurupi. Que a cobra daqui do Gurupi morava em um Lago Grande, perto do Itinga na cabeceira do Rio Gurupi, perto do Cocal na antiga aldeia do povo Tembê. Então o que aconteceu, a cobra do rio Capim foi lá no Lago Grande e matou a cobra macho. Ficou só a mulher dele grávida de uma cobrazinha, o que aconteceu a cobra nasceu e foi crescendo e de vez em quando a cobrazinha perguntava, mamãe cadê o meu pai mamãe? Ai a mãe dele respondia o seu pai mataram. E quem foi que matou? A, foi um homem do Rio Capim aí ele disse tá bom, um dia eu vou crescer, e eu vou vingar a morte do meu pai. Quando ele cresceu naquele tempo as piranhas era as policiais aí ele saiu atrás do assassino que matou o seu pai, juntamente com as piranhas. Perto do Lago eles saltaram de dentro da água com todas as suas comissões dele, o jacaré era o carro dele e tinha um caçador lá e ouviu aquele barulho e o caçador foi olhar e ia quebrando tudo, e parou rapidamente o barulho logo lá pertinho do Rio Capim, o caçador perguntou O que vocês estão fazendo? e responderam nós vamos vingar uma morte. E que aconteceu a muito tempo lá no Rio Gurupi no Lago Grande.

É agora que vamos vingar a morte do meu pai, e o caçador respondeu então eu vou ficar, e seguiram a viagem andaram e andaram até chegar no Rio Capim e desceram na água, o cachorro latiu lá no fundo da água e a mulher falando para o cachorro, e demorou saiu o tiroteio lá debaixo da



água, até que conseguiram matar a cobra que tinha matado o pai dele. E eles mataram ficaram lá no Rio Capim até hoje (2019).

As histórias trazem um fortalecimento para o povo Tembé, onde os acontecimentos são muito essenciais para ter a sua tradição bem preservada, de que os seres imortais se conflitavam porque tinham grande ambição e iam em busca de poder, espaço, e um grande domínios sobre os rios e matas, que foram deixados por Deus (tupã) que até hoje são muito respeitados pelo o povo Tembé, que acreditam que ali tem um grande dono onde estão o bem e o mau e que as histórias tem um grande significado pois são repassados de pai para filho e essas crenças ficaram eternizadas na etnia do povo Tembé.com a história da mãe da água e outras histórias ligadas aos rios como é o caso do rio Uraim.

Imagem 3: Ancião da aldeia Cajueiro, Elias Tembé.



Fonte: Joselito, 2019.

Segundo Santos (2017):

A mãe d'água é vista como guardiã das águas, sempre encanta os homens e guarda as águas, puni quem não a respeita, principalmente se os horários da utilização desses espaços não são respeitados. (...) demonstra o quanto existe respeito por espaços ligados a água, como os rios, lagos e igarapés e o quanto estes povos respeitam estes espaços e os conservam levando em conta sua cultura (p.74).

As culturas indígenas sempre tiveram histórias relacionadas aos seus espaços naturais, que são respeitados e fazem parte da cultura, rituais e relatos orais são repassados entre as gerações que ao longo de sua formação aprendem a conhecer as histórias e respeitá-las.



Imagem 4: Mãe D'água.



Fonte: Zelito, 2019

Além dos anciões, um importante personagem neste momento seria o pescador que convive diariamente nos rios da região e principalmente no rio Uraim. Segundo seu Jorge Bonafonso:

Antigamente o que eu alcancei tucunaré tinha de mais, surubim, aracu, fidele, de mais mesmo, principalmente no rio grande, quando estava assim nos primeiros ventos eu alcancei ver cai aquelas flor de araribá (tipo de favreira) rapaz ficava em grande quantidade de peixes se alimentando da flor da árvore, e hoje nunca mais eu vi esses tipos de peixes assim boiando de baixo da araribá cai flor de todos os jeitos é difícil se boiar algum fidelinho (espécie de peixe) é lá de baixo da coivara e olha lá, só bota só um dedo de lombo, e pronto, de primeiro era muito peixe, rodeirão (espécie de peixe) mesmo, rum caía aquelas favas de araribá, pegava mesmo de espinhel podia botar, em qualquer beira de rio, rodeirão era na hora, aqueles lagos que tem aqui no Uraim (Bonafonso, 2019).

Na entrevista do seu Jorge Bonafonso, um dos pescadores que conhece bem a pesca na aldeia, pude perceber através do relato dele, que houve várias mudanças em relação as pescarias, sobretudo no que se refere à quantidade de peixes no rio, pois como ele afirma a cada dia os peixes estão sendo mais reduzidos e, por isso, as estratégias de no rio Uraim estão sendo mudadas.

Além da quantidade de peixes que seu Jorge Bonafonso fala em seu relato, ele destaca também que os peixes que ele via e que hoje ver é que alguns peixes que estão bem ariscos em relação antigamente. Seu Bonafonso menciona também que as árvores que eram bem preservadas, hoje, sofreram grandes mudanças em virtude das queimadas e derrubadas de árvores. Antes as árvores eram bem preservadas e eram muito constantes nas margens do rio. Quando as árvores estavam com flores nas margens dos rios elas serviam de alimentos para os peixes, mas isso está se tornando a cada dia mais raro. Isso está fazendo com que os peixes desapareçam ou fujam para outros locais.



No pensamento que meu entrevistado é uma questão de preocupação com o futuro de seus netos, pois isso irá afetar a alimentação dentro das aldeias. Seu Bonafonso destaca em seu relato que ele sente saudade dos velhos tempos que viveu juntamente com seus pais. Ele relembra que armas que facilitavam na captura dos peixes não são mais usados pelos indígenas, como, por exemplo, a flecha, camina. Tais instrumentos eram muito usados pelo povo Tembê e não espantava os peixes, como faz a malhadeira, utensílio mais utilizado atualmente. Ele fala também que os lagos que ficam próximo à aldeia estão secando e isso torna mais difícil de encontrar os peixes para alimentação.

Segundo Jorge Gonçalves (outro morador da aldeia Cajueiro entrevistado para a realização deste trabalho),

No meu conhecimento é o peixe que é muito pescado ou muita malhadeira e bastante pescador no tempo das enchentes que os peixes tão desovando pra crescer a quantidade de mais peixe pra nós aqui do alto Uraim tanto para os indígenas, como para os brancos, mas não tem condição porque é muita gente que evoluiu o setor, as comunidades a beira rio, o peixe foi embora. (Jorge, 2019).

Na entrevista do seu Jorge Gonçalves ele destaca que a diminuição do peixe está relacionado ao aumento da população que, de acordo com ele, está a cada dia, tendo um grande aumento de consumo nas aldeias e vilas gerando um grande consumo maior desses peixes. Seu Jorge destaca também que na época da desova não tem nenhuma vigilância da marinha ou também de membros da comunidade e isso ocasiona no fato de não haver um controle de pesca no local, e isso, por sua vez, acaba reduzindo ainda mais essas quantidades de peixes no rio Uraim.

Imagem 5: Fotografias com os detentores da história Tembê: a esquerda Jorge Gonçalves e a direita Jorge Bonafonso.



Fonte: Zelito, 2019.



Além dos pescadores, realizamos entrevistas também com membros da comunidade que falam da importância do rio para os indígenas, moradores da aldeia Cajueiro. Segundo seu Raimundo Leonildo (2019):

Os impactos das queimadas e agrotóxicos que são venenos que acaba distanciando os peixes e acaba também tirando as alimentações das margens do rio, então eles acabam indo embora e desaparecendo então é uns dos motivos, também os motores marítimos que acaba afugentando com barulho também (Leonildo, 2019).

Na entrevista do Raimundo Leonildo percebemos que ele se sente preocupado com danos ambientais no rio Uraim. Que estão a cada dia ganhando espaço e tendo grandes aumentos no decorrer dos anos nos arredores das aldeias, bem como em todos os percursos do rio, sem nenhuma preocupação da sociedade, que acaba jogando pequenos frascos de combustível na água, e também as queimadas das árvores do leito do rio que servia de alimentação para os peixes e isso, como já mencionado, acaba gerando a fuga dos peixes para outros locais. Os impactos ambientais também vêm contribuindo para essa diminuição desses peixes, pois os venenos que são usados para eliminar as pragas das agriculturas acabam caindo no rio e, por sua vez, acaba matando também os peixes.

Observamos através das entrevistas acima, o quanto o rio Uraim é importante para a comunidade e o quanto ele vem sofrendo com os impactos ambientais, que resulta na poluição do rio e no desaparecimento dos peixes. A jogada de lixo, produtos químicos como o próprio combustível nos rios, poluição mais local tem afetado o rio e a comunidade indígena que reside próximo a ele.

Para que o problema local da jogada de lixo nas margens dos rios fosse solucionada, enquanto professor indígena elaborei uma cartilha de Geografia para o 7º ano que busca trabalhar com as questões ambientais, na perspectiva de levar os alunos a conservarem seu espaço e o rio que proporciona alimento e lazer para a comunidade.

Para tanto, tentamos responder as seguintes questões: como diminuir os impactos ambientais do rio Uraim que é tão importante para os povos indígenas, moradores da aldeia cajueiro rio? Como fazer com que a comunidade preserve este espaço tão importante para os habitantes da aldeia Cajueiro?

RELATOS DA APLICAÇÃO DA CARTILHA DE GEOGRAFIA

Para que pudéssemos entender o contexto educacional desses alunos que aplicaríamos a cartilha conversamos com os professores que ministravam a disciplina de Geografia no 7º ano do Ensino Fundamental. Entre eles mencionamos aqui, o professor Sidnei Tatá Tembê, formado pela UEPA no curso de Licenciatura Intercultural Indígena. Perguntamos para este professor como se dá o ensino de geografia na aldeia relacionado aos saberes indígenas. Segundo Sidnei Tatá Tembê,



Como por exemplo, os materiais didáticos porque nem tudo é os livros que vem, não é da realidade dos alunos fica difícil assim o professor ensinar uma coisa lá de fora. Sendo que aqui dentro tem um bocado de recursos que a gente poderia estar usando (Sidnei, 2019).

Na entrevista de Sidnei fica evidente a carência de matérias didáticas de geografia que tratem das questões locais, pois os materiais que têm estão muito distantes do contexto indígenas, uma vez que os livros já vêm prontos do Ministério da Educação e os professores indígenas são obrigados a usar para ensinar os alunos. Nesse sentido, a criação de materiais próprios sobre a realidade local, que tratem dos rios, da floresta, onde a aldeia está localizada, seriam muito importantes no ensino da geografia, porque os alunos convivem com a realidade dentro da aldeia, ficaria mais fácil para os professores ensinarem sobre o assunto.

A educação indígena, ao longo de vários séculos, foi feita por não indígenas que não conheciam e nem se interessavam em conhecer acerca da cultura desses povos, acabando por excluir uma série de conhecimentos necessários a vida destes povos. Com as diversas lutas por direitos indígenas, principalmente, no que se refere à educação, esses povos conseguiram aprovar uma série de legislações que ajudaram a construir uma nova educação indígena que priorizasse a realidade e saberes destes povos, como por exemplo, a Resolução N° 5 de 22 de junho de 2012 diz que:

“Um dos objetivos da Educação escolar Indígena na Educação Básica é: VII- Zelar para que o direito à educação diferenciada seja garantido às comunidades indígenas com qualidade social e pertinência pedagógica, cultural, linguística, ambiental e territorial, respeitando as lógicas, saberes e perspectivas dos próprios povos indígenas”.

Ao pensar em um material de geografia que relatasse a hidrografia local, inter-relacionando com a global, tocando em temas atuais como impactos ambientais, voltando para um pensar acerca do meio ambiente, abordando a questão da educação ambiental na perspectiva de levar o aluno a refletir sobre a sua realidade sem deixar de perceber que ações globais e locais também afetam a sua vida e o meio ambiente mais próximo, essa reflexão é possível dentro do ensino de Geografia. Pois, segundo Neto e Barbosa (2010),

O ensino de Geografia deve permitir aos educandos uma análise crítica da realidade, pois estes devem se colocar de forma propositiva diante dos problemas enfrentados na família, na comunidade, no trabalho, na escola e nas instituições das quais participam. Dessa forma, tem-se uma tomada de consciência sobre as responsabilidades, os direitos e deveres sociais, com o intuito de efetivamente tornar o aluno agente de mudanças desejáveis para a sociedade (p. 161, 2010).

Após o relato do professor Sidney e das próprias observações deste autor e também professor indígena, pensamos em criar um material de geografia



que atendesse a realidade de nossos alunos indígenas, uma cartilha com o tema *Impactos ambientais no Rio Uraim: o que o rio representa para o Povo Tembé*. Iniciamos esta cartilha tratando dos rios do Brasil e conceituando a geografia, discutimos assuntos da hidrografia geral, como a importância da água, o que são rios, mares, lagos, oceanos, ciclo da água. Abordamos a cartografia local com mapas da aldeia Cajueiro e do rio Uraim, bem como fotos dos múltiplos usos desses rios para a população Tembé e os principais impactos ambientais causados pelo homem ao meio ambiente e a educação ambiental para levar este aluno a refletir acerca de sua realidade. Nas linhas a seguir relatamos a aplicação da cartilha na turma do 7º ano da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Maria Francisca Tembé.

Primeira Aula – descrição: a aula foi realizada com os alunos de sétimo ano do ensino fundamental na data de 13 de maio 2019, no período matutino na escola Maria Francisca Tembé, onde o tema foi os problemas ambientais nos rios e a importância da água para nosso planeta. Foi explicado para os alunos como os rios e mares estão correndo graves riscos com o processo de contaminação por causa do descarte irregular de lixo, desmatamentos, elementos químicos e que são lançados nos rios pelos fazendeiros e agricultores, como por exemplo, os agrotóxicos.

A realização da aula se deu em dois momentos distintos, em sala e uma aula passeio no rio Uraim, onde os alunos observaram os lixos nas encostas do rio. Pedi a eles que fizessem uma lista dos lixos que podem afetar a aldeia. Foi também mostrado o mapa do rio Uraim com a aldeia Cajueiro e sua biodiversidade que, por sua vez, a cada dia vem sendo afetada pela ação humana. Em seguida, retornamos à sala de aula, onde cada aluno foi na frente dizer o que tinha observado na pesquisa. Isso foi uma forma de avaliação para cada aluno e todos leram e explicaram o que observaram. Foi uma aula bem divertida, em que os alunos foram bem participativos e prestaram bem atenção na hora da explicação em sala de aula e no momento da aula a passeio.



Imagem 6: Fotografias com o primeiro autor apresentando o projeto na escola da aldeia Cajueiro (a esquerda) e uma ilustração com o rio Uraim e seus elementos naturais (a direita).



Fonte: Zelito, 2019.

Segunda Aula – descrição: foi realizada dia 26 de setembro de 2019, na aldeia Cajueiro na Escola Maria Francisca Tembê. O tema da aula foi mares e oceanos, a dinâmica da aula ocorreu de forma escrita e dialogada com os alunos do 7º ano do ensino fundamental. Foi usado mapas e foi explicado a importância dos mapas e como eles podem contribuir com o entendimento sobre o espaço geográfico e o local em que este aluno vivencia e suas proximidades. No segundo momento da aula, foi feita uma atividade com uma cruzadinha, em que todos os alunos responderam. Um dos pontos positivos nesta aula é que os alunos participaram, fazendo bastantes perguntas e entenderam sobre o assunto.

Imagem 7: Ilustração de um percurso do rio Uraim com seus elementos naturais e as modificações causadas pelo homem.



Fonte: Joselito, 2019.



Terceira aula – descrição: no dia 28 de setembro de 2019, foi realizado a terceira aula. Esta aula ocorreu em dois momentos distintos. O primeiro se deu em sala de aula, onde foi mostrado fotos de rios contaminados da região e o mapa do rio Uraim. Foi explicado o assunto onde os alunos foram bem participativos. No segundo momento da aula, foi realizada uma atividade com os alunos que consistia em fazer um mutirão de limpeza na beira do rio. Foram coletadas grandes quantidades de lixo deixados pela comunidade e foram armazenados em um local onde a escola armazena seus lixos.

Imagem 8: Ilustração de um percurso do rio Uraim, dentro da TIARG, chamando os estudantes para as possibilidades de sua manutenção e preservação



Fonte: Joselito, 2019.

Nesta aula, abordamos assuntos relativos aos principais impactos ambientais causados aos rios, mares e oceanos, priorizando na explanação os rios e igarapés de nossa região. Também falamos da educação ambiental e a importância de conservar esses espaços para o bem do planeta e da comunidade que vive em nossa aldeia.



Imagem 9: Fotografia mostrando um momento da aula de campo, para trabalhar as questões da preservação do rio Uraim, dentro da TIARG



Fonte: Joselito, 2019.

Quarta Aula – descrição: no dia 29 de setembro de 2019, foi realizado a quarta aula sobre o assunto hidrografia geral, onde foi mostrado os rios do Brasil e os rios da TIARG. Discutimos na aula sobre a importância desses rios para o povo Tembé, o ciclo hidrológico e para a avaliação foi feito uma pequena atividade que consistia na elaboração de uma história que relacionava as lendas e mitos que envolvia os rios dentro da cultura Tembé. Cada aluno fez a sua história, em seguida foi lido dentro de sala de aula.

Imagem 10: Fotografias mostrando um cartaz com o rio Uraim (esquerda) e a aplicação da cartilha sobre a preservação do rio Uraim.



Fonte: Joselito, 2019.



Na aplicação da cartilha conseguimos ministrar conteúdo sobre a hidrografia geral, falando sobre a importância da água para o nosso planeta, discutindo acerca dos impactos ambientais e da educação ambiental, partindo sempre de uma perspectiva local. Mostramos, ainda, através de mapas a cartografia local, os espaços dos aldeia, os principais rios próximos a aldeia e a relevância deles para a manutenção e fortalecimento de aspectos culturais, sociais e ambientais para o nosso povo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluímos este artigo destacando a importância e o crescimento intelectual e profissional que tive ao longo destes quatro anos de curso na Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará. Esse curso me proporcionou pesquisar e demonstrar a importância de um espaço muito caro para mim que é o rio Uraim, pois como pescador percebia as mudanças neste espaço decorrentes da ação humana, no aspecto local e global. Foi muito importante para mim mostrar para os membros das nossas aldeias da TIARG que o rio Uraim é uma fonte de vida para o povo Tembé, que envolve também os costumes, mitos, histórias e lendas relacionadas a nossa cultura, por isso tive um grande interesse de escrever esse assunto com apoio das comunidades através das pesquisas de campo e das entrevistas que foram realizadas. Me sinto muito agradecido de alcançar os meus objetivos.

A construção da cartilha foi outro fator muito importante nesta pesquisa, pois proporcionou meu primeiro contato com a sala de aula e a possibilidade de levar os alunos e através deles a comunidade a entender a importância de conservar o meio ambiente, assim como refletir com a comunidade acerca de que os principais impactos ambientais são causados pela própria comunidade.

A construção deste artigo me proporcionou, ainda, conhecimentos teóricos sobre meio ambiente, educação indígena e ambiental, a importância da água no planeta entre outros assuntos relevantes para o meu aprendizado. Posso dizer que meu maior aprendizado foi o contato com a comunidade, a escuta de seus relatos e histórias orais sobre os rios e os seres que os habitam, assim como a percepção deles acerca das variações de peixes e do nível dos rios.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Resolução nº 5, de 22 de junho de 2012*: MEC/CNE /CAMARA DE EDUCAÇÃO BÁSICA, Brasília, DF. p. 02.

NETO, Francisco Otavio Landim; BARBOSA, Maria Edivani Silva. *O Ensino de Geografia na Educação Básica: uma análise da relação entre a formação do docente e sua atuação na Geografia escolar* – Universidade Federal do Ceará Geosaberes – v. 1, n. 2, dezembro/2010



RIDELL. *Manual Compacto de Geografia do Brasil*. São Paulo: Editora Rideel, 2010.

SANTOS, Ruth Simões Bezerra. *Aspectos da Hidrografia Brasileira*: Revista Brasileira de Geografia nº 3: SP, 1962.

DIEGUES, Antônio Carlos Diegues. Água e cultura nas populações tradicionais BRASILEIRAS: *I Encontro Internacional: Governança da Água*. São Paulo, novembro – Procam/Nupaub-U, 2007

ALMEIDA, Francisco Carlos Martins de; NOGUEIRA, Cristina Gladys de Mingareli; GOMES, Nalba Sirlene Ferreira. Evitando a poluição do Rio Piancó em Pombal – PB. INTESA – *Informativo Técnico do Semiárido* (Pombal-PB), v.10, n 1, p 38-49. 2016.

AMAZONENSE, Terezinha Alemam. Conhecimento dos povos indígenas e a teoria da complexidade: Educação ambiental e a valorização do patrimônio dos povos indígenas. *Revista Geonorte*. Edição Especial, v.3, n.4, p, 71-83, 2012.

BORTOLON, Brenda; MENDES, Marisa Schmitt Siqueira Mendes. A importância da educação Ambiental para o alcance da Sustentabilidade. *Revista Eletrônica Científica*. Itajaí. UNIVALI.2014.

SANTOS, Haieny Nazaré Reis. *Modos de perceber e representar o ambiente e o espaço no ensino de geografia realizado por professores indígenas Tembé da aldeia cajueiro – Paragominas – Pa*. UFPA. Belém, 2017.



13

TEMPO E MEMÓRIA: transformações no cotidiano da aldeia Cajueiro

**Elidiane Bonafonso Soares Tembê³²
Susana Braga de Souza³³**

INTRODUÇÃO

O interesse por essa temática surge da necessidade de tratar no contexto escolar a história e resistência do povo Tembê. As perguntas norteadoras que iniciaram essa discussão são: de onde vieram os Tembê? Como foram os surgimentos de suas aldeias? Quais foram os fundadores? Quais os órgãos e instituições que estiveram presentes na formação da aldeia? Quais os benefícios e sua importância para os indígenas? Quais transformações ocorreram com a chegada desses benefícios e as formas de união social?

Este artigo descreve uma pesquisa sobre Tempo e Memória que, por sua vez, resultou na elaboração e a aplicação de um material didático voltado para alunos do 6º ano do Ensino Fundamental da escola M.E.F.I Maria Francisca Tembê, na aldeia Cajueiro. Este tema surgiu pela falta de materiais didáticos que abordassem esse tema, mostrando em forma de uma linha do tempo as datas mais importantes de cada período histórico da aldeia, pois consideramos importante ter um material que mostre a data surgimento da aldeia, quem foram os primeiros fundadores etc.

A necessidade do presente trabalho se dá também a partir das dificuldades vivenciadas pelo povo Tembê que viveu e ainda vive em constantes lutas e conflitos por seus direitos. Diante deste quadro, há a necessidade contínua de fortalecimento de sua identidade étnica. O outro motivo, como já mencionamos, foi a carência de materiais didáticos pedagógicos, específicos e de qualidade para o ensino da disciplina de História nas escolas indígenas que mostram as diversas formas de resistência culturais que o povo Tembê tem acionados para manter sua cultura ao longo de muitos anos.

A preocupação em apresentar a história do povo Tembê e as mudanças ocorridas a partir da introdução de elementos novos, como mudanças nos há-

³² Egressa do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará - UEPA.

³³ Mestre em Educação e Cultura. Docente do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará - UEPA.



bitos e costumes tradicionais e vivências no modo de vida. Desse modo, terá registrado informações importantes sobre o povo Tembé. O material didático produzido poderá auxiliar no contexto da escola indígena, apresentando as organizações internas da aldeia e como são vivenciadas por cada família, fazendo uma reflexão enquanto sujeito de sua história.

Dessa forma, o material didático desenvolvido foi traz uma linha do tempo, apresentando as principais estruturas físicas da aldeia através do tempo, e o caderno de atividade relacionando questões sobre o modo de vida do povo Tembé. Esse material visa contextualizar o modo de vida e interferências das instituições no cotidiano Tembé. A produção didática tem o intuito de ser inserido no contexto da sala de aula na disciplina de história, auxiliando os alunos a conhecerem sua História, o modo de vida dos antepassados, transformações no contexto da aldeia e na organização social do povo Tembé.

Reconhecer as relações sociais, econômicas, políticas e culturais que estabeleceu e estabelecem as relações no presente e no passado; identificar a ascendência e descendências das pessoas que pertencem à sua localidade, quanto à nacionalidade, etnia, língua, religião e costumes, contextualizando seus deslocamentos e confrontos culturais, em diferentes tempos; utilizar diferentes fontes de informação para leituras críticas; valorizar as ações coletivas que repercutem as condições de vida. Entender as relações entre os homens ao longo dos tempos.

Adentrar nessa temática foi fundamental para refletir sobre as formas que encontramos para unirmos e juntos lutarmos por nossos direitos e objetivos. Com relação os desenvolvimentos, que tivemos e mudanças físicas no contexto da aldeia ainda assim temos a mesma como uma área preservada por muitos indígenas que moram aqui. No entanto, temos bastante alimentos, como os peixes que tiramos do rio, as caças que tiramos da nossa floresta e os frutos que nela possamos encontrar como o bacuri, o Guajará e vários outros, possuímos a habilidade de fabricar os artesanatos de origens Tembé Tenetehar e ainda mantemos os nossos costumes étnicos cultural.

ASPECTOS GERAIS DA ALDEIA CAJUEIRO

A aldeia Cajueiro está localizada na Terra Indígena Alto Rio Guamá (TIARG), situada no sudoeste do estado do Pará. A TIARG é um território regularizado e tradicionalmente ocupada pelo povo Tembé. Essa área possui 279.897,7 hectares e uma população de aproximadamente 1.425 pessoas. Cabe destacar que essa TI abrange os municípios paraenses de Santa Luzia do Pará, Garrafão do Norte, Nova Esperança do Piriá, Paragominas.

A aldeia Cajueiro começou com apenas duas famílias, através das mudanças no cotidiano da aldeia, muitas pessoas vieram morar aqui e atualmente vivem 61 famílias, como relata por Zezinho Noronha Tembé ao destacar que:



“Eu e meu irmão Reginaldo e os demais morávamos em lugar pertinho daqui minha mãe e minha avó e meus parentes, lá era a aldeia, então eu e meu irmão passávamos por aqui e em uma dessas vindas nós resolvemos fazer uma roça depois percebemos que o lugar era melhor para a construção de uma ladeia, decidimos vim morar aqui, abrimos a aldeia no início era só nos dois eu e minha família e ele e a família dele, depois de alguns meses, convidamos os demais para virem morar junto e conseguimos nossos objetivos, concordo já ouvir muitas pessoas falando que aldeia cajueiro ela era apenas um lugar onde as pessoas para vão para descansar e retiravam muitos matérias primas da natureza para ver der na cidade era também seus modo de sobrevivência e de tanto eles parar aqui eles decidiram abrir a aldeia e tudo começou assim. Ela iniciou-se em 1999 com algumas pessoas” (Zezinho Noronha Tembê, 57 anos).

De acordo com o relato do seu Zezinho Noronha Tembê, o ambiente era propício para fixação da nova aldeia, sendo um local onde todos poderiam cultivar seus alimentos e retirar da natureza seu sustento. A escolha por um novo local traduz a tranquilidade e o quanto a terra era produtiva. Um lugar próspero em que as primeiras famílias buscaram para viver com os seus demais parentes.

Desde sua formação, na atual localização, a aldeia indígena Cajueiro, vem crescendo e adquirindo muitos recursos para as famílias que hoje vivem no local, como: tratamento de água, energia elétrica, posto de saúde, escola, dentre outros. Muitos benefícios são vistos, hoje, como significativos avanços que contribuíram em contrapartida para algumas mudanças nos hábitos tradicionais do povo Tembê, problemática esta que também é objeto de estudo deste trabalho.

Ao longo dos anos muitas mudanças na estrutura física da aldeia aconteceram e modificaram o modo de vida e cotidiano do povo Tembê. A aldeia Cajueiro é uma das maiores da região do Gurupi, em número de moradores e estrutura. A partir das lutas em conjunto das associações, hoje, temos posto de saúde, escola, abastecimento de água, quadra poliesportiva, igrejas, casas comunitárias e associações. Apesar das transformações físicas, também podem ser vistas mudanças no cotidiano, cultura, religião dos Tembê.

Vale registrar aqui o papel desempenhado pelo cacique, pois cabia a ele organizarem a comunidade. Ele chamava seus guerreiros nos finais de tarde para passar os trabalhos do dia seguinte e todos compareciam, coloca as normas na aldeia para que fossem respeitadas, organizava os grupos para reivindicar melhorias para aldeia, sendo um verdadeiro líder. Atualmente, muitas coisas mudaram e tais mudanças são atribuídas, sobretudo ao contato com pessoas não indígena, que passaram a ingressar na aldeia através do casamento entre indígena e não indígena.

HISTÓRIA E EDUCAÇÃO

De acordo Soares (2018), o repasse dos conhecimentos tradicionais, passam por mudanças ao longo dos tempos, pois as novas tecnologias chamam



muito a atenção, principalmente das crianças e jovens. Temos que estar atento para que nossos costumes não sejam substituídos pelo interesse exagerado por tais tecnologia (Soares, 2018, p.10).

Comungo com o pensamento de Soares e relaciono isso a cultura Tembé, pois observo que isso é muito semelhante ao que vivemos. Estamos passando pelas mesmas dificuldades no repasse da nossa cultura, pois muitos jovens e crianças já não sabem mais os costumes do nosso povo e os mais velhos muitas vezes procuram ensinar, o que ocorre é uma interferência por conta das tecnologias e saberes do não indígenas que para alguns jovens são mais atrativos do que os saberes tradicionais.

Antigamente os mais velhos chamavam os jovens para rodas de conversa e eles passavam seus conhecimentos para as crianças e jovens, eles davam bastante atenção para a aprendizagem da cultura, mas o tempo foi passando e o contato com pessoas não indígenas trouxe muitas influências para os jovens. Logo veio a tecnologias para dentro da aldeia e isso tem afetado bastante a cultura do povo Tembé e de outros povos indígenas, pois a tecnologia são muitas novidades e então os jovens se dedicam a novos conhecimentos deixando seus costumes tradicionais de lado.

De acordo com Moreira Neto (1988), a educação tradicional é aquela que pode ser repassada de pais para filhos, ou seja, para a futura geração através da observação das atividades do dia da sociedade indígenas, que é na forma de caçar, fazer os artesanatos, pois esse aprendizado tem que ser espontâneo, sem obrigatoriedade por parte das crianças, é um aprendizado natural, uma vez que as crianças participam de todas as atividades cotidianas dos adultos. Essa educação tradicional se encontra presente nas sociedades indígenas e parte dela se atualiza no modo de viver, morar e práticas cotidianas de seu povo.

Segundo o autor, a primeira educação que as crianças recebem e a educação tradicional que é passada de pais para filhos em suas atividades de casa. É importante que em todas as atividades da aldeia as crianças participam, porque e nessa fase de sua vida que elas adquiriram conhecimentos sobre suas culturas e carregam com elas para futuramente ser usada e passadas para as novas gerações e, desse modo, a cultura permanece no meio dos indígenas mesmo que nas escolas indígenas não tenha materiais diferenciados. Vale mencionar, ainda, que maior parte da educação vem da família, ou seja, de casa e principalmente a educação tradicional (Moreira Neto, 1988, p.74).

A educação indígena, como é possível perceber, as atividades realizadas nas aldeias são divididas por gênero, onde algumas atividades são feitas somente pelos homens como roças, a produção de alguns artesanatos como o arco e flecha, a lanças os instrumentos de caças e de pesca na coleta de alguns



frutos que são encontrados somente nas florestas. É assim, também é dever dos homens irem até a floresta para colher o jenipapo do qual se extrai a tinta para fazer as pinturas corporais. As atividades de responsabilidades são a produção dos artesanatos como, por exemplo; o cocar, o colar pulseiras, anéis saias, o preparo da tinta do jenipapo para se obter os materiais para fazer as pinturas corporais, além de ajudar nas plantações dos roçados e nas colheitas de tudo que foi plantado no roçado. As mulheres ainda ajudam os homens nas cantorias nos dias de festas tradicionais. São elas que fazem a segunda voz nas cantorias durante as festas e rituais.

A educação, portanto, vai além da sala de aula, podemos observar no cotidiano da aldeia, nas divisões de tarefas por gêneros que fazem parte da organização social e cultural do povo Tembê, pois a forma de organização dos seus antepassados, mostra que desde cedo todos aprendem a ter responsabilidade pelos seus afazeres, valorizando assim o aprendizado enquanto parte da cultura que é de todos.

O pensamento construído a partir de uma prática historiadora permite compreender as transformações sociais ao longo do tempo. O ensino de História, portanto, é importante para a compreensão da diversidade e para a construção de uma visão crítica e autônoma da realidade. Nesse sentido, o material elaborado a partir da pesquisa desenvolvida sobre tempo e memória está voltado para alunos do 6º ano do Ensino Fundamental. Um dos objetivos é promover a reflexão nesses alunos sobre a História e o ofício do historiador e seus componentes, entre eles as práticas de investigação dos fenômenos históricos e a compreensão sobre as diferentes formas de registro. Assim, nas atividades apresentadas, combinamos ao menos duas práticas didático pedagógicas, lembrando que o professor pode e deve adaptá-las às suas necessidades dos estudantes e ao nível de aprendizagem deles, utilizando outras ferramentas e estratégias. O professor também é um pesquisador, e deve investigar, adaptar e criar práticas didático-pedagógicas que atendam às expectativas de desenvolvimento das habilidades junto aos alunos.

A educação institucionalizada não existia entre os Tembê, mas quando a FUNAI, assumiu a reponsabilidade pelos indígenas ela mandou professores branco para dentro da aldeia, mas eles eram supervisionados pela FUNAI. Ao passar do tempo houve parceria com o serviço público municipal e a escola se tornou presente no contexto da aldeia. Muitas mudanças passaram a ocorrer, pois os professores não conheciam nossa realidade, os alunos começam a aprender coisas novas. Vimos que a educação foi importante para o nosso povo, pois mudou a vida de muitos indígenas. Temos estudantes, outros já se formando e já trabalhando em suas aldeias. Desse modo, vemos que a educação veio para ajudar muitos os indígenas a conhecer outras realidades do mundo do não indígenas.



As mudanças nos hábitos tradicionais de antigamente dos Tenetchar que viviam da nossa cultura, praticando nossos rituais e fazendo nossos artesanato foi depois de algum tempo modificando os nossos hábitos tradicionais e costumes, tomamos como exemplo: o ritual da festa da menina moça, era umas das festas que todos teriam que fazer, participar, as menina comunicava aos pais o interesse em participar, o cacique e comunidade eram os responsáveis pela sua festa, hoje, não e mais assim a festa só acontece se a menina e seus pais concordarem.

No modo de morar torna-se visível as transformações. Antigamente, os indígenas moravam em casas tradicionais de barro, cobertas com palhas e sem divisão de cômodos, mas atualmente a maioria das moradias, são de alvenaria, telha, brasilit e possuem divisão de cômodos. No que se refere à alimentação, a base era peixe, carne de caças e rica em frutos da mata, uma alimentação bastante saudável com produtos naturais. O que temos, hoje, são os congelados, alimentos industrializados como enlatados e embutidos, uma alimentação, como podemos observar, não muito saudável. Constatou-se que o fator que contribuiu para essa mudança foi a introdução da energia elétrica no contexto da aldeia. Os alimentos são guardados em geladeiras, freezer para serem conservados. A procura pela alimentação que antes era realizada na reserva, hoje, ocorre na cidade em supermercados.

Outra mudança que ocorreu na vida do povo Tembê diz respeito à introdução de aparelhos eletrônicos que são facilmente encontrados entre crianças, jovens e adultos. O tempo, agora, é regido conforme a programação da televisão.

A colaboração entre os parentes ocorria em todos os momentos do cotidiano, nas formas de trabalho, na busca dos nossos objetivos comuns. Não existia a desunião entre nós e quando acontecia um movimento na aldeia ou fora todos estava preparado para ir à luta. O que vivenciamos atualmente é o interesse individual, uma busca apenas por seu benefício próprio, a presença constante do individualismo.

Conforme destaca Alonso (1996), a formação de novas identidades vem acontecendo pelas pessoas mais novas da comunidade, principalmente, pelos jovens e isso se torna preocupante, pois são as identidades de outros povos. Vale destacar que uma nova construção de identidades ocorre. Atribui-se tal modificação aos novos hábitos que vem influenciando os costumes locais. Muito embora os mais velhos permaneçam ensinando e transmitindo seus saberes como uma forma de resistência ao novo, transmitindo e dando importância aos conhecimentos tradicionais da sua cultura Tembê.

TEMPO E MEMÓRIA: O QUE DIZEM OS TEMBÊ

A memória e tudo que temos e a adquirimos ao longo da caminhada da vida. Podemos usá-la como fonte de conhecimentos para repassar para as futu-



ras gerações. Tudo que já vivemos de muita importância temos na memória. Recordações do passado, porque tudo que aprendemos fica na memória, portanto, é muito importante trazer esses conhecimentos. (Portelli, 2010. p.57).

Segundo Halbwachs,

A memória coletiva tem uma forte tendência a transformar os fatos do passado em imagens e ideias sem rupturas. Ou seja, tende a estabelecer uma continuidade entre o que é passado e o que é presente, restabelecendo, portanto, a unidade primitiva de tudo aquilo que, no processo histórico do grupo, representou quebra ou ruptura. Desta forma, a memória coletiva apresenta-se como a solução do passado, na atual; apresenta-se como recomposição quase mágica ou terapêutica, como algo que cura as feridas do passado (Halbwachs, 1993).

Para Halbwachs a memória coletiva serve para trazer os fatos que já aconteceram no passado para poder entender o presente e juntos poder desenvolver lembranças para as futuras gerações. As lembranças de acontecimentos podem ajudar nas atividades futuras como os conhecimentos tradicionais e as histórias de seus antepassados de como eles viviam antes. Tais fatos são importantes e podem ajudar no futuro de um povo.

A memória coletiva, para Halbwachs, desempenha um papel fundamental nos processos históricos feitos pelos historiadores. Em outros momentos, pode ser complementar à memória histórica. E em outros, preservando o valor do passado para os grupos sócias. Por outro, sendo a guardiã dos objetos culturais que atravessam os tempos e que, então, podem vir a se constituir em fontes para a pesquisa histórica (Halbwachs 1993).

A memória para Halbwachs é um conhecimento muito importante que serve para desenvolver várias atividades dentro de um grupo. Valorizando o conhecimento do passado e que pode ajudar nas pesquisas históricas de um povo e trazer coisas que possam ser conhecidas através de escritas e de fotografias.

Relacionado com a cultura Tembé muitas vezes a oralidade fica esquecida, pois estamos perdendo nossos mais velhos e, portanto, é importante deixar registrado, pois só assim podemos continuar estudando nossas histórias e passando para nova geração. Desse modo, a cultura Tembé é muito importante como uma fonte de tradição, que ajuda na construção da identidade do povo. Daí a necessidade de manter a cultura, a língua, as tradições, rituais, músicas e história, bem como todos os conhecimentos que envolvem o povo Tembé.

A partir das entrevistas realizadas para o desenvolvimento deste trabalho com os mais velhos, moradores da aldeia Cajueiro, pude identificar mudanças no modo de viver no que se refere à manutenção da cultura Tembé. Tais mudanças ocorrem preservadas nas suas festas e rituais tradicionais, na alimentação que era a base de peixes, carne de caça, alimentos, da floresta e agora é constituída, sobretudo por produtos industrializados; a língua Tembé que era comum a todos, bem como a autoridade do cacique era imposta e determinante ao modo de organização dos parentes.



Segundo o entrevistado Jorge Bonafonso do Espírito Santo Tembê:

“O posto de saúde as mudanças foi a facilidade de toma remédio sem precisar ir na floresta atrás de remédios e também temos as técnicas de enfermagem para nós atender e equipe médica. Isso também gerou empregos para alguns indígenas temos o agente de saúde e o microscopista, temos dentistas, somos bem atendidos em relação a saúde. Quanto a escola temos a educação diferenciada para nossos filhos e também alguns adultos que estuda, temos até alunos formados dando aula na aldeia e também gerou muitas rendas para os indígenas. Mudou bastante a vida dos indígenas, para melhor a casa de farinha trouxe a facilidade para as pessoas que trabalham fazendo farinha porque antes era muito trabalhoso e tinha muita dificuldade hoje com a casa de farinha toda equipada tudo ficou fácil. Já a casa de polpa não tem muita utilidade pois não temos produção. Contamos uma caixa de água que abastece as casas, ela é bem usada, porque com ela temos água limpa para beber e lavar podemos tomar banho, nem precisamos ir até o rio para usar água temos uma boa água em casa. Então tudo isso mudou são muitas mudanças que já estamos acostumados, e sem isso, parte da nossa vida temos vários benefícios em nossa aldeia. Ela é uma das melhores da região apesar de algumas mudanças ter afetado a nossa cultura (Jorge Bonafonso do Espírito Santo Tembê, 58 anos).

Pode-se perceber no relato acima, que muitas mudanças trouxeram melhorias para o cotidiano, no entanto, hábitos antes praticados foram substituídos ou modificados. Por outro lado, tecnologias e serviços, dos não indígenas, vieram para dentro da aldeia, e começaram a fazer parte do nosso convívio. Quanto aos nossos direitos, cada vez mais ficou esclarecido, a partir de nossas necessidades, as lideranças e a comunidade buscaram melhorias para o povo e daí começamos as lutas, através de muitas dificuldades fomos conquistando benefício que hoje temos em nossa comunidade.

É importante destacar a presença do cacique impondo algumas regras para melhor se viver em harmonia, como por exemplo: respeitar uns aos outros, não ingerir álcool, nem droga, não furtar objetos, dentre outras regras. Por outro lado, a partir das mudanças físicas, aprecem também as mudanças de comportamento, pois antes tudo que o cacique determinava os parentes seguiam, hoje, no entanto, com o avanço do contato com o mundo ocidental, se torna bem difícil de lidar, pois já quase não dão tanta importância para a organização comunitária.

Conforme destaca Zilmar Tembê:

A convivência entre as pessoas mudou muito, antigamente nós éramos todos unidos para trabalhar, nos vivia bem trabalhando, hoje tem pessoas que não querem mais trabalhar só querem ganhar dinheiro fácil sem se esforçar, sem pensar nas consequências que o desmatamento pode causar. Vários conflitos entre indígenas e madeireiros e também entre aos próprios indígenas, um deles foi em 2018 uma apreensão de maquinários, dentro da reserva indígena, isso gerou um grande conflito (Zilmar Lima Tembê, 54 anos).

Os conflitos entre indígenas e madeireiros são expostos na fala do depoente, até mesmo conflito entre parentes indígenas, são percebidos, isso mostra



que o interesse financeiro aos poucos vem ganhando espaço, pois não se pensa o quanto o desmatamento vai ser prejudicial para a natureza e para a vivência na aldeia. Ainda, hoje, temos animais que antes eram fáceis ser vistos na terra da reserva e já são raros. Os frutos e peixes, também ficaram escassos. São mudanças e transformações que ao longo do tempo são sentidas entre o povo Tembê, afetando o modo de viver e relacionar entre os parentes e com isso práticas e costumes dos saberes tradicionais, são modificados.

Na fala de Zilmar Tembê percebe-se que um dos grandes desafios do povo Tembê atualmente, está relacionado ao conflito entre indígenas e madeireiros que nos últimos anos tem sido constante. A Terra Indígena está sendo invadida e desmatada. O povo vem se organizando para proteger suas áreas, muitos parentes sentem medo das represas que podem vir a partir da mobilização do povo. Mas a proteção da reserva deve ser feita, pois estamos assistindo diariamente o crescimento do desmatamento das florestas, para futuras áreas de pasto.

APLICAÇÃO DA LINHA DO TEMPO

Através de um levantamento da bibliografia de materiais trabalhados na escola da aldeia Cajueiro pude evidenciar a necessidade de encontrar novos métodos que nos ajudem a nos manter como povo, com nossa identidade cultural. Na escola, encontramos muitas dificuldades, pois não temos materiais didáticos diferenciados e específicos para trabalhar em sala de aula com os alunos indígenas. Os materiais que são oferecidos pela Secretaria de Educação não mostram a diversidade cultural dos povos indígenas do Brasil e nem sua real situação. Os livros didáticos distribuídos nas escolas ainda trazem a imagem do indígena primitivo e exótico.

Diante da necessidade de material específico para trabalhar na disciplina de História na escola indígena, foi elaborado um recurso didático que traça uma linha do tempo da história de surgimento da aldeia Cajueiro e logo da história do povo Tembê. Esse material visa apresentar também as instituições presentes no contexto da aldeia Cajueiro, e um caderno de atividade, levando o aluno a pensar sobre a realidade em que vive e contextualizar como viviam seus antepassados.

A construção da linha do tempo é de suma importância, pois podemos deixar registrado os fatos marcantes que aconteceram, e podemos falar das transformações ocorridas ao longo do tempo. São momentos que fazem parte da vida cotidiana em tão em umas histórias podemos deixar de acordo com os acontecimentos em registro para ser trabalhada nas escolas indígenas. O caderno de atividade, recurso didático também elaborado no âmbito desse trabalho, configura-se como uma ferramenta a mais no processo de fortalecimento de nossa identidade cultural.



Destaca-se, ainda, que a memória dos mais velhos sobre os fatos históricos da formação da aldeia Cajueiro, assim como da vida do povo Temb  foi de fundamental importância para desenvolver os materiais com as informações que seriam repassadas aos alunos. Portanto, a produção desses recursos didáticos são de suma importância, pois ele buscam apresentar a formação da aldeia, acontecimentos datados, as transformações ocorridas aos longos dos anos, ressaltando sempre como era o modo de vida do povo Temb  antigamente.

A aplicação do material didático ocorreu no total de 10 aulas, em dias intercalados, na turma do 6 o ano durante a disciplina de História. Utilizando uma linha do tempo da aldeia Cajueiro, confeccionada em cartolinas, apresentei resultado das pesquisas realizadas em meses. Inicialmente apresentei o plano de trabalho e a metodologia que seria empregada no decorrer das aulas.

Foi importante apresentar aos alunos o conceito de tempo, memória, e a importância em estudar história, mais fundamental ainda estudar a história na escola indígena, mostrando os saberes do povo Temb . Falei também da importância da linha do tempo, ao apresentar os acontecimentos, trajetórias, fatos ocorridos na aldeia Cajueiro.

Nas aulas seguintes, levei relatos dos meus depoentes, no intuito de mostrar a importância da memória dos mais velhos e a valorização da cultura e identidade. Foi um momento de reflexão entre os alunos, pois todos puderam observar que as falas são de seus av s ou tios. Isso fez com que eles se identificassem e tivessem maior visão sobre sua história e a de seu povo, pois até então não sabiam como havia ocorrido a formação da aldeia Cajueiro.

Imagem 1: Fotografias mostrando os estudantes Temb  do 6 o ano da EMEF Maria Francisca Temb , durante a aplicação do material didático.



Fonte: Elidiane Temb , 2019.

Entre as aulas que se seguiram mostrei a linha do tempo e o que ela vem mostrar, quais são os acontecimentos importantes que aconteceu na aldeia, no



decorrer do tempo. Em seguida, continuei falando da aldeia primitiva como ela surgiu e quais pessoas a fundaram. Apresentei ainda o porquê de eles terem fundado a aldeia. E depois de algum tempo eles decidiram mudar para o local onde é atualmente a aldeia. Por outros motivos eles tiveram que abrir a aldeia Cajueiro e o motivo de terem vindo para a região onde encontram-se hoje.

Alguns alunos fizeram algumas perguntas em relação ao assunto. Nesse primeiro momento foi só explicação sobre a linha do tempo e as dúvidas dos alunos. Ainda no decorrer das aulas foi proposto atividades de pesquisas, que consistiam, principalmente, em entrevistar umas pessoas da aldeia. A convidada foi Keicy Kaporana, moradora da aldeia, a entrevista foi realizada na sala de aula, os alunos começaram a fazer as perguntas e ela respondeu a todos, nesta tarde, houve um verdadeiro revisitar da memória da entrevistada.

Essa atividade foi de fundamental importância, pois os alunos foram levados a vivenciar a pesquisa, a conhecer técnicas de entrevistas, além de conhecer sobre como ocorreu a inserção da escola, posto de saúde, abastecimento de água, a associação na aldeia Cajueiro.

Depois de toda a explicação eu pedir para eles construírem sua própria linha do tempo, destacando o processo formativo e pessoal. Essa segunda atividade foi realizada individualmente, e o ponto diferencial foi que os alunos levaram para construir junto com seus pais, fazendo assim um intercruzamento de saberes de indivíduos de épocas diferentes. O objetivo desta atividade era justamente fazer com que a família participasse dos conteúdos que eram apresentados na escola.

Imagem 2: Fotografias mostrando a produção da Linha do Tempo e exposição dos trabalhos.



Fonte: Elidiane Tembê, 2019.

As aulas seguintes contaram com o apoio do caderno de atividade. A linha do tempo fora exposta no final da sala e a partir das atividades entregues aos



alunos, ocorria a explicação dos elementos presentes na linha do tempo. Nesse momento, foi registrado os conflitos advindos a partir da entrada de madeireiros na Terras Indígena, o processo de luta e resistência do povo Tembé. Na mesma ocasião se explorou o papel das associações presentes atualmente na aldeia, a função da FUNAI, e seu trabalho junto as populações indígenas.

Após a realização das atividades do caderno proposto, desenvolveu-se uma apresentação das linhas do tempo dos alunos. Todos apresentaram, registrando as datas dos acontecimentos por eles consideradas importantes, a partir de então, pude relacionar as mudanças do cotidiano Tembé ocorridas ao longo do tempo, o que relatavam os entrevistados.

A culminância da aplicação do material didático, foi uma exposição das linhas do tempo e redações escritas pelos alunos, juntamente com seus familiares. Todas as apresentações foram de suma importância. Os alunos demonstraram interesse em conhecer ainda mais sobre a sua história, as mudanças no modo de morar e viver na aldeia Cajueiro.

Enfim vale mencionar, que os conhecimentos das pessoas mais velhas da aldeia, foram primordiais para desenvolvimento destas atividades. A importância dada ao trabalho pelos alunos, foi surpreendente, as perguntas que surgiram demonstraram os anseios em aprender cada vez mais sobre como viviam seus antepassados, bem como continuar praticando aquilo que nos identifica como Tembé.

Conclui-se assim que enquanto professores indígenas temos que estar sempre trabalhando saberes tradicionais e principalmente as histórias. As mudanças no modo de vida também podem ser objetos de estudo, os conhecimentos e saberes indígenas estão presentes para além da sala de aulas. Carregamos nossas histórias, vivências e lutas. Transformamos em conhecimento e encontramos novos métodos de ensino da cultura Tembé. De onde viemos, como era o nosso modo de vida, onde nós morávamos, tudo isso podemos estar trabalhando em sala de aula em formas de vários materiais didático de forma a fortalecer nossa cultura.

A produção dos trabalhos para a exposição de encerramento das aulas, foi gratificante, nesse momento os alunos puderam levar para o papel as informações que adquiriam junto com suas famílias. Foram relatos de suas vidas, de seus antepassados, suas histórias e acontecimentos que marcaram a vida na aldeia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi de muita importância, pois o desafio em trabalhar a presente temática, fez com que adquirisse vários conhecimentos sobre a história da aldeia Cajueiro, o seu processo formativo, modo de viver, hábitos, costumes e mudanças singulares do povo Tembé. Através da pesquisa que se deram a partir



de conversas formais e informais pude identificar as transformações corridas ao longo desses anos no contexto da aldeia.

Por fim, destaco que construir o material didático conforme a realidade local, foi de extrema importância. A metodologia utilizada para repassar tais conhecimentos aos alunos, foi desenvolvida de forma didática e prazerosa. Além disso, a interlocução dos saberes e práticas na escola indígenas me fizeram pensar o quão ainda podemos fazer pela manutenção da cultura e identidade Tembê. Os conhecimentos de nossos antepassados, dos hábitos tradicionais, costumes e tradições podem ser desenvolvidos em muitos outros trabalhos. Então, esse material, portanto, foi construído como uma ferramenta a ser utilizada pelo professor em sala de aula.

Desenvolver esse trabalho foi muito bom, pois pude observar várias mudanças que aconteceram ao longo do tempo na aldeia Cajueiro. A experiência vivida durante o desenvolvimento do trabalho foi fundamental para a minha aprendizagem e construção dos meus conhecimentos. Aprendi muitas coisas novas que posso levar para a minha profissão, assim como para as novas gerações do povo Tembê.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Sara. *Os Tembê do Guamá: processo de construção da cultura e identidade Tembê*. PPGAS/UFRJ, Rio de Janeiro, 1996. Dissertação (Mestrado).

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Referência Curricular para a Educação Infantil – RCNEI*. Brasília: MEC/ SEF, 1998.

PARKATÊJÊ, Rãrãkre T. J.; ALENCAR, Joelma C. P. M. Cultura e Identidade: Um estudo sobre a Pintura Corporal Gavião no Ensino Médio. In *A produção do conhecimento em contextos indígenas: diálogos interculturais para o ensino em Ciências Humanas e Sociais* / Org. Joelma Cristina Parente Monteiro Alencar, Claudio Emídio Silva e Eliete de Jesus Bararúá Solano - Belém: Eduepa, 2018.

MOREIRA NETO, Carlos de Araújo. *Índios da Amazônia: de maioria a minoria (1750-1850)*. Petrópolis: Vozes, 1988.

PORTELLI, Alessandro. *História oral como arte da escuta*. São Paulo. Letra e Voz, 2016.

SOARES, Maria de N. dos S.; NAUER, Ana L. Pintura Corporal Tembê e Resistência Cultural: Conteúdo Didático e Alternativas Pedagógicas no Ensino Fundamental. In: *A produção do conhecimento em contextos indígenas: diálogos interculturais para o ensino em Ciências Humanas e Sociais* / Org. Joelma Cristina Parente Monteiro Alencar, Claudio Emídio Silva e Eliete de Jesus Bararúá Solano - Belém: Eduepa, 2018.



ADORNOS E AMULETOS: tradições e significados do povo Tembê do Gurupi

Gleyce Patrícia Tembê³⁴
Susana Braga de Souza³⁵

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta o resultado da elaboração e aplicação de um material didático, em forma de catálogo, intitulado *Adornos e Amuletos: Tradições e Significados do Povo Tembê do Gurupi*, para ser utilizado na turma do 6º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Infantil Indígena Maria Francisca Tembê, da aldeia Cajueiro. A construção desse material é uma forma de registrar os artesanatos do povo Tembê, bem como os saberes que envolvem sua produção, as formas de uso e simbologia de cada um desses artefatos.

Esse trabalho visa contribuir na formação dos alunos Tembê para que conheçam sua história e cultura, pois observa-se que nas escolas das aldeias Cajueiro e Teko Haw há uma carência de materiais didáticos específicos para trabalhar com os alunos do ensino fundamental conteúdo da disciplina de História. Portanto, a proposta desse trabalho justifica-se pela necessidade de se produzir materiais didáticos que atendam as especificidades das escolas Tembê. Para o desenvolvimento deste estudo utilizamos como estratégia metodológica a realização de entrevistas com os mais velhos da aldeia, pesquisa bibliográfica sobre o assunto aqui abordado e registro fotográfico.

A motivação para a produção do catálogo sobre os adornos e amuletos Tembê partiu da necessidade de mostrar a importância e os diferentes saberes envolvidos no processo de confecção do artesanato e o significado desses elementos quando usados como amuleto. Outra razão que nos levou a desenvolver esse estudo consiste no fato de termos verificado que tem havido uma diminuição expressiva dessa atividade. Isso, por sua vez, tem causado uma ressignificação desse conhecimento, como por exemplo, mudança no modo de confeccionar as peças ou até mesmo sendo deixado de ser produzido. Os artesanatos e amuletos do povo Tembê são muito importantes para a manutenção e fortalecimento da

³⁴ Egressa do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará – UEPA.

³⁵ Mestre em Educação e Cultura. Docente do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará - UEPA.



cultura, portanto, falar dessa tradição é mais que uma necessidade, significa evidenciar nossos saberes, práticas e identidade.

O meu interesse em realizar este trabalho surgiu quando eu percebi que os artesanatos Tembê vêm passando por um grande processo de mudança. Podemos ver que os adornos Tembê vêm sofrendo algumas transformações na sua confecção, como por exemplo, muitas mulheres estão deixando de usar as sementes para usar apenas as miçangas compradas na cidade. Hoje, é muito difícil ver um colar de frutas, que era muito usado antigamente.

Também podemos observar que, entre os adornos produzidos por indígenas Tembê, está aparecendo alguns artesanatos que não são nossos, são de outras etnias, e a confecção deles está sendo muito alta em nossas aldeias. Verifica-se, ainda, que até com os artesanatos confeccionado com penas está acontecendo tais transformações, uma vez que as mulheres estão fazendo muito flores de penas e colocando nos colares, pau de cabelo, nas tiaras etc.

Além disso, achei também importante falar sobre os amuletos Tembê, que são muito utilizados, principalmente nas crianças. Esses amuletos protegem as crianças de mau olhado, isto é, um feitiço enviado intencionalmente por outra pessoa, provocando doença repentina nas crianças. Na cultura Tembê existem vários tipos de amuletos, cada um tem a sua utilidade.

Desse modo, lançamos como problema de pesquisa os seguintes questionamentos: Como promover o fortalecimento da identidade Tembê por meio da confecção do artesanato? Quais os saberes contidos nos usos dos amuletos? Para auxiliar na resolução desse problema, escolhemos as seguintes questões norteadoras: 1) Quais as características dos adornos e amuletos Tembê? 2) Quais as características culturais do povo Tembê apresentadas no artesanato? 3) Quais são as causas das transformações na confecção dos adornos e amuletos? 4) Por que é importante manter os artesanatos originais?

Com a ajuda dos mais velhos da aldeia na produção desse material didático teremos mais uma ferramenta para se trabalhar essa questão. De modo a promover no aluno o pensamento crítico sobre esse assunto, para que o torne capaz de analisar, interpretar e principalmente saibam lidar com as situações presente no mundo sociocultural.

CONVERSANDO COM OS AUTORES SOBRE ARTESANATOS

De acordo com o Ragazzi (2012), a criatividade aqui deve ser pensada a nível do processo de elaboração da cultura material tradicional que estabelece limites a fronteira a serem respeitadas pelos artesãos em seus trabalhos. O Brasil possui uma diversidade muito grande de culturas, e nessas culturas possui vários amuletos, e esses amuletos vieram dos povos



indígenas e dos africanos, cada amuleto tem um significado e pertencem a uma religiosidade.

A maneira correta que deveria ser chamada era artes indígenas porque existe uma diversidade muito grande de etnia indígena, cada uma tem seu estilo de produzir seus artesanatos e a maneira de entender o que é arte, porque para as populações indígenas o que elas fazem não é arte e apenas objetos que usam no dia a dia e nos rituais e que também fazem parte da sua cultura. De acordo com o autor, no Brasil, terra de miscigenação de culturas, oceano no qual desembocam rios, as influências europeias foram entrelaçadas as tradições indígenas e as crenças religiosas de origem africana (Ragazzi, 2012, p. 58).

Na tradição dos artesanatos Tembê temos uma característica muito forte, pois o uso de plumagem é constante nos adornos e amuletos, principalmente, durante as cerimônias e rituais. Os artesanatos com sementes também tem ganhado bastante espaço na nossa cultura. A produção maior desses objetos é realizada pelas mulheres Tembê, nos intervalos dos trabalhos domésticos e no trabalho da roça. Ao elencar a produção dos artesanatos temos em primeiro lugar a produção dos artesanatos de plumagem, em segundo os de tucumã e em terceiro lugar são os demais tipos de artesanato, como os de miçangas e outras sementes.

Ragazzi (2012) afirma que compreensível que algumas pessoas atribuam o mau olhar a poderes sobrenaturais dominados por aqueles que supostamente o lança, mas sua mais perfeita representação provém do mito grego relativo à medusa. Nesse sentido, os amuletos têm a função de acalmar e confortar o coração das pessoas que acreditam neles, hoje, a ciência e as tecnologias estão querendo acabar com essa magia. Na etnia Tembê os amuletos ainda são bastante usados pelas crianças, através desses amuletos acreditamos que as crianças estão protegidas. Utilizamos como proteção penas e bolsinhas de sementes.

O Brasil possui uma diversidade muito grande de culturas, e nessas culturas possui vários amuletos, e esses amuletos, por sua vez, vieram dos povos indígenas e dos africanos. Cada amuleto tem um significado e pertencem a uma religiosidade. E, os amuletos são muito importantes para cada povo. Segundo, Carneiro e Soares (2017, p. 1):

Experiências vivenciadas por essas populações tradicionais são fatores determinantes, sendo que a afirmação étnica ou a perda dela depende do grau de transmissão de conhecimentos de velho para jovens e de influências externa em espaços urbanos (Carneiro & Soares, 2017, p. 1).

Para Neto & Silva (2014) os saberes tradicionais só acabam se os mais velhos deixarem de repassar os conhecimentos para os mais jovens. Outra forma que esse conhecimento podem deixar de existir, segundo os autores, por causa do contato com os não indígenas. Os conhecimentos tradicionais têm tudo a ver com as crenças mítica, cosmológica etc. Desse modo, é muito importante ter



uma conversa sobre a sociedade não indígena e os indígenas, porque assim pode haver uma troca intercultural, ou seja, uma troca de saberes e assim fortalecer a identidade, como ocorreu com os Sateré Mawé. (Neto; Silva, 2014, p. 222)

Os artesanatos para o povo Tembé vão além de simples adornos. Carregam consigo uma riqueza de significados, principalmente, os que são usados nos rituais. Na cultura Tembé os artesanatos usados nos rituais têm toda uma religiosidade. Através deles podemos nos comunicar com os seres da floresta, das águas e os nossos antepassados. Assim ao fazer uso desses elementos as crianças, jovens e adultos estão sob proteção, sorte, atração e segurança. O poder do amuleto envolve nossa cultura, religiosidade, ancestralidade, faz viver nossa identidade em cada elemento que compõe o povo Tembé.

O ARTESANATO COMO REPRESENTATIVIDADE DO POVO TEMBÉ

Para a artesã Josefa Tembé, moradora da aldeia Cajueiro, a floresta é uma fonte muito importante, porque dela é retirada as matérias primas para confeccionar os artesanatos. Hoje, nós, indígenas, usamos vários objetos do homem branco como tecnologia, roupas etc., mas no momento que se usa os artesanatos começa-se a chamar atenção das pessoas que não são acostumadas a ver, por exemplo, um indígena com seus adereços.

“Eu sei fazer artesanatos, faço vários tipos como: pulseira de tucumã, grampo de cabelo, Nos meus artesanatos a matéria prima que eu uso é mais da nossa natureza, nossa floresta, eu acho assim que a importância dos artesanatos para manifestações culturais e por que vem chamar a atenção das pessoas que são de fora, porque a partir de que somos indígenas podemos usar roupas, celular qualquer coisa do não índio, mas a partir do momento que usamos os nossos artesanatos nós chamamos a atenção de todos” (Josefa Guajajara Tembé, 30 anos, morador da aldeia Cajueiro).

De acordo com o ancião Elias Tembé, os artesanatos antigamente eram confeccionados somente para usar no dia a dia e nos rituais, mas foi com a chegada dos não indígena que tal prática foi ressignificada. Os não indígenas deram a ideia de as mulheres produzirem os artesanatos para vender e assim adquirir alguma uma renda. No início esses artesanatos eram confeccionados apenas de penas e sementes.

“Eu sei fazer alguns artesanatos, antigamente os artesanatos eram feitos só para usar no dia a dia e nos rituais, quando nós tivemos contato com os karaiw (homem branco) foram eles que deram a ideia de nos fazer os artesanatos para vender porque eles compravam o que nós fazíamos, o artesanato se deu através de uma fonte de renda, as mulheres começaram a fazer para vender, naquele tempo as mulheres faziam artesanatos só de frutas do mato como: Santa Maria, mombaquinha e outros” (Elias Tembé, 60 anos, morador da aldeia Cajueiro).

Segundo Lourival Tembé, da aldeia Teko Haw, os artesanatos do povo Tembé eram de sementes e penas, que antes era confeccionado todos os dias



pelas mulheres Tembé, e que hoje ele tem uma grande preocupação, porque os mais jovens não estão respeitando mais a cultura e que antes os artesanatos tinham uma regra para ser usado, hoje, ele está sendo usado de qualquer jeito, os mais jovens não têm o interesse de saber os significados dos artesanatos.

“Antigamente os artesanatos eram mais de penas, penas de arara, papagaio, mutum, e mais as mulheres faziam também de sementes de santa maria frutinha do curupira, mongolou e mais, as mulheres faziam para usar todo dia e para as festas, os artesanatos de penas antigamente era respeitado o capacete(cocar) era só o cacique que usava os guerreiros usavam aqueles de capuchinho que e caidinho, por né ele tinha todo um significado as três penas vermelhas significava sabedoria, autoridade e respeito, só o cacique que usava. Hoje todo mundo usa, e por isso que os jovens estão ficando doido perturbado, porque eles não respeitam mais a regra, quando ta tendo a festa do moqueado o capacete da moça tem que várias penas de arara, papagaio, mutum, arara juba e outros porque quer dizer que existe muitos pássaros na nossa floresta, e a saia da menina o branco significa o dia a claridade e o vermelho significa a fase passada da menina que dizer também que a moça tem o sangue forte” (Lourival Tembé, 80 anos morador da aldeia Teko haw).

De acordo com o relato do professor indígena André Tembé, da aldeia Cajueiro, os artesanatos também são amuletos, porque alguns possuem significados, também servem como forma de proteção e atração, e que esses conhecimentos foram deixados pelos mais velhos da aldeia como forma de continuar repassando para as futuras gerações. A produção desses artesanatos de amuletos e uma forma de estar mantendo a tradição Tembé.

“Os artesanatos também tem outro significado que são usados como forma de amuletos para atrair caça no mato, outros para se proteger de mau olhado, que são conhecimentos deixados pelos nossos antepassados, conhecimentos que eles adquiriram com os avós deles, também repassaram pra gente, que a gente também tem que respeitar a natureza, respeitar os que nos cerca porque segundo eles também cada animal da natureza também tem seu dono então para se proteger desses donos dos animais, donos da floresta e dono da água e acaba criando os amuletos para se proteger, para a gente não pegar mal olhado algo desse tipo então o artesanato são de suma importância para a manutenção da cultura do povo Tembé” (André Francisco dos Santos Tembé, 37 anos, morador da aldeia Cajueiro)

A partir das entrevistas, podemos perceber a importância em repassar o conhecimento sobre a produção dos artesanatos para as futuras gerações, pois praticando em casa, os filhos, netos, sobrinhos, podem despertar o interesse em aprender os sentidos e significados da nossa cultura.

Portanto, é muito importante continuar confeccionando os artesanatos, porque assim as futuras gerações irão aprender e continuar fazendo as peças e isso é uma forma de estar mantendo a cultura Tembé. Nas entrevistas podemos perceber também a preocupação das mulheres e dos homens quando falam que os jovens não estão respeitando a religiosidade do seu povo e que os artesanatos possuem regras para serem usados. Cada artesanato tem seu momento de uso.



Observou-se também que as pessoas que possuem o domínio de confeccionar os artesanatos estão cada vez mais preocupadas para que essa prática não seja esquecida e apagada da cultura Tembé.

TRANSFORMAÇÕES NO MODE DE FAZER

A partir das entrevistas realizadas para este trabalho foi detectado que os artesanatos de antigamente eram produzidos somente com elementos da floresta, como, por exemplo, as sementes de vários tipos, caroços e penas. As tintas que eram usadas para tingir tais produtos vinham da árvore ingá-chichi, urucum e da fumaça da lamparina. As matérias primas naturais, antes utilizadas na confecção dos artesanatos estão passando por grandes transformações, conforme destaca dona Josefa Guajajara Tembé:

Na minha opinião os artesanatos de miçanga não são do nosso povo, e hoje as mulheres estão trocando as sementes pelas miçangas por causa da facilidade, porque as miçangas já estão furadas e mais rápido para enfiar e as penas porque as aves estão entrando em extinção, a maneira que arrumaram foi pegar a penas brancas e tingir de várias cores para poder amarrar para fazer o artesanato, devemos continuar fazendo os artesanatos porque faz parte da nossa cultura (Josefa Guajajara Tembé, 30 anos).

De acordo com a Josefa Guajajara Tembé, hoje, as sementes estão sendo substituída, por causa da facilidade que as miçangas têm, pois elas já vêm todas prontas, e as penas também têm sido substituídas, porque as aves estão entrando em extinção, principalmente as aves que são mais usadas pelas mulheres Tembé como a arara, arara juba, mutum e o papagaio.

Na minha opinião os artesanatos de miçanga não são do nosso povo, e hoje as mulheres estão trocando as sementes pelas miçangas por causa da facilidade, porque as miçangas já estão furadas e mais rápido para enfiar e as penas porque as aves estão entrando em extinção, a maneira que arrumaram foi pegar a penas brancas e tingir de várias cores para poder amarrar para fazer o artesanato, devemos continuar fazendo os artesanatos porque faz parte da nossa cultura (Eleonora Guajajara, 33 anos).

Segundo a Eleonora Guajajara, as sementes estão sendo trocada porque as miçangas são melhores de enfiar na linha, não precisa furar e as penas estão sendo tingidas, porque as aves estão correndo risco de extinção, e a única maneira de continuar confeccionando e mantendo a cultura e tingindo as penas brancas de pato.

Como pudemos ver a parti dos relatos acima, os produtos naturais utilizados na confecção dos artesanatos estão sendo substituído por produtos industrializados, como por exemplo, as miçangas, fibras, linha, gancho, prendedores. As sementes estão sendo substituídas pelas miçangas, pois as miçangas, já vem furada e assim facilita o processo de confecção dos artesanatos, as tintas que eram tiradas da casca da ingá-chichi para ficar vermelha ou preta, estão sendo



substituídas por tintol; a fibra, já muito difícil de ser encontrada, está sendo substituídas por linha de pipa e/ou fio de crochê.

Os adornos de plumagem também passam por mudanças, pois as penas que antes eram de aves como: papagaio, arara, tucano, mutum, ararajuba, dentre outras aves, atualmente estão sendo substituídas por penas brancas de pato que, por sua vez, são pintadas. Além disso, estão também comprando no comércio penas artificiais, isso acontece, porque as penas originais estão ficando difíceis de ser encontradas, pois as aves que antes eram facilmente encontradas na reserva indígena, hoje, estão cada vez mais difíceis. Desse modo, os materiais industrializados ganham cada vez mais espaço.

APLICAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO

O material didático produzido como resultado desta pesquisa foi um catálogo do artesanato Tembê, um material específico para se trabalhar na disciplina de História. Esse recurso didático foi elaborado a partir de pesquisa realizada com os mais velhos da aldeia Cajueiro e Teko-Haw. Foram entrevistados mulheres e homens artesãos, jovens e adolescentes. As perguntas feitas sobre os artesanatos foram, principalmente, sobre os saberes de como fazer e usar tais elementos. Entre as perguntas feitas destacamos: Você sabe fazer artesanato? Quais são os tipos de artesanato que você faz? Com quem você aprendeu? Quais são os artesanatos que podemos usar no dia a dia? Quais são os artesanatos que podemos usar nos rituais? De onde é extraída os materiais para a confecção dos artesanatos Tembê? Qual a importância dos artesanatos para as manifestações culturais? Quais são os artesanatos que não são do povo Tembê? Porque as mulheres Tembê estão trocando as sementes pelas miçangas e as penas originais pelas pintadas? Porque devemos continuar fazendo os artesanatos Tembê? Você conhece algum artesanato que serve como amuleto? Quais são? Para que serve os amuletos? Com quem você aprendeu? O que significa as três penas do cocar que o cacique usa?

Após essa etapa da pesquisa escolhi alguns artesanatos para trabalhar com os alunos 6º ano do ensino fundamental da escola Maria Francisca Tembê. Também trabalhei com os artesanatos que servem como amuletos.

A produção do catálogo se deu, como já indicamos, a partir de entrevistas, registro de imagens e coleta de materiais para pesquisa. Após elaboração do material ocorreu a sua aplicação com os alunos do 6º ano do ensino fundamental. A aplicação do catálogo foi realizada de duas formas, isto é, na teoria e na prática.

Inicialmente fiz uma apresentação da proposta de trabalho e realizei um diagnóstico da turma. Em seguida, apresentei o catálogo para os alunos e expliquei a importância de saber o significado de cada artesanato, falei também do objetivo de estar explicando esse conteúdo e a importância desse tema em sala de aula.



Imagem 1: Fotografia da sala de aula onde está sendo aplicada a parte teórica do material didático.



Fonte: Gleyce Patrícia Temb , 2019.

Na parte prática expliquei como seria feito a oficina, dividir a turma em três grupo e em seguida, foi realizado um debate com perguntas e respostas sobre as sementes, nome na língua, onde eram encontradas. Nesse momento, apresentei também algumas peças de sementes e algumas técnicas iniciais para produção. Vale destacar o despertar do interesse entre os alunos sobre o assunto, a curiosidade em saber os nomes, em manusear as sementes e caroços.

Em um segundo momento da aplicação do material, foi proposto aos alunos a realização de uma pesquisa de campo sobre a temática abordada. Terminei de explicar como se fazia as peças de artesanato, Em seguida, dividi entre os grupos os materiais que havia levado para a aula, cada grupo pegou um pouco de semente, penas de arara e mutum, coroar, cerol e miçangas. Todos os alunos conseguiram realizar a atividade e assim que todos terminaram fizeram uma exposição e apresentação das peças que produziram.



Imagem 2: Fotografias mostrando a parte prática do projeto: A) Estudantes coletando sementes; B e C) Estudantes aprendendo a confeccionar peças de adornos; D) Estudantes apresentando as peças de adorno que eles mesmos produziram, durante o projeto.



Fonte: Gleyce Patrícia Tembê, 2019.

Cada aluno falou um nome de uma peça de artesanato que conhecia, como pulseiras de miçangas e de tucumã, colares de penas e de frutas, capacete comprido, cocares e capacete de penujo, maracá, entre outros. Alguns alunos tiveram dificuldades, mas os ajudei. Depois começaram a ficar interessados pela aula, alguns alunos falaram que toda sua família faz artesanato e que suas mães aprenderam a confeccionar os artesanatos com suas avós. Já outros alunos disseram que não conheciam muitos artesanatos Tembê, porque suas mães não sabem fazer e nem seu pais.

Depois da aplicação do material didático pude observar que as crianças ficaram interessados no assunto, eles ficaram curiosos em querer saber mais sobre os artesanatos e os amuletos, quais eram os artesanatos dos Tembê que podia ser usado no dia a dia e nos rituais. Achei muito importante está trabalhando esse assunto com as crianças, porque elas são as futuras gerações do povo Tembê.

As aulas foram muito interessantes, a curiosidade dos alunos fez com que mais informações fossem repassadas. A forma como funcionou as aulas foi uma novidade para eles, pois esse assunto nunca tinha sido trabalhado em sala de aula, segundo eles. Na parte pratica as atividades foram desenvolvidas fora da sala de



aula, como forma de mostrar que os saberes não estão somente entre as paredes da escola e sim no contexto da aldeia como um todo. Essa experiência foi muito gratificante, a satisfação foi imensa em trabalhar uma temática com tanta importância para o meu povo, conseguido alcançar os meus objetivos propostos.

CATEGORIAS DOS ARTESANATOS TEMBÉ

Na oportunidade alguns alunos que já tinham conhecimento sobre artesanatos Tembé, puderam relatar experiências somando conhecimento e compartilhando informações com os demais colegas. Durante a troca de conhecimento pude perceber que os alunos que já tinham conhecimento eram adolescentes que acompanhavam em casa o modo de fazer artesanato, assim como utilizavam peças.

Desse modo, pude, ainda, avançar no conteúdo, apresentando os significados e a importância desses artesanatos para a cultura Tembé, destaquei alguns artesanatos que servem como amuleto, perguntei se eles conheciam algum. Teve um aluno que respondeu que conhecia a pena de arara, do uirapuru, a bolsinha de alho e a pena de arara que serve para evitar que a criança pegasse quebrante. Cabe destacar que a bolsinha de alho é usada para a criança não pegar mal olhado do dono da floresta, a curupira e a das águas, mãe d'água. Essa experiência fez com que o restante da turma também se citasse alguns nomes que conheciam.

Durante as demais aulas foram propostas rodas de conversa, onde os alunos relatavam a importância em apreender o que estava à sua volta, mas que ainda não tinham ouvido falar em sala de aula. Também dialogamos sobre as mudanças que vem ocorrendo no processo de confecção dos artesanatos, substituição de produtos naturais por produtos industrializados como: fibra, miçanga, prendedor, tinta. Além da inserção de grafismos de outras etnias, palavras e frases religiosas, escudos de time.

Na fala dos alunos pudemos ver o quanto os artesanatos são importantes para o fortalecimento e valorização da cultura e identidade Tembé. Com as pesquisas realizadas com os mais velhos da aldeia eles falaram que os artesanatos usados nos rituais cada um tem um significado, como por exemplo, a saia que só pode ser usada no ritual da menina a moça e apenas uma vez, pois simboliza uma transformação, onde a adolescente se torna adulta. Além disso, a cor branca da saia significa a cor do dia, ou seja, a claridade e a fita vermelha simboliza sua fase passada para a adolescência. Enquanto a utilização do capacete comprido usado no ritual da menina moça ele está simbolizando o cabelo dela.

Segundo relatos dos mais velhos da aldeia, o capacete de penujo é usado quando acontece o ritual da menina moça, a forma como é colocado é cercada de simbolismo, pois durante a festa se colocada de cima para baixo, significa que o menino ainda não é homem formado, logo não está pronto para assumir suas



responsabilidades. Porém, a partir do momento que ele passa pela iniciação o cacete deve ser colocado com as penas para cima, significando que ele está pronto.

Imagem 3: Fotografias mostrando momentos do ritual da menina moça, aldeia Teko Haw



Fonte: Maurício Magalhães, 2017.

Vale mencionar a importância e uso do cocar para o povo Tembé, pois o cocar de pena de arara, de acordo com os mais velhos, tem um importante significado, pois esse tipo de cocar quem pode usar é somente o cacique. Se outra pessoa usar o cocar ficará com problemas mentais. Apenas a esposa do cacique pode confeccionar esse cocar, destacando as três penas localizadas no centro do cocar que são vermelhas em tamanhos distintos que representam respectivamente: sabedoria, respeito e autoridade. Características que devem ser vivenciadas pelo cacique.

Imagem 4: Fotografia mostrando o uso do cocar durante a assembleia Tembé.



Fonte: Maurício Magalhães, 2017.



Após atividade em sala de aula, realizamos a coleta de algumas sementes. Essa coleta foi realizada na aldeia e em locais de fácil acesso, foram coletadas semente de mongolou, santa maria, morototó. Assim que terminamos de colher as sementes voltamos para sala de aula, para iniciar o processo de lavagem e tratamento das sementes.

Em seguida, foi realizada demonstração de confecção de artesanato. Escolhi fazer uma peça de colar e brinco. Divididos em equipes, os alunos foram tendo contato com demais materiais como: sementes, penas de arara, mutum, coroar, cerol e miçangas. Ao logo do tempo as primeiras peças foram surgindo, sob orientação os grupos foram expondo suas peças e relatando as dificuldades encontradas durante o processo de confecção, todos os alunos conseguiram fazer.

Como atividade de culminância das aulas, foi organizada uma tarde de exposição. Os alunos apresentaram suas peças, seus relatos, ornamentaram a sala e compartilharam experiência a partir do tema proposto. Para encerrar as atividades e aplicação do material didático fizemos um momento de avaliação, onde cada aluno falou do que achou do assunto e falaram o quanto é importante preservar a cultura e a identidade do povo Tembé. A satisfação foi imensa ao detectar que ao longo das aulas, houve um crescimento expressivo do interesse dos alunos em relação ao tema.

Enfim, notei o amadurecimento nos questionamentos, vontade em conhecer mais sobre o uso, significados dos amuletos. Os alunos comentavam sobre o tema com suas famílias em suas casas. Vivenciei a experiência de educadora, valorizando as questões históricas e culturas do meu povo. Notei, ainda, o despertar dos adolescentes pela temática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O registro dos saberes contidos na produção dos artesanatos vem sendo repassado de geração a geração. Os adornos e amuletos Tembé são regados de história, saberes e cultura. Através dele estamos reafirmando a cultura e a identidade Tembé. A pesquisa realizada com as mulheres e com os anciões da aldeia foram de grande valor, fizeram conhecer ainda mais os saberes tradicionais contidos nos amuletos e seus diferentes significados.

Através da aplicação do meu material didático percebi um resultado muito positivo, porque os alunos tiveram um grande interesse de participar das atividades e mostraram interesse a entender mais como se confecciona os adornos, bem como saber o significado dos amuletos. A produção desse material didático representa mais uma ferramenta para escola, assim como auxilia a conscientizar os jovens e as crianças sobre o quanto os conhecimentos dos mais velhos são importantes para o fortalecimento da nossa identidade.



A experiência na elaboração desse catálogo sobre os artesanatos Tembê foi muito importante, pois a partir da sua aplicação considero que obtivemos muitos resultados, pois os alunos puderam associar os conhecimentos culturais praticado no seu dia a dia com os conhecimentos científicos. Dessa forma, posso afirmar que o material produzido vai ter uma grande utilidade como ferramenta de ensino e aprendizagem nas escolas indígenas.

Pude perceber, ainda, que este material pode ser uma ferramenta muito importante para o professor no ensino da disciplina de História, porque trata da realidade dos alunos levando em consideração os diferentes aspectos históricos e socioculturais do povo Tembê

Além disso, a partir da produção do catálogo foi possível registrar os artesanatos que podem ser usados no dia a dia, nos rituais e os que servem como amuletos, porque esses são elementos da nossa identidade. Os alunos ficaram interessados quando expliquei que alguns artesanatos têm significados específicos e que só podem ser usados em rituais, enquanto outros podem ser usados no dia a dia, porque antes os alunos não sabiam dessa diferença e nem davam importância sobre esse assunto.

Apesar de os artesanatos serem considerado como especialidade das mulheres, os homens também fazem outros tipos de artesanatos, e esse conhecimento tradicional são passados de mãe para filha ou das mulheres mais velhas para as mais novas, e assim são com os homens. Os artesanatos têm uma função importante dentro da comunidade e ajudam a reafirmar a verdadeira identidade Tembê, desse modo, é muito importante que a comunidade e as futuras gerações conheçam esses saberes.

A partir do material didático que foi feito produzido teremos, portanto, na escola mais uma ferramenta para ajudar a conscientizar os jovens e as crianças sobre como os conhecimentos dos mais velhos são importantes para a manutenção e fortalecimento da nossa identidade.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Bruna Rodrigues. ARTE INDÍGENA E CULTURA MATERIAL: povos indígenas de Goiás. *III Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG*. Pirenópolis-Goiás, 2016.

GRUPIONI, Luiz Donizete Benzi. *Entre Penas e Cores: Cultura material e Identidade Bororo*. São Paulo, 1986.

PARÁ. Instituto de Desenvolvimento Florestal e da Biodiversidade. *Artesanato da Terra Indígena Nhamundá- Mapuera* Instituto de Desenvolvimento Florestal e da Biodiversidade. Belém: Ideflor-bio, 2016.



_____. Instituto de Desenvolvimento Florestal e da Biodiversidade. *Gestão Ambiental e Territorial da Terra Indígena Alto Rio Guamá*: diagnóstico etnoambiental e etnozoneamento/Instituto de Desenvolvimento Florestal e da Biodiversidade. Belém: Ideflor-Bio, 2017.

RODRIGUES, Renan Albuquerque, NETO, Aluizio da Silva Ribeiro, SILVA, Maria de Lourdes Ferreira. Saberes indígenas e Identitário dos Sateré-mawé/ressignificação no processo, (Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 206-229, jul. dez. 2014.

RAGAZZI, Alexandre. *Entrecruzamentos Culturais*: Mito e Fé nos Amuletos de Coral. Rio de Janeiro, 2012.

SANTOS, Haieny Nazaré Reis. *Modos de perceber e representar o ambiente e o espaço no ensino de geografia realizado por professores Indígenas Tembé da aldeia cajueiro – Paragominas – PA*, 2017.

VERONEZ, Helânia Thomazine Porto. *O artesanato Pataxó*: tradições, significados e simbolismo. Bahia, editora Marco, 2007, Ano III, nº 4 de jan. - jun. 2006.

VELTHEM, Lucia Hussak Van. Artes indígenas: notas sobre a lógica dos corpos e dos artefatos. *Textos escolhidos de cultura e arte populares* Rio de Janeiro, v.7, n.1, p. 19-29, mai. 2010.



15

CORPO, NATUREZA E CULTURA: uma abordagem sobre as pinturas corporais Tembé Tenetehar

Erika Sarmiento Tembé³⁶

Joelma Cristina Parente Monteiro Alencar³⁷

INTRODUÇÃO

De forma imediata pode-se pensar que o tema pintura corporal envolve apenas aspectos instrumentais e estéticos aparentes. Contudo, a abordagem sobre, e principalmente, as pinturas corporais indígenas, envolve as concepções de corpo, de natureza e de cultura, de forma imbricada. Como nos apresenta Modanese (2018) o conceito de natureza não é natural, ele é criado e instituído pela humanidade, e constitui pilares através dos quais os homens erguem suas relações sociais, sua produção material e constroem as diferentes culturas e sociedades.

Na compreensão de Turner (2014) o contraste entre natureza e cultura, também influencia as maneiras como pensamos a própria ciência, haja vista que é a perspectiva dualista que fornece a justificativa para a transformação do ser humano em objeto de conhecimento, de investigação científica.

Para Silva (2001) há, na atualidade, uma expectativa de corpo pautada na tecnociência da racionalidade restrita que lhe fundamenta, acrescida do fenômeno da globalização da economia e dos meios de comunicação de massa. Assim, ocorre um progressivo desligamento dos seres humanos da totalidade, que leva a uma desconsideração ecológica. Ou seja, há uma contraposição da linguagem do corpo como um conhecimento pautado numa lógica sensível, como interconexão que este estabelece com a cultura e a natureza.

Em se tratando deste estudo sobre as pinturas corporais Tembé, corpo, natureza e cultura se interpenetram através de uma lógica sistêmica, em uma construção biocultural, um corpo vivo em que esses elementos se complementam. A natureza é complementar na produção das diferentes pinturas corporais, pois são desenvolvidas em diálogo com ela, por meio dos animais ou da biodiversidade. Nesse diálogo, as mulheres desenvolvem as diferentes linhas, através

³⁶ Egressa do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena, Turma Tembé-Gurupi, da Universidade do Estado do Pará-UEPA.

³⁷ Doutora em Educação. Docente do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará-UEPA.



das observações de animais e peixes. O objetivo deste estudo foi trabalhar as pinturas corporais Tembé Tenetehar por meio de material didático e metodologias específicas com alunos Tembé do Ensino Médio, em escolas da Terra Indígena Alto Rio Guamá-TIARG.

As pinturas tradicionais Tembé Tenetehar são usadas em momentos diferentes, pois, nem todo mundo pode usar a pintura corporal feita de jenipapo. O uso indevido pode causar problemas espiritual, como em caso de mulheres menstruadas que não podem usar, pois os espíritos da floresta e dos rios são muito fortes e a pessoa acaba passando mal e pode ficar até com problemas espirituais pelo resto da vida. Então, é de fundamental importância conhecer os cuidados e as regras que existem nas pinturas Tembé. Cada uma faz parte do mundo Tembé, acredita que as pinturas após ser feitas nos corpos dos Tenetehar, leva o indígena aos outros universos, como da aqueles indígenas que não se faz mais presente no mundo natural.

As aldeias Tembé Tenetehar da região do Guamá e Gurupi estão localizados no estado do Pará. Mas especificamente, nos municípios de Paragominas e Santa Luzia do Pará. O povo Tembé possui suas próprias pinturas tradicionais. Tais pinturas são inspiradas em seres diversos como, por exemplo, o jabuti, a onça, o rastro da onça, a borboleta, o peixe, e a lua. Cada pintura matem uma relação íntima com a natureza e a cultura tradicional.

As pinturas corporais podem ser encontradas em diferentes momentos como nos rituais, nos cânticos, nas danças, bem como no dia a dia. Essas são as mais utilizadas, sendo que existem também outras mais sagradas. Cada uma tem seus nomes próprios e significados diferentes, expressa diferentes elementos da natureza. É através das pinturas que povo Tembé se reafirma como uma sociedade indígena dentro de um movimento cultural e social. As pinturas corporais são elementos fundamentais para a manutenção da cultura tradicional do povo Tembé. Este saber tradicional é de suma importância na construção do ser indígena, pois as pinturas são fundamentais na manutenção da identidade Tembé.

Para o povo Tembé as pinturas fazem parte do mundo natural e do sobrenatural. Na sociedade Tenetehar as pinturas fazem parte da comunicação entre o povo, pois por muitos anos ocorre essa forma de se comunicar entre um povo e outro. Foi através dos desenhos utilizados no corpo como forma de transmitir diferentes sentidos de agir, como a pintura do rastro da onça, que passa uma linguagem verbal e não verbal, ele está dizendo que o território tem guerreiro protegendo e ele que manda no espaço. Então, os grafismos corporais são usados em diferentes momentos, como nos rituais, no dia a dia, em manifestação, em reivindicação, pois cada pintura expressa uma forma de comunicação.



AS PINTURAS CORPORAIS NOS RITUAIS DO POVO TEMBÉ TENETEHAR

As pinturas corporais nos rituais tradicionais do povo Tembé são desenvolvidas em diferentes movimentos cerimoniais como forma da construção da identidade Tembé. Os rapazes e as moças passam por um processo de preparação de vida na sociedade indígena, são elas: integração, preparação e de liberdade ao meio social. Cada pintura representa um momento desse, expressando diferentes elementos que caracteriza o ritual do povo. Por exemplo, a pintura da menina moça é usada em seu corpo, perna e braços. A pintura da meia lua simboliza transformação de uma face para outra, ou seja, da adolescência para face adulta. Em seu rosto é usada a pintura da pinta da onça, ou seja, os biquinhos que são feitos em seus rostos simboliza a guerreira, ou melhor uma mulher determinada corajosa, igual o animal. Além disso, a menina não pode comer alguns tipos de animais e nem de aves. Isto se inicia deste dos primeiros momentos de seu nascimento até o último ritual. Como fala o Sr. Selnuomi Muxi Tembé, morador da aldeia Tembé Teko haw:

Antigamente, minha vó Verônica Tembé, contava que a menina começava a nascer os seios ela não podia comer nem um tipo de comida remoço quando dava no período de ser forma ela não podia comer nem um tipo de comida remoça, como mandube, anujá, mandi, surubi, nambu, caititu, jacu, anta, arara, papagaio etc. Então podia comer só piaba branca, vi deli, piranha, traíra etc. Então o tamuz (avô) nesse período ele já me ensinava anda na mata eu sofri porque eu não sabia. Então nesse período a vovó não deixava anda sozinha então já tinha todo esse cuidado com ela por causa dos bichos dos matos do rio, da cobra, não deixava anda meio dia nem de tarde nem de noite, eu não andava e nem comia comida remoça eu respeitava a regra porque minha vó era muito brava, ela portava a gordão na ponta da mão até a ponta do dedo e queimava e nas costa também. Isso fazia parte de uma preparação de ser um guerreiro ou guerreiro, aí depois que pulei que passa a nambu no buço e depois desse último ritual eu tiver a liberdade de comer qualquer tipo de comida e eu já podia caça ir no rio. E também quando o acriança nasce já tem todo cuidio porque eles também né vão fazer seu ritual, que banha eles também de jenipapo e eles não pode comer qualquer tipo de comida não. Então existe todo cuidado até né que termina o seu último ritual do moqueado (*wira uhaw*).

Esta pintura são desenhos feitos com muito cuidado, pois traz grandes significados na cultura Tembé. São as mesmas pinturas usada no corpo das moças no ritual do (*mingau*) que são usada no segundo ritual do moqueado (*wira uhaw*). Para os rapazes, esse ritual realizado é muito importante para o rapaz ser pintar, pois é a parte desse momento que ele está se preparando como guerreiro, que a partir dá li, ele vai estar ser preparado para lutar junto com seu povo, ter há liberdade de vive dentro da sociedade como qualquer outro Tembé. Desse modo, o casal usa a mesmas pinturas com os mesmos significados expressando os elementos da natureza.



No ritual do moqueado, ritual sagrado, a menina é banhada seu corpo todo de jenipapo e com alguns minutos a pele dela fica totalmente preta. A menina, no momento que se está pintado, ela não pode sair e nem fica sozinha, pois está sendo preparada para ter liberdade de andar nos rios e na mata. Mas para isso o jenipapo tem que sair primeiro do seu corpo que é quando termina a cerimônia do *wira uham*.

Na tradição Tembé, os rapazes são passados por dois momentos importantes na construção da sua identidade Tembé. Antigamente, o rapaz era pintado, mas atualmente este saber tradicional já não é mais praticado, pois assim que ele mudava a voz a mãe pegava ele e pintava seus pés e mãos como forma de uma luva mais sendo que essa pintura expressa um animal que é o macaco guariba e sua boca, e deixava ele dentro de uma tocaia (quarto) onde ele ia ficar no período de cinco a seis dia sem comer comida remocha. Nesses dias ele só ficava construindo arco e flecha. Ao sair da tocaia ele não podia ir à mata e nem no rio para que os bichos da natureza não levar ou mexer com ele. Nos dias atuais o rapaz participa de uma única cerimônia que é o ritual do moqueado, onde ele vai se preparar para fazer seu último ritual de preparação de liberdade.

Já a menina moça passa por três cerimônias, a primeira é quando ela menstrua pela primeira vez, em seu corpo todo é banhado com o líquido do jenipapo, simbolizando a lua cheia, ela fica com seu corpo todo preto e nesse período ela não pode comer qualquer tipo de alimento. Ela fica dentro da tocaia (quarto), passa uma semana sem sair para fora. A mãe da menina fica responsável de fazer tudo para ela. Depois que a menina sai do quarto ela não pode andar sozinha, porque os espíritos dos animais, da mata e do rio pode levá-la. Na segunda cerimônia, a menina é pintada com a pintura da meia lua (quando a lua está só em um lado dela). Está pintura é feita apenas em uma parte do corpo dela, como por exemplo, no braço, pernas e barrigas. Tal pintura simboliza a passagem da menina da adolescência para a fase adulta. Nesse momento, é feito em seu rosto a pintura da onça. Essa pintura simboliza uma grande guerreira, determinada nos seus objetivos.

Na última cerimônia, que é o ritual do *wira uham*, a menina é banhada com o líquido do jenipapo, pintura mais sagrada do povo Tembé. O corpo da menina fica totalmente preto, simbolizando todos os tipos de animais e aves, espirituais naturais e sobrenaturais. Essa hora é o grande momento de despedida da menina que agora passa a viver como qualquer outra mulher na sociedade. Esse momento marca o fim da cerimônia da menina. Ela está livre para comer qualquer tipo de alimento, pode andar na mata e nadar nos rios sem nem uma preocupação. Ela vai estar preparada para ser mais uma guerreira, para fortalecer este saber que é de fundamental importância para a identidade do povo Tembé.



As pinturas são fundamentais nos rituais Tembé. É através de cada cerimônia que as pinturas tradicionais juntas com os adornos que acompanham a preparação e identificação da moça, ou do rapaz faz a mudança na vida do Tembé. Com isso só fortalece a importância de se usar as pinturas tradicionais nos rituais cerimônias do povo. Os grafismos corporais são muito importantes nos diferentes rituais do moqueado e a do mingau da menina moça, porque nesses dias que todas as outras pinturas que são usadas tantos pelos convidados como pelos rapazes e pelas moças em seus corpos estão com a sintonia com a natureza expressando algo espiritual dentro da cerimônia dos rituais.

Como podemos observar as pinturas corporais são de suma importância, pois elas fazem parte da cultura tradicional do povo Tembé. Saber este conhecimento é primordial para os Tembé, pois ele que caracteriza a sociedade e diferencia os Tembé dos outros grupos indígenas.

Ressalta-se, ainda, que para os Tembé o território é fundamental para a manutenção e construção de novas pinturas tradicionais, pois as pinturas são feitas e criadas através da observação dos animais, das plantas, dos peixes e das aves. E são as mulheres Tembé Tenetehar que tem a função de desenvolver as novas pinturas para o povo Tembé.

A NATUREZA NAS PINTURAS CORPORAIS DO POVO TEMBÉ TENETEHAR (ÍNDIO VERDADEIRO)

Para os Tembé Tenetehar a natureza é de suma importância para a construção e reafirmação da cultura e identidade do povo Tembé. O território é fundamental para o fortalecimento das pinturas tradicionais, pois é através da natureza que se desenvolve novos desenhos para nosso povo, é através da observação dos animais, das aves e do peixe que produzimos novas pinturas. E com saber se este conhecimento estar garantido para as futuras gerações a cultura e a identidade Tembé Tenetehar, pois como fala a dona Josefa Tembé, moradora da aldeia cajueiro:

O nosso território é muito importante pra nós Tembé porque é do nosso território que a gente retira as tintas, pega o jenipapo o urucum que tem na mata e também do território que é tirado as tintas, os cânticos dos animais, porque existe os animais na floresta né, e através dele que a gente vai fazer os novos cânticos tá renovando os novos cantos as novas pinturas que através dos animais a gente vai observar aquele animal e vai fazer uma pintura nova igual a da onça, do jabuti, do cascudo então é através dos animais da floresta que a gente vai renovar e vai pintando que a gente acha bonito e já vai fazer uma nova pintura pra ser usada pelo povo Tembé. O nosso território está mudando porque já teve queimada já teve vários desmatamentos e aí as caças e os pássaros já tão se distanciando das aldeias e fica mais difícil pra gente tá pegando as tintas como jenipapo urucum então fica difícil. As pinturas vai ser modificando através deles, porque as pessoas do antepassado havia modificando um pouco, porque os pássaros vão embora, ah não tem mais como ficar observando aquela



floresta bonita pra tá tirando as pinturas, renovam, criar uma nova pintura bonita de vido isso tudo, divido o desmatamento. Muitas vezes eles falam (não índio) para nós que a floresta não é para o índio, mas para nós é sim porque através dela é a nossas riquezas é um ponto principal das nossas culturas tradicionais de nosso povo Tembê porque dela que retiramos novos conhecimentos e renovamos nossas pinturas corporais.

Nas palavras da Josefa Tembê fica claro que o território é fundamental para a construção de novas pinturas tradicionais do nosso povo Tembê. Portanto, é importante manter a natureza, pois ela faz parte da cultura tradicional Tembê Tenetehar. Desse modo, os Tembê devem lutar para preservar e proteger a floresta para garantir a manutenção e fortalecimento da identidade do povo, pois as pinturas corporais são diversas e cada uma expressa um elemento fundamental da natureza como o cascudo, a borboleta, a onça, a lua, a estrela etc.

É através das pinturas tradicionais que os Tembê se identificar como uma sociedade indígena. Com isso a natureza ou melhor o território faz parte das pinturas tradicionais que caracterizam não só o povo Tembê de cultura diferente, mas todas as populações indígenas. Desse modo, as pinturas corporais são de suma importância para o povo Tembê por cada uma mantem seus nomes próprios e significados diferentes com desenhos que expressa diferentes comunicação. O território faz aparte da cultura Tembê, pois sem território não tem tradição para o povo Tembê e nem para produzi novos desenhos para as futuras gerações. A natureza faz parte da tradição e costumes dos Tembê. É da floresta que o povo produz novos conhecimentos, fortalecendo as diversas pinturas tradicionais do povo Tenetehar. Conclui-se que a natureza, expressa nas pinturas, ajudam na construção do ser indígena. Dessa forma, a proteção do território é fundamental para a manutenção e fortalecimento das pinturas corporais e consequentemente para o futuro das próximas gerações do povo Tembê Tenetehar.

AS PINTURAS CORPORAIS NO CONTEXTO ESCOLAR INDÍGENA

Observa-se que atualmente na educação indígena ainda é trabalhada somente o conhecimento ocidental dentro das escolas indígenas da TIARG. Nas escolas indígenas podemos ver a carências de materiais didáticos bilíngue e multilíngue, onde os professores indígenas possam trabalhar a interculturalidade com os educandos, mostrando os conhecimentos tradicionais do povo. Por isso, tive o interesse de desenvolve um material, onde podemos estar mudando este quadro de ensino dentro do contexto escolar indígenas da região do Guamá e Gurupi. O material que desenvolvi intitulado *Corpo, natureza e cultura: uma abordagem sobre as pinturas corporais* traz como assunto principal as pinturas corporais do povo Tembê e os conhecimento associado a essa prática.



Dessa forma, esse trabalho busca desenvolver um material intercultural, em que o professo indígena possa trabalhar dentro de sala de aula um ensino diferenciado e intercultural. Desse modo, a educação indígena vai desenvolver o ensino de qualidade e diferenciado, mostrando para os alunos a importância da natureza para as pinturas corporais na cultura Tembê e relacionado esse saber tradicional aos conhecimentos do não indígena. Esse trabalho foi desenvolvido, portanto, com intuito de estabelecer uma educação de qualidade e diferenciada que, por sua vez, ainda não é desenvolvido nas escolas do povo Tembê.

Este material didático configura-se como um importante recurso para ser trabalhado, principalmente, na disciplina de sociologia, mas ressaltamos que ele pode ser aplicado em outras áreas de ensino, como por exemplo, de arte, história, ciências e geografia entre outros. Este material se caracteriza por ser específico para as escolas Tembê, em que busca debater a importância de se proteger a natureza para manutenção das pinturas corporais do povo Tembê.

E com isso os alunos conheceram os conhecimentos tradicionais e a importância de manter a natureza para as pinturas corporais como manutenção e construção da cultura e identidade do povo Tembê. Através desse material didático procuramos mostrar as diversas pinturas corporais e sua relação com a natureza, assim como os diferentes movimentos culturais e sociais que as pinturas representam.

No que se refere a elaboração do material didático, este recurso foi produzido a partir de observação e pesquisa realizada dentro das comunidades Tembê da região do Gurupi, mas especificamente nas aldeias Teko Haw e Cajueiro, bem como das leituras de artigos e livros que abordavam essa temática.

A pesquisa de campo realizada para o desenvolvimento deste trabalho foi feita, como mencionamos acima, na aldeia Cajueiro e Teko Haw. Foram realizadas entrevistas com os anciões e as mulheres Tembê. As gravações de áudio das entrevistas foram feitas com celular e depois as entrevistas gravadas foram digitadas no notebook. As informações para a produção do material didático foram obtidas também através de observação feitas dentro das comunidades. Verifiquei que as pinturas corporais são diversas e que cada uma remete a um elemento natural ou sobrenatural como a: onça, o jabuti, o rastro da onça, a lua, estrela, a cobra, a borboleta, o peixe etc. Além disso, observou-se também que o uso das pinturas corporais são feitas em diferentes movimentos culturais e sócias, como nos rituais, brincadeira, manifestação e fiscalização do território,



Após o trabalho de campo, anotei o nome das pinturas corporais em um caderno explicando os significados e os seus nomes específicos em língua materna e língua português. Em seguida, realizei leituras sobre essa temática para dar base teórica para o material didático que estava desenvolvendo.

Já com todas essas informações coletadas pedi ajuda de uma prima (Viviane Tembê) e de um primo (Rael Guajajara Tembê) para fazer os desenhos das pinturas corporais, bem como os elementos que inspiravam as pinturas corporais, são eles: os desenhos da onça, da cobra, do peixe, da estrela, da lua, entre outros. Depois que os desenhos estavam todos prontos, usei um celular para tirar as fotos e também foi usado um notebook para colar as fotos dos desenhos. Em seguida, coloquei no Power Point as fotos e fui escrevendo em cada figura das pinturas as informações sobre elas na cultura Tembê.

Quando terminei de escrever todas as informações sobre cada desenho das pinturas corporais, utilizei as referências dos textos que havia lido para elaborar o material didático. Com o material didático quase pronto, iniciei a sua aplicação com os alunos Tembê do 1º e 2º ano do Ensino Médio da escola Ita Putyr, que fica na região do Guamá e na escola da aldeia Cajueiro na região do Gurupi. A partir da aplicação do material didático observei duas realidades diferentes nos conhecimentos sobre as pinturas tradicionais do povo Tembê.

Cabe destacar também que os alunos contribuíram muito na elaboração deste material didático, sobretudo no que diz respeito seus conhecimentos sobre o tema que, por sua vez, foram agregados aos materiais. Isso fez também a concretização da realização um ensino diferenciado e intercultural, onde há participação na construção do conhecimento. Tal prática é de suma importância dentro da educação escolar indígena, onde se repassa os conhecimentos tradicionais como forma de fortalecimento da identidade cultural do povo Tembê Tenetehar.

Dessa forma, com o levantamento bibliográfico, pesquisa de campo e as observações das pinturas corporais realizadas o material didático foi produzido para as escolas indígenas Tembê com intuito de fortalece as diversas pinturas corporais do povo Tembê e manter este saber para as gerações futuras.

APLICAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO

Aplicação do material didático foi desenvolvido na escola Maria Francisca Tembê e Ita Putyr nas regiões Gurupi e do Guamá. A aplicação do material foi feita com os alunos do Ensino Médio em duas etapas distintas: maio e dezembro de 2019.



Imagem 1: Aplicação do material didático sobre as pinturas corporais Tenetehar



Fonte: acervo pessoal Érika Sarmento Tembé.

Para a aplicação do material foram realizadas dez aulas que, por sua vez, tinham diferentes atividades. Nessas aulas, os alunos se depararam com metodologia novas. Eles fizeram entrevista com os anciões da aldeia, dramatização, atividade em sala e a apresentação das pinturas em grupos. Tal dinâmica fez os alunos refletirem sobre a importância da natureza para as pinturas corporais da cultura Tembé Tenetehar.

Destaca-se que em uma das aplicações me chamou bastante atenção quando alguns alunos falaram que não conheciam as pinturas corporais do povo Tenetehar, nem seus nomes e muito menos os significados das pinturas. Diante disso, ficou claro que nas nossas aldeias são poucos que conhecem as verdadeiras pinturas corporais Tembé. Isso nos prejudica muito, porque dependemos dos mais velhos para passar essas informações, mas até alguns deles não sabem. Esse trabalho, portanto, vai nos ajudar bastante a conhecer a nossa própria história.

Na aplicação do material didático expliquei, primeiramente, sobre o objetivo da elaboração do material e mandei os alunos falarem sobre outras pinturas que fazem parte da etnia Tembé e falar também da sua importância para fortalecimento da cultura e identidade do povo. Os alunos não conseguiram falar sobre a pintura corporal do povo Tembé, mas falaram de outras pinturas que não fazem parte da cultura Tembé que estão sendo praticadas pela maioria dos jovens das aldeias da região. Em seguida, falei das pinturas corporais do povo Tembé como da meia lua, do rastro da onça, do jabuti, do macaco guariba, da estrela, da borboleta etc.

Também realizei uma aula falando sobre as linhas feita de jenipapo e de urucum nas pinturas corporais do povo Tenetehar que são diferentes dependen-



do do sexo: masculino e/ou feminino. Expliquei, ainda, que cada povo tem sua tinta de pintar o corpo e que varia de etnia. O objetivo desta aula era que eles conhecessem as diferentes linhas usadas para indivíduos do gênero masculino e feminino. Vale ressaltar que no início da aula os alunos se apresentaram e logo depois me apresentei também. Falei do material didático que era direcionado para a disciplina de sociologia e da importância para o povo valorizar a natureza como um elemento principal na construção das diferentes linhas da pintura. Destaquei que na cultura Tembê os indígenas usam a tinta do jenipapo para pintar o corpo como uma linguagem verbal e não verbal. Em seguida, fomos para prática preparar a tinta do jenipapo para ser utilizados pelos alunos.

Imagem 2: Atividades com os tipos de pinturas corporais Tenetehar e a utilização do jenipapo.



Fonte: acervo de Érika Sarmento Tembê.

Sabemos que devemos respeitar as regras e ter o cuidado na hora de pintar o homem ou a mulher. mas atualmente observa-se que os jovens não se preocupam mais em conhecer a sua própria cultura, devido, principalmente, o contato com os *karaim* que está tão forte que os jovens estão deixando de praticar as pinturas corporais da cultura Tenetehar e muitos, como podemos ver, nem conhecem mais os desenhos.

Outra aula interessante ocorreu na aldeia Cajueiro, onde foi desenvolvido um trabalho na sala de aula, em que onde os alunos trouxeram para sala objetos que pareciam as diversas pinturas corporais, uns trouxeram maracá, saia de taboca, lança, colar e brinco. Na sala, os alunos colocaram os artesanatos em cima da mesa, onde falaram que as pinturas corporais também são feitas em artesanatos, expressando a beleza e a comunicação da cultura Tenetehar. Expliquei aos alunos que existe muitas pinturas. Podemos encontrá-las nos diferentes artesanatos Tembê e que servem para embelezar os objetos e quando é pintado no corpo ex-



pressa a comunicação com algum elemento da natureza. Logo depois os alunos fizeram as observações deles nos artesanatos. Em seguida, cada aluno escolheu um objeto e ia desenhando no colega, mostrando as diversas pinturas corporais Tembé Tenetehar.

Uma pesquisa de campo com os alunos também foi realizada. Teve a participação de um ancião para falar sobre as pinturas corporais do povo Tembé. Na sala, expliquei que é de suma importância a valorização dos mais velhos, porque eles são os conhecedores da nossa cultura, são eles os verdadeiros dicionários dos saberes tradicionais Tenetehar. Através deles conhecemos a história e a ciência que existe nas pinturas corporais e as regras e o cuidado que devemos ter na hora do uso. Em seguida, elaborei quatro perguntas para os alunos fazerem para o ancião da aldeia. Logo depois saímos da escola e fomos até a casa do ancião que estava nos esperando. Logo que chegamos eu o apresentei aos alunos e falei que os alunos iam fazer algumas perguntas para ele e ele respondeu *“tá bom, dizer também, eu gosto de ensinar o que sei, principalmente da nossa cultura”*.

Voltamos para sala de aula, onde falei da importância de ir atrás dos mais idosos para ouvir seus ensinamentos. Daí, o aluno Rael Tembé falou que aprendeu muito, porque ele não sabia que antigamente o jenipapo era usado só nos rituais, e que eles usavam outras tintas. A aluna Eliza Tembé falou que é por isso que muitos passam mal porque não sabem usar no momento certo a pintura feita de jenipapo.

Os alunos do 2º ano do ensino médio da Escola Estadual Pres. Castelo Branco na aldeia Cajueiro, foi realizada uma pesquisa de campo com senhor Valdeci Tembé que tem 53 anos e é conhecedor do saber tradicional Tenetehar e liderança da aldeia Cajueiro. Os alunos tiveram a oportunidade de conhecer a história do *wira ubaw a'i* e as modificações que estão correndo com esse ritual.

Esse ritual é muito importante por fazer parte da nossa cultura, mais especificamente das nossas crianças, tipo uma homenagem que é feita pelo pai e parentes mais próximos uma pintura específica que também com os avós também específicos com as crianças, esse ritual se refere a própria cultura a própria identidade do povo é uma forma que a criança já ir se adaptando a cultura a tradição da nossa etnia por ser uma pintura única que em volta o mundo espiritual que só o povo Tenetehar sabe que esse ritual é fundamental para a relação com os seres naturais e sobrenaturais. Esse ritual é uma forma de batizado que acontece com as crianças Tembé é muito importante para o fortalecimento da cultura e identidade Tembé Tenetehar.

Sobre as mudanças Valdeci explicou que

É porque hoje os mais jovens não têm mais o interesse de fazer, mas primeiramente é preciso ter uma mulher na frente para fazer acontecer esse ritual. Hoje algumas pessoas mais velhas sabem como se faz só falta ter o interesse do povo porque se o povo não se interessa a gente vai perder esse ritual, mais vamos dar continuidade sim nesse ritual porque faz parte da nossa vida.



Na sala, os alunos tiveram a oportunidade de falar seu ponto de vista sobre o ritual do *wira ubaw a'i*. A Eliza Sarmento Tembé fala que hoje o ritual do *wira ubaw a'i* conhecido pelos *karaim* como (batizado da criança) não é mais praticado e as mães não sabem o quanto é importante para o cuidado das crianças, pois através desse ritual os bichos do mato, dos rios e igarapés não vão fazer mal as crianças, e também que os espíritos se mantêm ao ver o ritual praticado eles não mexem, mas atualmente os pais não se preocupam mais para ser organiza para fazer esse ritual na cultura Tenetehar. Portanto, os pais não se preocupam de repassar essa prática para seus filhos, onde eles podem conhecer as regras, cuidado e a importância de praticar a própria cultura.

Em seguida, falei que a sociedade Tenetehar guarda esse saber há muitos anos e é fundamental para a manutenção da identidade Tembé, pois faz parte do nosso povo que lutou para manter a cultura contra a sociedade branca que nunca aceitou que os povos indígenas tivessem a sua própria tradição e que isso não foi o possível por cada povo tem o direito de praticar seus costumes e sua cultura de acordo com sua origem e assim também é na cultura Tembé. Temos nossas histórias e ciência que só o povo sabe explicar, como, por exemplo, a festa do *wira ubaw a'i*.

Os resultados da aplicação desse material mostraram que este trabalho foi muito importante para os alunos do 2º ano do ensino médio onde eles puderam, por exemplo, observar que o ritual do *wira ubaw a'i* está sendo deixado de ser praticado pelos mais jovens da aldeia e com isso podemos perder uma característica muito importante para nossa cultura. Este trabalho, portanto, foi desenvolvido com o intuito de fortalecer a cultura identidade Tembé Tenetehar. Os alunos ao terminar a aula falaram que a nossa cultura Tembé é muito importante para se estar trabalhando nas escolas, porque através dos professores é possível conhecer mais a nossa cultura. Dessa forma, considera-se que o debate que este material traz de fortalece a pintura corporal Tembé Tenetehar como elemento fundamental para a manutenção identidade Tembé nessa relação corpo-natureza-cultura foi atingido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse material é muito importante para o povo Tembé, pois é através dele que os saberes tradicionais Tenetehar, como as origens e histórias das pinturas corporais relacionada a natureza serão fortalecidas nas escolas e nas comunidades do povo Tembé. Ressalta-se que este recurso didático é um instrumento para ser utilizados pelos professores na busca de fortalecer a educação escolar indígena. Este trabalho é, portanto, de fundamental importância na manutenção e fortalecimento das pinturas corporais do povo Tembé Tenetehar, elemento que, por sua vez, é configura-se como patrimônio cultural do povo. Destaca-se,



ainda, que o corpo é um elemento que simboliza a cosmologia da natureza nas pinturas corporais expressando os diferentes significados na cultura Tenetehar. Deste modo, este trabalho fortalece os conhecimentos tradicionais das História que são contadas pelas mulheres e anciões do povo Tembé, saberes estes que fazem parte da identidade étnica da sociedade Tenetehar.

Por fim, este material temático é de suma importância para o ensino e aprendizagem dos alunos indígenas Tembé no que se refere o fortalecendo dos conhecimentos do povo. As pinturas corporais devem ser ensinados dentro das aldeias como parte da construção da cultura Tembé e é através das mulheres mais velhas que este saber é transmitido de geração em geração, ou seja, de mãe para filha, de avó para as netas na busca da construção do ser indígena.

Esse material na educação escola indígena é uma ferramenta muito importante para o professor indígena utilizar nas diferentes disciplinas como instrumentos fundamentais no ensino e a aprendizagem dos alunos Tembé formando para um mundo moderno e diferenciado do mundo tradicional valorizando os saberes tradicionais e os não tradicionais.

Este caderno temático a ser aplicado com os alunos evidencia como cada pintura é muito importante na influência da construção da identidade Tembé, e que este saber junto com fortalece a tradição do povo. Esse material visa também ser uma ferramenta, onde os educandos entenderam a importância de se preservar e manter a natureza, pois ela faz parte da construção e elaboração de novos desenhos utilizados nas pinturas Tembé, pois cada elemento da natureza faz parte do mundo natural e do sobrenatural expressa as diferentes pinturas corporais do povo Tembé.

Com isso os saberes tradicionais indígenas Tenetehar são diferenciados do *karaiw* (não indígena), para o povo Tembé a educação indígena é uma educação que aos poucos o ensino diferenciado e intercultural está tomando espaço no currículo escolar e este trabalho configura-se como mais uma ferramenta que os professores indígenas podem usar 'para desenvolver diferentes metodologias para a manutenção das pinturas corporais no ensino dos indígenas Tembé.

Conclui-se que o material desenvolvido despertou o debate sobre a importância em manter registrado as pinturas corporais do povo Tembé para as futuras gerações. Com intuito de manter sempre viva as pinturas tradicionais usadas nos diferentes movimentos culturais e sociais do povo. Por fim, é de fundamental importância o caderno temático para as escolas indígenas Tembé no trabalho de fortalecimento da cultura e identidade do povo Tembé Tenetehar.



REFERÊNCIAS

MENDES, Maria Isabel Brandão de Souza; NÓBREGA, Terezinha Petrúcia da. Corpo, natureza e cultura: contribuições para a educação. *Revista Brasileira de Educação*. n, 27. Set /Out /Nov /Dez, 2004.

MODANESE, Ione Aparecida Zucchi. *Diferentes Concepções de Natureza*. UNIOESTE – Campus de Francisco Beltrão. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Teoriaymetodo/Conceptuales/18.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2019.

SILVA, A. M. *Corpo, ciência e mercado: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo da realidade*. Campinas: Autores Associados, Florianópolis: EDUFSC, 2001.



JOGOS E BRINCADEIRAS: elementos da cultura e da tradição Tembé

Miqueias Leitão Tembé³⁸

Joelma Cristina Parente Monteiro Alencar³⁹

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta os resultados obtidos a partir da aplicação de um material didático desenvolvido no âmbito do curso de Licenciatura Intercultural Indígena, que tem como tema os jogos e as brincadeiras Tembé. Durante, o contato do povo Tembé, com a sociedade envolvente, ou seja, não indígena, uma das maneiras que o povo Tembé, encontrou para manter a sua cultura viva foi, além de vários outros elementos da cultura, como por exemplo: danças, cantos, língua, pinturas corporais, religião, medicina tradicional, foi suas modalidades de jogos e brincadeiras tradicionais nas suas aldeias, como por exemplo: o arco e flecha, que além de ser, uma arma usada para a captura de animais e peixes, é também usado para a prática dos jogos e as brincadeiras na comunidades Tembé. Os membros da comunidade costumam se reunir para a competição esportiva, na tentativa de definirem, quais os guerreiros que possuem as melhores habilidades com arco e flecha.

O contato com a sociedade envolvente, porém, trouxe vários outras brincadeiras e outros jogos que foram inseridos nas comunidades indígenas e que passaram a ser praticados nas aldeias como forma de diversão para os indígenas, como, por exemplo: o futebol, que ganhou força e hoje é praticado em todas as aldeias do povo Tembé. Hoje, no entanto, o que tem se observado nas comunidades, principalmente, entre os mais jovens é falta de interesse dos mais jovens em praticar os jogos e as brincadeiras tradicionais, sem perceber que isso é uma perda cultural muito grande.

Esse trabalho tem, portanto, como foco principal o resgate dos jogos e brinquedos que os ancestrais Tembé usavam em suas brincadeiras. Visamos com o desenvolvimento desse trabalho promover, entre professores e alunos, o debate sobre a importância dessas práticas para o fortalecimento da cultura Tembé.

³⁸ Egresso do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará-UEPA.

³⁹ Doutora em Educação. Docente do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará-UEPA.



Buscamos, ainda, proporcionar uma vivência das brincadeiras e jogos Tembê dentro das escolas.

Existe vários relatos históricos dos Tenetehar contados pelos mais velhos dentro da comunidade que afirmam que em meados do século XIX, uma grande parte dos Tenetehar que habitavam as margens dos rios Pindaré e Caru no maranhão, migraram para as margens dos rios do Gurupi e do Guamá.

A região do Gurupi, em que realizei a minha pesquisa de coleta de informações sobre os jogos e as brincadeiras tradicionais Tembê, é composta por 20 aldeias que, por sua vez, estão situados em três furos: Warutyw, Igarapé grande, Nazatyw, Ka'akyr, Ka'apipehar, Mangueira, Mangueira 2, Cajueiro, Susuarana, Teko-Haw, Faveira, Anoirá, Floriano, Ykatu, Canindé, Bate Vento, Cocalzinho, Krá e Araruna. estas aldeias compõem a região do Gurupi, essa região faz fronteira com os municípios de Paragominas, Nova Esperança do Piriá e Santa Luzia do Pará, apesar do constante contato com estes municípios a cultura Tembê ainda é algo muito forte entre as aldeias. Vale ressaltar que em algumas aldeias a cultura ainda é bem mais fortes que em outras, por manterem o maior número de pessoas que possuem a língua materna, os costumes as tradições vivas.

O curso de Licenciatura Intercultural Indígenas da Universidade do Estado do Pará (UEPA), campus de Paragominas, foi realizado na aldeia Cajueiro e Teko-Haw, que tem como foco formar professores indígenas a partir do contexto intercultural. O curso ocorreu entre os anos 2016 e 2020, totalizando 4 anos de formação. As pesquisas para a coleta das informações para o TCC foram realizadas nas seguintes aldeias: Igarapé Grande, Cajueiro e Teko-Haw. A escolha dessas comunidades se deu por conta da cultura ainda está bem “preservada”, porém a aplicação desse material foi realizada apenas na escola da aldeia Teko-Haw.

A comunidade Teko-Haw é uma das aldeias que possui o maior número de população. Vivem aproximadamente 400 pessoas e está localizada na Terra Indígena Alto Rio Guamá-TIARG, na margem esquerda do rio Gurupi. Até alguns anos atrás, nessa aldeia, não existia uma escola estruturada, mas com a organização e articulação do cacique, lideranças e a própria comunidade buscou apoio do estado para ser inserido o ensino fundamental e médio na aldeia, porque os alunos precisavam ter um ensino continuado dentro da aldeia. Na época da criação da escola, o Município de Paragominas, tinha como gestor, o prefeito Amílcar Tocantins, no ano de 2013, sendo o estado governado pelo coronel Alcídia da Silva Nunes, os quais cederam a pressão do povo e ofereceram a população uma das primeiras escolas indígenas que surgiram na sociedade Paragominense. No entanto, as comunidades indígenas não participaram da elaboração do Projeto Político Pedagógico (PPP) dessa escola.



No entanto, as escolas indígenas, hoje, estão começando a dar os primeiros passos, em relação a questão da educação intercultural, diferenciada e de qualidade. As escolas indígenas já estão trabalhando para ter um currículo próprio que atenda de fato as suas necessidades e que trabalhe em um contexto diferenciado. Entretanto, ainda, hoje o currículo que é trabalhado nas escolas são os mesmos das cidades que, por sua vez, são organizados pela Secretaria Municipal de Educação.

A falta de currículo específico é uma questão problemática que precisa ser trabalhada. A disciplina de Educação Física precisa de uma atenção particular, pois através dela são trabalhados o que os especialistas da área vão chamar de cultura corporal de movimento a partir de uma perspectiva histórica cultural.

O BRINCAR COMO UM ELEMENTO DE CULTURA

Se considerarmos cultura como sendo um conjunto de significações produzidas pelo homem, e o brincar, o brinquedo e os jogos como produtos sociais e históricos, temos que considerar que estes últimos revelam traços importantes da cultura que determinam o povo em um dado momento histórico. A experiência corporal lúdica em contextos indígenas torna-se um forte recurso de memória e de aprendizado, pois como elemento cultural da vida pode ser percebida nos mitos, rituais, gestos, na linguagem nas várias formas de interação e produção social (Huizinga, 2000).

Em grande parte dos povos indígenas do Brasil o brinquedo é um elemento da cultura que está estreitamente relacionado às atividades e tarefas cotidianas do mundo adulto. As crianças, por sua vez, são chamadas por meio deles a aprender sobre seu mundo, ou seja, com o brincar a criança aprende sobre as tarefas que vai ser chamada a exercer quando adulta. O brincar é assim uma prática educativa específica de cada fase da infância e tem também diferenças conforme a organização social do grupo, assim como há brincadeiras conforme o sexo, que variam a partir de determinadas fases da infância, há brincadeiras sazonais e muitas outras dessa natureza (Ribeiro, 1988).

Ao brincar as crianças indígenas, por exemplo, incorporam valores sociais, morais que compõem sua cultura. Ao brincar de trabalhar, de flechar, de caçar, de casinha, implica que se apropriam de características e dos atos da sua realidade. É a reprodução do meio em que a criança está inserida. Brincando, as crianças demonstram seu direito de encontrar no mundo suas identidades. Assim, a ludicidade indígena acontece em ambientes que fazem parte do cotidiano infantil, na família ou comunidade, de acordo com os significados culturais das pessoas que ali vivem. As crianças, ao brincar, vão também descobrindo e aprendendo no convívio com seus pares, familiares próximos ou parentes da mesma idade ou até mais velhos, quando em visitas, reproduzem suas brincadeiras e re-



passam seus conhecimentos, em atividades que propõem uma construção social e cultural (Costa, 2019).

JOGOS E BRINCADEIRAS ENTRE OS TEMBÉ

Em trabalho realizado por Santos e Alencar (2015) com os Tembé, do grupo Guamá, os jogos tradicionais indígenas foram citados como brincadeiras pouco observadas dentro da cultura lúdica das crianças Tembé. Porém, aos poucos estão sendo retomadas e ganhando seu espaço através da prática na escola, devido a contratação de professores indígenas, trazendo para a aldeia as brincadeiras de arco e flecha, lança, peteca, cabo de guerra e o jogo do jabuti, jogos esses que até pouco tempo não se falava mais e eram desconhecidos pelos mais novos. Conforme registrado nesse trabalho, para os Tembé a escola está com a missão de resgatar traços da cultura indígena, como por exemplo, os jogos tradicionais, motivando as crianças a praticarem, não apenas pelo brincar, mas a fim de buscar entender sua história por meio da tradição que os jogos são dotados.

Em 2016, Souza et al (2019) também realizaram um estudo sobre as brincadeiras realizadas pelos Tembé, grupo Guamá, analisando as modificações das brincadeiras e a influência de culturas externas; as principais brincadeiras praticadas pelos indígenas adultos em sua infância; influências das tecnologias nas brincadeiras indígenas; e o repasse das brincadeiras de raiz. Os resultados demonstraram que os brinquedos passaram de artesanais para brinquedos comprados em centros urbanos e muitas vezes substituídos por celulares, televisores e computadores.

Apesar da importância dos estudos supracitados, percebe-se que os estudos sobre a temática ainda são escassos e deixaram lacunas na percepção dos próprios Tembé sobre os jogos e brincadeiras tradicionais para o povo da TIARG. A proposta desse trabalho justifica-se, portanto, na busca de sanar tais lacunas.

Esse trabalho se deu a partir de uma pesquisa de campo, em que se coletou dados e informações sobre os jogos e brincadeiras tradicionais do povo Tembé. Para iniciar fui buscar conversar com os mais velhos das aldeias, com os líderes das comunidades e com os mais jovens para entender melhor suas opiniões em relação a essa temática que foi realizada em suas aldeias. Para coletar essas informações foram precisos reunir com as comunidades para discutir melhor esse assunto, durante essa reunião apresentei um vídeo, sobre os jogos dos povos indígenas no Brasil, esse processo foi realizados nas seguintes aldeias, aldeia Ca-jueiro, Teko-Haw e Igarapé Grande.

Em entrevista com o senhor, Ronaldo Tembé, morador da aldeia Teko-Haw, idade 48 anos, pudemos perceber que:



durante a minha infância na aldeia eu brincava de várias brincadeiras como por exemplo, quando era a noite de luar nós crianças, nos reuníamos no campo para brincar, lá brincávamos de várias brincadeiras, rabo de camaleão, pira se esconde, brincadeira de touro, jacarandá, outras que não me vem a memória nesse momento, quando era de dia, eu brincava juntos com os meus colegas e até mesmo sozinho de arco e flecha, matando peixinhos na beira do rio, uma das brincadeiras que eu mais gostava era matar calangos, flechar passarinhos, eu também brincava de caçador, também brincava de casinha com os meus amigos e as meninas, eu gostava de jogar futebol eu joga muito bala com os meu colegas.

Porém, eu também gostava de banhar no rio brincar pira, também brincava de capivara e ficava pulando na água até a mãe vir me chamar as vezes ela me batia porque eu demorava muito lá no rio e me esquecia de voltar pra casa logo, essas são as brincadeiras que eu ainda me lembro mais ainda tinha mais outras, há me lembrei também do pião de coco babaçu e da perna de pau, o pião de coco nós gostava de brincar de pião na beira do rio na barreira de jogar o pião do outro na água, o perna de pau também era uma brincadeira muito boa agente eu e os meninos fazia umas pernas de pau bem alta pra gente brincar, tira manga no pé de manga, goiaba também era legal brincar dessas coisas.

Hoje em dia já não se brinca mais como antes, não vejo isso mais na aldeia as crianças de hoje, já gosta mais das coisas do branco, é bola, revolve de plástico, carrinho de plástico, isso que é bonito para eles, baladeira, peteca ou bola de gude, e eles não conhecem mis as coisas que nos brincava nossas brincadeiras esse conhece, não gostam.

(Ronaldo Tembê, idade 48, função professor na Escola, Indígena Teko-Haw, entrevistado em 18/06/2019).

Além dessa entrevista, outras conversas com os mais velhos Tembê, nos mostraram que os jogos, brincadeiras, brinquedos e instrumentos eram usados nas práticas tradicionais que os ancestrais Tembê usavam para se divertirem nas aldeias, como por exemplo: arco e flecha, lança, biorra, pião de coco babaçu, cavalo de Guaruman, peteca de pena com palha de milho, perna de pau, banho no rio, avião de palha de coco babaçu ou de Inajá, e o maraca, tiro ao alvo com arco e flecha.

Vale destacar que o documentário intitulado *Projeto Jogos Indígenas do Brasil* de Lima (2004), me deu um suporte para que eu apresentasse alguns jogos, brinquedos e brincadeiras praticados pelos povos indígenas. Em seguida, fiz algumas perguntas sobre o documentário para que eles pudessem falar a respeito do que viram nesse material apresentado, se eles se identificavam com algum dos jogos ou em algumas das brincadeiras, se na sua própria cultural havia algum desses jogos ou brincadeiras, se alguns desses instrumentos ou brinquedos usados nessas práticas eles conheciam. E se conheciam quais eram esses instrumentos ou brinquedos, na qual o senhor Ronaldo Tembê, se mostrou um grande conhecedor dessas práticas dentro da cultura Tembê.



JOGOS E BRINCADEIRAS TEMBÉ NA ESCOLA

Na escola, o trabalho foi aplicado no mês de outubro de 2019, na aldeia Teko-Haw, nos dias 8, 9 e 10. No primeiro dia, 08/10/2019, na parte da manhã das 7h:15m às 11h:15m, o tema da aula foi jogos e brincadeiras na cultura Tembé e o conteúdo abordado, nesta aula, foram os instrumentos e brinquedos usados nos jogos e nas brincadeiras tradicionais Tembé. No primeiro momento da aula, foram dados os agradecimentos e as boas-vindas a turma e também me apresentei. Em seguida, pedi que eles fizessem, brevemente, suas apresentações falando apenas seus nomes, e que série estavam estudando, após toda apresentação da turma, apresentei o conteúdo da aula e expliquei o que iríamos trabalhar, pedi que os alunos fizessem um levantamento dos jogos e das brincadeiras tradicionais existentes dentro da aldeia a partir de suas vivências na comunidade. Solicitei também que os alunos fizessem, em forma de texto, uma descrição de todos os jogos e das brincadeiras que eles conhecem. Em seguida, socializamos todos os textos, falei da importância das práticas tradicionais para a cultura do povo Tembé como uma forma de divulgação e de afirmação de seus costumes tradicionais. Para finalizar agradei a participação da turma e terminamos a nossa aula.

Na parte da tarde, das 13h15m às 17h15m, o tema da aula foram os jogos e as brincadeiras Tembé, sendo que o conteúdo abordado foi o arco e flecha. Esta aula, foi de caráter expositivo e dialogado. Iniciamos a aula com as boas-vindas a turma, em seguida, realizei a exposição do arco e flecha, falei um pouco da história desse instrumento de seu surgimento, perguntei se alguém sabia contar um pouco a partir de seus próprios conhecimentos a história do arco e flecha, perguntei se alguns dos alunos(as) sabiam como era feito algum desse instrumento, pouco se manifestaram falando que não tinham bem o domínio dessa prática outros, por sua vez, relataram que não sabiam. A partir dessas informações explique o processo de confecção, quais os materiais necessários para esse processo, e, em seguida, perguntei se alguém sabia fazer uso desse instrumento. Os meninos se manifestaram imediatamente afirmando que sim, e relataram, ainda, que gostavam quando acontecia os jogos internos dos Tembé, que tem uma modalidade de arco e flecha. Modalidade essa que eles gostam muito de participar. Já as meninas ficaram mais tímidas, porém falaram que gostavam de participar também dos jogos e que também gostavam de participar da modalidade de arco e flecha. Perguntei se eles praticavam no dia a dia e eles me relataram que já não praticam com tanta frequência e qual atividade era praticada mais quando eram crianças, que brincavam de flechar os peixinhos e calangos, mas que hoje essa prática está ficando esquecida.

Nesse sentido, falei da importância de manter viva essa prática dentro da aldeia, expliquei a importância dessa prática para a cultura Tembé e propus uma atividade prática de tiro ao alvo com arco e flecha. A turma se mostrou bem anima-



da e aceitaram. Cortamos um tronco de bananeira e colocamos a uma distância de aproximadamente de trinta metros, e realizamos a atividade de tiro ao alvo, ou como é conhecido nas aldeias, as flechadas no tronco de bananeiras. Todos os alunos se envolveram bastante na atividade, as horas já estavam avançando, mas eles queriam continuar praticando. Ao finalizar a atividade pedi que cada aluno relatasse o que tinha achado da aula e o que tinha absorvido. Eles falaram que foi muito importante trabalhar essas práticas em sala de aula, que nunca tinham pensado que o arco e flecha pudesse ser trabalhado em sala de aula como atividade de uma disciplina e que absorveram muitos conhecimentos que ainda não tinham em relação ao arco e flecha. Por fim, agradei a participação de todos e finalizamos a aula.

No dia 09/10/2019, das 7h15m às 11h15m, o conteúdo abordado na aula foi a brincadeira perna de pau. Cabe ressaltar que esta aula foi uma aula de campo, onde realizamos uma oficina de construção desse brinquedo. No primeiro momento da aula, dei as boas-vindas aos alunos e expliquei o que iríamos realizar durante essa aula. Em seguida, fomos para a ramada para começar a construção desse brinquedo, chegando na ramada perguntei se algum dos alunos sabia construir esse brinquedo e alguns falaram que sim. Para contribuir ainda mais com essa oficina contamos com a participação de um ancião da comunidade que nos ensinou a fazer a perna de pau. Ele ainda contou um pouco da história desse brinquedo, como surgiu, qual era a finalidade desse brinquedo na sua época, quando era criança, como ele usava esse brinquedo e falou da importância de manter esse brinquedo no cotidiano das crianças da aldeia. Em seguida, após termos aprendido a construção desse brinquedo alguns alunos se dispuseram a andar com a perna de pau. Essa atividade foi bastante produtiva, através dessa prática, houve a transmissão de conhecimentos essenciais para a cultura Tembé.

Na parte da tarde, das 13h15m, até às 17h15m, o conteúdo trabalhado foi a lança Tembé. Para iniciar a aula expliquei que a lança é um dos instrumentos mais antigos, existente na cultura Tembé, que surgiu a partir da necessidade que os ancestrais Tembé tinham para capturar seus alimentos, como por exemplo: antas, veados, porcão, entre outros animais e que servia também para a capturar peixes nas suas pescarias. Expliquei também que só depois de muitos anos esse instrumento passou a ser usado como uma forma de diversão para as pessoas dentro das aldeias, principalmente dos meninos, por ser uma atividade tida como masculina e que só depois de alguns anos, mas especificamente com o surgimento dos jogos indígenas é que as mulheres passaram a fazer uso das lanças nas competições de arremesso de lança. Realizei, ainda, a exposição da lança dentro da sala de aula e falei do processo de construção desse instrumento. Em seguida, pedi que os alunos falassem a respeito do que estava sendo abordado, e qual a importância dessa prática para suas vidas enquanto indígenas pertencentes a cultura Tembé. Após terem se manifestado, realizamos uma atividade prática



de arremesso de lança, com intuito de aproximar ainda mais os alunos com esta modalidade cultural, contribuindo ainda mais com o fortalecimento cultural dentro da aldeia.

Imagem 1: Oficina de Confecção de Brinquedos.



Fonte: Acervo de Pesquisa, 2019.

No dia 10/10/2019, das 7h15m às 11h15m, o conteúdo abordado na aula foi o cabo de força Tembê, para iniciar a aula realizei uma abordagem geral do cabo de força, falando do surgimento dessa brincadeira dentro da cultura Tembê e qual o objetivo dessa brincadeira. Essa brincadeira surge nas aldeias partir da necessidade que os indígenas tinham de se exercitar, de trabalhar sua força. A partir daí surge o cabo de força, onde os guerreiros da comunidade se reúnem para brincar, na tentativa de descobrir qual grupo era mais forte, porém, essa brincadeira apenas podia ser brincada com dois indivíduos, onde um desafiava o outro para descobrir qual dos dois era o mais forte. Para o cabo pegavam um cipó bastante resistente na mata, um ficava de um lado e o outro do outro lado do cipó. O objetivo da brincadeira era arrastar o outro, quem conseguisse arrastar o outro era o vencedor. Nessa brincadeira participavam os homens e as mulheres.

Após toda essa contextualização pedi que os alunos falassem a respeito dessa brincadeira se já conheciam ou não, e já conheciam, falassem a respeito de sua experiência. Após a socialização das informações realizamos a brincadeira de cabo de força entre a turma, onde todos da turma participaram deram sugestões para a brincadeira se tornar muito mais lúdica. Desse modo, concluímos que os resultados dessa aula foram bastante produtivos, conseguir alcançar os objetivos planejados para essa aula. Para finalizar a aula dei os agradecimentos finais pela contribuição de todos na realização da aplicação desse projeto dentro da comunidade.



Imagem 2: Explicações aos alunos.



Fonte: Acervo de Pesquisa, 2019

O material pedagógico, caderno de orientações, aplicado nas aulas descritas acima, tem como objetivo orientar o professor de Educação Física a trabalhar com os instrumentos e brinquedos tradicionais Tembê, dentro da disciplina de Educação Física. Ele tem como foco principal os instrumentos e brinquedos da cultura Tembê, com intuito de trazer tais conhecimentos para os professores e alunos, proporcionando uma vivência das práticas tradicionais do povo Tembê. O material também visa trabalhar o conhecimento tradicional dos alunos sobre sua própria cultura. Os resultados das atividades realizadas foram satisfatórias, os alunos se identificaram muito com a temática desenvolvida, bem com as atividades realizadas em sala. Foi possível trabalhar mais do que se havia planejado durante a elaboração e organização do material pedagógico para ser aplicado em sala de aula.

Imagem 3: contracapa do caderno de orientações.



Fonte: Acervo de pesquisa, 2019.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O curso de Licenciatura Intercultural Indígena realizado nas aldeias Cajueiro e Teko-Haw localizadas na TIARG foi muito importante para a minha vida, não só profissional, mas também pessoal. Este projeto só foi possível a partir do contexto intercultural na qual o curso aconteceu, pois, apesar de ter acontecido dentro da aldeia, os professores souberam trabalhar os conteúdos teóricos/científicos relacionando com a nossa própria cultura, Tembé.

Este projeto desenvolvido entre as aldeias Cajueiro, Teko-Haw e Igarapé Grande teve como um dos principais objetivos trabalhar a questão cultural do povo Tembé, através de suas modalidades tradicionais, como por exemplo: os instrumentos e brinquedos, através de um caderno de orientação pedagógica.

Este material surge como possibilidades e como uma oportunidade para as escolas indígenas terem os seus próprios materiais didáticos, específicos e diferenciados que atendam de fato as necessidades das escolas da TIARG, em específico as escolas da região do Gurupi para que possam trabalhar uma educação diferenciada e de qualidade, uma vez que a Secretaria Municipal de Paragominas, responsável pela educação escolar indígena, trabalha com o mesmo modelo da grade curricular trabalhado das escolas do não indígenas do município. A falta de um currículo específico indígena o grande desafio de se criar material didático específico para as escolas Tembé.

Ressalto, ainda, que a comunidade teve um papel fundamental para a elaboração desse material, uma vez que todos os dados coletados teve a participação dos anciões e membros da aldeia com fonte de pesquisa. A partir da participação da comunidade na elaboração do material, a escola começa a dar os primeiros passos para se ter uma educação de fato diferenciada e de qualidade. Com as atividades os alunos começam a perceber que não é importante conhecer apenas o que é científico da cultura ocidental, mas que é muito mais produtivo, ter um ensino com os dois conhecimentos, em que há o diálogo do conteúdo científico (ocidental) e o conteúdo tradicional de sua própria cultura (Tembé), tornando assim uma educação intercultural.

Uma dificuldade para elaboração desse material encontrada dentro das aldeias foi a questão de que algumas modalidades tradicionais de jogos e brincadeiras já não são praticadas dentro das aldeias e que os anciões conhecem, tornando assim o registro dessas informações mais difícil por que alguns dos anciões se negam a dar seus depoimentos, alegando que já foram enganados muitas vezes por pesquisadores que prometeram retorna para a comunidade as informações coletadas dentro das aldeias e não cumpriram tal promessa. Só então a partir de uma conversa com estes anciões explicando o processo de elaboração desse material dos benefícios que ele trará para a escola e para os alunos que iram fazer uso desse material, eles concordaram em participar.



Os objetivos deste trabalho foram, portanto, alcançados, através da elaboração e aplicação do caderno pedagógico, bem como da produção de um documentário áudio visual com todos os registros tradicionais e específicos da cultura Tembé sobre os jogos e brincadeiras.

REFERÊNCIAS

COSTA, Edlamar Menezes da. *As práticas lúdicas na Comunidade Indígena Tabalascada em Roraima*. Manaus. EDUA. Disponível em: http://ecoemlivros.ufam.edu.br/attachments/article/2/As_praticas_na_comunidade_Indigena.pdf. Acesso em: 19 dez. 2019.

HUIZINGA, Johan. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

LIMA, Maurício (Coord.). *Projeto Jogos Indígenas do Brasil*. São Paulo: Origem, 2004.

RIBEIRO, Berta. *Dicionário do Artesanato Indígena*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1988.



III
**CIÊNCIAS DA
NATUREZA E
MATEMÁTICA**



APRESENTAÇÃO DA ÁREA DE CIÊNCIAS DA NATUREZA E MATEMÁTICA

É com imensa alegria que apresento os textos da área de Ciências da Natureza e Matemática que compõem esta coletânea. Esta obra, apresenta uma enorme importância no que se refere ao fortalecimento da identidade, dos saberes e dos costumes tradicionais do povo Tembê Tenetehar, pois os doze textos aqui organizados tratam de aspectos que são muito caros para o nosso povo.

Considero oportuno destacar que a Terra Indígena Alto Rio Guamá - TIARG está muito vulnerável no que se refere, sobretudo, a sua diversidade sociobiocultural. Isso corre devido os impactos ambientais profundos e constantes no território, que são trazidos, principalmente, pelo desmatamento ilegal que, por sua vez, é ocasionado por fazendeiros, grileiro, caçadores, entre outros. Em virtude disso, há, uma necessidade urgente de se discutir e refletir no contexto escolar sobre as ameaças à diversidade de fauna e flora, preservação ambiental, fonte de renda sustentável e saúde indígena, temáticas debatidas nestes artigos.

Temos mesmo de estar elaborando matérias que falem da importância dos aspectos supracitados e cabe a nós, professores indígenas e demais colaboradores da Educação Escolar Indígena estarem trabalhando de forma colaborativa para debater tais assuntos com vistas a melhorar a educação destinada aos povos indígenas.

Nesse sentido, ressalto que ao ler os textos, tive a grata surpresa de ver que os nossos professores indígenas estão empenhados em discutir, explorar e refletir sobre biodiversidade e preservação ambiental, pois os animais e vegetais do nosso território estão cada vez mais desaparecendo. Este problema vem afetando diretamente nosso modo de vida e conseqüentemente nossa saúde, como foi bem colocado em vários dos textos que compõem esse livro.

Ressalto, ainda, que a elaboração dos Trabalhos de Conclusão de Curso – TCC, apresentados aqui, em forma de artigos, se mostram como peças fundamentais para a sistematização, divulgação e fortalecimento dos conhecimentos do povo Tembê Tenetehar.

Desenvolver produtos educacionais para a escola Tembê, é muito importante, pois através da produção desses materiais temos a chance de estar relacionando nossos conhecimentos tradicionais aos conhecimentos científicos/escolares e, desse modo, mostramos para os nossos alunos indígenas que os nossos saberes não são inferiores.

Além disso, a elaboração desses trabalhos permitem também que os nossos alunos se tornem cidadãos capazes de conhecer os seus direitos e valores culturais. Isso, por sua vez, é muito gratificante para nós, professores, e para os alunos indígenas.



Vale frisar que a construção desses produtos educacionais, frutos das pesquisas realizadas pelos professores Tembé, servem muito para o fortalecimento da nossa cultura, porque neles são tratados as histórias do nosso povo, as histórias da natureza, dos nossos rios e igarapés, da mãe da água e do curupira, das nossas ervas medicinais, da nossa cultura como o *nyram' haw* (a festa da menina moça) que é um ritual sagrado do povo tembé.

Destaco também o importante papel da Universidade do Estado do Pará (UEPA), por meio do Núcleo de Formação Indígena (NUFI) e do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena, que desde 2012, tem firmado uma grande parceria e compromisso com a educação dos povos indígenas no estado do Pará.

A UEPA abriu as portas para o estabelecimento, dentro da universidade, do diálogo entre o conhecimento científico e o tradicional, promovendo a formação de um novo perfil de professor indígena, bem como tem auxiliado na construção de caminhos para formação de novas lideranças e caciques, assim como tem ajudado os próprios Tembé Tenetehar a lançarem um novo olhar sobre a sua cultura.

O Curso da Licenciatura Intercultural Indígena que, acontece dentro do nosso território, tem sido essencial no fortalecimento da cultura do povo Tembé, assim como para a construção da escola indígena que queremos. Dessa forma, podemos mostrar para o mundo lá fora que os povos indígenas ainda existem e estamos cada vez mais fortalecidos.

Por fim, deixo meus parabéns pela produção dos professores indígenas e incentivo para os novos alunos da Licenciatura Intercultural Indígena que agarrem o estudo de coração e não deixem essa oportunidade passar, porque é através da educação que fortaleceremos nosso povo.

Sinei Braga Reis Tembé

Mestre em Educação Escolar Indígena pelo Programa de Pós-Graduação em Educação
Escolar Indígena - PPGEI

OS MAMÍFEROS DA TERRA INDÍGENA ALTO RIO GUAMÁ: construção de materiais didáticos para as escolas do povo Tembé Tenetehar a partir do etnoconhecimento indígena

**Celina Santos Tembé⁴⁰
Claudio Emidio-Silva⁴¹
Eliana Ruth Silva Sousa⁴²**

INTRODUÇÃO

A Terra Indígena Alto Rio Guamá (TIARG) é uma área com uma extensão de aproximadamente 279.000 hectares, onde podemos encontrar diversas espécies da fauna e da flora. Por ser uma área rica na biodiversidade e estando como um dos últimos remanescente de mata nativa da região vem sofrendo com a exploração de seus elementos naturais como a retirada ilegal de madeira, a captura de animais silvestres para o comércio, as queimadas desordenadas da floresta e o assoreamento dos rios e igarapés. Diante desses problemas, e da necessidade de desenvolver materiais didáticos específicos e diferenciados para trabalhar o ensino de ciências nas escolas indígenas, construímos o projeto que é aqui apresentado. Vimos que a partir dessa proposta podíamos trabalhar com o tema animais mamíferos existentes na TIARG de uma maneira a auxiliar o trabalho do professor na sala de aula, facilitar a aprendizagem do aluno e contribuir para a conscientização de todos, para a diminuição dos impactos que vem ocorrendo tanto dentro da TIARG, como na região do entorno, tanto por indígenas, que ainda desconhecem os impactos causados, como por não indígenas.

A partir dos aspectos aqui apresentados vimos a possibilidade de desenvolver um material didático específico na área de ciências da natureza para ser trabalhado nas escolas indígenas, pois hoje não há política pública governamental suficiente que venha fortalecer os conhecimentos tradicionais dos povos indígenas e valorizar sua cultura como um todo. O interesse também em desenvolver este projeto surgiu a partir das dificuldades da primeira autora em seu trabalho

⁴⁰ Egresso do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará – UEPA.

⁴¹ Docente do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará – UEPA. Mestre em Ciências Biológicas e Doutor em Educação.

⁴² Docente do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará – UEPA.



como professora em escola indígena em mais de doze anos. Sabemos da necessidade de trabalhar de maneira específica e diferenciada, onde a escola indígena exige que se desenvolva um trabalho voltado a realidade das comunidades indígenas. No entanto, o material disponível nas escolas indígenas, em sua maioria, é o livro didático da grade curricular nacional, onde sempre é necessário fazer adaptações a realidade local. Mesmo havendo propostas políticas para a criação desse material específico e diferenciado, nas escolas indígenas não existem tais materiais, sendo necessário trabalhar adaptando os conteúdos do livro didático para a realidade local.

Desta forma, pensamos na seguinte questão-problema: Qual a possibilidade de o professor indígena construir materiais didáticos de ciências naturais para o 6º ano do Ensino Fundamental sobre o tema dos “Mamíferos da Terra indígena Alto Rio Guamá”. E, ainda formulamos as seguintes questões norteadoras: a) Como os mais velhos da comunidade Tembê podem contribuir de forma efetiva com seus saberes sobre os mamíferos da TIARG, para serem veiculados na escola indígena; b) Quais os aspectos que podem contribuir para a elaboração de materiais didáticos específicos de ciências naturais utilizando a temática dos mamíferos da TIARG? c) Como os materiais didáticos específicos sobre os mamíferos da TIARG podem ser utilizados na aprendizagem de alunos Tembê Tenetehar do 6º Ano do Ensino Fundamental?

A partir das questões norteadoras acima descritas propusemos o seguinte objetivo geral: Elaborar materiais didáticos específicos, diferenciados e contextualizados a realidade local do povo Tembê Tenetehar e metodologias diferenciadas para trabalhar com as crianças do 6º ano do ensino fundamental, sobre os mamíferos da TIARG.

E, como objetivos específicos estabelecemos os seguintes: a) Realizar pesquisa com os mais velhos da comunidade Tembê sobre os mamíferos da TIARG em diálogo intercultural com as referências bibliográficas; b) Construir materiais didáticos sobre o conhecimento tradicional e científico a respeito dos mamíferos para serem utilizados nas escolas do povo Tembê Tenetehar; b) Aplicar materiais didáticos específicos, diferenciados e contextualizados a realidade Tembê Tenetehar em uma turma do 6º ano do ensino fundamental; d) Analisar de que forma materiais didáticos específicos, diferenciados e contextualizados, e metodologias diferenciadas de ensino sobre os mamíferos da TIARG, podem influenciar na aprendizagem de alunos do 6º ano, do ensino fundamental, da escola indígena.

REVISÃO DA LITERATURA

Vespaciano *et al* (2017) dizem que “os animais mamíferos recebem esse nome porque tem mamas. Os filhotes mamam, ou seja, se alimentam de leite da mãe”. No nosso cotidiano também temos essa mesma concepção, nas escolas



indígenas esse conhecimento é repassado, porém, sem considerar a diversidade da fauna da Terra Indígena Alto Rio Guamá (TIARG).

Houve uma luta muito grande dos povos indígenas para garantir uma educação específica, diferenciada e de qualidade, voltada para realidade de cada povo, onde fosse trabalhado uma educação escolar indígena que viesse preparar o indígena para a sua vida adulta, tanto na comunidade em que vive, como para lidar com as questões externa, no mundo do não indígena, e valorizar sempre seus saberes tradicionais, sua cultura e sua identidade.

Obtivemos muitas conquistas, as leis nos favoreceram nos garantindo uma educação específica, diferenciada e de qualidade de acordo com a realidade de cada povo. No entanto, não houve uma efetivação de novos materiais didáticos nas escolas indígenas. A partir desse contexto a educação escolar indígena vem enfrentando várias dificuldades por não ter um material didático específico para cada povo.

A produção de material específico e diferenciado para as escolas indígenas deve considerar que:

A diversidade é frágil e precisa de conscientização por meio da escola e de meios de comunicação mais modernas existentes, para garantir a continuidade da vida e sua relação com o ser. A convivência do homem com os animais e com os vegetais não podem ser alteradas e nem diferentes daquela que havia a 1500 anos atrás em termos de respeito e conservação. Os indígenas sabem muito bem como fazer isso, ficando doentes e podem até morrer quando presenciam cenas de destruição. Destruição essa que atinge a cultura, a língua a alegria e o começa a formar um círculo vicioso que é muito ruim. (RCNEI, professor Macuxi, 2005, p. 94).

A partir da citação acima podemos dizer que com a construção de material didático específico, diferenciado e de acordo com a realidade de cada povo, e desde que esse material venha ser desenvolvido corretamente haverá um grande respeito com a cultura indígena e com a educação escolar indígena. Desta forma, estaremos nos aproximando da sociedade envolvente e de seus conhecimentos, mas relacionando os dois saberes (indígena e não indígena) e fortalecendo cada vez mais a cultura indígena Tembé Tenetehar.

Segundo Valente & Kahwage (2017, p. 274),

Se os recursos alimentares parecem não faltar, o mesmo pode ser dito dos recursos hídricos (os igarapés abundam na TIARG) e espaciais, cruciais para o refúgio e criação de proles, pois a floresta é complexa e heterogênea (AUGUST, 1983), não apenas acima do solo, mas também abaixo dele. O terreno possui covas abertas por tatus, as quais são aproveitadas por outras formas de vida, incluindo mamíferos.

A impressão geral com que se fica das florestas da TIARG é de ambientes mais ou menos alterados, mas em recuperação, que oferecem requisitos ecológicos suficientes à persistência da mastofauna nativa potencial.

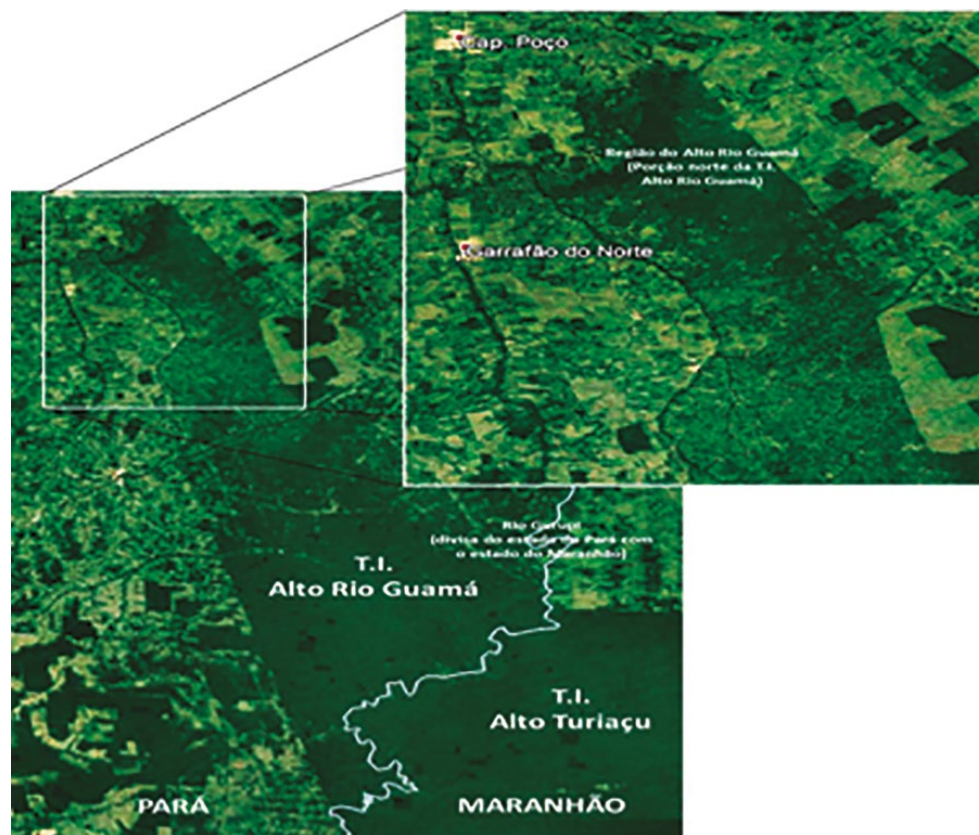


Nesta perspectiva pensamos que a construção de materiais didáticos sobre os mamíferos pode não apenas contribuir para que tenhamos materiais específicos e contextualizados na escola, mas também uma compreensão de que os mamíferos precisam ser preservados na TIARG, tanto por questões ambientais dos ecossistemas como para a própria sobrevivência física e cultural do povo Tembé.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa sobre animais mamíferos existentes na TIARG foi realizada através de entrevistas com algumas pessoas mais idosas das aldeias Tembé que conhecem os animais mamíferos e sabem muitas coisas sobre seus hábitos e como encontrá-los na floresta, através de suas marcas, fezes e rastros. O material foi construído com base na região onde está inserida a TIARG, mas com um foco maior na região do rio Guamá, conforme podemos observar na imagem a seguir:

Imagem 1: Localização da Terra Indígena Alto Rio Guamá, modificada a partir do GOOGLE EARTH, 2020, destacando a porção norte da terra indígena, onde a pesquisa sobre os mamíferos foi realizada e onde foi aplicado o material didático produzido sobre os mamíferos.



A partir do registro dessas informações com os mais velhos e através de material de referência bibliográficas, construímos uma tabela com a relação dos



mamíferos existentes na TIARG. A partir desse primeiro momento de levantamento foi construído uma série de materiais didáticos, que foram aplicadas na escola indígena do 6º ano do ensino fundamental. Entre as atividades desenvolvidos foram realizadas leitura do material, apresentação destes para a turma, pesquisa com os mais velhos junto com os alunos, trabalhos em grupos e individuais, onde tudo foi registrado em fotografias e diário de campo.

A construção dos materiais didáticos foi realizada durante todo o ano de 2019 e aplicado na Escola Indígena Ita Putyr, em um período de 20 horas nos meses de agosto, setembro e outubro de 2019. Foram realizadas atividades através de aulas teóricas e práticas. Também utilizamos uma ficha de registro diário das atividades desenvolvidas.

Imagem 2: Imagens da aldeia Ita Putyr.



Fonte: Celina Santos Tembê, 2019.



Imagem 3: Imagens da Escola Indígena Estadual de Ensino Fundamental e Médio, onde o projeto de pesquisa foi desenvolvido (aplicação dos materiais didáticos).



Fonte: Celina Santos Temb , 2019.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Encontramos 44 esp cies⁴³ presentes na Terra Indígena Alto Rio Guamá, que foram representadas em pranchas de desenhos por membros da comunidade para ser utilizadas em materiais didáticos com fins de aplicação na escola indígena. Aqui o objetivo não é esgotar o número de espécies conhecidas ou que existam na TIARG, pois sabemos que existem muito mais. Mas é principalmente tentar conhecer os grupos de espécies, para contemplar a sua biodiversidade e começar a discutir a importância de se preservar essas espécies. O Quadro 1 mostra as espécies de ocorrência na TIARG.

Quadro 1: Espécies de mamíferos conhecidas pelos mais velhos da Terra Indígena Alto rio Guamá e com referências em bibliografias especializadas.

N�	Nome Científico	Nome Temb�	Nome Comum	Ref.
01	<i>Didelphis marsupialis</i>		Mucura-comum	1;2
02	<i>Myrmecophaga tridactyla</i>		Tamanduá-bandeira	1;2
03	<i>Tamandua tetradactyla</i>		Jaleco; Tamanduá-de-colete	1;2
04	<i>Bradypus variegatus</i>		Preguiça-de-bentinho; Preguiça-de-três-dedos	1
05	<i>Choloepus didactylus</i>		Preguiça-de-dois-dedos	1

⁴³ No material didático de apresentação das esp cies foram organizadas 30 esp cies.



06	<i>Priodontes maximus</i>		Tatu-canastra; Tatu-açu	1,2
07	<i>Dasyus novemcinctus</i>		Tatu-branco; Tatu-galinha	1;2
08	<i>Dasyus kappleri</i>		Tatu-quinze-quilos	2
09	<i>Euphractus sexcinctus</i>		Tatu-peba	2
10	<i>Tolypeutes tricinctus</i>		Tatu-bola	2
11	<i>Saimiri collinsi</i>		Mão-de-ouro; Saimiri;	1;2
12	<i>Sapajus apella</i>		Macaco-prego	1;2
13	<i>Cebus kaapori</i>		Caiarara	2
14	<i>Alouatta belzebul</i>	WARIW	Guariba	1;2
15	<i>Saguinus niger</i>		Choim	2
16	<i>Chiropotes satanas</i>		Cuxiú	2
17	<i>Cerdocyon thous</i>		Raposa	2
18	<i>Atelocynus microtis</i>		Cachorro-do-mato	2
19	<i>Speothos venaticus</i>		Cachorro-do-mato-vinagre	2
20	<i>Lontra longicaudis</i>		Lontra	1;2
21	<i>Pteronura brasiliensis</i>		Ariranha	2
22	<i>Eira barbara</i>		Irara	1;2
23	<i>Mustela africana</i>		Doninha-amazônica	2
24	<i>Procyon cancrivorus</i>		Guaxinim; Mão-pelada	1
25	<i>Nasua nasua</i>	KWAXI	Quati; Quatimundé	1;2
26	<i>Leopardus pardalis</i>		Jagatirica; maracaju-açu	1;2
27	<i>Leopardus wiedii</i>		Maracajá-peludo; gato-do-mato	1;2
28	<i>Leopardus tigrinus</i>		Maracajá-peludinho; Gato-do-mato-pequeno	2
29	<i>Felis yagouaroundi</i>		Maracajá-preto; gato-mou-risco	1
30	<i>Puma concolor</i>		Onça-vermelha; Suçuarana	1;2
31	<i>Panthera onca</i>		Onça; Onça-pintada; onça-preta	1;2
32	<i>Tapirus terrestres</i>		Anta; Tapir	1;2
33	<i>Pecari tajacu</i>		Catitu; Caititu; Cateto	1;2
34	<i>Tayassu pecari</i>		Porcão; Queixada	1;2



35	<i>Mazama americana</i>	ARAPUHA PIRÀG	Veado-vermelho; Veado-mateiro	1;2
36	<i>Mazama gouazoubira</i>	MAHAW	Veado-branco; Veado-fuboca;	1;2
37	<i>Mazama sp</i>		Veado-roxo; Veado-sapopema	
38	<i>Sciurus aestuans</i>		Quatipuru	1;2
39	<i>Galea spixii</i>		Preá	2
40	<i>Hydrochoerus hydrochaeris</i>		Capivara	1;2
41	<i>Coendou prehensilis</i>		Ouriço; Porco-espinho	1
42	<i>Cuniculus paca</i>	PAK	Paca	1;2
43	<i>Dasyprocta prymnolopha</i>	AKUXI	Cotia	1;2
44	<i>Sylvilagus brasiliensis</i>		Coelho; Tapiti	1;2

1 – EMMONS & FEER 1999; 2 - VALENTE & KAHWAGE 2017. (Ref.: Referência).

Na TIARG existem muitos mamíferos ameaçados de extinção, como por exemplo: tatu-canastra (*Priodontes maximus*); tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*); ariranha (*Pteronura brasiliensis*); macaco-caiarara (*Cebus kaaporí*). Os felinos presentes na TIARG estão todos na lista de ameaçados de extinção, especialmente na região, que se constitui como um dos últimos refúgios em grande extensão. Neste sentido, podemos citar: jaguatirica (*Leopardus pardalis*); gato-do-mato (*Leopardus tigrinus*); onça-pintada (*Panthera onça*); onça-vermelha ou suçuarana (*Puma concolor*);

O que ameaça a fauna, de uma forma geral, no Brasil é a exploração desordenada do território nacional como o desmatamento para implantação do agronegócio (especialmente a monocultura e pecuária ou ainda a derrubada da floresta para simples especulação imobiliária de terras), principalmente nas fronteiras agrícolas que avançam como na Amazônia. O Estado do Pará tem registrado índices alarmantes de desmatamento nas últimas décadas e com o atual governo percebemos ainda um aumento nesses índices. Além disso, temos as caças predatórias, a captura ilegal e a introdução de espécies exóticas tanto de animais (gado) como de plantas na região (eucalipto, tecas etc.). Desta forma, os animais em extinção, especialmente os mamíferos, vem aumentando com o passar dos anos entrando novas espécies na lista todos os anos. A lista oficial de animais ameaçados de extinção está disponível em: www.mma.gov.br/port/sbf/fauna/index.cfm, onde conferimos com as espécies que existem na TIARG.



Apesar da caça aos mamíferos praticada pelos Tembé, a Terra Indígena Alto Rio Guamá se constitui em uma área também de proteção a essas espécies, uma vez que a atividade de caça não é muito intensa e a maioria das espécies de mamíferos não são consumidas. Na escola é importante conhecer as espécies, trabalhar sobre os seus significados para o povo Tembé e a importância de preservar as espécies na natureza tanto para a sua sobrevivência como para a sobrevivência das tradições do povo Tembé Tenetehar.

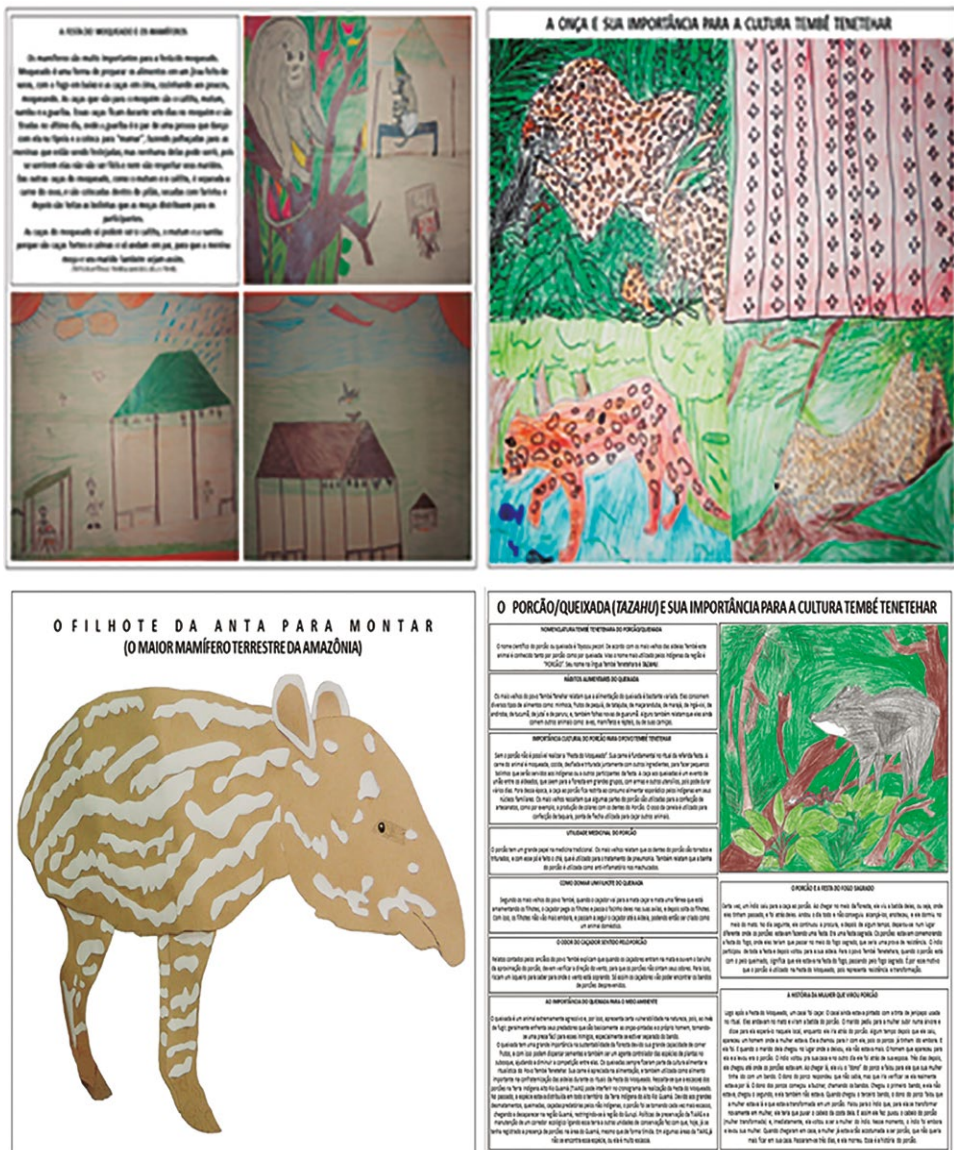
Após a pesquisa, e com o apoio de alguns membros da comunidade construímos várias pranchas com as principais espécies que podem ser observadas na região da TIARG. E com o material elaboramos algumas metodologias onde colocamos em prática na escola onde atua a primeira autora. Foram feitas pranchas de desenhos coloridas; guia orientador para jogos e atividades diversas, cartazes e fichas de identificação das espécies.

Imagem 4: Produção de material didático sobre os mamíferos: 1. Desenhos das espécies de mamíferos que ocorrem na região da TIARG; 2. Livro com jogos e atividades sobre os mamíferos.



Fonte: Celina Santos Tembé, 2019.

Imagem 5: Materiais didáticos: cartazes diversos que foram produzidos com os alunos e utilizados em aulas seminários e projetos de pesquisa; Fichas com os desenhos das espécies para sua identificação.



Fonte: Celina Santos Temb , 2019.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

E com muita satisfação que apresentamos o projeto aqui descrito. Esse foi o primeiro projeto realizado pela primeira autora deste texto, na escola em que atua, voltado especificamente para a realidade do povo Tembê Tenetehar.



O projeto mostrou diversas possibilidades de trabalho para o professor indígena em sala de aula. Apesar das dúvidas e dificuldades pode-se constatar que o professor indígena é capaz de produzir materiais didáticos para a escola indígena e para o ensino de ciências, com resultados muito positivos para o ensino-aprendizagem de seus alunos.

Nas escolas indígenas, é pedido que os professores trabalhem de forma intercultural com os conhecimentos tradicionais dialogando com os conhecimentos científicos. O projeto possibilitou uma reflexão sobre as possibilidades de construir uma escola indígena dentro de seus preceitos. Desta forma, o projeto foi um grande sucesso e esperamos fazer mais projetos neste sentido. Os alunos gostaram muito, interagiram e deram opiniões sobre o projeto, durante as aulas, no sentido de quererem aprender mais ainda dessa forma.

Foi um trabalho realizado com a participação de membros do povo Tembê que só vem para somar e contribuir para a aprendizagem dos mais jovens. Ao abordar o assunto sobre os mamíferos da TIARG na sala de aula, pudemos perceber que os alunos ficaram muito entusiasmados, por se tratar de um assunto que eles, de certa forma, conhecem.

Esse é um trabalho que pode estar servindo como base para a construção de muitos outros, pois as escolas indígenas precisam de materiais didáticos específicos e metodologias diferenciadas e nada melhor que nós professores indígenas para estarmos em busca de conhecimentos e descobrirmos formas diferenciadas para estarmos trabalhando a interculturalidade junto ao povo Tembê Tenetehar.

Houve uma participação significativa dos mais velhos no processo de educação escolar sobre a temática desenvolvida, a partir do primeiro levantamento e das pesquisas realizadas pelos alunos juntos aos seus pais, tios e avôs. Durante o projeto os alunos apresentaram uma maior interação em sala de aula e nas atividades fora de sala de aula. Houve um maior interesse dos alunos com relação aos assuntos tratados por estes trazerem uma contextualização com a realidade deles;

O curso de Licenciatura Intercultural Indígena preparou a primeira autora de uma certa forma a ver com clareza que podemos estar trabalhando juntos os saberes tradicionais e o científico sem deixar de valorizar aquilo que é de fundamental importância para um povo: a sua cultura. A partir dessa experiência podemos lançar mão de outros temas e desenvolver da mesma forma mais materiais didáticos sobre assuntos que contemplem tanto o conhecimento Tembê como o conhecimento científico.

É importante ressaltar que através da Licenciatura Intercultural Indígena a primeira autora passou a ter uma visão mais complexa e completa da importância de ser um professor indígena e mais ainda, da importância de ser capaz de fazer mudanças que venham a influenciar de forma positiva na educação escolar indígena não sendo uma pessoa etnocêntrica e estando sempre trabalhando com os dois saberes.



REFERÊNCIAS

VESPASIANO, Silmara Sapiense. COSTA, Isabel. LEMBO, Antônio. *Odisseia Ciências 3º ano*. Manual do Professor. São Paulo: SEI, 2017.

BRASIL.MEC. *Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígena (RCNEI)*. Brasília: MEC/SEF, 2005. 348p.

EMMONS, L. H.; FEER, F. *Neotropical rainforest mammals: a field guide*. 2nd Edition. Chicago: University of Chicago Press. 1997.

VALENTE, Renata de Melo; KAHWAGE, Claudia Maria Carneiro (Editores). *Gestão ambiental e territorial da Terra Indígena Alto Rio Guamá: diagnóstico etnoambiental e etnozoneamento*. Belém. Instituto de Desenvolvimento Florestal e da Biodiversidade (IDEFLOR-BIO). 2017. 380 p.

TEMBÉ, Brasilicie; TEMBÉ, Célia; TEMBÉ, Clementina; TEMBÉ, Elias; TEMBÉ, Emídio; KAHWAGE, Claudio Maria Carneiro; OLIVEIRA, Sérgio Meira de Santa Cruz. *Narrativas Tembê sobre biodiversidade*. Belém. Instituto de Desenvolvimento Florestal e da Biodiversidade – IDEFLOR-BIO. 2016. 136p. (Série Conhecimento Indígena – Volume II).



18

AS AVES DA TERRA INDÍGENA ALTO RIO GUAMÁ E O ETNOCONHECIMENTO DO POVO TEMBÉ TENETEHAR: materiais didáticos e metodologias para o ensino de ciências na escola indígena

Joelcy Leitão Tembé⁴⁴
Claudio Emidio-Silva⁴⁵
Eliana Ruth Silva Sousa⁴⁶

INTRODUÇÃO

A Terra Indígena Alto Rio Guamá (TIARG) apresenta uma grande diversidade de aves, com inúmeras espécies, embora no passado existissem bem mais. Podemos afirmar que as Terras Indígenas concentram maior número de aves do que nas áreas urbanas ou mesmo rurais. Muitas espécies presentes nas Terras Indígenas são desconhecidas da população urbana e, inclusive, dos próprios indígenas mais jovens, como por exemplo, o pássaro chamado *hunyyme'e*, que é o mais procurado pelos indígenas, pois suas penas servem para confecção de artesanato, agregando valores às peças, devido as suas penas serem as mais belas de todas.

O conteúdo sobre avifauna é pouco abordado nas escolas indígenas ou feito de forma descontextualizada, fazendo com que os alunos conheçam somente as aves que estão nos livros didáticos. Além disso, os livros didáticos utilizados nas escolas indígenas não contêm todas as aves existentes nas terras indígenas, pois mostram aves de outras regiões, que não fazem parte da vivência dos alunos indígenas.

Durante a minha experiência nas escolas indígenas percebi a limitação na oferta de material didático diferenciado para a escola indígena, pois o que se observa são materiais didáticos elaborados pela própria Secretaria Municipal de Educação, sem sequer contar com a participação dos educadores indígenas nessa elaboração.

⁴⁴ Egresso do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará – UEPA.

⁴⁵ Docente do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará – UEPA. Mestre em Ciências Biológicas e Doutor em Educação.

⁴⁶ Docente do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará – UEPA.



É importante que os alunos conheçam tanto a avifauna mostrada nos livros didáticos quanto conheçam mais profundamente as aves existentes na TIARG. Um material didático diferenciado facilitaria o aprendizado dos alunos indígenas na identificação de cada ave existente na TIARG, pois estaria voltado especificamente para a sua própria realidade.

Diante do exposto, elaborei as seguintes questões norteadoras: a) como um material didático específico contribui para o desenvolvimento dos alunos indígenas do 4º e 5º ano do ensino fundamental? b) de que maneira os mais velhos das aldeias Tembé podem contribuir com seus conhecimentos para o ensino de ciências nas escolas indígenas? c) qual a percepção dos alunos do 4º e 5º ano do ensino fundamental ao trabalhar o material didático voltado para sua própria realidade sobre as aves?

O objetivo do presente trabalho é apresentar materiais didáticos diferenciados sobre avifauna para o ensino de ciências na escola indígena, bem como avaliar como a utilização desses materiais podem ajudar a melhorar o ensino de ciências e apresentar novas metodologias de trabalhos que possam ajudar os alunos a aprenderem mais e a se interessarem pela sua própria cultura.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Escola Indígena e o Ensino de Ciências

Estudar ciências nas escolas indígenas traz a necessidade de se compreender mais sobre a lógica dos princípios da ciência para que possamos melhorar e aprimorar os nossos conhecimentos, nos dando a condição de relacionar melhor com a sociedade nacional. Ao mesmo tempo vamos lidando com os instrumentos e recursos tecnológicos, melhorando o nosso conhecimento sobre a ciência e garantindo a sobrevivências no mundo moderno. No lado da cultura precisamos também desenvolver técnicas novas, e melhorar o convívio social e inovar cada vez mais as nossas culturas, fazendo relações teóricas com o conhecimento científico. Não resta dúvida que estudar ciências nas escolas indígenas é sempre em desafio, pois muitas vezes são necessárias ideias que parecem contrárias a nossa própria vivência no cotidiano.

Além disso, estudar ciências pode contribuir também para uma melhor compreensão das transformações do mundo, pois o ser humano precisa acompanhar as mudanças que acontecem em nível global ou regional. O importante é não abandonar a sua cultura no nível local e seus próprios conhecimentos. No diálogo intercultural é preciso que a cultura indígena esteja também na escola indígena de alguma forma, em diálogo com o conhecimento científico. São esses dois tipos de conhecimentos que na atualidade podem ajudar na sobrevivência das populações indígenas. O ensino de ciências é muito relevante neste contexto. E dentro das ciências nas escolas indígenas temos vários temas relacionado ao



meio ambiente, que também podem estar relacionados com as diversas culturas indígenas. Segundo o RCNEI:

O professor indígena pode escolher muitos temas de estudo relacionado com a natureza. Os temas podem variar de povo. Podem variar também de acordo a localização da aldeia no território nacional e como o tempo e a forma de contato entres os povos indígena e os não indígenas. Sugere-se uma série de temas. Cada professor deve acrescentar outros e escolher aqueles que são, mais adequados a seus alunos em cada etapa de seu trabalho. Povos indígenas ribeirinhos podem aproveitar estudos sobre ambiente aquático, por outro lado, perguntas ocasionais interessantes podem dar oportunidade para a produção de temas de ciência” (BRASIL, 2006).

De acordo com o RCNEI, os professores indígenas podem escolher os seus temas de estudos relacionados a natureza, como por exemplo: aves existentes na TIARG, que vem mostrar as espécies existentes, desse grupo de animais, na TIARG, às margens do rio Gurupi, onde os alunos das escolas indígenas irão ter os conhecimentos mais específicos sobre a sua realidade, apesar desse assunto não ser tão trabalhados nas escolas indígenas. Mesmo assim sinto o interesse em me aprimorar mais sobre esse tema. Dessa forma uma pesquisa sobre as aves pode ajudar a construir materiais didáticos voltados para a nossa realidade Tembé, com possibilidades para um melhor desenvolvimento escolar dos alunos indígenas em sua aprendizagem.

Aspectos gerais da TIARG

A TIARG está localizada no nordeste do estado do Pará, entre a margem direita do rio Guamá e a margem esquerda do rio Gurupi, fazendo fronteira com o estado do Maranhão. Abrange os territórios dos municípios de Nova Esperança do Piriá, Paragominas Santa Luzia do Pará (Valente, 2017). A TIARG abriga uma grande quantidade de aves, porém, essas são bastante sensíveis a degradação ambiental, apesar de elas virem resistindo à pressão humanas e as explorações. Mesmo assim, cabe a nós, povo Tembé, a reponsabilidade em preservá-las e manter a sua existência na TIARG.



Imagem 1: Mapa da TIARG, com sua localização ao sul, na região do rio Gurupi, ligando-se com outras terras indígenas e unidades de conservação, na divisa com o estado do Maranhão.



Fonte: Modificado do Google Earth, 2020.

Avifauna das Terras Indígenas

Segundo Marceliano & Martins (1992, p.3):

As aves são animais vertebrados (com coluna vertebral), plumados e geralmente adaptados para voar. A temperatura do seu corpo é regulada para permitir rápida função dos músculos de voo. Os olhos e ouvidos são bem desenvolvidos: a visão da águia e audição da coruja são sem igual entre os animais. Enquanto os membros anteriores (braços) são modificados em asas (ou, as vezes em remos), as penas são geralmente equipadas com quatro dedos usados para locomoção bípede. Mesmo sem mãos, as aves podem manipular objetos com a coordenação entre o bico e as garras.

Como sua característica principal, as aves têm o corpo cobertos de penas que ajudam a regular sua temperatura. As penas são lubrificadas pelas de uma glândula de gordura (mais desenvolvidas em aves aquáticas) que impermeabiliza a plumagem.

As terras indígenas são importantes para se preservar as aves, pois são nelas que se encontram inúmeras espécies de aves existentes na região. Podemos



observar que a maior concentração de aves na Amazônia está nas terras indígenas e nas unidades de conservação.

Segundo Valente & Melo (2017):

a TIARG conserva uma parcela bastante significativa da avifauna nativa nesta porção da Amazônia, principalmente na região da bacia do rio Gurupi, ao sul da terra indígena, onde a mata concentra-se em melhor estado de conservação em relação à região de bacia do rio Guamá, ao norte. (Valente; Melo, 2017, p. 237).

As terras indígenas têm uma grande importância por manter essas aves, apesar do longo dos tempos algumas terem entrado em extinção na nossa região. Mesmo assim, a diversidade de avifauna ainda é muita alta. Algumas delas são caçadas pelos próprios indígenas para confecção de artesanatos, para sua própria alimentação e também como animais de estimação quando é capturada ainda filhote, sendo domado, assim como qualquer outro animal (*Xerimbabo*). Não há dúvida que as aves também são responsáveis por semear sementes nas florestas devido se alimentarem dos frutos e, ao defecar suas fezes com as sementes dos frutos que eles comeram, vem juntos. E, com o passar do tempo às sementes dos frutos comidos brotam e se tornam plantas ou árvores.

De acordo com Valente & Melo (2017, p. 237):

a participação indígena e ação conjunta de setores governamentais e não governamentais são fundamentais para garantir o manejo e a proteção das espécies das aves no longo prazo, apenas para o equilíbrio ecológico da região, mas também para a preservação da identidade cultural do povo Tembé, pois muito dessas aves, inclusive algumas ameaçadas constituem fortes importantes para sua alimentação e possuem partes, como penas e ossos, utilizadas no artesanato e cerimônias indígenas.

Vemos a necessidade urgente em preservar as aves na TIARG, das caças predatórias e do desmatamento que são as causas principais de seu afugentamento e até mesmo da extinção de algumas espécies.

Segundo Valente & Kahwage (2017; 252p.):

As aves utilizadas no artesanato indígena também costumam servir de alimento para o povo Tembé, com exceção dos beija-flores. Como a comercialização de produtos que empregam partes de animais silvestres (penas, ossos, dentes) constitui crime ambiental (Lei 9.605 de 1998), os adornos que utilizam penas de aves só podem ser utilizados como objetos pessoais pelos próprios indígenas, considerando o respeito à sua cultura.

É importante que sejam aplicados sistemas de manejo para o uso sustentável das espécies de aves, tanto no Guamá quanto no Gurupi, pois os animais já não são abundantes como no passado também na região do Gurupi, onde as florestas são mais conservadas quando comparadas com o Guamá (Waldeci Tembé, com. pess.). Dessa forma, espera-se que se restabeleça (nas áreas mais alteradas) ou que se mantenha (nas áreas menos alteradas) o equilíbrio ecológico na TIARG, para que estes recursos (penas para o artesanato e carne das aves para alimentação) estejam disponíveis de forma abundante para as futuras gerações, garantindo a preservação



da identidade do povo Tembé e promovendo a segurança alimentar da comunidade indígena.

É preciso contribuir para a manutenção do meio ambiente e para dar vida ao nosso planeta enriquecendo as terras indígenas. Nesse sentido, ao manter as aves em seus habitats na Amazônia manteremos também as culturas indígenas. Os vários povos indígenas mantêm uma estreita relação com as aves, que são matérias prima para a construção de diversos artefatos. São animais de estimação importantes, constituem parte de sua mitologia e narrativas e são importantes em sua alimentação, em muitos casos. No caso Tembé, algumas espécies, como por exemplo, os nambus, são imprescindíveis para o rito de passagem da menina moça. Além disso, as aves possuem um importante papel na teia alimentar, assim como constituem elementos de extrema beleza no ambiente onde vivem, alegrando quem com elas compartilham seus habitats.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta subseção, serão descritas todas as fases de desenvolvimento desta pesquisa:

- 1ª Fase: realização de uma pesquisa de campo nas aldeias Tembé e em algumas partes da floresta da TIARG, às margens do rio Gurupi. Nas aldeias foram entrevistadas quatro pessoas idosas a respeito das espécies de aves existentes na TIARG. Foram feitos registros fotográficos de aves em algumas partes da floresta; neste momento também houve uma pesquisa em livros que referenciam as espécies de aves para a região amazônica contemplando especificamente a TIARG. Para isso utilizamos especialmente Valente & Melo (2017) e Sigrist (2008).
- 2ª Fase: elaboração de um livro com informações e fotografias sobre as aves existentes na TIARG, ressaltando a importância de algumas para a tradição do povo Tembé, de acordo com os relatos dos mais idosos das aldeias;
- 3ª Fase: aplicação do material didático, cujo livro foi trabalhado com os alunos do 4º e 5º anos do ensino fundamental, fazendo uma conectividade entre os alunos para mostrar as fotografias e desenhos de algumas aves que servem para o ritual do povo Tembé e algumas que já estão ameaçadas de extinção. Essa atividade foi registrada através de fotografias e de registro escrito em caderno de campo;
- 4ª Fase: Análise do material didático. Foram aplicados questionários aos alunos que participaram das atividades e/ou dinâmicas, com questões relativas aos conteúdos trabalhados. Também se observou a reação dos alunos à aplicação do material didático e o impacto deste sobre o seu aprendizado.



As atividades de aplicação do material didático ocorreram em duas escolas das aldeias: Cajueiro e Inazatiw, que podem ser observadas a seguir:

Imagem 2: Fotografias da Aldeia Cajueiro (primeira linha) e de sua Escola (segunda linha).



Fonte: Joelcy Leitão Temb , 2019.

Imagem 3: Fotografias da Aldeia Inazatiw (  esquerda) e de sua escola provisória (direita).



Fonte: Joelcy Leitão Temb , 2019.



RESULTADOS E DISCUSSÕES

Espécies de aves presentes na TIARG

Durante a pesquisa de campo, foram identificadas mais de duzentas espécies de aves na TIARG, e a maioria foram ilustradas por pessoas da comunidade, através de desenhos, conforme pode ser observado na imagem a seguir:

Imagem 4: Ilustrações das aves para a construção dos materiais didáticos.



Fonte: Joelcy Leitão Tembê, 2019.

Materiais didáticos

A partir das espécies de aves identificadas na TIARG, foi produzido um livro com as ilustrações com mais de 100 espécies de aves. Também utilizamos algumas fotografias para ilustrar as espécies quando necessário. E, montamos cartazes e jogos como podemos observar nas imagens a seguir:



Imagem 5: Capa do livro sobre as aves da TIARG e Cartaz produzido pelos alunos e depois digitalizado para sua apresentação final.



Fonte: Joelcy Leitão Tembê, 2020.

A partir da elaboração do livro de identificação das aves fizemos jogos didáticos para o ensino de ciências para alunos do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental, que podem ser observados abaixo (imagem 6). O material é composto por trinta espécies de aves que ao dobrar sua reprodução os alunos devem achar o seu par. Esse material pode ser ampliando com os nomes na língua indígena e em português.



Imagem 6: Jogo da memória das aves da TIARG. Jogo no material didático proposto com as regras e pronto para ser jogado pelas crianças.



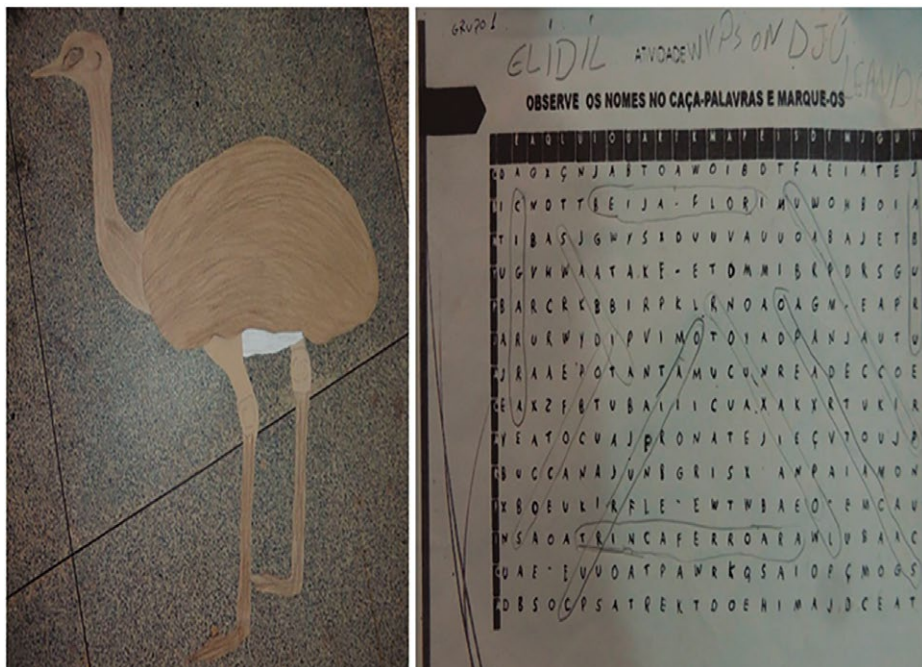
Fonte: Joelcy Leitão Temb , 2019.

Esse jogo pode ser jogado da seguinte forma: pode-se jogar até dez componentes; todas as cartas são embaralhadas e dispostas sobre a mesa, com as imagens viradas para baixo; os participantes ficam em forma de círculo ao redor da mesa; o primeiro componente tira uma carta e mostra para todos qual foi a ave tirada, e, em seguida, tenta tirar o par da ave; se porventura ele tirar o par certo continua a jogar; se não, passa a vez para o próximo componente, e assim sucessivamente; ao final, o aluno que consegue ficar com mais cartas será o vencedor.

Outras atividades também foram desenvolvidas como pode ser observado a seguir:



Imagem 7: Ema (a maior ave do Brasil construída em papel, em tamanho real) e atividade sobre as aves produzidas para trabalhar com os alunos em sala de aula.



Fonte: Joelcy Leitão Temb , 2019.

Avalia o do material didático

A partir do material didático aplicado com os alunos do 4  e 5  pude perceber que eles tiveram bastante avanço sobre o conhecimento das aves. Eles tiveram uma participa o ativa, tanto nos questionários escrito, quanto nas perguntas e resposta de forma verbal. Eles também contrib iram relatando que nunca tinham visto um material produzido dessa forma, onde os conhecimentos dos próprios indígenas estivessem na escola, ou seja, voltados para a sua realidade.

Em uma percep o geral podemos dizer que os materiais e as metodologias aplicadas em sala de aula tiveram bons resultados com um engajamento total de todos os alunos, ou pelo menos em sua grande maioria.

CONSIDERA OES FINAIS

O curso de Licenciatura Intercultural Indígena realizado na aldeia Cajueiro foi muito importante na minha vida, pois com ele pude avançar bastante e progredir na minha vida acadêmica na universidade, como um profissional da educa o. Os poucos conhecimentos a qual eu tinha foram aperfeiçoados em cada etapa do curso. Posso dizer que ganhei experiências com cada professor a qual ministrou as aulas no período desse curso. Cada um deles fez parte da



minha vida profissional. No decorrer do curso já me via como professor e mais preparado para atuação em sala de aula. Ressalto que durante o processo gostei bastante de cada momento da minha atuação e espero avançar ainda mais na minha vida. Com essa formação espero continuar progredindo como professor na minha área e me aperfeiçoar a cada momento para tornar-me um professor nota dez e ajudar minha comunidade e o meu povo.

Com esse projeto pude desenvolver trabalhos incríveis o qual não imaginaria que iria conseguir. Cada momento foi único na minha vida e fico bastante contente por estar contribuindo, com esse projeto, para o desenvolvimento das escolas indígenas. Os materiais específicos, aqui descritos, voltados para a nossa própria realidade, já está facilitando bastante na aprendizagem dos nossos alunos.

Pude perceber que esse projeto vai ajudar bastantes as escolas. O livro aqui descrito pode ser trabalhado nas escolas indígenas pelos professores da área de ciências, visando melhorar o conhecimento e o desenvolvimento dos alunos tanto do ensino fundamental menor como no ensino do fundamental maior, proporcionando a qualidade do ensino, e enfatizando os conhecimentos tanto o tradicional quanto o científico. Dessa forma, os nossos alunos podem melhorar o seu desempenho na escola, dentro de sua própria realidade.

Este curso de Licenciatura Intercultural Indígena realizado na aldeia Cajuero foi muito prazeroso na minha vida, onde possibilitou-me a oportunidade de cursar a universidade dentro da própria aldeia. Com ele eu pude avançar e progredir bastante nos conhecimentos acadêmicos a qual eu não tinha. Ele ajudou e me capacitar para me tornar um bom profissional. Só agora, ao finalizar esse trabalho aqui apresentado, pude perceber que os conhecimentos adquiridos no decorrer do curso só estavam somando na minha carreira como professor. Eles me deram condições para desenvolver técnicas e metodologias novas, melhorando o convívio social e inovando cada vez mais na escola indígena. Ajudou até mesmo no fortalecimento da nossa cultura, ao discutir e conectar assuntos na escola a partir dos conhecimentos científicos e tradicionais Tembé-Tenetehar.

Nas escolas indígenas podemos trabalhar com um material didático produzido por nós professores indígenas visando a boa qualidade do ensino e aprendizagem dos nossos alunos, para que eles se tornem bons profissionais futuramente, para que venham a ajudar as nossas comunidades indígenas como um todo. Essas comunidades esperam que nós, educadores, tomemos essa decisão de estar sempre atuando na área da educação.

O material didático a qual me propus elaborar teve seu objetivo alcançado, pois foi bem recebido pela comunidade escolar. Destaca-se também que durante o desenvolvimento do projeto aqui descrito, conseguimos alcançar esse objetivo devido as escolas indígenas não terem um material didático específico



voltado para a sua própria realidade, pois o que se tem nas escolas indígenas, na sua maioria, são materiais elaborados pelas SEDUC, SEMEC e MEC, sempre contemplando mais a realidade do *karaîw* (não indígena).

Ressaltamos, ainda, que para esse objetivo ser alcançado tivemos que traçar algumas atividades específicas para obter bons resultados, como por exemplo: tivemos de realizar pesquisa com os mais velhos, o que tivemos um grande êxito; tivemos de trabalhar e analisar de que maneira esse material didático específico sobre a avifauna da TIARG contribui para o desenvolvimento dos alunos do 4º e 5º ano do ensino fundamental, o qual conseguimos também um bom êxito. Um passo importante deste projeto de pesquisa foi identificar quais os pontos positivos na aplicação do material didático com os alunos do 4º e 5º ano nas escolas Tembê. E, após a aplicação desse material eu pude descrever de que maneira o material didático específico sobre as aves existente na TIARG pode ser utilizado na aprendizagem dos alunos indígenas nos anos mencionados acima. Neste sentido, ressalto que obtivemos ótimos resultados das aplicações do material e conseguimos alcançar os objetivos esperados, que era despertar o interesse dos alunos nas aulas e conseguir desenvolver aulas mais dinâmicas e contextualizadas.

Foi muito gratificante trabalhar nesse projeto de pesquisa, pois além de alcançar os objetivos desejados, consegui aproximar os mais velhos à escola indígena. Isso foi um salto na perspectiva da educação escolar indígena em nossa região, pois antes os velhos se encontravam mais distantes da escola e seus conhecimentos não eram compartilhados no dia a dia da sala de aula. Na elaboração desse projeto pude me envolver tanto com os alunos quanto com algumas pessoas de algumas comunidades. Nas pesquisas de campo feito dentro da própria aldeia, pude envolver também os idosos nas entrevistas para colher dados sobre as aves. Só então pude perceber os ricos conhecimentos a qual os nossos anciãos possuem. Pude perceber que os saberes dos nossos anciãos não podem ser deixados de lado ou até mesmo esquecidos. Temos de estar sempre registrando os saberes dos nossos anciãos. Até mesmo como uma forma de estar preservando algo milenar que um dia pode chegar a se acabar.

Portanto, esses conhecimentos tradicionais é que nos fortalecem como um povo diferenciado que tem sua própria cultura, rituais, crenças e formas de conhecer o mundo que nos cerca, pois temos a responsabilidade de ir agregando estes valores. O livro aqui descrito pode ser trabalhado nas escolas indígenas pelos professores da área de ciências, visando melhorar o conhecimento e desenvolvimento dos alunos do 4º ao 5º ano do ensino fundamental, proporcionando a qualidade do ensino e enfatizando os conhecimentos tanto o tradicional quanto o científico, em diálogo intercultural, para que eles obtenham melhores resultados e desempenho dentro da sua própria realidade de ensino e aprendizagem.



O meu foco, no futuro, é trabalhar mais profundamente sobre os assuntos relacionados a avifauna na TIARG. Eu me identifico com esse assunto e é uma das áreas a qual eu mais gosto de trabalhar, pois tenho orgulho do que faço, e pretendo ir além, pois uma nova geração nos espera para dar continuidade naquilo que somos. Temos que mostrar para a sociedade abrangente e principalmente para as nossas futuras gerações que somos capazes de alcançar os nossos objetivos e ir além do esperado.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. MEC, *referencial curricular nacional para as escolas indígenas-RCNEI*. 2. ed. Brasil: MEC/SEF/2005. 339 P.
- MARCELIANO, Maria Luiza Videira; MARTINS, Antônio Carlos Seabra. *Aves da Amazônia: para você colorir*. 3. ed. Belém. Museu Paraense Emílio Goeldi. 1992. 44p. (Série infantil do Museu Goeldi; 3).
- PARÁ. Instituto de desenvolvimento florestal e da biodiversidade. *Gestão ambiental e territorial da terra indígenas alto rio Guamá: diagnóstico etnoambiental etnozoneamento* / Instituto de desenvolvimento florestal e da biodiversidade. – Belém: Idefor-Bio, 2017. 380p.
- POSEY, Darrell A. Etnobiologia: teoria e prática. In: RIBEIRO, Berta G. (Coordenação). *Etnobiologia - Suma etnológica brasileira*. Edição atualizada do Handbook of South American Indian. Vol. 1. Petrópolis. FINEP; Vozes. 1986. p.15-25.
- SIGRIST, Tomas. *Aves da Amazônia brasileira – Guia de Campo*. São Paulo. Avis Brasilis. 2008. 472p. (Série Guias de Campo Avis Brasilis).
- VALENTE, Renata de Melo; MELO, Éder Amoras. Avifauna. In: PARÁ. Instituto de desenvolvimento florestal e da biodiversidade. *Gestão ambiental e territorial da terra indígenas alto rio Guamá: diagnóstico etnoambiental etnozoneamento*. Belém: Ideflor-Bio, 2017.p 235-265.
- VALENTE, Renata de Melo. Caracterização e histórico da terra indígena alto rio Guamá. In: PARÁ. Instituto de desenvolvimento florestal e da biodiversidade. *Gestão ambiental e territorial da terra indígenas alto rio Guamá: diagnóstico etnoambiental etnozoneamento*. Belém: Ideflor-Bio, 2017. P. 31-44.



A SAÚDE DA MULHER INDÍGENA E O ETNOCONHECIMENTO DO POVO TEMBÉ TENETEHAR: propostas para trabalhar o ensino de ciências na educação escolar indígena

Maridiuza Carneiro Tembé⁴⁷

Claudio Emidio-Silva⁴⁸

Rita de Cássia Almeida-Silva⁴⁹

INTRODUÇÃO

Este artigo descreve um projeto desenvolvido na aldeia Canindé sobre a saúde da mulher indígena Tembé que, por sua vez, resultou na produção de uma cartilha sobre a temática. Através da cartilha e de cartazes buscamos mostrar a importância da prevenção da saúde das mulheres indígenas, bem como procuramos apresentar o corpo humano pela ótica do povo Tembé. A escolha desta temática deriva da observação da ocorrência de várias doenças que, muitas vezes, estão levando as mulheres indígenas à morte, devido muitos tipos de problemas como o câncer do colo do útero, pressão alta, diabetes, infecções urinária, entre outras.

Este artigo também vem relatar a importância de se trabalhar esse conteúdo em sala de aula para estar mostrando aos alunos o quanto é importante falar sobre a saúde da mulher indígena. Muitas vezes a maior parte dos alunos, principalmente as meninas, não tem o conhecimento de como a mulher indígena sofre com alguns tipos de doenças que muitas vezes não tem a oportunidade de ter um tratamento adequado.

Um dos maiores problemas que encontramos em nossas comunidades é a própria casa de saúde que não oferece um tratamento adequado e também os técnicos não fazem questão de retirar os pacientes para levá-los aos hospitais, onde poderiam receber um melhor tratamento, uma vez que muitas doenças, atualmente, a comunidade não tem como tratar e muito menos o Posto de Saúde. Em muitos casos na aldeia o paciente pede para ser levado ao hospital da cidade, mas o agente da saúde alega a falta de combustível ou mesmo a falta

⁴⁷ Egressa do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará – UEPA.

⁴⁸ Docente do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará – UEPA. Mestre em Ciências Biológicas e Doutor em Educação.

⁴⁹ Docente do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará – UEPA.



de transporte para fazer esses procedimentos. No entanto, percebemos que na realidade não é bem isso que acontece. Se tivéssemos um efetivo cuidado com a prevenção poderíamos estar evitando muitas destas situações.

Quando um indígena morre vemos que logo aparece o tal combustível e o transporte, e isso é um grande problema que enfrentamos. A mulher grávida, por exemplo, muitas vezes faz o acompanhamento do pré-natal apenas uma ou duas vezes, ou seja, não tem um acompanhamento adequado durante a gestação. O que vemos, na realidade, é que ocorre muitos partos nas aldeias ou até mesmo em viagem e isso ocorre, porque o acompanhamento não foi realizado adequadamente.

Já tivemos muitos outros tipos de problemas com as mulheres indígenas como, por exemplo, a morte devido ao câncer do colo do útero, pressão alta, mulheres com diabetes, entre outras. Essas são doenças no qual podemos estar discutindo sua prevenção em sala de aula. O meu interesse em desenvolver esse projeto se deu, principalmente, a partir da observação das dificuldades vivenciadas, na minha comunidade, no que se refere os problemas enfrentado pelas mulheres indígenas no que diz respeito aos cuidados com a sua saúde. Além disso, verifica-se também a ausência desse debate na comunidade que, por sua vez, poderia ser discutido na escola.

Diante disso, esbarramos em outro problema que corresponde a falta de material didático voltado para nossa realidade, pois os recursos didáticos que temos nas nossas escolas são escritos por pessoas de fora e não pelos próprios indígenas. Muitos desses livros didáticos são escritos por pessoas que não conhecem nossa realidade. Então, no meu ponto de vista, a construção de materiais didáticos feitos pelos próprios professores indígenas serão muito mais importante para o aprendizado dos nossos alunos e que através desses livros eles terão os conhecimentos sobre a nossa realidade. Por exemplo, conhecer mais sobre a saúde da mulher indígena, quais as doenças que mais afetam nos dias de hoje e que antes não havia, quais as precauções que devemos tomar são assuntos importantes a serem debatidos no contexto escolar.

Nós como professores indígenas nos preocupamos, porque vemos que o que é mais importante não está sendo trabalhado em sala. Ou seja, muitas vezes, nossos alunos aprendem só os conhecimentos científicos dos não indígenas e acabam não sabendo nada sobre a sua própria realidade, por exemplo, temos várias adolescentes que não sabem se prevenir das doenças que realmente podem trazer riscos a sua própria saúde.

Durante todos esses anos que o estudo escolar entrou nas comunidades indígenas tenho visto muitas dificuldades em nossas escolas indígenas, principalmente, no caso do material didático, pois não temos materiais específicos para o



ensino dos aspectos socioculturais dos indígenas. Deveríamos ter, por exemplo, um material escrito pelos próprios professores indígenas trazendo seus conhecimentos tradicionais para dentro da escola, desse modo, teríamos um ensino diferenciado em todas as comunidades indígenas.

Com esses materiais didáticos estaríamos mostrando a questão da saúde indígena e trabalhando os nossos conhecimentos tradicionais que ajudam a nos prevenir muito mais dessas doenças. Outra coisa importante, diz respeito a necessidade trabalhar também os remédios tradicionais, feitos de ervas naturais, bem como debater sobre os rituais da menina moça, porque tudo isso envolve a saúde da mulher indígena.

Além disso, percebe-se a dificuldade vivenciada na comunidade e principalmente na escola, porque não temos materiais específico para estar sendo trabalhado a questão da saúde da mulher indígena. O pouco material didático que temos não são voltados para nossa realidade e foram escritos por não indígenas.

A pesquisa aqui descrita também vem, portanto, discutir a importância de se trabalhar esse conteúdo em sala de aula para estar mostrando aos alunos quão é importante falar sobre a saúde da mulher indígena. Muitas vezes, a maior parte dos alunos, principalmente, as meninas, que não tem o conhecimento de como as mulheres indígenas sofrem com esses tipos de doenças que muitas vezes não tem a oportunidade de ter um tratamento adequado para estar cuidando da sua própria saúde.

Percebe-se as dificuldades vivenciadas na minha comunidade e principalmente na minha escola, porque não temos o material específico para trabalhar a questão da saúde da mulher indígena e nem metodologias para trabalhar os conteúdos de ciências de forma diferenciada e contextualizada, pois, como já mencionamos, os livros que recebemos vem do MEC sem nenhum tratamento para as escolas indígenas. O professor tem de estar sempre adaptando os conteúdos dos livros para a realidade indígena.

Nós, professores indígenas, vemos que coisas importantes sobre a saúde indígena não estão sendo trabalhadas em sala de aula. Nossos alunos aprendem só os conhecimentos científicos e acabam não sabendo nada sobre a sua própria realidade, especialmente sobre a sua própria saúde. Entre os problemas que temos são especialmente sobre os nossos adolescentes não saberem: se prevenir das doenças sexualmente transmissíveis; não compreenderem a importância de se consumir uma alimentação de qualidade; e o desinteresse pelos rituais importantes de passagem para a vida adulta.

Pensar e discutir sobre a saúde indígena em nossas comunidades já é um grande avanço para o conhecimento dos problemas que temos e para a construção de propostas que venham a nos ajudar a melhorar a saúde da comunidade de



uma forma geral. Pouca atenção tem sido dada aos adolescentes, especialmente as meninas. Tal problemática, portanto, faz com que a proposta de trabalho aqui apresentada seja importante e tão necessária, pois essa faixa etária da população é imprescindível para a manutenção do nosso povo. A ideia é então construir materiais didáticos e uma proposta de metodologia para o professor desenvolver melhor o seu trabalho em sala de aula, dentro dessa temática “saúde da mulher indígena”, no ensino de Ciências. Com isso, pretendemos, facilitar a aprendizagem do aluno e contribuir para a conscientização de todos, para a diminuição dos problemas de saúde que passam as nossas jovens na Terra Indígena Alto Rio Guamá – TIARG.

O objetivo do presente artigo é mostrar como foi a produção dos materiais didáticos específicos, diferenciados e contextualizados a realidade do povo Tembê Tenetehar e as metodologias diferenciadas desenvolvidas na escola sobre a saúde da mulher indígena Tembê, para trabalhar o ensino de ciências, com os jovens do 6º e 7º ano do Ensino Fundamental, na aldeia Canindé – TIARG – Região do Gurupi.

Como objetivos específicos temos: a) Identificar as principais doenças mais comuns na aldeia Canindé; b) Realizar pesquisa com as mulheres mais velhas da comunidade sobre como são os tratamentos tradicionais do povo Tembê; c) Elaborar materiais didáticos específicos para a escola indígena sobre a temática da saúde indígena – saúde da mulher indígena; d) Desenvolver metodologias específicas, para a escola indígena, numa perspectiva intercultural, a partir do conhecimento tradicional e científico sobre a saúde da mulher indígena para trabalhar na escola indígena; e) Aplicar materiais didáticos específicos, diferenciados e contextualizados a realidade Tembê Tenetehar em um turmas do 6º e 7º Ano do Ensino Fundamental sobre a saúde da mulher; f) Analisar de que forma materiais didáticos específicos e contextualizados e metodologias diferenciadas de ensino sobre a saúde da mulher indígena Tembê podem influenciar no ensino aprendizagem de alunos do 6º e 7º ano, do ensino fundamental, da escola indígena

REVISÃO DA LITERATURA

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas -RCNEI (Brasil, 1998), o tema saúde nos leva a pensar mais na cultura da saúde dos povos indígenas, assim valorizando nossos conhecimentos tradicionais, que ao longo dos anos já ficaram para traz e que hoje encontramos grandes desafios em relação a esse trabalho.

Antigamente, os povos indígenas cuidavam da sua saúde sem precisar depender de remédios e tratamentos dos não indígenas. Atualmente, observamos que os indígenas enfrentam grandes problemas e muitas dificuldades no que se refere aos cuidados com a sua saúde, como por exemplo: esperar pela casa de



saúde para poder ter um tratamento melhor. Muitas vezes, o paciente acaba não utilizando o remédio tradicional por conta das instruções da casa de saúde e isso faz com que nossos costumes e tradições se enfraqueçam.

Vemos que o tema saúde pode ser trabalhado de várias formas e em diferentes disciplinas, como por exemplo, na história que fala das ocorrências das doenças que existiram a alguns anos atrás e como elas foram combatidas. Outra disciplina que também debate acerca da saúde, e foi a escolhida para debatermos tal questão, é o ensino de ciências naturais que estuda, sobretudo a questão da relação dos organismos com as doenças e com o meio ambiente.

É importante também saber e conhecer os problemas de saúde da comunidade indígena, de como são tratados seus pacientes, quais os responsáveis, quais os medicamentos que estão sendo passados para o doente. O questionamento que temos é: será que os pacientes sabem realmente sobre os medicamentos que estão sendo passados pelos técnicos e se realmente farão bem a sua saúde?

Nesse sentido, a escola também pode ser um lugar onde as comunidades, pais de alunos, agentes de saúde podem estar discutindo sobre a questão da saúde envolvendo os problemas ocorridos na comunidade. Para isso, o professor poderá estar discutindo e trabalhando esse assunto. Destaca-se que o professor deve ser um professor que tenha o conhecimento e estudo nessas áreas, porque assim ele terá o conhecimento sobre as doenças, as suas causas e também o tratamento, bem como as implicações e agravamento. Assim, pode repassar para todos sobre as principais doenças que nos afetam, na atualidade.

Para enfrentarmos esses problemas, precisamos de métodos para nos prevenir de vários tipos de doenças e assim podemos cuidar mais da saúde, principalmente das mulheres indígenas que são as que mais sofrem hoje em dia, com esses casos de doenças que muitas vezes levam até a morte.

É preciso que os serviços de saúde desenvolvam novas tecnologias para o cuidado dos povos indígenas, pois suas necessidades são particulares e as doenças trazidas pelo contato podem ter um impacto diferente em sua saúde. (Brasil, 1998).

Um dos meios importantes para combatermos essas doenças é nos prevenir das poluições das águas, dos lixos e do solo, e principalmente dos alimentos lá de fora, que causa doenças como o colesterol (que é o aumento de gordura no sangue); das diabetes (que é o aumento de açúcar no sangue), entre outras. Todas são causadas por alimentos industrializados que antes os índios não consumiam, mas hoje a maior parte depende desses alimentos, ou seja, eles preferem comprar porque já vem pronto para o consumo, mas não sabem o mal que podem causar. Por que isso não é repassado para os membros das aldeias e nem para os alunos. Então, a possibilidades do aumento das doenças é muito grande. Devemos estar trabalhando e encontrando formas de como se prevenir, dessas doenças.



Há que se considerar a importância do professor e do estudante Indígena na prevenção de doenças ao divulgarem informações para os demais membros da comunidade. Deve-se lembrar que a escola é um lugar que também propicia situações de namoro e que há escrita e uma novidade na troca de Mensagens de carinhos.

Os professores devem tomar cuidado com os que os alunos estão aprendendo e fazendo em sala, porque na escola também é um local onde eles poderão estar fazendo algo que não está nos planos do professor, pois são alunos que estão na fase da adolescência. E, nesses casos, a prevenção tanto da parte dos pais quanto dos professores é muito importante.

Com relação a saúde da mulher indígena,

Por se tratar de grupo populacional vulnerável e devido à sua condição histórica e social, as mulheres indígenas merecem uma atenção especial, com vistas às ações de saúde preventivas, visando à melhoria nos hábitos de vida, com redução na ocorrência de doenças, buscando a qualidade de vida, respeitando e reestabelecendo, principalmente, seus valores culturais que foram desvalorizados.

A discriminação de questões ligadas diretamente às mulheres indígenas envolve uma crítica à ação do Estado e à formulação de propostas de novas políticas públicas que tenham como foco a mulher indígena. (Neto & Silva, 2014 p. 31-32).

De acordo com o estudo supracitado, as mulheres deverão ser priorizadas, porque as mulheres são muito sensíveis em relação a vários tipos de doenças que causam inúmeros desconfortos. Nesse caso, o tratamento deve ser da melhor qualidade, porque assim a saúde da mulher terá mais valor. A saúde da mulher está relacionada à questão da sua cultura que foram se perdendo ao longo dos anos, porque antes as mulheres indígenas não apresentavam tantas doenças como atualmente. Elas tinham os seus tratamentos nas suas aldeias, sem precisar estar ingerindo remédios da farmácia, pois utilizavam seus próprios remédios, feitos com ervas medicinais retiradas da floresta. E eram as próprias mulheres que se curavam. As mais velhas e experientes curavam as mais novas e o conhecimento tradicional era repassado de geração para geração.

Com o passar dos anos, com a chegada dos medicamentos da farmácia do *Karaim*, os próprios indígenas deixaram de utilizar seus remédios tradicionais. Dessa forma, facilitando a chegada de mais doenças e causando mais desconforto de vários tipos que podem até levar a morte. Portanto, abordar esse tema tanto para comunidades e alunos é de suma importância, porque assim estamos nos prevenindo e cuidando muito mais da nossa saúde.

Segundo Haverroth (2013, p.11):

Durante os últimos cinquenta anos, a posição das minorias perante o Estado se transformou significativamente. Decretos internacionais, bem como a legislação nacional, reconheceram a natureza multiétnica do Estado e a necessidade de assegurar os direitos e o respeito às práticas culturais



dos diferentes grupos étnicos. No Brasil, desde a Constituição Federal de 1988, os novos dispositivos legais vieram acompanhados por mudanças nas políticas públicas com referência ao patrimônio cultural, saúde, auto-sustentabilidade, educação e outras áreas ligadas com os direitos de cidadania e os programas sociais orientados à intervenção nas comunidades indígenas que procuram articular com os conhecimentos culturais.

Podemos pensar a saúde indígena como em uma matriz complexa que precisa de inúmeros fatores para a sua efetivação. A fim de apresentar como percebemos esse fenômeno, mas sem a intenção de esgotar todas as suas particularidades estabelecemos na imagem a seguir como podem estar inter-relacionadas a saúde indígena com diversos fatores, ligados especialmente e Etnobiologia.

Imagem 1: Matriz relacionada a saúde indígena e que estão em discussões na atualidade, com foco na etnobiologia e assuntos relacionados.



Fonte: construído pelos autores, 2019.

A saúde indígena envolve muitas categorias, onde a etnobiologia pode contribuir para melhorar a situação de saúde das comunidades indígenas:

- **ETNOBOTÂNICA; PLANTAS MEDICINAIS:** é o conhecimento indígena sobre as plantas existentes em seu ambiente e como é sua utilização nas mais variadas formas: para a fabricação de remédios, para



as interações com o mundo espiritual, para a produção de comida para a coleta e como fonte de alimentação da fauna de uma determinada região.

- **ETNOZOOLOGIA; EXTRATOS DE ANIMAIS:** é o conhecimento tradicional sobre a fauna, suas relações espirituais, o conhecimento sobre as cadeias tróficas, bem como a utilização de partes dos animais para o tratamento de doenças do corpo e da alma.
- **ETNOFARMACOLOGIA; ETNOMEDICINA:** é o conhecimento mais específico dos fármacos que as populações indígenas dominam a séculos. Nessa área do conhecimento, há uma importante relação com os remédios que são comprovadamente eficazes para uma série de problemas de saúde, estabelecidos pela sociedade não indígena a partir das sociedades tradicionais e que muitos tem a aprovação da própria Anvisa⁵⁰, após inúmeros procedimentos de pesquisa e comprovação científica de sua eficácia. Se os programas de saúde investissem nessa área já seria um grande ganho para as populações indígenas.
- **AGROBIODIVERSIDADE; SEGURANÇA ALIMENTAR:** para se ter uma boa saúde é necessário também uma boa alimentação. Atualmente, a dependência dos produtos industrializados tem ganhado muito espaço na alimentação dos povos indígenas. Isso, por sua vez, tem alterado sua rotina de trabalho para a produção de alimentos bem como piorado a sua saúde relacionado a alimentação.
- **CONSERVAÇÃO DOS RECURSOS NATURAIS; TERRITÓRIO INDÍGENA:** cada povo indígena precisa de seu espaço próprio para sua reprodução física e cultural. Sem isso ou quando o seu espaço é perturbado com invasões e insegurança da terra, o povo passa por dificuldades e pode até desaparecer. Muitos cometem até suicídio, devido a sua instabilidade no seu espaço tradicional de vida. Ter uma terra indígena demarcada e sem invasões é uma condição primordial para uma boa saúde.
- **COSMOVISÃO:** o respeito a como cada povo indígena acredita em seus deuses, em seus mitos e em sua forma de ver e perceber o mundo é fundamental para uma boa saúde. Cada povo tem uma cosmovisão que é passada de geração em geração que aos poucos vai se modificando conforme a dinâmica de sua própria cultura. Mas a interferência direta nesse sistema pode desagregar os grupos de suas crenças e causar muito mal-estar e processos de adoecimento da comunidade.

⁵⁰ Agência Nacional de Vigilância Sanitária.



Segundo Brasil-MS (1999, p.11):

Cada povo tem sua maneira de explicar o que é saúde e o que é doença. Todas as comunidades têm saúde quando há alimento, água pura, terra para plantar; quando as pessoas estão felizes e fazem festa; quando as crianças são fortes e alegres. Se falta comida, se a água fica poluída, se diminui o território, se falta remédio da mata, começam a aparecer doenças. Existem doenças que podem atingir apenas uma pessoa. Outras doenças podem atingir toda a comunidade. Por exemplo: dor de dente, pressão alta e reumatismo pode acontecer de vez em quando, só com algumas pessoas. Gripe, malária, tuberculose e DST podem atingir muitas pessoas ao mesmo tempo.

Ainda sobre as plantas medicinais também podemos dizer o seguinte:

As plantas sempre foram utilizadas para melhorar e recuperar a saúde das pessoas. Também não foi diferente com os povos indígenas: os conhecimentos foram passados de uma geração para outra e descobertas foram sendo feitas juntamente com melhores técnicas e novos conhecimentos.

De acordo com o autor, as plantas medicinais sempre foram utilizadas para fazer remédios para curar e tratar das doenças das pessoas. Em algumas comunidades não é diferente, mais esse conhecimento alguns anos atrás eram repassados de pais para filhos, mais atualmente vemos que poucos conhecem sobre a utilização das plantas medicinais e deixam de usar por terem mais acesso aos remédios da farmácia. Esses são uns dos principais assuntos também abordados em nosso cotidiano para que assim possamos estar resgatando esse conhecimento tradicional.

As curas através das benzedeiras e da pajelança, também entram no contexto de prevenção de doenças.

A medicina tradicional ajuda no controle da fertilidade e no reforço das habilidades para desempenho na vida social: ser bom caçador, bom flechador, ter forças na luta e etc.

De acordo com autor, os rituais feitos das benzedeiras e dos pajés ajudam a se prevenir e até mesmo a curar as doenças. E, ajuda em muitas outras atividades. Na minha comunidade ainda se tem benzedeiras que ajudam a fazer remédios das ervas naturais e também fazem muitas outras atividades, como por exemplo, ajudam as mulheres no trabalho de parto, benze as crianças quando estão com quebrantos e entre outras coisas. Esse é um conhecimento que precisamos preservar para que assim possa ser repassado para as futuras gerações.

A saúde também está relacionada com a festa tradicional da menina moça, porque as atividades que são feitas na festa envolvem as normas de prevenção das doenças, como se resguardar nos primeiros dias de menstruação e não comer alimentos que fazem mal. O respeito a essas regras ajuda a se prevenir de doenças e faz com que as mulheres tenham uma passagem saudável desde a juventude até a velhice.



PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

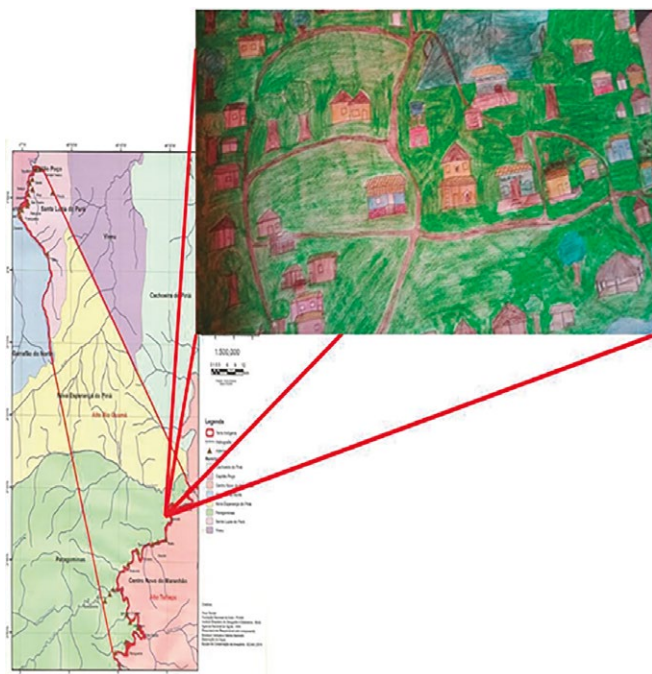
O projeto de pesquisa e a aplicação do material seguiu as seguintes fases:

- **1ª Fase:** nesta fase fizemos uma pesquisa de campo, para falar sobre o tema saúde da mulher indígena onde registramos os depoimentos dos mais velhos. Também fizemos pesquisas em livros e artigos que falam sobre o assunto, das doenças em contextos indígenas, especialmente sobre as principais doenças que acomete as mulheres indígenas. Aos mais velhos das aldeias foi pedido que falassem como era a saúde indígena antigamente e falassem principalmente da saúde da mulher indígena. Foram entrevistados alguns adolescentes da comunidade para vermos a diferença de como era a saúde antes e como está hoje. Se eles conhecem porque as doenças atingem tanto as mulheres hoje e porque não temos um tratamento adequado para ajudar nas prevenções dessas doenças.
- **2ª Fase:** nessa fase, construímos os materiais didáticos que poderiam ser utilizados em sala de aula, sobre saúde e sobre as partes do corpo humano, para que eles pudessem ter um conhecimento maior sobre sua própria saúde. Esse trabalho foi desenvolvido através de um guia de orientação para as atividades e de vários cartazes que foram utilizados durante as várias aulas e encontros ministrados. O público-alvo da aplicação foram os alunos do 6º ano do ensino fundamental.
- **3ª Fase:** essa etapa da pesquisa consistiu na aplicação do material didático. Nessa fase, realizada a apresentação do professor responsável do projeto (primeira autora do artigo), apresentou-se também o projeto e as pesquisas que foram feitas falando sobre a saúde da mulher indígena. Na aplicação do material foram utilizados questionários e perguntas abertas para os alunos responderem ou comentarem sobre os assuntos abordados. Todas as aulas foram registradas em fotografias e em caderno de campo, perfazendo um total de 20 horas aulas ministradas.
- **4ª Fase:** consistiu na sistematização das informações e elaboração de presente artigo como registro final do projeto de pesquisa e aplicação desenvolvido.

A seguir apresentamos uma imagem com a localização da aldeia Canindé na TIARG e o mapa mental da aldeia construído pelos alunos.



Imagem 2: Aldeia Canindé e sua localização na Terra Indígena Alto Rio Guamá.

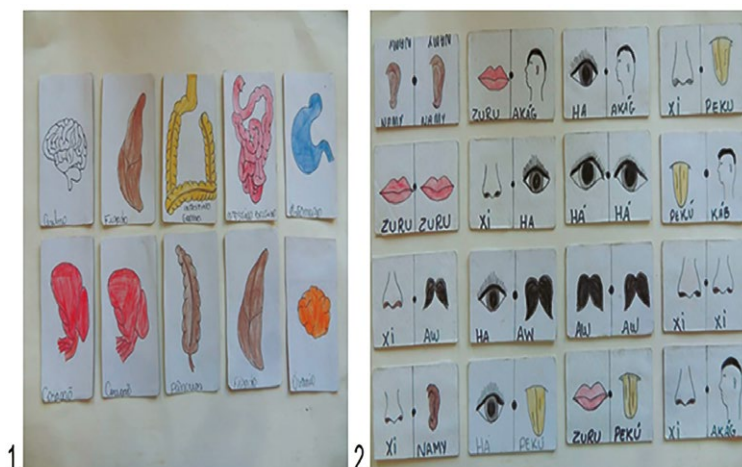


Fonte: Mariduiza Carneiro Tembê, 2019.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Além das aulas ministradas sobre a temática aqui descrita, foram produzidos jogos e cartazes que podem ser observados a seguir:

Imagem 3: Jogos com as partes do corpo humano: 1. Jogo da memória dos principais órgãos do corpo humano com nomes na língua indígena Tembê; 2. Jogo de dominó com as partes e órgãos da cabeça.



Fonte: Mariduiza Carneiro Tembê, 2019.



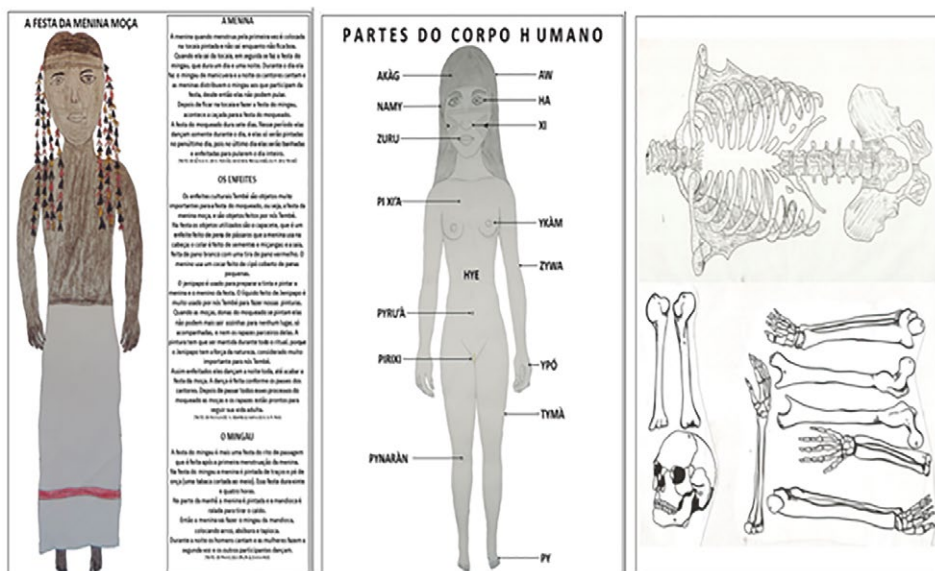
As atividades foram desenvolvidas na escola e em alguns momentos fora dela. Realizamos discussões, palestras, explicações, atividades didáticas, jogos, entre outras atividades.

Imagem 4: Jogos de quebra-cabeças com as espécies de plantas que são consumidas pelos Tembé e produzidas na TIARG.



Fonte: Mariduiza Carneiro Tembé, 2019.

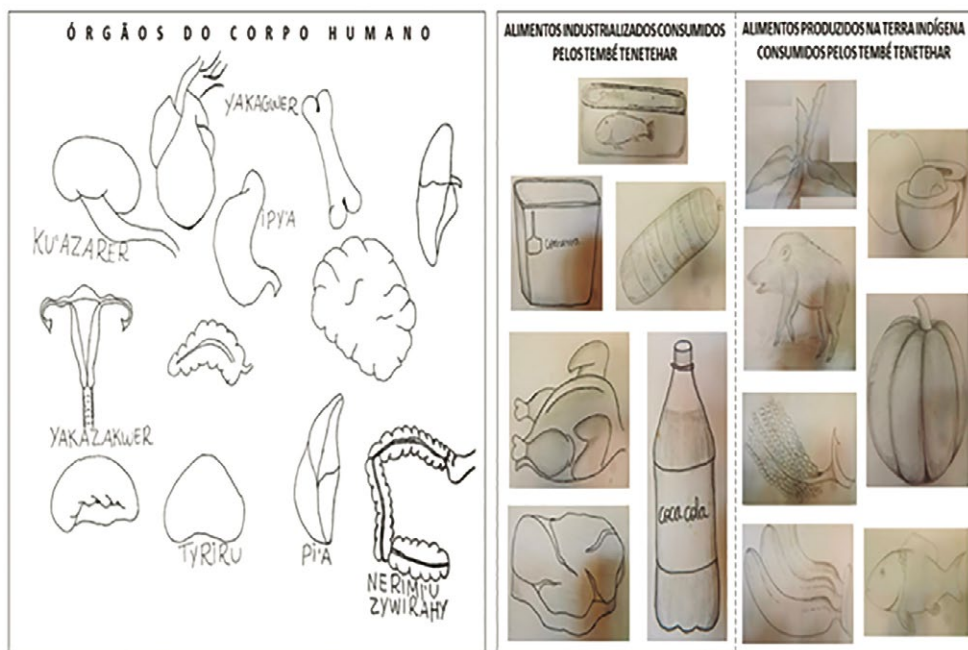
Imagem 5: Cartazes: A festa da menina-moça e os cuidados relacionados; As partes do corpo humano na língua indígena Tembé, e; Um esqueleto para montes e trabalhar em sala de aula.



Fonte: Mariduiza Carneiro Tembé, 2019.



Imagem 6: Cartazes: Os órgãos do corpo humano, e; os alimentos que são consumidos pelos Tembê da região da aldeia Canindé.



Fonte: Mariduiza Carneiro Tembê, 2019.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O curso de Licenciatura Intercultural Indígena foi muito importante, porque me trouxe conhecimentos de diversas áreas, bem como a conexão dos conhecimentos científicos como os conhecimentos tradicionais. Então, foi um passo muito importante na minha carreira profissional, porque consegui avançar muito mais nos conhecimentos que antes não tinha. Com isso pretendo avançar na minha carreira e futuramente poder estar trabalhando junto com minha comunidade e poder fortalecer os nossos conhecimentos tradicionais.

O projeto que desenvolvido foi de suma importância, pois a cartilha elaborada registrou vários conhecimentos do povo Tembê Tenetehar. A produção dessa cartilha foi feita através de pesquisas bibliográficas e pesquisas de campo. Destaca-se que isso para mim foi mais um desafio, porque foi um trabalho que deixou vários materiais para ser utilizado na minha escola e com certeza para outras escolas da TIARG.

Esse projeto não foi só importante para a primeira autora deste artigo, que pertence ao povo Tembê Tenetehar, como também foi importante para a comunidade, porque através da pesquisa que foi realizada pode-se perceber que esta pesquisa trouxe de volta alguns conhecimentos que eles já estavam deixando



para traz e isso foi uma grande felicidade para todos, porque os mais velhos da aldeia acharam muito importante estar abordando esse assunto. Desse modo, o projeto desenvolvido foi importante tanto para os mais velhos da aldeia como também para os alunos, porque durante a aplicação de cada aula conseguimos trazer assuntos que não eram tratados em sala de aula. Entre os assuntos abordados sobre a saúde da mulher foi trabalhado a importância das plantas medicinais e dos rituais da menina moça para os cuidados da saúde das mulheres Tembé.

Na aplicação das aulas a primeira autora teve um desenvolvimento muito maior com os alunos, porque juntos com eles foi possível aprender também coisas que não sabia e pôde repassar para eles tudo o que realmente precisava passar, como por exemplo, todos os conhecimentos que tinham sido coletados.

Desse modo, concluímos que os objetivos do projeto foram todos alcançados. A nossa sugestão é que se pode fazer, no futuro, mais materiais didáticos para as escolas indígenas, trazendo assim não só conhecimentos tradicionais, mas também os conhecimentos científicos, porque também precisamos relacionar os dois saberes para que possamos ter assim muito mais conhecimentos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. MEC. *Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas – RCNEI*. Brasília. MEC/SEF, 1998.346p.

HAVERROTH, Moacir (Org.). *Etnobiologia e saúde de povos indígenas*. Recife. NUPEEA. 2013. 275p. (Série Estudos e Avanços).

BRASIL. MS. *Conversando sobre doenças sexualmente transmissíveis e AIDS: Sugestões para trabalho com professores e agentes indígenas de saúde*. Brasília. Ministério da Saúde / Secretária de Políticas da Saúde / Coordenação Nacional de DST e AIDS. 1999. 68p.

VALENTE, Renata de Melo; KAHWAGE, Claudia Maria Carneiro (Editores). *Gestão ambiental e territorial da Terra Indígena Alto Rio Guamá: diagnóstico etnoambiental e etnozoneamento*. Belém. Instituto de Desenvolvimento Florestal e da Biodiversidade (IDEFLOR-BIO). 2017. 380 p.

NETO; Rosana de Oliveira Nunes; SILVA, Giselda Monteiro da. *Saúde e Qualidade de vida da mulher indígena: descrição de trabalhos realizados entre 2009 e 2013*. Consulta em 27/01/2020: http://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2018/06/6saude_indigena.pdf. 2014. p.21-39.



20

OS INSETOS DA TERRA INDÍGENA ALTO RIO GUAMÁ: conhecimento etnobiológico para usar nas aulas de ciências nas escolas indígenas Tembé Tenetehar

Valnir Guajajara Tembé⁵¹

Claudio Emidio-Silva⁵²

Rita de Cássia Almeida-Silva⁵³

INTRODUÇÃO

A Terra Indígena Alto Rio Guamá (TIARG) está localizada na região nordeste do estado do Pará, na margem direita do rio Guamá e a margem esquerda do rio Gurupí, na divisa com o estado do Maranhão. Os indígenas do povo Tembé conhecem vários tipos de insetos, sendo que alguns deles são nocivos, podendo causar doenças ao homem e em outros animais e plantas, mas há também outros insetos que são úteis na natureza, promovendo a reprodução de espécies e o equilíbrio ecológico. Esses insetos estão divididos em grandes grupos: formigas, cupins, grilos, borboletas, besouros, entre outras espécies. Eles podem ser encontrados em vários ambientes, como em terra firme, várzeas e/ou igapós. Os insetos têm um papel muito importante na natureza, pois eles fazem parte das histórias do povo Tembé há muito tempo.

A falta de material didático específico para trabalhar os conteúdos curriculares nas escolas indígenas vem prejudicando a aprendizagem dos alunos da região do Gurupí. Os poucos materiais existentes nas escolas não são adequados à realidade dos alunos, porque não contextualizam a realidade indígena do povo Tembé.

A escolha desse tema foi devido aos jovens e crianças indígenas atualmente não conhecem os insetos que podem fazer mal para sua saúde ou não sabem seus nomes na sua língua materna, assim como não conhecem as histórias dos insetos que são contadas pelos mais velhos da aldeia. Cada inseto tem seu modo de viver e eles estão presente em todo ambiente. Isso, portanto, motivou, o autor

⁵¹ Egresso do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará – UEPA.

⁵² Docente do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará – UEPA. Mestre em Ciências Biológicas e Doutor em Educação.

⁵³ Docente do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará – UEPA, Licenciatura em Letras; Mestre em Teoria Literária.



principal deste texto, a estudar sobre esse tema, porque despertou o interesse de pesquisar, pois é relevante estudar os insetos e falar da sua importância para comunidade indígena Tembé Tenetehar.

Ressalto que é muito importante construir materiais didáticos específicos sobre os insetos para as escolas indígenas, pois assim os alunos terão mais facilidade em aprender seus nomes na língua materna e vai facilitar mais para eles conhecerem as histórias dos insetos que são contadas pelos mais velhos da aldeia na língua portuguesa e na sua língua materna. Além disso, os alunos vão ter mais facilidade em reconhecer esses insetos, como também vão saber a função de cada um deles. Também poderão saber como os insetos estão relacionados aos rituais e ao conhecimento tradicional dos Tembé Tenetehar.

Vejo que há falta de materiais didáticos específicos para ser trabalhado nas escolas indígenas vem prejudicando a aprendizagem dos alunos. Para que isso não continue temos que construir materiais didáticos de acordo com a realidade dos indígenas juntos com os professores indígenas e a Secretaria de Educação do Município, que venha mostrar algo da nossa realidade, como neste projeto sobre os insetos da TIARG.

Hoje é muito difícil ver algum jovem ou criança que saiba ou conheça algo sobre as tradições Tembé, sobretudo no que se refere aos insetos. Nesse sentido, apresentamos como questão orientadora para o desenvolvimento deste projeto o seguinte: Qual o resultado no procedimento de ensino para alunos indígenas do 6º e 7º ano do ensino fundamental ao trabalhar o assunto “os insetos da TIARG” e onde encontrá-los, a partir de uma cartilha educacional específica para as escolas indígenas? Diante dessa questão-problema formula-se as seguintes questões que ajudarão a responde-la: a) Como pode ser construída construindo uma cartilha educativa de ciência naturais sobre os insetos da TIARG? b) Como essa cartilha educativa com o assunto os insetos estariam contribuindo na aprendizagem dos alunos indígena do 6º e 7º ano do ensino fundamental? c) De que forma a cartilha específica de ciência para as escolas indígenas ajudaria na manutenção da cultura (história oral) do povo Tembé Tenetehar?

O objetivo do projeto aqui descrito foi de elaborar e avaliar materiais didáticos diferenciados, específicos e contextualizados a realidade local do povo Tembé Tenetehar e metodologias de ensino aprendizagem que abordam as espécies de insetos da TIARG, região do Gurupi, para facilitar o a aprendizagem de ciências entre alunos do 6º e 7º ano do ensino fundamental, das escolas indígenas.

Como objetivos específicos estabelecemos o seguinte: a) identificar os diferentes tipos de insetos existentes na Terra Indígena Alto Rio Guamá; b) registrar as narrativas sobre os insetos que eram contadas pelos mais velhos do povo Tembé Tenetehar; c) construir materiais didáticos sobre o conhecimento tradicional e



científico a respeito dos insetos para serem utilizados nas escolas do povo Tembé Tenetehar; d) desenvolver metodologias específicas, para a escola indígena, numa perspectiva intercultural, a partir do conhecimento tradicional e científico sobre os insetos da TIARG; e) aplicar materiais didáticos específicos, diferenciados e contextualizados a realidade Tembé Tenetehar para turmas do 6º e 7º ano do ensino fundamental sobre os insetos da TIARG; f) analisar de que forma materiais didáticos específicos e contextualizados e metodologias diferenciadas de ensino sobre os insetos da TIARG, podem influenciar no ensino-aprendizagem de alunos do 6º e 7º ano, do ensino fundamental, da escola indígena.

O material didático proposto irá facilitar o trabalho dos professores indígenas na disciplina de ciências no ensino e aprendizagem dos alunos Tembé tendo a educação diferenciada e intercultural valorizando a cultura tradicional do povo dentro das escolas indígenas da região do Gurupi.

REVISÃO DA LITERATURA

O Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI) explica que os indígenas vêm usando os seus conhecimentos tradicionais há muito tempo:

As plantas sempre foram utilizadas para melhorar e recuperar a saúde das pessoas. Também não foi diferente com os povos indígenas: os conhecimentos foram passados de uma geração para outra e descobertas foram sendo feitas, juntamente com as melhores técnicas e novos conhecimentos. A constante troca de descobertas enriqueceu a bagagem de todos os povos e deu condições de salvaguarda. Das enfermidades existentes em cada época. Mais com a invasão descontrolada de sua terra, perderam-se muitos dos seus conhecimentos. No entanto, os que continuaram longe da invasão puderam dar continuidade à sua medicina. (Brasil, 2005, p. 105).

Isso só reforça ainda mais os conhecimentos tradicionais de um povo que vem lutando há muito tempo para não perder os seus conhecimentos, que foram deixados pelos nossos ancestrais. O conhecimento sobre os insetos conhecidos pelos Tembé vem sendo esquecido. Esses conhecimentos eram passados de geração em geração pelos mais velhos da aldeia. Atualmente, na nossa aldeia esses conhecimentos estão sendo fortalecidos pelos nossos parentes e professores indígenas. Isso está acontecendo, porque os alunos indígenas estão cada vez mais estudando sobre seu povo. E através disso surgem novos conhecimentos e com isso os Tembé estão se apropriando dos seus saberes tradicionais para fortalecer a sua identidade dentro e fora das escolas indígenas. A nós professores, cabe a tarefa de construir materiais didáticos para facilitar a aprendizagem dos alunos Tembé. Os jovens da aldeia são os principais responsáveis em manter e fortalecer a cultura e a identidade do povo Tembé da TIARG, mas para isso precisam se apropriar mais dos nossos conhecimentos tradicionais.



Os insetos da TIARG variam em tamanho, cor, forma etc. Temos uma enorme diversidade deles, como moscas, cupins, grilos, pulgas, louva-a-Deus, entre outros, que podem ser encontrados em diversos ambientes da TI: terra firme e/ou áreas alagadas. Cada inseto, como vimos durante o desenvolvimento do projeto, tem uma função importante na natureza.

Dessa forma, a ideia central do projeto é que o aluno conheça sua Terra Indígena e tudo o que há nela, aproximando assim o ensino de ciências à realidade do aluno e tornando-o mais significativo e de fácil entendimento para que os alunos tenham oportunidade de conhecer alguns insetos da nossa aldeia de forma intercultural, aliando os saberes dos Tembé aos saberes científicos do *karainv*.

O ensino de ciência deve ser o mais prático e didático possível, uma vez que é difícil para o aluno aprender apenas na teoria. Muitas vezes sendo desinteressante as aulas expositivas, que frequentemente estão baseadas apenas em livros, nos quais os conteúdos são desvinculados do cotidiano do aluno.

Para o desenvolvimento deste projeto estabelecemos distintas etapas de execução que serão descritas na próxima subseção deste artigo.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Aqui serão descritas cada as fases de desenvolvimento deste projeto de pesquisa:

- **1ª Fase:** pesquisa bibliográfica em livros e artigos; pesquisa de campo na aldeia Igarapé Grande e na aldeia Cajueiro, com os anciões e mulheres conhecedores das histórias dos insetos contadas pelo povo Tembé; observações de insetos nas aldeias e na floresta;
- **2ª Fase:** a construção do material didático tendo como tema “Os insetos da TIARG”. Através da pesquisa de campo foi produzido um livro com pranchas com várias espécies de insetos do território do povo Tembé Tenetehar do Gurupi. Essas pranchas possuíam os nomes dos insetos na língua indígena e suas histórias tradicionais para o ensino e aprendizagem na educação escolar indígena diferenciada e intercultural, com os alunos Tembé na disciplina de ciência na turma do ensino fundamental das escolas indígenas Tembé.
- **3ª Fase:** o material didático foi aplicado com os alunos do 6º e 7º ano do ensino fundamental na escola da aldeia Cajueiro e na escola da aldeia Igarapé Grande. Nestas escolas, foram desenvolvidas diferentes atividades aos alunos para demonstrar a importância de estudar a própria cultura que está sendo esquecida pelos jovens indígenas Tembé.

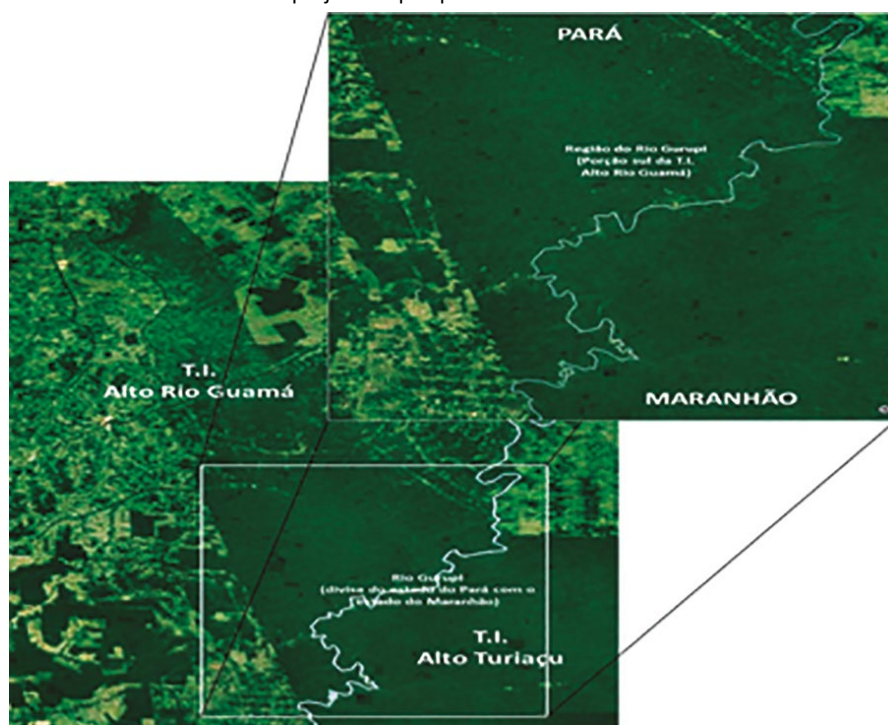
Os materiais construídos se deram, como já mencionamos anteriormente, a partir das pesquisas de campo na aldeia Igarapé Grande e na aldeia Cajueiro que



ficam nas margens do rio Gurupi, localizada no município de Paragominas. A pesquisa foi realizada com os anciões e mulheres conhecedores dos insetos e que conhecem parte da história do povo Tembé. Observei anda nas aldeias e na floresta que há vários tipos de insetos de diferentes espécies, cor e formas diferentes.

Também foi através do levantamento bibliográfico, em dos livros e artigos, das histórias registradas contadas pelos mais velhos e das entrevistas realizadas e das observações que ocorreram durante o período do desenvolvimento do projeto que conseguimos concluir o material proposto que, por sua vez, tem o intuito de fortalecer a cultura e a identidade do povo Tembé no contexto escolar da educação indígena Tembé.

Imagem 1: Imagem de satélite mostrando a TIARG e em detalhe a região do Gurupi onde esse projeto de pesquisa foi realizado.



Fonte: Modificado a partir do Google Earth pelos autores, 2020.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os produtos resultantes do desenvolvimento deste projeto foram um material didático constituído em forma de livro, pranchas dos insetos e jogos aplicados no 6º e 7º ano do Ensino Fundamental da Escola Maria Francisca Tembé e na Escola da aldeia Igarapé Grande. A produção desses materiais visam o estabelecimento de um ensino diferenciado e intercultural na educação escolar



indígena. O caminho encontrado por nós consiste no desenvolvimento de um trabalho sobre os insetos que fazem parte da tradição enquanto elemento fundamental na manutenção e fortalecimento da cultura tradicional do povo Tembé. Dessa forma, trabalhamos os seguintes aspectos: a) como surgiram as histórias dos insetos para o povo Tembé? b) como se ensina as histórias dos insetos na educação escolar indígena? c) quais são os insetos que tem suas histórias contadas pelo povo Tembé? d) onde podemos encontrar esses insetos? como eles são? e) e por que nem todo indígena sabe contar suas histórias?

Os insetos pesquisados foram desenhados e nominados conforme a língua indígena Tembé. Durante o projeto algumas perguntas foram realizadas, especialmente com relação ao seu conhecimento sobre as histórias relacionadas aos insetos e da tradição Tembé, que estão no quadro 1:

Quadro 1: Questões para os alunos responderem

- 1) Qual os personagens da história?
- 2) O que você entendeu da história?
- 3) Por que é importante os jovens saberem contar história de seu povo?
- 4) O que fazer para que essas histórias não se percam?

Com as informações dos mais velhos conseguimos organizar 30 espécies diferentes de insetos em desenhos com os nomes na língua indígena.

Quadro 1: Questões para os alunos responderem

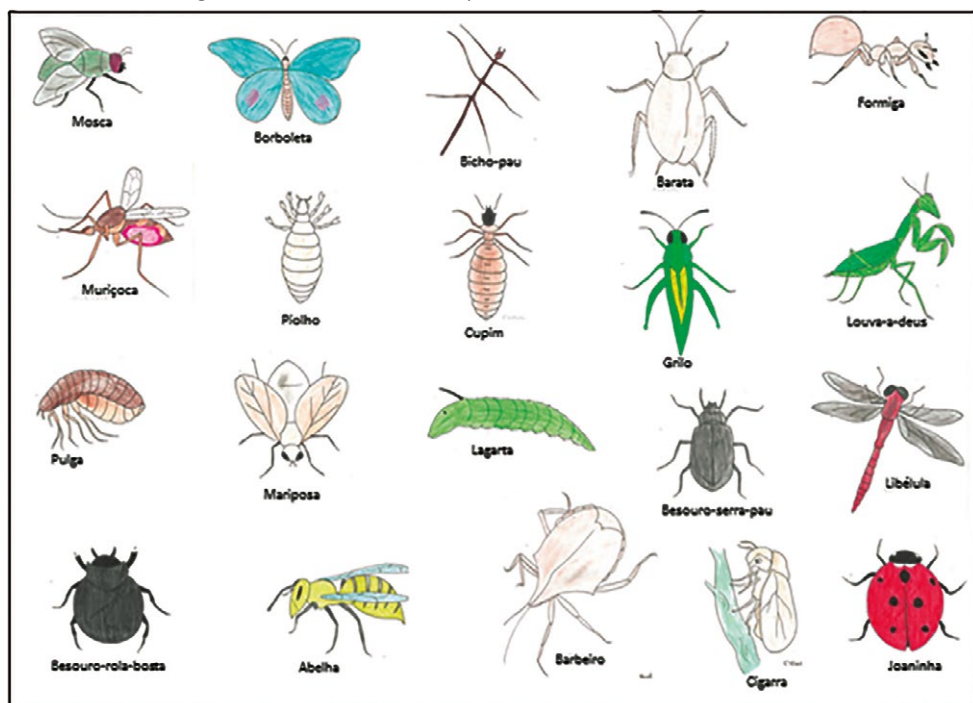
Nº	NOME POPULAR	NOME TEMBÉ	OBSERVAÇÕES
01	Mosca	Míru	
02	Barata	Tyriwe	
03	Besouro-serra-pau	Wyra-kytyk	
04	Barbeiro	Zexi'u-rahya	
05	Piolho	Kyw	A história da menina que tinha muitos piolhos
06	Mariposa	Kupi'i-wewew	
07	Louva-a-deus	Tupàn-xiruze'eg	
08	Lagarta	Yhok	A história da lagarta
09	Grilo	Ykyzu	
10	Muriçoca	Zexi'u	
11	Libélula	Tàxin	
12	Cupim	Kupi'i	
13	Joaninha	Arananai	
14	Cigarra	Zakyràn	A história do homem com preguiça que virou cigarra



15	Mutuca	Mytuk	
16	Borboleta	Pànàm	
17	Abelha	Pàrà'a	
18	Formiga	Tahyw	
19	Pulga	Tuga'i	
20	Besouro-rola-bosta	Anem	
21	Bicho-pau	Kameme-wyra	
22	Percevejo	Aramanaz	
23	Maria-fedida	Ykyzu-imàrànahy	
24	Potó	Wanu'a purumoz	
25	Jequitiranabóia	Zakyràn-moz	
26	Paquinha	Paka'i	
27	Bicho-follha	Kameme-ruwer	
28	Gafanhoto	Tukur	
29	Maribondo	Kaw	
30	Saúva	Ya'u	

A seguir apresentamos alguns desenhados que compõem os materiais produzidos no âmbito desse trabalho:

Imagem 2: Insetos desenhados por membros da comunidade Tembê.



Fonte: Valnir Guajajara Tembê, 2019.

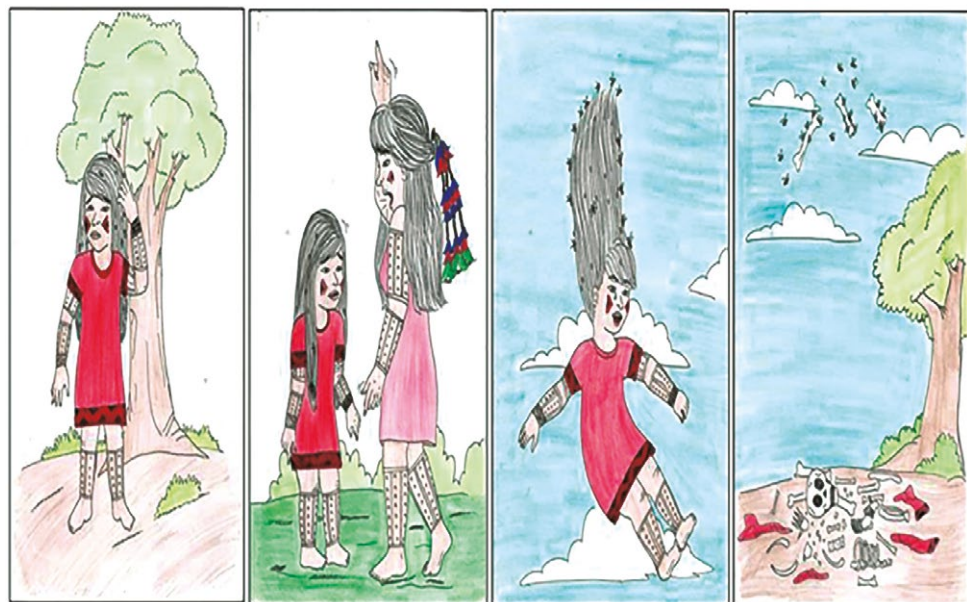


Imagem 3: Material com a descrição dos insetos, livro de narrativas sobre os insetos, conhecidos pelos Tembê e Jogo de trilha dos insetos.



Fonte: Valnir Guajajara Tembê, 2019.

Imagem 4: Ilustrações da história sobre o piocho.



Fonte: Valnir Guajajara Tembê, 2019.



Imagem 5: Ilustrações da história sobre a cigarra.



Fonte: Valnir Guajajara Temb , 2019.

Durante a aplicação das aulas sobre os insetos, o primeiro autor deste texto, observou o seguinte:

- Na aplicação das aulas observei que são duas realidades diferentes aos conhecimentos dos insetos da região do Gurupi do povo Temb : a) com os alunos indígenas Temb  da aldeia Cajueiro verifiquei que ao se depararem com os conteúdos propostos tiveram facilidade ao falar das histórias dos insetos contadas pelos mais velhos da aldeia. b) os alunos da escola indígena Igarapé Grande tiveram bastante dificuldades na identificação das histórias tradicionais do povo Temb  Tenetehar; mais no decorrer das aulas os alunos foram se desenvolvendo e interagindo mais nas aulas.
- Este trabalho   de suma importância para o fortalecimento das histórias dos insetos nas escolas indígenas do povo Temb  Tenetehar ( ndio verdadeiro), como elemento principal na construção e manutenção da identidade cultural indígena do povo Temb .
- Este material foi elaborado para facilitar a prática de professores indígenas trabalharem a interculturalidade nas escolas indígenas Temb  Tenetehar.
- Conclui que este saber tradicional   de fundamental importância no ensino e aprendizagem dos alunos Temb  como forma de ter uma educação diferenciada e intercultural nas escolas indígena da região do Gurupi.



A seguir, apresentamos o relato das aplicações das aulas durante o desenvolvimento do projeto aqui descrito:

Quadro 3: Relato das aplicações do projeto nas escolas indígenas.

No dia 19/11/2019 as 3:30 da tarde na aldeia Igarapé Grande eu com os alunos do 7 e 8º ano do ensino fundamental eles são 6 alunos, eu fiz uma breve explicação para eles em relação aos insetos ao terminar de explicar cada aluno falou um pouco sobre os insetos que existem na região do Gurupi, perguntei há eles se sabiam o que os insetos tem suas histórias contadas pelo povo Tembé há muito tempo, dois alunos mim responderam que sim o primeiro foi o aluno Wilson que falou que seu avos contavam para ele quando ele era pequeno, mais o mesmo falou que não se lembra mais qual era os insetos que seu avos contavam suas histórias, o segundo aluno foi o Cleidilson que também falou que seus avos contavam a história do piolho e da cigarra para ele, expliquei para os alunos que os insetos são aqueles que possui apenas três patas ao todo são seis, a aluna Cleidinete Tembé mim perguntou professor e os bichos que tem várias pernas são chamado como para eles, eu falei que eles são chamados de aracnídeos por possuírem várias patas ou pernas, e logo em seguida fiz uma exposição com vários tipos de insetos perguntei para eles se conheciam alguns dos insetos eles mim responderam que já tinha visto alguns, mais outros falaram que tinha insetos que eles nunca tinham visto, eu falei para eles que os insetos que apresentei para vocês eles todos existem na região do Gurupi, ao acabar de explicar para os alunos, dividi eles em dois grupos e falei para dois alunos irem comigo na floresta para localizar uma trilha ou um caminho, ao localizar a trilha eu com os dois alunos retornamos para sala de aula, e disse para os outros alunos vamos sair para trilha na floresta para ver se conseguimos capturar alguns insetos desses que foi apresentado em sala de aula, falei para cada um dos alunos antes de saírmos para floresta vão pegar uma garrafa e cada aluno foi atrás de sua garrafa na sua casa, ao chegar na sala de aula eu peguei as garrafas dos alunos e coloquei álcool dentro delas e entreguei novamente há eles, e antes de saírmos para trilha para capturar insetos eu orientei aos alunos que era para eles tomar muito cuidado na mata por que tem alguns insetos que podem fazer mal para a nossa saúde, eu disse para eles quando eles fossem capturar alguma espécie de inseto era para eles mim chamar para mim ver se esse inseto podia ser capturado ou não, e logo em seguida dividi os materiais que foi as luvas, uma pinça, e saímos para trilha ao chegar na trilha tivemos algumas dificuldades de capturar alguns insetos por não ter material adequado para capturar eles, mais mesmo assim eu com os alunos conseguimos capturar alguns insetos como joaninhas, grilo, libélula, borboleta e toganguera. Ao retornarmos para sala de aula falei para cada aluno escrever os nomes dos insetos que eles conseguiram capturar na trilha, e falar as suas características, onde podemos encontrar eles, qual seu alimento, qual sua importância para natureza e falei para eles também quando terminassem suas atividades era para eles socializar com a turma, logo depois peguei os insetos de cada aluno e coloquei só em uma garrafa e guardei, a aula terminou as 6 horas da tarde e os alunos saíram para merendar e depois foram para suas casas.

No dia 21/11 as 13:15 da tarde com os mesmos alunos do 7 e 8º ano do ensino fundamental, eu fiz uma breve explicação falando dos insetos, peguei 6 espécies de insetos diferentes que eu com os alunos tínhamos capturado na outra aula, e falei de cada um deles expliquei para os mesmos os diferentes tipos de aparelhos bucais presentes nos insetos e também falei que cada inseto se alimenta de forma diferente como tem insetos com aparelhos bucais do tipo cortador, mastigador, lambedor etc... expliquei também que os insetos possui tórax há três pares de patas ou pernas ao todo são seis e neles também se tem os dois pares de asas que se encontram na maioria dos insetos. Falei para eles que há insetos que tem apenas um par de asas, dei um exemplo das moscas e dos mosquitos, logo depois perguntei para eles se eles já tinham visto um inseto sem asas, a aluna Suane Tembé respondeu que já tinha visto eu falei para ela dar um exemplo de um inseto que não possui asas, ela mim respondeu e falou professor as pulgas não possui asas e eu respondi que ela estava correta, e falei que as pulgas não possui asas mesmo não, mais também falei para eles que além das pulgas há mais insetos que não possui asas dei o exemplo das formigas e os cupins que eles tem asas apenas na época da reprodução, logo em seguida pedi para eles desenhar um inseto e colocar as suas partes que existem neles ao terminar os desenhos mandei cada aluno explicar o seu desenho e falar suas partes que neles existem, quando cada aluno terminou de explicar seu desenho mandei eles saírem para merendar e depois



irem embora para suas casas e falei para eles voltarem há tarde novamente. Quando foi há tarde as 13: 15 dei continuidade na aula onde passei um texto falando de alguns protozoários sugadores de sangue que faz mal a nossa saúde, logo depois comecei explicar para os alunos sobre os insetos sugadores de sangue que existem na TIARG. Falei também que esses insetos sugam o sangue de animais e dos seres humanos, falei de alguns insetos que faz mal para nossa saúde dei exemplo da muriçoca que é um inseto muito comum na região do Gurupi por transmitir malária, perguntei aos alunos se eles sabiam o nome de algum inseto sugador de sangue o aluno Nailson dias Tembê respondeu a muriçoca é um inseto sugador de sangue porque ela morde muito agente aqui na nossa aldeia, e ela transmite malária para a comunidade indígena. Logo em seguida distribui vários tipos de desenhos diferente para os alunos e falei para eles escrever o nomes dos insetos sugadores de sangue no caderno deles e falar onde podemos encontrar esses insetos, qual seu habitat, como se reproduz, perguntei também para eles se esses insetos podem oferecer risco para a nossa saúde a aluna Silvinete falou que sim por que eles picam vários tipos de animais e com isso eles podem nos infectar com algum tipo de doenças, e logo depois liberei os alunos para saírem para merendar as 17: 15 e ao terminar de merenda mandei eles irem embora para suas casas. Quando foi no outro dia as 7: 15 pela manhã mostrei para os alunos a existência de insetos no meio em que vivemos e como eles são importantes para o meio ambiente, logo em seguida entreguei 3 tipos de desenhos de insetos diferentes um do outro e falei para eles falarem de cada inseto como eles são importante para o meio ambiente, identificar o habitat natural deles, os semelhança existente entre os insetos, qual deles vivem em comunidades. O aluno Antônio Tembê perguntou professor os gafanhotos e os grilos vivem em comunidade? Eu disse que não falei que os insetos que vive em comunidade um exemplo são as saúvas, as formigas entre outros insetos, falei também que todo inseto tem um papel importante na natureza, porque um depende do outro para sobreviver e se não fosse os insetos no meio ambiente ateria muitos insetos, só não tem muitos insetos porque eles se alimentam do outro para sobrevive esse fenômeno é chamado de cadeia alimenta. De cheio os alunos a vontade para fazer as suas atividades em sala de aula, ao termina as suas atividades liberei os alunos para merenda e depois eles voltaram para sala de aula para estuda com outro professor.

No dia 27 de dezembro as 13: 15 da tarde dei aula novamente para os alunos do 7 e 8 anos do ensino fundamental, sobre os insetos vetores de doenças existentes na TIARG que mais atinge os indígenas, falei para os alunos sobre alguns insetos que transmite doenças aos indígenas da região do Gurupi, perguntei aos alunos aos alunos se ocorreram, neste ano de 2019 mortes por doenças transmitida por vetores como, malária, dengue, e leishmaniose entre outras doenças causadas por insetos. Eles mim falaram que não mas nesse ano a malária atingiu várias pessoas aqui no Gurupi e teve também alguns casos de dengue e nesse ano também tiveram vários casos de leish nos nossos parentes indígenas e isso nunca tinha acontecido, perguntei a eles se essas doenças são recorrente aos impactos ambientais causados pelo desmatamento nas margem dos rios, ou são discagem de lixos inadequados na região. Os alunos falaram que esse ano de 2019 as doenças que mais atingiu os indígenas foi o leish, eles me falaram que esse caso nunca tinha acontecido, assim nas aldeias com tanta frequência, os alunos também falaram que essas doenças chegaram nas aldeias com facilidade por causa do desmatamento e por causa das queimadas que vem acontecendo na floresta. A aluna silvinete Tembê falar que isso é muito ruim porque dá aqui alguns tempos podem parecer doenças mais craves que nem mesmo os indígenas conhece, eu perguntei para os alunos como podemos combater os insetos vetores de doenças e como nos prevenimos desses insetos, eles falaram que não podemos deixar água a cumulada perto de nossas casas.

Com a aplicação do projeto vimos que os alunos da escola Maria Francisca Tembê do 7º ao 8º ano puderam conhecer mais sobre as espécies de insetos existente nessa região da TIARG, e as histórias relacionadas a eles como patrimônio cultural identitário do povo Tembê. O projeto nos ajudou a discutir e pensar na importância em se manter a TIARG com suas matas e rios preservados, para as futuras gerações tendo os insetos como um importante elemento da natureza.



Imagem 6: Material didático produzido pelo primeiro autor para aplicar em sala de aula.



Fonte: Claudio Emidio-Silva, 2019 – Durante atividades de orientação na UEPA de Paragominas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este curso de Licenciatura Intercultural Indígena foi de suma importância para minha vida como acadêmico, pois a partir deste estudo futuramente minha vida profissional vai estar totalmente diferente por ter mais conhecimento sobre minha própria, saberes este que caracterizam a tradição do nosso povo Tembé Tenetehar. Deste modo, o curso de Licenciatura Intercultural indígena, além de ter sido importante na minha vida profissional, vai ser também de fundamental importância no fortalecimento da cultura e identidade do povo Tembé Tenetehar.

Dessa forma, futuramente os meus conhecimentos tanto tradicionais como científicos vai contribuir na educação diferenciada e intercultural nas escolas indígenas Tembé. Projetos como este aqui descritos são de suma importância para as comunidades Tembé da região do Gurupi, pois configuram-se como ferramentas fundamentais para os professores indígenas usarem nas escolas indígenas, onde os alunos devem valorizar a importância dos insetos para o povo Tembé para a manutenção das histórias contadas pelos anciões indígenas e para o fortalecimento da identidade cultural do nosso povo.

Para mim este projeto foi importante por mostrar para os alunos os diferentes tipos de insetos que existem na região do Gurupi e suas características, o diferencia uns dos outros e pelo seu papel fundamental na natureza, no equilíbrio ecológico e para nos prevenir de diversas doenças.

Através das aplicações do material didático pude ver duas realidades diferentes: a) na escola Maria Francisca Tembé os alunos tiveram mais facilidades



e meus objetivo foram atingidos mais facilmente; b) na escola Igarapé Grande os alunos tiveram um pouco mais de dificuldades, mas no decorrer das aulas superaram as suas dificuldades e conseguiram alcançar os objetivos propostos.

No futuro podemos estar desenvolvendo novas atividades como pesquisa de campo com os alunos e com anciões da aldeia, sobre a importância dos insetos na natureza para os indígenas Tembé. E podemos estar construindo jogos com as histórias dos insetos como quebra-cabeça ou dramatização sobre os insetos que prejudicam a saúde dos indígenas nas aldeias como o da malária e do “lechio” (Leishmaniose).

Por fim, ressalto que com estas atividades envolvemos tanto os alunos como a comunidade. Neste projeto, pude perceber que na escola podemos fazer atividades diferenciadas, que podem ajudar no fortalecimento dos conhecimentos tradicionais do povo Tembé Tenetchar, na manutenção da nossa cultura e da nossa identidade;

REFERÊNCIAS

BRASIL. MEC. *Referencial Curricular Nacional para as escolas indígenas* - RCNEI. Brasília: MEC/ SEF, 1998.



21

ALIMENTOS TRADICIONAIS DE ORIGEM VEGETAL: diálogos sobre os hábitos alimentares do povo Tembê Tenetehar

**Cleidiane Leitão Tembê⁵⁴
Iêdo Souza Santos⁵⁵**

INTRODUÇÃO

A motivação pelo desenvolvimento deste tema surgiu a partir de dois fatores: o primeiro está relacionado com a crescente redução do consumo de alimentos de origem vegetal pelos indígenas; o segundo está relacionado à carência de material didático específico para trabalhar com os alunos da aldeia.

Com o gradativo e permanente contato com o homem da cidade, houve uma mudança nos hábitos alimentares da população da aldeia e das demais em sua volta; e com estas mudanças também vieram a presença de diversas doenças causadas pelo consumo dos alimentos industrializados. Ou seja, atualmente na aldeia muitas pessoas apresentam doenças como: colesterol alto, obesidade, pressão alta ou baixa, diabete, entre outras.

Esses aspectos são baseados em uma pesquisa realizadas na aldeia Cajueiro com os mais velhos, nas quais eles relatam “de como eram bons na época dos antepassados é com tristeza o vemos hoje a maioria da nossa gente consumir cada vez mais os alimentos não tradicionais”.

O conteúdo da cartilha produzida no âmbito deste trabalho, está voltado para os alunos do 9º Ano do Ensino Fundamental, nela contem relatos, histórias, imagens e atividades. Ela está à disposição de estudantes e professores indígenas ou qualquer pessoa que esteja interessado em ter conhecimento sobre este tema.

Porém, a cartilha não expõe para o leitor que os indígenas da comunidade devem consumir somente os alimentos tradicionais da sua cultura, mais, o material apresenta as modificações sofridas nos hábitos alimentares dos Tembê da aldeia Cajueiro. Espero que este material venha favorecer e ajudar bastante no ensino e da aprendizagem dos alunos. Amei produzir este material específico

⁵⁴ Egressa do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará - UEPA

⁵⁵ Docente da Universidade do Estado do Pará – UEPA.



para as escolas indígenas e de nossa realidade, eu como professora⁵⁶ também senti muita dificuldade em trabalhar com livros que não mostravam nossa realidade, por isso quero agradecer esta oportunidade de ajudar as escolas indígenas com este material. O principal objetivo desse trabalho foi disponibilizar aos professores e alunos a importância dos alimentos tradicionais de origem vegetal para o povo Tembê Tenetehar e suas transformações ao longo dos anos. E como objetivos específicos temos: 1) Proporcionar aos alunos a oportunidade de conhecer e identificar os alimentos que faziam e fazem parte da cultura Tembê; 2) Incentivar a valorização desses alimentos para uma alimentação saudável e para o fortalecimento da cultura tradicional Tembê Tenetehar.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa foi realizada na aldeia Cajueiro, localizada na Terra Indígena Alto Rio Guamá (TIARG), situada às margens do rio Uraim, pertencente ao município de Paragominas – Pará. Foi realizada através de uma pesquisa de campo de caráter exploratória com uma abordagem qualitativa. As entrevistas realizadas para o desenvolvimento deste trabalho foram feitas com 10 indígenas da aldeia Cajueiro.

Esses indígenas mais velhos são pessoas que podemos chamar de “professores” do conhecimento tradicional da cultura Tembê. O motivo pela qual entrevistei essas 10 pessoas (entre homens e mulheres) foi para obter informações sobre os seguintes temas: alimentos tradicionais de origem vegetal, qual a sua importância cultural, saúde e consumo no dia a dia.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao analisar as falas dos entrevistados, pode observar que existem vários alimentos tradicionais que são consumidos pelos indígenas da aldeia. Durante as pesquisas, foi possível identificar 40 (quarenta) alimentos de origem vegetal. Esses alimentos estão organizados nos Quadros 1 e 2 com o nome popular e na língua indígena.

Quadro 1: Alimentos tradicionais de origem vegetal plantados nas aldeias Tembê.

Nº	Nome popular	Nome na língua indígena Tembê
1	Batata doce	Zytyka'i
2	Inhame	I'âkâhy
3	Bacuri	Pakuri
4	Pequi	Pyky'a
5	Uxi	Kuxityrywa

⁵⁶ A primeira autora, nesse artigo, irá incorporar sua visão sobre a educação escolar indígena e direito à educação diferenciada, como sugere Cohn (2001, p. 107) “levada a formular a própria representação sobre os significados e as possibilidades do trabalho que realiza”.



6	Mucá	Mukà
7	Cajá	Tawewa
8	Macaxeira	Makaxer
9	Mandioca	Mani'ok
10	Mandiocaba	Mani'o kaw
11	Ingá	Yga
12	Caju açu	Akazu ka'a rupihar
13	Tucumã	Tukumà
14	Coco babaçu	Ywàhu
15	Sapucaia	Zapukairàm
16	Bacaba	Pinuwa
17	Açaí	Waxa'i
18	Cupu do mato	Kupyhu
19	Cacau	Aka'u
20	Najá	Inaza

Quadro 2: Alimentos de origem vegetal introduzidos nas aldeias Tembê, alterando os hábitos alimentares dos índios.

Nº	Nome popular	Nome na língua indígena Tembê
1	Melancia	Zoromo apyw
2	Abóbora	Zoromo
3	Caju	Akazu
4	Manga	Màg
5	Goiaba	Waiapa
6	Mamão	Zarakaxi'a
7	Pupunha	Tukumàràn
8	Banana	Pako
9	Carambola	Ma'eiwa raiwe
10	Murici	Ma'eiwa tawa
11	Abacate	-
12	Laranja	Naraz
13	Cupu	Kupy
14	Jaca	Ma'eiwa hu
15	Coco	Ywàhuhu
16	Milho	Awaxi
17	Acerola	Ma'eiwa piràg
18	Abacaxi	Nànà
19	Jambu	Ma'eiwa pihun
20	Maracujá	Murukuza



Esses alimentos pesquisados e apresentados nos Quadros acima, foram identificados e coletados na aldeia e na floresta próxima a aldeia. De acordo com a pesquisa realizada, pode-se perceber os grandes problemas causados por uma alimentação não adequada, ou seja, as doenças presentes na aldeia relacionadas principalmente por alimentos industrializados.

Hoje em dia estão aparecendo muitas doenças nas populações indígenas que antigamente só os não-indígenas tinham. Estas doenças estão aparecendo porque os povos indígenas estão mudando seu jeito de comer e viver (IEPÉ, 2007, p.10).

Atualmente, na aldeia Cajueiro existem diversas doenças, por exemplo: pressão alta (Hipertensão), colesterol alto (Hipercolesterolemia), obesidade, diabetes, cirrose, desnutrição, entre outras doenças. Os indígenas que apresentam uma dessas doenças, tem o atendimento da Secretaria Especial de Saúde Indígena - SESAI (órgão da saúde indígena). As vítimas dessas doenças são principalmente os idosos, pois o seu corpo e seu organismo, estão preparados para outro tipo de alimento, o tradicional. Então quando se deparam com os alimentos industrializados, o corpo já está mais susceptível a certos tipos de doença.

Uma das causas que favoreceram para o consumo dos alimentos industrializados foi à contratação de indígenas como, professores, zeladores, pessoas que trabalham no posto de saúde, entre outros indígenas que recebem dinheiro por algum serviço prestado na aldeia. Isto veio facilitar o dinheiro dentro da aldeia e fora da aldeia, ou seja, o indígena sem tempo de produzir ou cultivar alimentos, acaba comprando na cidade e trazendo para a aldeia, ou quando vai a cidade acaba consumindo alimentos industrializados que vai fazer mal a sua saúde, por exemplo: refrigerante, pipocas, frituras, doces entre outros alimentos prejudicial à saúde.

Antigamente, os indígenas se alimentavam daquilo que a natureza lhes oferecia, e com isso, ao consumir estes alimentos, sem perceber, estavam adquirindo uma alimentação saudável e de qualidade, principalmente para o mantimento da cultura tradicional do povo Tembé Tenetehar.

Atualmente, na aldeia Cajueiro a maioria das famílias não tem mais o costume de consumir os alimentos tradicionais de origem vegetal. No café da manhã, por exemplo, já se consome o café, leite, manteiga, pão, biscoito, e outros alimentos. No almoço também são alimentos como: mortadela, ovos, frango, carne bovina, sardinha, macarrão e outros.

As crianças da aldeia consomem pipoca, bombom, biscoito recheado, chocolate, e outros tipos de alimentos industrializados. Esses alimentos são trazidos da cidade e comprados na própria aldeia, porque dentro da aldeia há a venda de alimentos industrializados, facilitando o grande consumo deles.



Vejo que não há uma preocupação em voltar a consumir com frequência os alimentos tradicionais, e em manter uma alimentação saudável, o que poderia ser muito importante para as famílias Tembê da aldeia Cajueiro. Algumas famílias ainda mantêm o costume de consumir com alimentos tradicionais, mas são muito pouca as famílias.

Além dos alimentos tradicionais de origem vegetal existentes na aldeia, vieram também outros alimentos que os indígenas cultivam e consomem, por exemplo: o abacaxi, abóbora, melancia, goiaba, caju, cupu, laranja, manga, entre outros. Esses alimentos citados podem ser encontrados nas roças e na própria aldeia.

ELABORAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO

O material didático específico, em forma de um pequeno livro, elaborado a partir da pesquisa de campo realizada com o intuito de conhecer melhor sobre o contexto de cada fruta e observar sobre as frutas típicas da natureza e as outras frutas que fazem parte do cardápio Tembê, como por exemplo: a melancia e o abacaxi.

Realizei algumas atividades para incluir no material e para aplicar em sala de aula com os alunos, então foram realizadas uma sequência didática e a organização deste material para aplicar aos alunos.

As aulas aplicadas ocorreram no período de cinco dias, com uma carga horária de 20 horas, na aldeia Wahutyw, anexa à escola Maria Francisca Tembê, para os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental.

Durante esses dias foram abordados os seguintes conteúdos: 1) a química e os alimentos; 2) a importância dos alimentos de origem vegetal; 3) importância dos alimentos para o povo Tembê; 4) a importância dos alimentos tradicionais para nossa saúde; 5) as mudanças nos hábitos alimentares.

Com as informações coletadas em trabalho de campo parir para elaboração do material. Para tanto fotografei todos os alimentos e posteriormente contextualizei com o conhecimento científico para a aplicação em sala de aula; também foram realizadas atividades para desenvolver com os alunos.

A seguir, apresentamos um breve relato das aulas aplicadas na Escola da aldeia Wahutyw, anexa à Escola Maria Francisca Tembê.

APLICAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO

A aplicação do material didático diferenciado seguiu uma sequência didática. Esse recurso pedagógico pode ser definido como um conjunto de atividades encadeadas de passos e etapas ligadas entre si, logo o processo de ensino aprendizagem torna-se mais eficiente, pois essa estratégia é usada, em especial, na educação infantil e no ensino fundamental (Gonçalves; Ferraz, 2016).



No primeiro momento o tema da aula com os alunos do 9º ano de ensino fundamental foi: Alimentos Tradicionais X Alimentos Industrializados. Eu como professora expliquei para os alunos sobre as aulas que seriam dadas nestes três dias manhã e tarde, com o tempo de quatro horas aula. Falei a eles que essas aulas seriam muito importantes para a construção de conhecimento dos alunos.

Iniciei a aula a partir de um diálogo sobre o conhecimento que os alunos tinham sobre componentes químicos dos alimentos. O que eles entendiam sobre os alimentos tradicionais e sua composição química. Porém, não souberam explicar sobre a química presente nos alimentos.

A partir dessas informações expliquei o assunto para os alunos, ou seja, que os alimentos tradicionais de origem vegetal são aqueles que a natureza nos oferece e aqueles que plantamos para o nosso consumo. Citei os alimentos de origem vegetal que consumimos no nosso dia a dia.

Após esta conversa sobre os alimentos tradicionais, foi o momento de explicar para os alunos sobre os componentes químicos presente nos alimentos. Citei exemplos de alimentos industrializados, neste momento, os alunos falaram que quando consomem alimentos industrializados, às vezes, chegam a passar mal principalmente seus filhos. Falamos das reações químicas quando preparamos alimentos para o consumo.

No período da tarde, aconteceu o segundo momento, demos continuidade as aulas onde trabalhamos o conteúdo: importância dos alimentos de origem vegetal. Teve a acolhida dos alunos e para início das aulas tivemos um momento de diálogo para conhecer o que os alunos entendiam sobre a importância desses alimentos para o povo Tembé. Eles falaram que não percebiam suas importâncias, que comiam somente para satisfazer sua fome. Mas que percebiam que esses alimentos tradicionais faziam mais bem que os alimentos comprados na cidade.

Apresentei alguns alimentos para os alunos que seriam trabalhados neste momento, depois expliquei para eles da importância de cada alimento de origem vegetal. Tivemos um momento de reflexão sobre os alimentos que eram bastante consumidos pelos indígenas e que atualmente são poucos consumidos pelos indígenas. Expliquei para os alunos que esses alimentos eram bastante consumidos pelos indígenas alguns anos atrás. E atualmente é pouco consumido pelos indígenas da comunidade. Também expliquei sobre os nutrientes presentes nos alimentos que são muito importantes para uma saúde de qualidade.

No momento de debate sobre o assunto os alunos relataram que atualmente há uma grande diferença no consumo de alimentos na maioria dos indígenas. Também relataram que, hoje, muitos indígenas estão sofrendo de diversas doenças causadas pela alimentação que é comprada da cidade. Doenças que não tinha antes na comunidade. Depois deste momento de debate, onde os alunos



apresentaram suas dúvidas e opiniões sobre o assunto foi o encerramento da aula, às 16:00 da tarde.

Dia 25 de outubro de 2019, iniciamos o terceiro momentos pela manhã, continuamos a aula sobre o assunto: Os nutrientes e a importância dos alimentos para o povo Tembé.

Comecei falando sobre os nutrientes presentes nos alimentos tradicionais, depois como os indígenas consumiam esses alimentos, os meios de preparação, a culinária desses alimentos, também expliquei o tempo de colheita, e quais os alimentos que ainda são bastante consumidos por eles na comunidade. Os alunos, por sua vez, contribuíram falando que, atualmente, pouco se consome os alimentos tradicionais de origem vegetal, como por exemplo, o mingau de inhame, batata doce, macaxeira, milho, entre outros. Quando chega o período de colheita do bacuri, pequi, uxi e caju-açú, poucas pessoas vão colher esses frutos para o consumo. Além disso, quando vão preparar os alimentos ainda utilizam açúcar e leite.

Depois desta conversa, os alunos elaboraram um exercício, onde fizeram desenhos, de alimentos de origem vegetal, que ainda são bastante consumidos pelos indígenas ou não. Em seguida, apresentaram para a classe a importância do alimento e se ainda faz parte da culinária ou não. Após esta apresentação foi o encerramento da aula do período da manhã.

Na aula da tarde que iniciou às 13:00, abordamos a temática: A importância dos alimentos tradicionais para nossa saúde. Iniciei a aula falando da importância dos alimentos tradicionais para o povo Tembé, que ao consumir esses alimentos eles estavam mantendo uma alimentação saudável e de qualidade. Expliquei também que antigamente os indígenas viviam muitos anos de vida e isso, vinha de uma alimentação oferecida pela natureza, uma alimentação natural.

Falei da importância de estar cultivando para o consumo e para o fortalecimento da cultura Tembé. Pois ao realizar a festa da menina moça, é preciso utilizar, a macaxeira, a mandi caba e o arroz. Então se não cultivar esses e outros alimentos, no futuro, isso pode ocasionar na perda da cultura. Observa-se que quando vão realizar a festa da Menina Moça, é necessário, algumas vezes, ir buscar a mandi caba em outras aldeias, e isso é muito ruim para nós, povo Tembé.

Os alunos, por sua vez, deram suas opiniões sobre o assunto falando da realidade da comunidade, ou seja, que atualmente, pouco se consome esses alimentos, e que hoje percebe-se que os indígenas, tanto crianças como idosos, jovens e adultos sofrem com algum tipo de doenças que não se via alguns anos atrás. Podemos verificar que, hoje, há muitos indígenas com câncer, hipertensão colesterol alto, entre outras doenças.

Os alunos elaboraram um texto falando dos alimentos tradicionais para o povo Tembé, para a saúde e para o fortalecimento da cultura.



No dia 26 de outubro de 2019, no período da manhã, iniciamos o quinto e último momento da sequência didática planejada, tivemos a nossa última aula que foi sobre: Mudanças nos hábitos alimentares.

Iniciei a aula perguntando para os alunos sobre o que eles poderiam responder sobre as mudanças nos hábitos alimentares, por que isso ocorreu na comunidade indígena do povo Tembê? Os alunos responderam que foi por causa do contato com o “homem branco,” depois dessa resposta fui explicar que vários fatores contribuíram para que os indígenas mudassem seus hábitos alimentares. Por exemplo, o contato com os não indígenas, as invasões dos madeireiros, pescadores ilegais, caçadores, desmatamento, queimadas, e a contratação de indígenas como professores, agentes de saúde, outros empregos e fatores.

Depois da minha explicação foi o momento de debate, onde os alunos também falaram sobre o assunto. Que está faltando os indígenas se preocupar mais e começar a trabalhar na agricultura, produzindo esses alimentos fazer com que seus filhos venham valorizar esses alimentos naturais, pois são eles que ajudam na alimentação de qualidade. Falaram de preservação do território (TIARG), pois é dele que tiramos o nosso alimento. Hoje, a população está valorizando mais aos alimentos industrializados, e isso mais tarde não vai fazer bem.

Depois de toda esta conversa, fizemos uma atividade, que foi o jogo da trilha dos alimentos. Formamos grupos para jogar o jogo. Para jogar a trilha era preciso utilizar um dado, caso caísse na casa de perguntas eu fazia a pergunta relacionado aos assuntos estudados, se o grupo respondesse corretamente continuava jogando, caso contrário, passava a vez para o outro grupo. Venceu o grupo que chegou na última casa da trilha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O material didático elaborado foi projetado e executado como requisito para a conclusão do curso de Licenciatura Intercultural Indígena. Esse material foi aplicado na escola indígena Maria Francisca Tembê, mas ressaltamos que esse recurso também poderá ser utilizado por outras escolas indígenas, isso porque, a realidade da educação escolar indígena é muito precária com relação ao material didático específico para os alunos indígenas. Estes conhecimentos compilados no material proposto aqui visam suprir algumas necessidades de ensino e aprendizagem dos alunos indígenas.

É um material baseado na realidade da aldeia Cajueiro relacionado as mudanças do hábito alimentares das famílias indígenas que vivem na referida comunidade. Para mim foi uma grande conquista e desafio que tive ao elaborar este pequeno livro. Falar de alimentos tradicionais de origem vegetal, é olhar para o passado, presente e futuro das mudanças ocorridas ao longo dos anos.



Poder deixar aqui um material voltado especificamente para a realidade dos Tembê do Gurupi foi de grande satisfação. Colocar um material didático na escola vai ajudar no processo de aprendizagem dos alunos, bem como auxiliará na reflexão sobre grande aparecimento de doenças na aldeia motivadas pela falta de uma alimentação adequada e usada inadequadamente. Isso, portanto, me fez produzir este trabalho com o tema de *Alimentos tradicionais de origem vegetal*. Para mostrar a sociedade que somos capazes de produzir e trabalhar com materiais específicos e de qualidade para a sociedade indígena, específica aos alunos do ensino fundamental.

Espero que façam um excelente uso deste material, e que através dele venham refletir e buscar o melhor para o ensino e aprendizagem dos alunos. Esperamos, ainda, que este material possa ser inspiração para outras escolas, de outras etnias, sendo que utilizado como referência de material didático. Quero dar continuidade a este trabalho, produzindo mais materiais com esse tema. Por fim, destaco que este material foi elaborado com intuito de sanar a falta de recurso pedagógico das nossas escolas, bem como visando a valorização e fortalecimento da cultura indígena Tembê Tenetchar.

REFERÊNCIAS

COHN, C. *Escola indígena do Maranhão: um estudo sobre a experiência dos professores indígenas*. p. 107 – 122. In. SILVA, A.L.; FERREIRA, M.K.L. (Orgs.). *Práticas pedagógica na escola indígena*. São Paulo: Globo, 2001 (Série antropologia e educação) FAEDES, p. 378.

GONÇALVES, A.V.; FERRAZ, M.R.R. Sequência didática como instrumento potencial da formação docente reflexiva. *D.E.L.T.A.*, v. 32, n. 1, p. 119-141, 2016.

INSTITUTO DE PESQUISA E FORMAÇÃO INDÍGENA – IEPÉ. *Alguns conhecimentos sobre alimentação*. Programa Wajãpi: Iepé, 2007, p. 73.< <https://www.institutoiepe.org.br/infoteca/livros/alguns-conhecimentos-sobre-alimentacao/>>

SHANLEY, P.; SERRA, M.; MEDINA, G. *Frutíferas e Plantas Úteis na Vida Amazônica*. Brasil: Cifor, 2010.



22

A IMPORTÂNCIA DAS PLANTAS MEDICINAIS PARA O POVO TEMBÉ TENETEHAR DAS ALDEIAS DO GURUPI, PARAGOMINAS – PA: a utilização dos conhecimentos tradicionais no cotidiano da educação escolar indígena

**Erica Vandira da Silva Oliveira Tembê⁵⁷
Iêdo Souza Santos⁵⁸**

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta os resultados de um estudo sobre a importância das plantas medicinais para o povo Tembê Tenetehar da Região do Gurupi na Terra Indígena Alto Rio Guamá (TIARG). Esse estudo buscou estabelecer um diálogo entre a teoria sobre plantas medicinais e os relatos de experiências dos povos indígenas, sobre a utilização desses recursos naturais para o tratamento de doenças.

A pesquisa foi feita com moradores da Aldeia do Cajueiro, situada às margens do rio Uraim, localizada no município de Paragominas. Foram realizadas entrevistas com 10 (dez) anciãos da aldeia, pessoas que conhecem as tradições e costumes do povo Tembê na região, posteriormente as informações coletadas foram comparadas a luz das teorias contidas em livros e artigos científicos sobre o tema. Em seguida, foi elaborado um material didático que, por sua vez, foi usado para subsidiar a sequência didática a ser utilizada com alunos de uma classe multisseriada (6º ao 8º) ano da Escola de Ensino Fundamental Maria Francisca Tembê.

As plantas medicinais são utilizadas há muitos anos, e com elas eram produzidos alguns produtos para fins terapêuticos, por serem consideradas remédios são utilizadas para o tratamento de doença ou alteração do organismo. No entanto, algumas apresentam efeitos tóxicos quando utilizadas de modo inadequado, nesse sentido é importante sensibilizar as pessoas sobre o uso adequado dessas plantas. Esses vegetais são elementos que constituem parte da biodiversidade e são largamente utilizadas desde os primórdios da civilização por vários povos e de diversas maneiras (Coam; Matias, 2014).

⁵⁷ Egressa do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará - UEPA.

⁵⁸ Docente da Universidade do Estado do Pará – UEPA.



O uso de plantas medicinais para o tratamento de doenças ainda é uma prática usual para muitos indígenas e não indígenas, principalmente aqueles que habitam em regiões e comunidades carentes e/ou distantes dos centros urbanos. Mesmo após a popularização dos remédios industrializados, a medicina tradicional continua sendo a única forma para tratamento de algumas doenças em locais distantes, como por exemplo, algumas aldeias indígenas.

Dessa forma, tornou-se fundamental a realização de um levantamento das plantas medicinais utilizadas pelos moradores da aldeia Cajueiro, identificando as principais plantas medicinais utilizadas na comunidade e socializar com os alunos. Demonstrando sua importância para a saúde dos aldeados e consequentemente estimulando a proteção da biodiversidade local.

A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

A educação escolar indígena já passou por momentos muito difíceis, mas com muitas lutas estamos conseguindo uma educação diferenciada. Durante muitos anos os povos indígenas foram impedidos de praticar suas culturas. Após muitos momentos de reivindicações e lutas os povos indígenas conseguiram garantir seus direitos previsto em lei, especialmente os direitos sobre as terras e a educação.

A educação escolar indígena no Brasil, tem a finalidade de respeitar os modos de vidas desse povo, a utilização de conteúdo baseado na cultural e no conhecimento tradicional. Tais avanços foram um marco histórico e uma vitória, pois a educação que outrora era transmitido aos povos indígenas, desprezava o seu conhecimento e a sua história.

Atualmente temos leis que foram criadas para fortalece a prática e conteúdo tradicional, numa educação, que antes, valorizava apenas o conhecimento científico. Nesse sentido, podemos citar uma a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB de 1996, que já foi um avanço, no entanto, foi a Resolução Nº 5, de 22 de junho de 2012 do Conselho Nacional de Educação – CNE, que definiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica.

Esse documento prevê que os povos indígenas têm uma cultura diferentes e os seus modos de repassa os conhecimentos da tradição, por esse motivo dentro das escolas indígenas temos que construir materiais didáticos específicos e diferenciados para o melhor ensino e aprendizagem valorizando a cultura. Além disso, destacamos o artigo 7 dessa resolução:

§1º Em todos os níveis de modalidades da Educação Escolar Indígena devem ser garantidos os princípios da igualdade social, da diferença, da especificidade, do bilinguismo e da interculturalidade, contando preferencialmente com os professores e gestores das escolas indígenas, membros das respectivas comunidades indígena.



§ 2º Os saberes e as práticas indígenas devem ancorar o acesso a outros conhecimentos, de modo a valorizar os modos próprios de conhecer e investigar e sistematizar cada povo indígena, valorizando a oralidade e a história indígena.

§ 3º A Educação Escolar Indígena deve contribuir para o projeto societário para o bem viver da comunidade indígena, contemplando ações voltadas à preservação dos territórios e recursos neles existentes.

§ 4º a Educação Escolar Indígena será acompanhada pelos sistemas de ensino por meio da prática constata de produção e publicação materiais didáticos diferenciados, na língua indígena, em português e bilíngues, elaborados pelos professores indígenas em articulação com os estudantes indígenas, para todas as áreas de conhecimento.

A política educacional voltada para os índios começou a mudar no Brasil a partir da constituição Federal promulgada em 1988, pois antes o conhecimento tradicional não era valorizado. Neste sentido, é de suma importância elaboramos materiais didáticos diferenciados e específicos para trabalhar nas escolas indígenas no ensino de ciências para melhor ensino e aprendizagem valorizando os conhecimentos tradicionais e científico.

METODOLOGIA

A história dos Tembé se estende muito além da lembrança dos membros mais velhos que atualmente vivem nas Aldeias. Segundo Ricardo (1985), os Tenetehar, nome genérico dos Tembé do Pará e dos Guajajara do Maranhão, tem quase 400 anos, remontando talvez a 1615, quando uma expedição francesa encontrou os “Pinariens”, um possível grupo Tenetehar, no alto rio Pindaré (afluente do Mearim), no que é hoje o Estado do Maranhão.

A catequese desse grupo foi iniciada já em 1653, com a chegada dos jesuítas ao Pindaré, e continuada até a expulsão dos jesuítas em 1759. A aldeia é banhada pelo rio Uraim que desaguam no Gurupi, localizada a 140 km da cidade de Paragominas - Pará, as primeiras estradas foram feita a 20 anos, facilitando o acesso da população indígena aos centros urbanos.

Atualmente a infraestrutura da aldeia Cajueiro é composta de uma Ramada (local onde os Tembé Tenetehar se reúnem para deliberam e acontece todos os seus rituais, exemplo a festa da moça) e diversos tipos de casas (barro, madeiras e tijolos), um posto de saúde com uma equipe completa (técnico de enfermagem, enfermeira e um médico que passa 10 dias por mês atendendo as pessoas), uma escola que oferece aulas de educação infantil, fundamental e médio, um quadra poliesportiva e um campo de futebol.

CONSTRUÇÃO DA CARTILHA

Os dados coletados para o desenvolvimento deste trabalho foram tabulados, organizados em uma tabela e discutidos através de uma abordagem



quantitativa e qualitativa. As entrevistas foram feitas no período do mês de agosto de 2019, na aldeia Cajueiro com anciões detentores de saberes e conhecimentos dos Tembé.

Para fazer este levantamento sobre as plantas medicinais tiver quer ir à casa de cada entrevistado. O questionário que foi utilizado nas entrevistas, continha as seguintes perguntas: 1) Quais as plantas medicinais que você conhece? 2) Qual o nome dessas plantas na língua Tembé? 3) Qual a utilidade dessas plantas para a saúde dos indígenas? 4) Com quem você aprendeu sobre as plantas medicinais?

Posteriormente a essa atividade, comecei a identificar as plantas mais citadas por eles, em seguida fui catalogando e desenhando elas. Depois de terminada a pesquisa de campo, iniciei a leitura de materiais escolhidos para abordar dentro da disciplina de ciências a temática das plantas medicinais, a história do povo Tembé é sua trajetória e as leis sobre educação Indígenas, para podemos produzir o material didático. Para a organização desse recurso didático foi elaborado desenhos das plantas que comporiam a cartilha intitulada *A importância das plantas medicinais para o povo Tembé Tenetehar da região do Gurupi-PA*.

ESTRUTURA DA CARTILHA

A cartilha contém capa, contracapa, apresentação sobre a importância do assunto que foi descrito dentro dela para o povo Tembé, o sumário elenca todos os assuntos a serem abordados. Em seguida, temos a introdução, desenvolvimento e atividades. Assim, podemos tratar sobre o assunto sobre as plantas, suas partes e funções no contexto dos não indígenas e indígenas, sobretudo no que se refere à realidade do povo Tembé da aldeia Cajueiro.

O segundo tópico do material versa sobre o que é planta medicinal no ponto de vista do *karainw* (definição na língua Tembé para não indígena). Esse tópico apresenta vários conceitos, como por exemplo o de fitoterapia: drogas vegetais e as propriedades fito terapêuticas.

Abordamos sobre as plantas medicinais, suas características, uso e preparo. Este tópico foi dividido da seguinte forma: plantas medicinais encontradas nos quitais das aldeias, e plantas medicinais encontradas nas flores e aos redores da aldeia. Em cada tópico haverá ilustrações das plantas.

Em outro tópico tratamos do preparo e utilização das plantas. Essa seção do material está organizada em duas partes: a) orientações para a forma de preparo, que aborda o preparo, como chá por infusão a quente, chá por cozimento, compressa, banhos, cataplasmas, infusão a fria e xaropes; b) receitas onde tratamos do passo a passo de algumas plantas citadas pelos entrevistados.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

É importante destacar que as plantas medicinais são de fundamental importância para a saúde básica dos indígenas. No entanto, o fato de os remédios industrializados terem um efeito mais rápido no tratamento de algumas doenças, ocasiona o abandono natural da manipulação dos remédios tradicionais pelas comunidades indígenas.

De acordo com os entrevistados, existem várias plantas na comunidade que são utilizadas para fins medicinais. Durante a pesquisa, foram identificadas 40 (Quarenta) plantas. Seus nomes populares foram registrados, assim como seus nomes na língua Tembé. Também se evidenciou suas propriedades curativas, seus efeitos e contraindicações. Esses resultados estão apresentados na Quadro 1.

Quadro 1: As plantas medicinais usadas pelos Tembé segundo a pesquisa suas utilidades, partes usadas e quantidade de citação.

Nome comum	Nome Científico	Nome Tembé	Utilidade	Parte utilizada	Nº de citações
Andiroba	<i>Carapa guianensis</i>	Zaniro	Machucados	Semente	8
Unha de gato	<i>Uncaria tomentosa</i>	Xipinapina	Inflamação e Diarreia	Tronco	8
Açaizeiro	<i>Euterpe oleracea</i>	Waxai	Hepatite	Raiz	7
Goiabeira	<i>Psidium guajava</i>	Weaw ýw	Dor de barriga e Diarreia.	Folhas e casca	6
Cajueiro	<i>Anacardium</i> sp.	Akazuyw	Inflamação	Casca	5
Barbatimão	<i>Stryphnodendron</i> sp.	Tahy ke'e haw	Inflamação	Casca	5
Lima	<i>Citrus auratifolia</i>	Lim	Pressão arterial	Folha	5
Urucu	<i>Bixa orellana</i>	Uruku	Queimadura	Semente, Folha e a Casca	5
Cipó verônica	<i>Veronica officinalis</i>	Wypo piran	Inflamação	Casca	4
Copaíba	<i>Copaifera Langsdorffii</i>	Kupa'ýw	Inflamação	Caule	4
Unha de gato	<i>Uncaria Tomentosa</i>	Xipinapina	Inflamação	Casca	4
Capim-limão	<i>Cymbopogon citratus</i>	Kapi'ipinem	Calmante	Folha	3
Bananeira	<i>Musa</i> sp.	Pako'ýw	Diarreia	Folha	3
Tiriba	<i>Pyrrhura</i> sp.	Ywyr pihhun yw	Diarreia	Casca	3
Capim furão	<i>Panicum Maximum</i>	Ka'a pi'ihu	Diarreia	Raiz	2
Chicória	<i>Cichorium intybus</i>	Xikor	Dor de ouvido	Folha	2



Mastruz	<i>Dysphania Ambrosioides</i>	Ka'a pinem	Inflamação	Folha	2
Amapá-armago	<i>Brossimum potabile Ducke</i>	Amapa'ym	Malária	Leite	2
Algodão	<i>Manífera indica</i>	Manizu	Inflamação	Folha	1
Manga	<i>Gossypium sp.</i>	Mang	Diarreia	Casca	1
Cebola coquinho	<i>Allium fistulosum</i>	Ka'apiran muhag	Hemorroida	Raiz	1
Hortelanzinho	<i>Mentha spicata</i>	Ka'a riákwer	Chá	Folha	1
Picão	<i>Bidens pilosa</i>	Ka'api'ihu	Anemia	Raiz	1
Vassourinha de botão	<i>Borreria verticillata</i>	Zapukaz py'yw	Hemorroida	Raiz	1
Cidreira	<i>Melissa officinalis</i>	Ka'a riakwer	Calmante	Folha	1
Boldo	<i>Peumus boldus</i>	Tapi'ir zawar ka'a	Dor de estomago	Folha	1
Gengibre	<i>Zingiber officinale</i>	Maragatai	Dor de garganta	Raiz	1
Babosa	<i>Aloe vera</i>	Kwawa ram	Cicatrizante	Folha	1
Pião roxo	<i>Jatropha gossypifolia</i>	Ka'a pihun me'ey purang	Mau olhado	Folha	1

As plantas medicinais citadas durante as entrevistas são todas encontradas na própria Aldeia ou em seus arredores. Segundo relatos dos entrevistados, a cultura do uso de plantas medicinais vem se perdendo com o tempo, pois os jovens da aldeia preferem o uso de medicamentos industrializados, haja vista que seu poder curativo é mais rápido do que as plantas medicinais.

Contudo, cada entrevistado citou no mínimo 03 (três) e no máximo 14 (catorze) espécies diferentes, embora cada um deles tenham citado a mesma espécie. Dentre as espécies citadas na tabela, 13 delas foram mais mencionadas pelos entrevistados: a andiroba (8), o açazeiro (7), o cajueiro, o pariri, o babati-mão (5), o jatobá, o cipó-Verônica, a copaíba, a unha-de-gato, o caju-açu (4), o capim-limão, a bananeira, a tatajuba, a tiriba (3).

Observa-se que as plantas mais citadas são aquelas utilizadas no tratamento de doenças como: doenças respiratórias, digestivas; infecção (rins e útero); e outros como hepatite, anemia, vermes e diarreia, onde totalizou 29 espécies citadas durante a pesquisa.

Para o preparo das plantas, na maior parte das citações, são utilizadas principalmente a casca e as folhas, que são preparadas na forma de chá. A provável explicação para o maior uso das cascas e folhas pode estar no fato de a colheita ser mais fácil e estarem disponíveis a maior parte do ano. Além disso, não precisa sacrificar a árvore para poder usufruir de suas partes. Assim, os indígenas con-



tribuem através dessa prática, com a sustentabilidade ambiental. Coan e Matias (2014, p. 19), em seu trabalho, dão destaque as folhas, pois esse órgão vegetativo na maioria das espécies se concentra significativos princípios ativos.

Além das ervas propriamente ditas, foram citadas também como medicinais algumas espécies de plantas frutíferas, como caju, laranja, açaí, manga e banana. Foram citadas também, outras espécies utilizadas na culinária, como chicória e alfavaca. O método de preparo dos remédios caseiros mais utilizado para o tratamento de doenças são os chás, que são indicados no tratamento de diarreia, tosse, gripe e inflamação. Um dos entrevistados relatou:

“este conhecimento foi passado na minha família de geração em geração de pai para filho pois neste tempo não tinha à atendimento como hoje, era uma época difícil. Pois depois que tivemos contato com homem branco (pessoal da FUNAI), foi aí que as coisas foram melhorando por um lado, mas aí contudo isso (remédios) os mais novos estão deixando estes conhecimentos de lado sendo que foi este conhecimento tradicionais que há muito tempo o povo Tembê usava. Pois naquele tempo muitos parentes morreram doença trazida por Karaiw, que afetou muito pois quase o nosso povo desapareceu: graças a deus que os mais idosos com seus conhecimentos tradicionais, fizeram remédios das plantas nativas da nossa região pois foi graças a Deus e aos conhecimentos de nosso povo hoje estamos aqui para conta nossa história de lutas de sobrevivência.de nos próprios”.

APLICAÇÃO DA CARTILHA

No dia 20 de novembro de 2019, iniciamos a aplicação da cartilha com os alunos do 5º ano na Escola Municipal de Ensino e Infantil Fundamental Maria Francisca Tembê, na Aldeia Cajueiro que fica no município de Paragominas – Pará (Imagem 1).

Imagem 1: Fotografias dos momentos de aplicação da cartilha com alunos da Escola Municipal de Ensino e Infantil Fundamental Maria Francisca Tembê.



Fonte: Erica V. da S. Oliveira, 2019.



No primeiro momento da aula foi falado sobre a importância das plantas para os Tembés e como elas podem estar sendo colocadas em prática em sala de aula na disciplina de ciências. Perguntei para os alunos se eles sabiam explicar o que é uma planta, aí eu falei todos alunos e expliquei que a aula iria iniciar fora da sala de aula. Então foi feita uma primeira aula passeio ao redor da escola. Em seguida, debatemos sobre se as plantas tinham partes e se tinham quais eram as suas funções e a sua importância para a cultura. Escrevi no quadro branco o assunto, lemos em voz alta. Depois passei uma atividade sobre o assunto.

Com o restante do tempo da aula perguntei aos alunos se eles sabiam falar sobre as plantas medicinais e a sua importância para o povo Tembés. Em seguida, passei um pequeno questionário com algumas perguntas sobre as plantas medicinais para testar o nível de conhecimento de cada aluno um sobre o assunto, e expliquei que este mesmo questionário seria aplicado no último dia de aula para eu poder comparar as respostas deles. Durante a aplicação da aula muitos alunos, falaram que não tinham conhecimento sobre as partes das plantas e suas funções mais tinham alguns que souberam falar algumas delas com toda resposta obtida e repassado todo o assunto dei por encerrada a aula.

Na segunda aula, fizemos a recapitulação da aula anterior para poder iniciar o novo assunto que consista na planta medicinal do ponto de vista do *karaim* para então discutir os conceitos de fitoterapia: drogas vegetais e as propriedades fitoterapêuticas. Nessa aula, foi colocado no quadro branco o texto sobre o assunto e em seguida foi escolhido 2 alunos para ler o assunto em voz alta para todos da sala, depois apliquei uma atividade com 3 perguntas sobre o texto.

Terceiro momento de aplicação do material, abordamos o assunto sobre as plantas medicinais, suas características, uso e preparo. Este tópico foi dividido da seguinte forma: expliquei a eles sobre o assunto. Por ser muito grande eu iria trabalhar em dois momentos distintos. O primeiro seria - plantas medicinais encontradas nos quintais da aldeia, onde foi passado um texto para eles lerem e tentarem me explicar o que eles tinham entendido sobre o texto. Depois cada aluno escolheu uma planta e descreveu a partir do seu próprio ponto de vista. Nessa hora, eles perguntaram se era por isso que eu havia passado aquelas perguntas no primeiro dia de aula? Eu respondo que sim, mas tudo que eu passar durante esta semana será feito uma avaliação final do último dia de aula.

No quarto momento, foi dada continuação ao assunto, onde já mudamos de planta de quintais para abordamos as plantas medicinais, suas características, uso e preparo: 2- Plantas medicinais encontradas nas florestas e aos redores da aldeia. Utilizamos o mesmo processo do dia anterior. Apenas as atividades tiveram que mudar, pois tudo que foi feito durante os dois dias anteriores eles teriam que mostrar na próxima aula através de uma apresentação.



No quinto momento, foi tratado sobre preparo e utilização das plantas, onde foi separando em dois tópicos, pois esse assunto era grande: 1 - orientações para a forma de preparo; neste tópico, abordamos como podem ser guardado cada preparado das plantas como: chá por infusão quente, chá por cozimento, compressa, banhos, cataplasma, infusão fria e xaropes. Para explicar tais preparos utilizamos textos explicativos. Nesse texto, cada uma desses preparos foi explicado. Destaca-se que a aula foi dialogada entre os alunos e o professor, pois esta aula foi uma preparação para a próxima aula.

No sexto momento, que debate sobre a parte 2 do tópico iniciado na aula anterior, discute-se, mas especificamente sobre as receitas e o passo a passo delas, conforme citadas pelos entrevistados. Debates sobre algumas formas de receitas no quadro branco e relembramos a aula anterior que esta seria só para complementar os trabalhos anteriores e foi feita toda a atividade neste momento.

O sétimo e último momento de aplicação do material, consistiu na culminância do trabalho, onde os alunos colocaram todos os trabalhos produzidos por eles em exposição e trouxeram uma planta medicinal para sala de aula, em que eles descreveram e explicaram sobre que doença poderia estar sendo usada a planta. Dessa forma, pude avaliar se eles conseguiram entender o assunto e se eles tinham alguma coisa a acrescentar, pois naquele momento eu estava ali como uma ouvinte das coisas que eles estavam apresentando. Ressalto, ainda, que neste momento, uma das pessoas que foram entrevistadas para o desenvolvimento deste trabalho estava na sala olhando as apresentações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desta pesquisa constata-se que as plantas medicinais são amplamente utilizadas por essa comunidade indígena e a coleta na mata é considerada uma tradição. Embora, atualmente, as novas gerações não deem tanta importância para esse saber o que, por sua vez, gera um processo acelerado de perda desse aspecto cultural. Mas destaco que muitos, ainda, se preocupam com o resgate desses conhecimentos, os quais são transmitidos de pais para filhos.

A construção da cartilha foi de suma importância para o conhecimento da ciência para sala de aula, pois o um assunto abordado trata de questões do dia a dia dos alunos, mas também do conhecimento científico. Desse modo, podemos comprovar que os dois conhecimentos são de suma importância e devem andar juntos, lado a lado. Assim também podemos observar que o nosso papel como professor indígena é justamente mostrar que somos capazes de conciliar os dois conhecimentos que é colocado em sala de aula e assim os alunos podem compreender melhor o assunto abordado pelos professores.

Na aldeia Cajueiro, a comunidade indígena utiliza as plantas medicinais como forma alternativa para a cura de enfermidades. Apesar da comunidade ter



acesso a medicina tradicional, eles também dispõem de medicamentos industrializados, por serem medicamentos de fácil acesso e possuem efeitos mais rápidos, o que pode explicar a redução desses saberes medicinais. Detectou-se também, nesta pesquisa, a necessidade de um resgate do conhecimento medicinal das plantas e a necessidade da conservação da nossa flora, conhecimento este quase exclusivo aos mais idosos, devendo haver um olhar mais atento, ou seja, uma preocupação com o repasse desse saber aos mais jovens, para que este não se perca.

Atualmente, a utilização de plantas medicinais para o tratamento de doenças ainda é uma prática usual para muitas comunidades indígena e não indígenas, principalmente aquela que moram em regiões e comunidades carentes ou distantes dos centros urbanos.

A educação indígena é garantida na lei, mas ainda percebemos que a um grande buraco e que nos professores juntamente com nossas lideranças, caciques e comunidade devemos ir à luta para a lei ser colocada em prática e sair do papel, pois nem tudo que está na lei está sendo feito, com por exemplo, o uso na escola de matérias didático específicos e interculturais, por isso que este novos professores e este materiais didáticos venham ser mais uma amostra que somos indígenas sim, mas também somos gente que merecer ser respeitado não só no papel mas também na ações.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, J. C. P. M. *Coletânea de texto da disciplina prática de pesquisa em educação escola indígena*. Belém: núcleo da UEPA, 2019.

BRASIL. *Resolução CNE/CEB nº 5 de junho de 2012* - Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica. Disponível em <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/Downloads/ccs/concurso_2013/PDFs/resol_federal_05_12.pdf> Acesso em: 2 fev. 2020.

COAN, C.M.; MATIAS, T. A utilização das plantas medicinais pela comunidade indígena de Ventarra Alta – RS. *Revista Saúde e Biologia*, v. 9, n. 1, p. 11 – 19, 2014.

RICARDO, C. A. (coord.). *Povos indígenas do Brasil*. v. 8, cap. 22: Tembé -Turiwara, e cap. 23: Tembé. São Paulo: Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI), 1985.

SHANLEY, P.; SERRA, M.; MEDINA, G. *Frutíferas e Plantas Úteis na Vida Amazônica*. Brasil: Cifor, 2010.



23

PLANTAS USADAS NA PRODUÇÃO DE UTENSÍLIOS E ARTEFATOS DA CULTURA TEMBÉ: uma proposta de material didático para o ensino de ciências na escola indígena

**Raíra Carneiro Noronha Tembê⁵⁹
Iêdo Souza Santos⁶⁰**

INTRODUÇÃO

A utilização de recursos vegetais como matéria prima na produção de artefatos culturais indígenas é um fato histórico, mas vem sendo ameaçado pela substituição de produtos manufaturados, como por exemplo, o uso de sacolas plásticas ao invés de “paneiros”. Resistir a essa influência torna-se fundamental para manter a prática tradicional viva no cotidiano das aldeias. Além disso, os utensílios feitos de forma artesanal podem caracterizar uma fonte de renda para a comunidade ou, até mesmo, um recurso didático a ser trabalhado em sala de aula. Diante disso, propomos no âmbito desse trabalho a produção de um material didático para a disciplina de ciências para se refletir com os alunos da escola indígena acerca desses conhecimentos.

Esta pesquisa é resultado de uma série de entrevistas que norteou a elaboração e aplicação do material didático, na forma de cartilha, sobre plantas usadas para construção de utensílios e artefatos da cultura Tembê. Esse recurso pedagógico foi utilizado numa turma do 6º ano do Ensino Fundamental da Escola Maria Francisca Tembê, da aldeia Cajueiro, localizada na Terra Indígena Alto Rio Guamá – TIARG, na poção territorial pertencente ao município de Paragominas – Pa.

Este tema surgiu a partir das dificuldades vivenciadas no contexto da aldeia no que se refere ao tema abordado aqui e das reflexões feitas a partir do estudo que a autora principal deste artigo, aluna do curso de Licenciatura intercultural Indígena, ao se deparar com a falta de materiais didáticos específicos para o ensino de ciências na escola indígena.

Nesse sentido, observei que alguns artefatos e utensílios indígenas, como por exemplo, a vara de pescar vem sendo substituído por rede de pescar. Outro

⁵⁹ Egressa do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará - UEPA.

⁶⁰ Docente do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará - UEPA.



fator que vem ocasionando essas transformações no modo de vida tradicional e nos hábitos do povo Tembê estão relacionados ao desmatamento. Verifica-se que muitas plantas usadas na confecção dos utensílios e artefatos Tembê estão em processo de extinção, desaparecendo e consequentemente os saberes e práticas sobre a confecção dos artefatos e utensílios indígenas também estão desaparecendo.

Além disso, observa-se também que os jovens indígenas estão perdendo o interesse em aprender as práticas da produção de artefatos e utensílios tradicionais, usados pelas pessoas mais antigas da aldeia, ignorando esse saber tradicional, sendo que este, é uma das mais importantes bases da nossa cultura. Isso vem ocorrendo, em geral, em virtude ao acesso exagerado às novas tecnologias (televisão, rádio, celulares entre outros) que, por sua vez, vem gerando o desinteresse pelos jovens nos aspectos tradicionais do nosso povo. Os aldeões relatam ter tido dificultado em repassar esses conhecimentos tradicionais.

A produção artesanal requer técnicas e conhecimentos que apenas algumas pessoas ainda detêm. Essas informações, como destacamos acima, não estão sendo repassados para os mais jovens, o que pode ocasionar esquecimento e perda desse valioso conhecimento da cultura Tembê.

Os alunos indígenas precisam se apropriar das técnicas e dos conhecimentos da produção artesanal para que esses saberes tradicionais sejam valorizados e repassados para as gerações futuras, pois esses artefatos e utensílios sempre estiveram presentes na vida dos Tembê e fazem parte da história desse povo que foi construída pelos nossos antepassados. Por esse motivo, devemos zelar pela nossa cultura e para não substituímos nossos objetos por outros que não tem importância para aos Tembê. Dessa forma, será importante desenvolver mecanismos para repassar esses conhecimentos aos jovens estudantes da comunidade Tembê, a fim de fortalecer a cultura indígena.

O objetivo do presente trabalho foi, portanto, elaborar uma cartilha didática específica para os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental visando fortalecer a cultura Tembê através de uma educação diferenciada de qualidade, que atenda às necessidades da educação indígena. A partir desse objetivo geral, foram traçados os seguintes objetivos específicos: 1) levantar os saberes e práticas sobre as plantas usadas para confecção de utensílios e artefatos na cultura Tembê; 2) identificar os aspectos que contribuíram para elaboração de uma cartilha educativa sobre plantas usadas para construções de utensílios e artefatos na cultura; 3) descrever como a cartilha foi utilizada no processo de ensino e aprendizagem dos alunos e resultados obtidos.



PRODUÇÃO DE ARTEFATOS E UTENSÍLIOS

[...] o apoio às iniciativas de produção de objetos indígenas pode propiciar possibilidades de articulação à economia de mercado de maneira legal, cultural e ambientalmente sustentável (Garcés, et al. 2015, p. 678).

Os Tembé que vivem nessa região precisam das plantas para diversos fins como: para produção de artefatos e utensílios, uso medicinal e na alimentação. Por isso é importante preservar e conservar o meio ambiente, a fim de garantir a sustentabilidade e o bem-estar das populações tradicionais.

Desde os nossos antepassados nós temos uma relação muito forte com as plantas, pois os nossos artefatos e utensílios são retirados da natureza, sendo que a maioria são feitos das plantas e de pássaros.

Os Tembé da aldeia Cajueiro fazem vários tipos de artefatos e utensílios que são feitas das plantas, como por exemplo: a cuieira, macucu, massaranduba, louro, ipê amarelo, pequi, guarima, ubim, tucumã, inajazeiro, bacaba, cipó-timbó-açu, cipó-titica, açazeiro, ingá xixica e embaúba e outros.

Dentre os artefatos podemos citar que a cuia tem uma grande importância para o povo Tembé por ser a principal vasilha utilizada na festa do mingau da menina moça. A cuia é usada para servir o mingau durante festa. A festa da menina moça é um ritual de passagem de menina para uma vida adulta. O maraca, outro utensílio feito da cuia é também um instrumento muito valioso para o povo Tembé, pois é esse instrumento que dá o som para os cânticos Tembé.

Todos os artefatos e utensílios feitos pelos os Tembé tem um grande significativo, pois todos estão presente no nosso cotidiano. Por esse motivo devemos preservar a nossa natureza, a nossa cultura que está intimamente ligada à nossa floresta.

A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

Durante muitos anos os povos indígenas foram impedidos de praticar suas culturas, mas atualmente existem leis que asseguram que os conhecimentos tradicionais possam fazer parte do componente curricular da educação escolar indígena, assim como o conteúdo e conhecimento científico do não indígena.

Entre as leis que amparam a educação escolar indígena temos na Constituição Federal - CF de 1988, um marco histórico, seguido da Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB de 1996, mas foi a partir da Resolução nº 5 de 22 de junho de 2012 do Conselho Nacional de Educação - CNE, que promulga as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica.



Sobre essa Resolução podemos fazer o seguinte destaque:

Todos os povos indígenas têm uma cultura diferente e os seus modos de repassa os conhecimentos da tradição, por esse motivo dentro das escolas indígenas temos que construir materiais didáticos específicos e diferenciados para o melhor ensino e aprendizagem valorizando a cultura.

Art. 7 A organização das escolas indígenas e das atividades consideradas letivas podem assumir variadas formas, como séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudos com tempos e espaços específicos, grupos não-seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar.

§ 1º Em todos os níveis de modalidades da Educação Escolar Indígena devem ser garantidos os princípios da igualdade social, da diferença, da especificidade, do bilinguismo e da interculturalidade, contando preferencialmente com os professores e gestores das escolas indígenas, membros das respectivas comunidades indígena.

§ 2º Os saberes e as práticas indígenas devem ancorar o acesso a outros conhecimentos, de modo a valorizar os modos próprios de conhecer e investigar e sistematizar de cada povo indígena, valorizando a oralidade e a história indígena.

§ 3º A Educação Escolar Indígena deve contribuir para o projeto societário para o bem viver da comunidade indígena, contemplando ações voltadas à preservação dos territórios e recursos neles existentes.

§ 4º a Educação Escolar Indígena será acompanhada pelos sistemas de ensino por meio da prática constata de produção e publicação materiais didáticos diferenciados, na língua indígena, em português e bilíngues, elaborados pelos professores indígenas em articulação com os estudantes indígenas, para todas as áreas de conhecimento (MEC, 2012, p. 4).

Neste sentido é de suma importância elaboramos materiais didáticos diferenciados e específicos para trabalharmos nas escolas indígenas melhorando o processo de aprendizagem valorizando os conhecimentos tradicionais, sem abandonar os conteúdos científico.

A IMPORTÂNCIA DOS ARTEFATOS E UTENSÍLIOS NA CULTURA TEMBÉ

Os artefatos e utensílios são feitos por mulheres e homens Tembé da aldeia Cajueiro. Esses artesões estão na faixa etária de 30 a 60 anos. Os artesanatos mantem viva a cultura do nosso povo e podem e também representam uma alternativa econômica. Esses utensílios e artefatos são feitos de vários tipos de matérias-primas oriundos da natureza, como por exemplo, penas de pássaros, ossos de animais, plantas sementes, entre outros.

Entre os utensílios e artefatos do povo Tembé, as cuias e os maracas são as peças mais importante na manutenção da cultura Tembé. Elas são feitas por mulheres a partir do fruto da cuieira, pois ambas estão presentes nas festas tradicionais desse povo. O maraca é um instrumento que dá sonoridade aos rituais



e na cuia é servido o mingau aos cantores. Outro artefato bastante peculiar da cultura Tembê são as pulseiras feitas de ossos de animais, como por exemplo, da jiboia, pois, segundo relato dos mais velhos, elemento que atrai coisas boas.

Diante disso, buscamos soluções para sanar a falta de conteúdo voltado para a nossa realidade. Esse material consiste em: contar histórias dos antepassados, como eles viviam antigamente, falar a importância dos saberes e práticas dos artefatos e utensílios, a importância de preservar a natureza vários outros assuntos voltados para nossa realidade. A partir desse contexto, elaboramos este recurso didático específico, em forma de cartilha, sobre as plantas usadas para produção de artefatos e utensílios.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Foi realizado uma pesquisa de campo na aldeia Cajueiro situada na região do Gurupi na TIARG. Foram ouvidas as pessoas mais experientes da aldeia que estavam na faixa etária de 50 a 70 anos. Para isso, foi utilizado um roteiro de perguntas com as seguintes questões: 1) Quais as árvores, palmeiras e cipós que você conhece? 2) Dessas espécies de árvores, palmeiras e cipós, quais têm na área da aldeia? 3) Dessas árvores, palmeira e cipós quais são usados na produção de artefatos ou utensílios? 4) Como é feita a produção? 5) Quais ainda são produzidos?

As informações coletadas sobre plantas usadas na produção de artefatos e utensílios da cultura Tembê, foram usadas na elaboração de uma cartilha, contendo desenhos das plantas mais citadas pelos nossos colaboradores, ressaltando a importância de alguns artefatos e utensílios usados nas festas tradicionais.

Posteriormente foi realizada a aplicação do material didático, aos alunos do 6º ano do ensino fundamental, os temas das aulas foram selecionados enfatizando a produção e utilização dos artefatos e utensílios.

ESTRUTURA DA CARTILHA

A cartilha foi estruturada a partir das informações coletadas nas entrevistas, nas quais destacam a importância dos artefatos e utensílios para o povo Tembê: “Os artesanatos são importantes para identificar nosso povo” (fala de um dos participantes na pesquisa).

Os relatos foram sistematizados para dar origem um material didático específico e diferenciado que atendesse a necessidade da escola indígena que existe na aldeia, assim os alunos têm o maior conhecimento sobre artefatos e utensílios na cultura Tembê.

A cartilha se inicia com uma apresentação, mostrando do que se trata o material, depois vem a introdução e por último vem o desenvolvimento do trabalho.



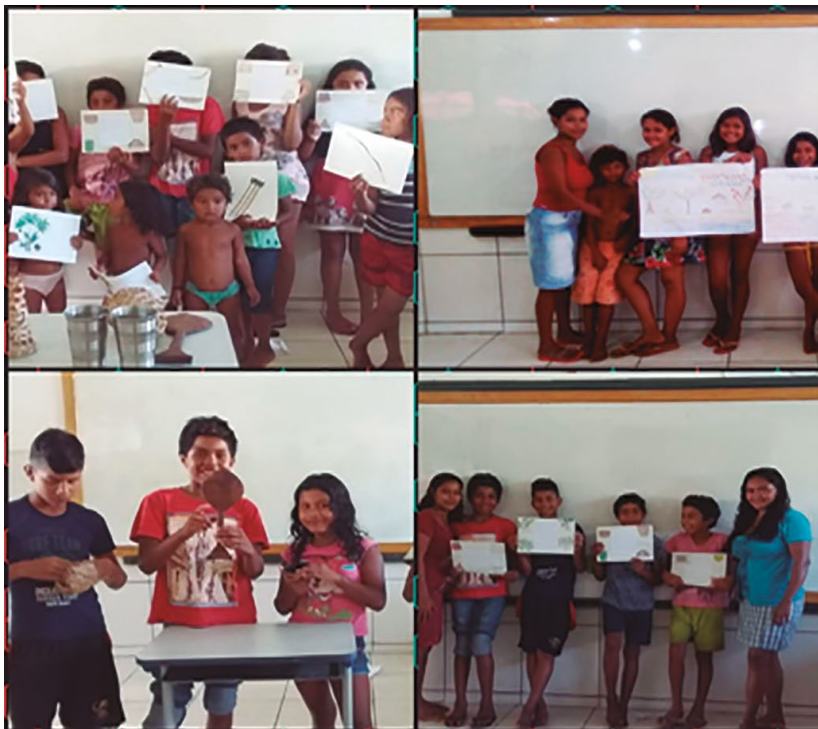
Nesse material, foi abordado a importância das plantas para o povo Tembê e o conhecimento da história do nosso povo sobre as plantas. Verificou-se a partir dos relatos a importância de se preservar e conservar as plantas, consequentemente a biodiversidade presente na nossa região.

O material trata também sobre as partes das plantas, como elas são utilizadas para construções dos artefatos e utensílios, contendo uma explicação qual deles estão presente nas nossas manifestações culturais e finalizamos o material com atividades sobre as temáticas vistas ao longo da cartilha.

APLICAÇÃO DA CARTILHA

A cartilha foi utilizada elaborada para alunos do 6º ano do ensino fundamental na Escola “Maria Francisca Tembê” (ver Imagem 1), localizada na aldeia Cajueiro. A estratégia pedagógica usada foi uma sequência didática, aplicada entre os dias 12 e 16 de agosto de 2019, totalizando cinco aulas, realizadas no decorrer da semana. A sequência didática pode ser definido como um conjunto de atividades encadeadas de passos e etapas ligadas entre si, logo o processo de ensino aprendizagem torna-se mais eficiente. Essa estratégia é usada, em especial, na educação infantil e no ensino fundamental (Gonçalves; Ferraz, 2016).

Imagem 1: Registro das aulas realizadas na turma do 6º ano da Escola “Maria Francisca Tembê”.



Fonte: Raíra Carneiro Noronha Tembê, 2019.



O primeiro momento de aplicação do material consistiu em um debate acerca da importância das plantas para o povo Tembé. A demonstração das plantas para os alunos em sala de aula, foi muito especial. Percebi que eles se envolveram muito bem, falaram dos tipos de plantas que eles conhecem e que artefatos são feitos com elas. Percebi que a forma como esse tema era tratado não valorizava os conhecimentos sobre as plantas sob a perspectiva indígena, reverter essa metodologia e conteúdo é bom para o fortalecimento da nossa cultura.

Essa minha observação se deu pelo fato do interesse dos alunos quando iniciei a contar como os Tembé viviam antigamente e suas relações com a natureza. A história tinha um ponto fundamental mostrar a eles como os indígenas se relacionavam harmoniosamente com a natureza e com sua espiritualidade, uma relação de respeito com o ambiente.

No segundo momento, iniciei a aula com tema: As partes das plantas utilizadas pelo povo Tembé. Expliquei sobre a importância de conhecermos as partes das plantas que são utilizadas para construções de artefatos e utensílios e os seus significados para nossa cultura. Nesse momento, apresentei aos alunos a cartilha didática educativa contendo as plantas que são usadas na produção dos artefatos e utensílios feitos pelos Tembé. Ao mostrar as imagens dos desenhos, percebi que a maioria dos alunos diziam “eu conheço essa planta” e logo falavam para que ela servia. Em seguida, expliquei passo a passo de cada parte das plantas e a sua importância para a nossa etnia. Mostrei ainda um paneiro e remo, expliquei detalhadamente como eles são feitos e quais as árvores e suas partes são utilizadas na confecção.

No terceiro momento, a aula ministrada foi sobre o tema: A importância do solo para as plantas. Iniciamos com uma roda de conversa, falamos sobre a importância do solo para as plantas, em seguida, perguntei o que eles sabiam sobre o solo. Depois de ouvi os alunos, falei sobre o solo, mostrando três tipos de solos que são encontrados na aldeia, são eles: o argiloso, o húmico e o arenoso.

No quarto momento, o tema abordado foi sobre os animais. Ressaltei na aula que os animais ajudam na propagação das plantas que fazem parte da cultura Tembé, como por exemplo a onça que devido a característica de sua pele e de seu comportamento serve de inspiração para algumas pinturas corporais, usamos pequenos círculos em nossas pinturas homenageando esse animal símbolo de resistência.

No quinto momento, o tema tratado na aula foi desmatamento. Debati sobre os prejuízos causados por esse problema, pois a derrubada das árvores pode ocasionar o assoreamento dos rios deixando-o cada vez mais seco e consequentemente os peixes irão morrer.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ressalto que o desenvolvimento deste trabalho foi uma experiência importante para minha formação como professora. Todos os conhecimentos adquiridos durante essa jornada fizeram eu refletir sobre a importância em mantermos nossos costumes e saberes, como forma de resistência. Destaco, no entanto, que há uma preocupação dos mais velhos em função dos avanços da tecnologia e o desinteresse dos mais novos com a nossa tradição. Nesse sentido, ressalto a fala de um dos entrevistados, Jonas Tembê, que fez o seguinte relato:

antigamente nós não tinha televisão e nem internet, hoje depois que chegou essas coisas a cultura mudou, todas as atividades que as mulheres e homens faziam as crianças estavam observando para aprender, agora os jovens não sabe fazer, eles só querem ficar assistindo televisão e mexendo nessa internet, tudo isso vai tirando o interesse em saber sobre nossos costumes. (Entrevista com Jonas Tembê, 2019).

Com essas palavras percebemos que os indígenas mais antigos, já notaram o desinteresse dos mais novos em relação às práticas e costumes tradicionais do povo Tembê. Uma estratégia para reverter esse quadro seria por meio da escola, abordando nesse contexto temáticas que envolvesse aspectos culturais do nosso povo. Nesse sentido, propus elaborar um material descrito aqui, um recurso didático diferenciado, baseado em conteúdo voltado para nossa realidade, mostrando a importância da nossa história.

Atualmente, os professores indígenas dispõem de poucos recursos que valorize o conhecimento tradicional. O processo de ensino e aprendizagem, ainda é pensado e executado nas mesmas perspectivas da sociedade majoritária e, desse modo, o material didático disponível é o mesmo das outras escolas.

Diante disso, esse trabalho foi planejado para fortalecer nossa cultura a partir das experiências dos nossos velhos, pois são eles que ainda mantem o saber tradicional vivo, nesse sentido é importante deixar um registro escrito para que não fiquemos apenas na oralidade.

A cartilha educativa proposta no âmbito desta pesquisa, além de ser um registro dos nossos costumes e história, é também um material didático específico diferenciado a ser utilizados na disciplina de ciências do ensino fundamental das escolas indígenas localizada na TAIRG. Assim, incentivamos a nossa cultura e esperamos que nossos conhecimentos sejam mais valorizados e preservados.



REFERÊNCIAS

BRASIL, *Resolução CNE/ CEB 5/2012*. Diário Oficial da União, Brasília, 25 de junho de 2012, Seção 1, p.7, MEC, 2012. Disponível em < http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=11074-rceb005-12-pdf&category_slug=junho-2012-pdf&Itemid=30192 > Acesso em: 4 fev. 2020.

GARCES, C.L.L.; PEREZ, S.E.G.; SILVA, J.A.; ARAUJO, M.O.; COELHO-FERREIRA. Objetos indígenas para o mercado: produção, intercambio, comercio e suas transformações. Experiências Ka'apor e Mebêngôkre-Kayapó. *Boletim Museu Paraense Emilio Goeldi Ciências Humanas*, v. 10, n. 3, p. 659-680, 2015.

GONÇALVES, A.V.; FERRAZ, M.R.R. Sequência didática como instrumento potencial da formação docente reflexiva. *D.E.L.T.A.*, v. 32, n. 1, p. 119-141, 2016.



O USO DE TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA: a problemática ambiental da Terra Indígena Alto Rio Guamá (TIARG)

**Enivaldo Sarmiento dos Santos Tembê⁶¹
Iêdo Souza Santos⁶²**

INTRODUÇÃO

A utilização de novos recursos tecnológicos no ambiente escolar vem crescendo nos últimos anos. Alguns equipamentos permitem situações que inovam o processo de aprendizagem, aumentando o interesse dos alunos pelas atividades propostas em sala de aula. Partindo dessa perspectiva e como membro da etnia Tembê, venho observando que nas nossas aldeias da Terra Indígena Alto Rio Guamá (TIARG), existem poucos registros documentados deixados pelos mais velhos, temos que buscar resgatar a memória e luta do nosso povo, para que sejam socializados com os alunos indígenas.

São vários os recursos tecnológicos disponíveis que podem ser usados para realizar esse registro e posteriormente ser compartilhado e utilizado em sala de aula. Dentre eles existem os áudios visuais, no qual se destaca o documentário, podendo ser classificado em longa, média e curta metragem em função de seu tempo de exibição.

Muitos temas precisam ser fortalecidos e registrados, entre os mais latentes estão às questões dos impactos ambientais na TIARG causados pelas invasões. Assim, procuramos produzir um documentário a partir dos conhecimentos das nossas tradições e nossa história sobre essa temática, pois, muitas das nossas histórias ainda são socializados apenas nos momentos de oralidade do cotidiano da aldeia. No entanto, esses momentos estão se tornando cada vez mais raros.

O motivo pelo qual esses conhecimentos não são repassados pelos mais velhos se deve à influência de alguns fatores decorrentes da tecnologia que cada dia vem com mais intensidade adentrando em nossas aldeias, assim como: a energia elétrica, a televisão, o computador, o celular, a internet entre outros, contribuindo para que esses momentos se tornem ainda mais difícil.

⁶¹ Egresso do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará – UEPA.

⁶² Docente do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará – UEPA.



A produção de um documentário baseado na problemática ambiental nas aldeias Tembê, além de melhorar a comunicação desses anciões e lideranças das aldeias, com os demais indígenas, também disponibilizará mais um recurso a ser ministrado em sala de aula, pois os materiais didáticos disponibilizados pelo Ministério da Educação (MEC) não atendem às necessidades de ensino em nossas escolas, pois são descontextualizados da nossa realidade.

O Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas – RCNEI, em atendimento às determinações da Lei de Diretrizes e Base Nacional – LDB de 1996, que estabelece enfaticamente a diferenciação da escola indígena das demais escolas do sistema pelo respeito à diversidade cultural e à língua materna e pela interculturalidade, o Ministério da Educação – MEC objetiva, com este material, auxiliá-lo no seu trabalho educativo diário junto às comunidades indígena (Brasil, 2005, p. 5)

O Referencial (Brasil, 1998, p. 94), ainda, cita sobre Terra e conservação da biodiversidade, nesse tópico podemos notar uma pequena abordagem, onde são colocados os seguintes pontos:

- Refletir sobre o que permaneceu e o que mudou nessas práticas produtivas e culturais.
- Conhecer outras práticas produtivas para o auto sustento de sociedade em condições ambientais e socioculturais similares.
- Como compreender as noções de recursos renováveis e não renováveis.
- Compreender a noção de atividades predatório.
- Participar da busca das alternativas de auto sustento a partir das condições sócio ambientais atuais.
- Participar da busca das alternativas de comercialização mercados regional, nacional e internacional.
- Conhecer procedimentos e Técnicas, adequadas culturalmente corretas, que permita o enriquecimento alimentar e a melhora das condições de vida e saúde.

Nesse sentido, este trabalho traz relatos de experiências da aplicação de um material didático do tipo documentário, baseado na ideia de curta metragem, narrando os impactos ambientais na TIARG, causado por invasores nas terras indígenas, foram registrados relatos orais de indígenas que vivenciaram essas transformações.

Finalmente, o objetivo principal deste trabalho foi produzir um documentário com o tema: “Os Impactos Antrópicos no Ambiente da Terra Indígena Alto Rio Guamá - TIARG”, com a participação dos indígenas mais antigos das aldeias sobre os problemas ambientais observados ao longo dos anos na TIARG para ser utilizado como material didático de apoio na educação indígena.



METODOLOGIA

Nesse tópico será descrito a produção do documentário, baseado na metodologia de curta metragem. Assim, buscaremos sanar a necessidade de novos conteúdos sobre a cultura indígena e seu olhar sobre os impactos ambientais na TIARG, os registros orais foram feitos a partir de entrevistas com as principais lideranças identificadas com destaque na luta e resistência da preservação da cultura Tembé (Imagem 1):

Imagem 1: Algumas lideranças indígenas Tembé das aldeias do Alto Guamá e Alto Rio Gurupi: a) Piná Tembé – Cacique e liderança da aldeia Ituaçu, esteve à frente organizações indígenas como: Conselho distrital de saúde, presidente da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB) e atuante em várias frentes de lutas em defesas dos direitos dos povos indígenas do Brasil, Clemente Tembé – Cacique e Liderança da Aldeia Zahar uhu, foi um dos primeiro presente da associação criada na Terra Indígena do Alto Rio Guamá, teve um papel fundamental na criação de vários projetos desenvolvidos nas aldeias da região do Guamá e também no que se diz respeito ao combate as invasões de poceiros na TIARG, Claudio Tembé – ex-funcionário da FUNAI, hoje é uma das pessoas mais experiente das aldeias do Guamá e tem um vasto conhecimento e vivencia sobre a cultura Tembé e as transformações que ocorreram ao longo do tempo, e Brasiice Tembé – liderança da aldeia Susuarana, uma mulher que luta para manter a cultura viva e defensora do seu território.



Fonte: Enivaldo S. dos S. Tembé, 2019.

Na elaboração do roteiro de entrevista, primeiramente, foi realizado uma pesquisa bibliográfica, as perguntas foram baseadas nos problemas ambientais levantados e discutidos por Abi-Eçab (2011), segundo esse autor, as principais atividades humanas que configuram ameaças às terras indígenas são: mineração e garimpo, assentamento de reforma agrária, extração de madeira, arrendamento de terras indígenas, parcerias agropecuárias, agrotóxicos, transgênicos, espécies exóticas invasoras, uso do fogo, biopirataria, fragmentação de áreas, caça e monocultura.



Para registrar e documentar as experiências e histórias dos mais velhos, utilizamos o princípio do curta metragem, pois esse recurso, tem características próprias, no qual varia seu tempo de duração, no entanto, recomenda-se não ultrapassar 30 minutos, segundo Moletta (2009, p. 17),

[...] equipara-se ao conto na literatura: trata-se de uma forma breve e intensa de contar uma história [...] esse formato de cinema tem como principais características a precisão, a coerência, a densidade e a unidade de ação ou impressão parcial de uma experiência humana.

Esse recurso audiovisual pode ser um instrumento de crítica social no processo de ensino aprendizagem, no entanto, devemos ter a noção que a produção desse gênero tem como principal objetivo passar uma mensagem baseada em fatos e documentos reais.

Produção do documentário

Foram realizadas entrevistas em sala de aula com os alunos, e na comunidade com anciãos e lideranças indígenas e, após a coleta de informações, foi elaborado um documentário mostrando a importância da preservação do ambiente, visto que essas são práticas vivenciadas no cotidiano da aldeia, mas que devem ser sempre lembradas e praticadas, para que possamos preservar o meio onde vivemos com mais consciência crítica em relação ao meio ambiente.

Para tanto foi elaborado um questionário norteador para os entrevistados com as seguintes perguntas: idade, local onde mora, histórias vivenciadas e sua participação, e a importância de manter a preservação do meio na TIARG.

As entrevistas com o ancião Claudio Tembé, que fez seus relatos, de como era a floresta antes e como está agora. Uma das falas explicita a importância da manutenção da cultura e, a união como eixo fundamental para seu povo. As entrevistas foram com os senhores, Clentente Tembé, Piná Tembé, Valdeci Tembé, e as senhoras Celia Tembé e Brasilice Tembé

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a aplicação o documentário feito, que contém várias entrevistas de pessoas mais experientes da etnia Tembé que ainda mantêm os conhecimentos sobre os impactos ambientais que ocorreram ao longo do tempo até os dias atuais, organizei dentro de uma proposta de sequência didática as discussões e proposições para a escola Indígena no Ensino Médio nas disciplinas de História, Geografia e Biologia.

Aplicação do material didático

Em junho de 2019, foram aplicadas algumas atividades, conforme pode ser visualizado na Figura 2, aos alunos do 3º ano do ensino médio da Escola



Indígena Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Francisco Magno Tembê”. Localizada na aldeia São Pedro pertencente a reserva Alto Rio Guamá, essa escola pertence ao município de Santa Luzia do Pará.

Imagem 2: Aplicação do material didático na *Ramada* (Local onde são realizados eventos culturais e reuniões) (A) e sala de aula (B e C).



Fonte: Enivaldo S. dos S. Tembê.

A faixa etária dessa turma está entre 17 e 20 anos de idade. Essa aplicação aconteceu durante cinco dias. Apesar dos conteúdos extensos, procuramos organizar a sequência didática em cinco planos de aulas. Os recursos utilizados foram: quadro branco e projetor digital. Posteriormente, realizamos entrevistas com os alunos, para saber a percepção referente ao conteúdo socializado.

O resultado dessa aplicação contribuiu na produção um material didático do tipo documentário que tem o intuito de conscientizar os alunos sobre a importância de se preservar e fortalecer os conhecimentos tradicionais da etnia Tembê.

Nesse sentido, foi importante trabalhar as interferências antrópicas no ambiente da TIARG, isso se fez necessário para preservação do ambiente em que vivem e na sociedade em geral, visto que esses são hábitos que todos deveríamos ter para que possamos manter o ambiente limpo e preservado.

Cabe mencionar que ao longo da aplicação das atividades, encontramos algumas dificuldades, por conta do cronograma de aulas da turma, e até mesmo no âmbito externo. No primeiro dia, iniciamos a aula com apresentação para a turma, explicando aos alunos os temas que seriam abordados e como se daria os trabalhos. No início da aula observei que os alunos estavam um pouco cansados por conta das avaliações que estavam acontecendo. Além da timidez deles, por isso, nem todos comentaram o conteúdo abordado em sala de aula.



No segundo dia de aula foi apresentado o que seria trabalho no segundo e no terceiro. Como já mencionado anteriormente, os alunos estavam em período de avaliação, e encerramento do primeiro semestre, por conta disso aplicamos dois planos de aulas no mesmo dia. No primeiro momento, apresentamos os conteúdos com o auxílio de um projetor multimídia, mostrando as fotografias de lugares ou paisagens onde ainda havia floresta nativa e, onde já havia sido desmatado. Procuramos entender a percepção dos alunos quanto à ambientes modificados. Alguns alunos responderam e outros ficaram em silêncio. Falamos sobre a importância de mantermos a floresta viva e preservada. Após essa conversa, foi realizado um *feedback* em sala, sobre os conteúdos abordados.

No segundo momento, tratamos sobre caça e pesca ilegal e também foi explicado aos alunos a importância dessa preservação ambiental não só na nossa região, mas no contexto em geral. Em seguida, foi perguntado aos alunos, se eles sabem os tipos de animais existente em nossa região. Eles responderam que ainda existem vários tipos de animais, apesar do desmatamento crescente na região. Após as respostas foi feita algumas considerações sobre o que eles haviam falado em relação ao tema e, em seguida, falamos sobre os povos indígenas e os impactos da colonização europeia, trazendo uma reflexão sobre o conteúdo discutido em sala.

No terceiro dia, colocamos em prática as aulas quatro e cinco. Iniciamos a aula com a apresentação à turma, em seguida foi proposto aos alunos que fizessem um círculo para melhor organização em sala de aula, após a organização dos alunos falamos sobre poluição e assoreamento dos rios e igarapés (o que provoca?). Acúmulo de lixo (materiais descartáveis vindos das cidades para os rios próximos das aldeias) também foi um do assunto trabalhado na quarta aula. Teve, ainda, explanação sobre a importância no nosso contexto social, cultural e ambiental.

Em outro momento, aplicamos o quinto plano de aula, propondo aos alunos que fizessem uma roda de conversa para fazermos às avaliações de todos os conteúdos abordados durante as aulas anteriores. Como eles já estavam em forma um círculo isso facilitou a organização dos alunos em sala de aula. Em seguida, trabalhamos alguns dos tópicos como: invasões na TIARG; exploração ilegal de madeira; formação de pastos; roçados; queimadas descontroladas; caça e pesca; assoreamento de rios e lixo.

Após esse momento propus aos alunos que falassem sobre os temas apresentados no quadro ou escolhessem o que eles julgavam interessante, nesse momento, como havia um fotógrafo fazendo a filmagem da aula, os alunos ficaram um pouco tímidos, no entanto, falamos aos alunos que os temas ficavam a critério deles. Que podiam falar do tema que quisessem, a partir daí, começaram a falar aleatoriamente dos temas abordados no quadro e quase todos conseguiram falar da importância desses temas para a nossa comunidade.



Quando os alunos estavam fazendo a apresentação oral sobre os temas estudados, observei que alguns ainda estavam tímidos, isso ocorreu porque eles não estavam acostumados a participar de aulas com alguém fazendo filmagem. Essa prática de filmagem em sala de aula, fez com que eles ficassem tímidos, dificultando a concentração no momento da fala. Nessa aula, apesar da timidez dos alunos na frente da câmera, eles conseguiram realizar a atividade com sucesso, e no final da aula perguntei a eles se haviam gostado das aulas. A resposta foi positiva, apesar de ter alguém filmando. Mesmo assim, as aulas foram bem produtivas. Finalizamos com um agradecimento aos alunos pela participação, compreensão e atenção durante as aulas. Por fim, servimos um lanche aos alunos que participaram das aulas e a outros que apareceram nesse momento.

Participação dos alunos na aplicação da sequência didática e dos planos de aulas

Ao iniciar a aplicação da Sequência Didática e os planos de aulas sobre a temática observei que, os alunos estavam tímidos e com muita vergonha de falarem sobre o tema abordado. Imaginei que estavam assim, porque eles ainda não tinham tido aulas com a minha presença em sala, e que isso fez com que eles ficassem assim nesse momento. Falei para eles se sentirem à vontade em sala e que não iria fazer nada do que eles não queriam, assim ocorreu em todas as aulas.

Após a aplicação das aulas, observei que a conversa com os alunos em sala de aula, e a metodologia utilizada durante as aulas, facilitaram na compreensão dos alunos do 3º ano do ensino Médio da Escola Francisco Magno Tembê. Verificou-se também que os alunos desenvolverem um bom resultado na questão da oralidade, nos momentos das aulas, visto que no início das aulas estavam tímidos com a minha presença mais com a segurança que passei para eles nos momentos das aulas, eles se sentiram à vontade para falar sobre o tema.

Esse trabalho, estava previsto para ser aplicado para a turma do 3º ano do ensino médio, mas como as aulas estavam interessantes acabou chamando a atenção e o interesse de outros alunos de outras turmas como: alunos do 7º ano, 1º ano do ensino médio, uma professora indígena e uma aluna já concluinte do 3ºano. Nesse trabalho, tanto os meninos quanto as meninas não tiveram dificuldades na questão da oralidade, e na participação das aulas, sendo que todos eram adolescentes e estavam empenhados em participar das aulas.

O resultado desse trabalho foi que, tanto os alunos da turma que estava previsto a aplicação, quanto os demais alunos tiveram a oportunidade de conhecer melhor e de falar de sua própria realidade sobre os impactos ambientais causados pelas invasões na TIARG, e com essa aplicação tive a oportunidade de coletar as informações através de entrevistas em sala de aula com os alunos.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse período de estudo, de quatro anos, no curso de Licenciatura Intercultura Indígena, da Universidade do Estado do Pará (UEPA), adquirir conhecimentos que contribuiu em meu aprendizado enquanto acadêmico desse curso. Esses conhecimentos me possibilitaram elaborar um material didático do tipo documentário, específico sobre os impactos ambientais observados nas aldeias ao longo do tempo.

Ressalto que esse material poderá ser trabalhado nas escolas indígenas do Alto Rio Guamá e Gurupi, nas turmas do ensino fundamental e médio, dependendo da metodologia que o professor utilizará para cada turma e ano.

O registro documental contendo informações sobre os conhecimentos tradicionais, histórico de invasões e seus impactos ao ambiente da TIARG, torna-se uma possibilidade em forma de material didático específico a ser utilizados nas escolas das aldeias, mostrando aos alunos indígenas a importância da preservação cultural, histórico e ambiental, a partir de um trabalho educativo.

Os conhecimentos registrados através desse documentário, ajudarão a desenvolver e a fortalecer a percepção crítica não só dos jovens, mas também daqueles Tembé que tiverem contato com esse material.

Para que esses conhecimentos tradicionais da etnia Tembé não se percam é importante tê-los sempre registrados para que as futuras gerações possam ter o acesso ao conhecimento de sua etnia e a sua importância na preservação do meio ambiente como um todo.

A partir da aplicação da sequência didática e dos planos de aulas, observei que os as interferências antrópicas no ambiente da TIARG devem ser trabalhadas não só em sala de aula, mas também no contexto social da aldeia, mas o que se percebe hoje é que as comunidades indígenas em geral colocam a responsabilidade somente na escola, como se o aprendizado só ocorresse no ambiente escolar.

Percebi também que os alunos que participaram das aulas, tiveram interesse nas atividades realizadas em sala mesmo estando nitidamente tímidos. Foi gratificante poder contribuir na socialização desses conhecimentos com eles, visto que são informações sobre a nossa etnia e que devem ser repassados de geração a geração.

Concluo aqui esse trabalho, mas espero que em outro momento darei continuidade nessa pesquisa, visto que este é só o início de outro que virá. Portanto, a elaboração desse material didático do tipo documentário foi importante, porque conseguir elaborar um curta-metragem, construído por um indígena Tembé do Alto Rio Guamá. Assim, é com muita satisfação que finalizo esse trabalho.



REFERÊNCIAS

- ABI-EÇAB, P. C. Principais ameaças ao meio ambiente em terras indígenas. *Planeta Amazônia: revista internacional de direito ambiental e políticas públicas*, Macapá, n. 3, p. 01-17, 2011.
- BRASIL. *Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas*. Ministério da Educação, Brasília, 2005.
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado Federal, 1988, 429 p.
- LOPES, P. K.; NANEMANN, S. M. A. O curta-metragem como instrumento de ensino dos direitos humanos nas aulas de língua portuguesa. *V Seminário internacional sobre profissionalização docente*, Paraná, 2015.
- MOLETTA, A. *Criação de curta-metragem em Vídeo Digital: uma proposta para produções de baixo curso*. São Paulo: Summus, 2009. 142 p.
- VALENTE, R. M.; AMORAS, E. *Gestão ambiental e territorial da Terra Indígena Alto Rio Guamá: diagnóstico etnoambiental e etnozoneamento*. Instituto de desenvolvimento florestal da biodiversidade. Ideflor-Bio: Belém, 2017.



25

AS FONTES ECONÔMICAS DA ALDEIA CAJUEIRO COMO CONTEXTO PARA O ENSINO DE MATEMÁTICA NA ESCOLA INDÍGENA

André Francisco Tembê⁶³

Eliana Ruth Silva Sousa⁶⁴

INTRODUÇÃO

Ainda hoje, quando se fala em educação escolar indígena, nos deparamos com vários obstáculos a serem superados: um deles é a falta de materiais didáticos interculturais e específicos, que respeitem a particularidade do povo Tembê e que estejam disponíveis nas escolas para atender às necessidades dos professores e alunos. Por outro lado, um dos problemas encontrados na comunidade Tembê da aldeia Cajueiro, situada na região do Gurupí, é a utilização insuficiente das potencialidades econômicas da localidade, o que foi mostrado por uma pesquisa realizada nesta aldeia durante uma disciplina de Matemática do curso Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará.

Este trabalho é de suma importância porque vem trabalhar os conteúdos de matemática respeitando a particularidade e o contexto da educação escolar indígenas Tembê e assim facilitar o ensino e aprendizagem por parte dos alunos. Através desse material os alunos possam despertar o interesse em experimentar e conhecer as diferentes possibilidades de fontes econômicas na aldeia.

Dessa forma, foi produzida uma cartilha didática para abordar os aspectos econômicos da aldeia Cajueiro na disciplina de matemática na turma do 9º ano do Ensino Fundamental. A cartilha mostra a importância do assunto para o ensino e aprendizagem desses alunos, elencando conhecimentos tradicionais e conhecimentos específicos disciplinares que permitam aos alunos refletirem sobre o assunto e encontrar alternativas para a resolução de seus problemas econômicos.

Os desafios com relação as atividades econômicas da aldeia Cajueiro são inúmeros, mas uma das atividades que vem ganhando destaque é a atividade produtiva, e já é a mais praticada pelas famílias desta aldeia. Os produtos mais

⁶³ Egresso do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará - UEPA.

⁶⁴ Docente do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará - UEPA.



cultivados são: milho, arroz e a mandioca. Que são produzidos tanto para o consumo quanto para vender.

Nesse cenário, propomos como objetivo geral: discutir os resultados no processo de ensino e aprendizagem dos alunos de uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental, após a aplicação do material didático com a temática fontes econômicas da aldeia cajueiro, identificando de que maneira esse material pode despertar nos alunos interesse em encontrar alternativas econômicas que possam complementar a renda de suas famílias. Como objetivos específicos propomos: identificar quais os meios que contribuem para construção de uma cartilha educativa de matemática com o conteúdo de educação financeira; relatar como a cartilha educativa com o conteúdo específico de educação financeira pode ser trabalhada no ensino aprendizagem de alunos do 9º ano do ensino fundamental; analisar de que maneira a cartilha específica de educação financeira facilitou o ensino e aprendizagem dos alunos do 9º ano nas escolas Tembê.

FONTES ECONÔMICAS DA ALDEIA CAJUEIRO E O ENSINO NA ESCOLA INDÍGENA

A Terra Indígena Alto Rio Guamá (TIARG) está localizada entre a margem direita do Rio Guamá e a margem esquerda do Rio Gurupi. Uma terra já homologada que possui 299 mil hectares de extensão, com 20 aldeias somente na região do Gurupi, uma delas é a aldeia Cajueiro que está entre as três maiores aldeias desta região e concentra uma população aproximada de 300 habitantes e fica localizada à margem esquerda do rio Uraim.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI), o ensino de matemática deveria estar atento a três campos de estudos: o estudo dos números e das operações; o estudo do espaço e das formas e o estudo das grandezas e medidas (Brasil, 1998).

Além disso, o RCNEI orienta que essas três áreas são de extrema importância para o estudo de matemática no ensino básico. Apesar de não estarem ligados entre si, são evidentemente, complementares. Dessa forma, devem ser tratadas de maneira interligadas no processo ensino e aprendizagem nas escolas indígenas. Além disso, é importante lembrar que na sala de aula eles podem ser trabalhados de maneira simultânea, ou seja, articuladas entre si. Isto é necessário para que os alunos percebam relações entre os conteúdos desses três campos da matemática com outras áreas do conhecimento como a Biologia, a Geografia, entre outras. Isto permite que os alunos percebam a estreita relação entre o estudo da matemática e o mundo que os cerca.

Mesmo estando garantido no RCNEI ou até mesmo em outros decretos do governo federal que garantem uma educação escolar indígena diferenciada, bilíngue e de qualidade e que seja gerida pelos próprios indígenas, isso ainda está



muito longe de se tornar realidade. Na atualidade, muito pouco tem sido feito em prol da melhoria da educação escolar indígena para que realmente ela tenha significado na vida dos alunos e principalmente que se torne de qualidade. Na maioria das vezes, a educação escolar que chega para os indígenas é imposta pelas secretarias de educação do governo, muitas até ferindo princípios básicos dos próprios indígenas no que se refere a educação, como por exemplo, o direito de ser o próprio protagonista na construção do processo educacional de seu povo.

Quando falamos em matemática fica fácil associá-la a números e cálculos, mas nas comunidades indígenas a matemática pode ser usada de várias formas, por exemplo, o amor também é usado pela matemática, quem ama ou tem compaixão pelo outro parente precisa dividir os bens com o outro.

A utilização dos recursos e sua organização em relação as necessidades humanas é a economia de uma sociedade. No que se refere a relação dos indígenas com mercado e consumo, Sousa (2011) afirma:

Apesar de toda a diversidade sociocultural, variedade de processos históricos vividos e diversificação de contexto atuais, para a grande maioria dos povos indígenas brasileiros, existe a dependência e o desejo de consumo e serviço do mercado.

A necessidade de geração de renda, portanto, é uma realidade para a maior parte desses povos, através da assistência, do assalariamento, mas também da construção de “alternativas econômicas sustentáveis.

A inserção da economia indígena no mercado, que inclui a comercialização de seu produto necessita de instrumento capazes de garantir a articulação entre os “ganhos econômicos” e a realidade sociocultural indígena.

Desta forma, a comercialização dos produtos indígenas apresenta um importante desafio na busca pela sustentabilidade econômica indígena nos dias de hoje. (Sousa, 2011, p. 52).

Os produtos indígenas enfrentam muitas dificuldades para serem comercializado no mercado, dificultando o desenvolvimento econômico dos povos indígenas. Para serem superados os desafios com relação aos produtos indígenas é necessária uma política pública que facilite e garanta a comercialização no mercado de maneira segura e que respeite as diversidades culturais dos povos indígenas, pois os indígenas Tembé possuem diferentes maneiras de se relacionar economicamente.

A Tembé Antônia Guajajara explica, durante entrevista, um pouco sobre o funcionamento de sua renda familiar

A minha renda familiar vem da fonte econômica artesanato e agricultura, pois é na roça que plantamos os legumes que usamos para o nosso consumo como o milho, arroz, farinha e outros, já o artesanato fazemos para vender e pegar dinheiro para compra os objetos que não podemos produzir. (Antonia Guajajara, 2019).

Podemos observar na fala da entrevistada que as fontes econômicas têm uma grande importância para as famílias da aldeia Cajueiro, é através delas que



as famílias garantem o seu sustento, sem falar no valor cultural que elas representam para o povo Tembê.

A fala de outra entrevistada Nanci Pereira Leitão, explicando de onde obtém o sustento de sua família:

O sustento da minha família nós tira da roça, porque nós não temos nenhum ganho de benefício social, nós vive é da roça, da produção de milho e farinha, nós planta para comer e vender, eu também faço artesanato cuia, maracá, pulseira, colar, a gente vende para as pessoas que vem visitar a nossa aldeia, essa atividade é bom para nós porque foi assim que nosso pai ensinaram para nós e também essas atividades é importante para a cultura Tembê por isso que eu ensino para meus filhos e netos para que eles mantem também os conhecimentos da nossa cultura (Nanci Pereira Leitão, 2019).

De acordo com a entrevista, as atividades econômicas praticadas pelas famílias da aldeia Cajueiro têm um grande significado tanto financeiro como cultural, pois através delas são retiradas toda a renda para o sustento das famílias, além disso os conhecimentos tradicionais utilizados na prática dessas atividades são repassados para as novas gerações.

Entendemos que em qualquer sociedade é preciso que as pessoas conheçam diferentes maneiras de obter os produtos necessários para uma vida justa e digna. Nas comunidades indígenas, esse conhecimento envolve duas culturas, a do indígena e do não indígena, que precisam dialogar para encontrar as melhores soluções no sentido de oferecer oportunidades de obtenção de produtos e serviços que levem em consideração tudo que envolve a cultura indígena.

PRODUÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO

Para a produção do material didático foi realizada entrevistas com famílias da aldeia Cajueiro, foram entrevistadas 5 pessoas moradoras da aldeia, onde elas tiveram que responder algumas perguntas com relação ao assunto fontes econômicas. Além disso, pesquisamos em vários artigos e livros que discutissem a questão das fontes econômicas e sobre a educação escolar indígena.

Após realizar a pesquisa, organizamos os resultados e iniciamos a elaboração do material didático. Fizemos ilustrações com imagens dos processos que ocorrem na produção de cada fonte econômica. Ao mesmo tempo, buscamos uma metodologia mais eficaz para trabalhar os conteúdos de matemática sobre fontes econômicas da aldeia Cajueiro, assim, organizamos seguindo a sequência de cada conteúdo composto no material didático. As ilustrações da cartilha são de autoria de Leticia Tembê, foi usado desenhos ao invés de fotos por considerar-se mais atrativo para os alunos.

Como a maioria das pessoas entrevistadas relataram trabalhar com as atividades de agricultura e artesanato e que o maior desafio é a aceitação dos



produtos no mercado, surgiu uma sugestão importante dos entrevistados de se trabalhar com os alunos em sala de aula a importância de se trabalhar a qualidade dos produtos indígenas para a comercialização dentro e fora das aldeias. A partir desse fato, elencamos quais as fontes econômicas mais trabalhadas na aldeia Cajueiro, no caso foram: a agricultura, o artesanato, a caça e pesca e o extrativismo. Assim, foram definidas para serem trabalhadas no material didático bem como, os produtos que mais são vendidos pelas famílias desta aldeia no caso: o milho, o arroz, a mandioca e a banana por parte da agricultura e; no caso do artesanato são: a pulseira, o brinco, a cuia e o colar.

O material é composto de trinta e oito páginas com várias atividades em uma sequência didática com quatro temáticas envolvendo o ensino de matemática. Nas páginas iniciais apresentamos algumas das fontes econômicas existentes em nossa cultura.

Na primeira temática o objetivo é buscar instigar os alunos para que eles possam expressar seus conhecimentos prévios sobre o que sabem sobre as fontes econômicas indígena Tembé. Essas informações serão importantes para o progresso da aula, pois passamos a conhecer melhor nossos alunos e seus conhecimentos sobre o tema, isso ajudará a ajustar as aulas futuras.

A segunda temática abordada no material tem o objetivo de estimular no educando a curiosidade e o espírito de investigação, desenvolvendo a capacidade para interpretar, compreender e resolver problemas matemáticos, com relação as atividades econômicas das famílias da aldeia Cajueiro. Os alunos são convidados a fazer uma pesquisa de campo com as famílias para aprofundar seus conhecimentos sobre o tema. A partir do resultado dessa pesquisa, problematizam-se e elaboram-se questões pertinentes ao contexto da aldeia, estabelecendo um diálogo entre os saberes indígenas e científicos matemáticos.

Na terceira temática, os alunos são convidados para participar de uma roda de conversa para falarem sobre o que eles entendem sobre atividades econômicas.

Para finalizar foram discutidas questões sobre a influência do capitalismo na vida dos indígenas e sobre a importância de se manter e saber lidar com o modo de vida do não indígena. Sobre a importância da utilização consciente dos recursos naturais que ainda temos, mas que se não forem cuidados podem acabar.

A cartilha foi colocada em prática no segundo semestre de 2019, na escola Maria Francisca Tembé Aldeia Cajueiro do município de Paragominas com alunos do 9º ano do ensino fundamental e 1º ano do ensino médio. A prática com o material didático nos ajudou a melhorar a proposta e fazer ajustes nas atividades da cartilha. A intenção foi verificar as possibilidades e limites de utilizar um material didático, que se pretende intercultural, produzido por um professor indígena, contribuir para a efetivação de uma educação escolar indígena, pensando nos



princípios da igualdade social, da diferença, da especificidade, do bilinguismo e da interculturalidade para as escolas indígenas.

RELATO DA PRÁTICA COM O MATERIAL DIDÁTICO

O material didático está estruturado com a capa, sumário, apresentação e os tópicos temáticos; cada tópico contém um conteúdo sobre as atividades econômicas mais praticadas na aldeia Cajueiro composta com atividades complementares.

Capa da cartilha e Interior da Cartilha

Imagem 1: Material didático construído.



Fonte: André Francisco Tembê, 2019.

Inicialmente conversamos com os professores das turmas para solicitar que concedessem o tempo necessário com as turmas para as atividades com o material didático. Os professores concordaram com a proposta e, assim, marcamos os dias e horários.

No dia 28 de setembro 2019, pela manhã, foi aplicada a primeira atividade, com a temática artesanato com a turma do 1º ano do Ensino Médio, onde foi apresentado o assunto fontes econômicas da aldeia Cajueiro. Naquele momento trabalhamos o tema do artesanato, foi explicado quais eram os artesanatos mais produzidos na comunidade, segundo algumas pessoas entrevistadas na comunidade. Após esse momento, levamos a turma até a casa da artesã Antônia Guajajara, para que eles pudessem ver como são confeccionados os artesanatos e quais os que são mais produzidos. Durante a entrevista com a artesã, ela falou que os materiais que são usados para confeccionar os artesanatos já estão ficando escassos.



Uma aluna fez duas perguntas para a entrevistada: 1) Quem ensinou a senhora a fazer artesanato? 2) A senhora está repassando esses conhecimentos para seus filhos?

Ela respondeu que ela tinha aprendido com a mãe dela, vendo sua mãe confeccionando as peças de artesanatos, falou também que ensina e que quase todas as filhas trabalham com a confecção de artesanatos. Explicou e mostrou alguns artesanatos e os materiais utilizado na confecção.

Imagem 2: Momento de visita na casa de Antônia Guajajara



Fonte: Ana Dayse, 2019.

Logo após, retornamos para a escola e fizemos uma roda de conversa para que os alunos falassem o que eles tinham achado da aula, uma aluna falou que na família dela não trabalham com artesanato, mas que ela achou muito importante o que aprendeu, porque mostrou que é possível adquirir uma renda complementar com a venda de artesanatos. Outra aluna falou que trabalha com artesanatos e que é a única esperança de obter uma renda. Após a fala das alunas foi feito um breve relato falando da importância do artesanato como fonte econômica para a manutenção da cultura do povo Tembê. Em seguida, encerramos a aula agradecendo aos alunos e a professora da turma.

No dia 28 de setembro de 2019, pela parte da tarde, demos continuidade a aplicação da cartilha, agora com o tema extrativismo. Explicamos sobre o conteúdo abordando. Debatesmos teoricamente sobre a importância das frutas



encontrada na floresta da TIARG, depois falamos da importância da preservação das árvores frutíferas para as famílias da aldeia Cajueiro e como os produtos podem ajudar na complementação da renda familiar. Após a explicação teórica, como não havia mais tempo, não foi possível levar a turma para uma aula passeio, conforme planejado, para que eles pudessem ver algumas espécies de árvores frutíferas da região, por isso passamos uma atividade com questionamentos sobre o assunto para identificar a compreensão dos estudantes.

Enceramos a aula fazendo uma breve roda de conversa com os alunos para que eles falassem sobre o assunto tratado. Uma aluna falou que gostou muito do assunto e que muitos produtos da natureza se estragam no mato e poderia ser vendido para adquirir mais recurso e assim poder comprar outros produtos de sua necessidade. Outro aluno falou da importância do assunto, porque assim eles podem perceber como obter uma renda com a venda de produtos da floresta. Após esse momento encerramos a aula fazendo os agradecimentos para os alunos e para a professora da turma.

Conforme planejado, no dia seguinte pela manhã, trabalhamos o assunto atividade agrícola da aldeia Cajueiro para a turma do 9º do ensino fundamental. Iniciamos a aula falando da importância dessa atividade para o sustento das famílias da aldeia para a continuação dos costumes culturais do povo Tembé. Já que para o cultivo e colheita de alguns produtos são usadas técnicas que vêm sendo repassadas a várias gerações. Em seguida, mostramos por meio de slides imagens de alguns produtos cultivados e vendidos pelas famílias da aldeia Cajueiro, e passamos, ainda uma atividade para que os alunos pudessem fazer suas considerações sobre o assunto.

Na parte da tarde do dia 29 de setembro, retornamos à sala de aula com a mesma turma para aplicação do último tema do material didático: a caça e pesca. No início falamos da importância da prática dessa atividade de maneira sustentável, para que no futuro os animais caçados e pescados não venham ficar escassos ou até mesmo serem extintos já que algumas espécies já são encontradas em quantidades menores nesta região. Em seguida apresentei, por meio de slides, imagens mostrando de que maneira esses animais são consumidos e vendidos pelas famílias da aldeia Cajueiro. No momento seguinte, passamos uma atividade para os alunos com as seguintes perguntas: 1) a sua família pratica esse tipo de atividade? 2) se na sua família são consumidos 30 kg de peixe por mês, quantos quilos de peixe a sua família consome por ano? 3) na comunidade Cajueiro existem 68 famílias, cada uma consome, em média, 30kg de peixe e 20kg de carne de animais retirados da TIARG por mês; 3.a) quantos kg de peixe a comunidade Cajueiro consome em um ano? 3.b) quantos kg de carne é consumido pela comunidade durante seis meses? 4) se 1kg de carne custa R\$10,00 reais, quanto uma família que consome 30 kg de carne por mês gasta para comprar carne durante um ano?



Com base nas respostas dos alunos podemos dizer que o material didático produzido teve um resultado satisfatório, pois os alunos se mostraram interessados em conhecer melhor o conteúdo abordado.

Alguns alunos relataram que estudar sobre as fontes econômicas fez com que eles refletissem melhor sobre os alimentos consumidos na sua casa, de maneira consciente, sem desperdiçar e até pensar no reaproveitamento de alguns produtos. Com esse entendimento todos conseguiram responder as atividades sobre fontes econômicas na disciplina de matemática. Outro ponto relatado por eles foi da maneira que foi abordado o conteúdo, isso facilitou o entendimento deles com relação ao assunto, fazendo com que eles gostassem de estudar matemática.

Com este material observamos que os alunos tiveram um grande desempenho por parte da aprendizagem da disciplina de matemática com relação as fontes econômicas da aldeia Cajueiro, onde todos tiveram o acesso ao material didático produzido e ampliaram seus conhecimentos tradicionais e matemáticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a aplicação do material pudemos observar que os alunos tiveram um rendimento expressivo em relação ao conteúdo apresentado. Com base nisso, é possível afirmar que o material didático pode ser usado como um meio de ensino e aprendizagem na escola indígena para obter resultados satisfatórios no ensino, uma vez que o material foi produzido baseado nas particularidades e costumes específicos do cotidiano dos alunos.

Nesse sentido, afirmo que o curso de Licenciatura Intercultural Indígena foi muito importante, porque nos proporcionou a oportunidade de estarmos nos qualificando cada vez mais para estarmos habilitados a exercer a profissão de professor para o ensino de matemática no futuro.

Sobre o projeto desenvolvido considero que ele é muito importante para a escola, porque foi pensado de acordo com a especificidade da escola da aldeia Cajueiro, por ser um material produzido por um indígena e que teve a participação direta da comunidade. Quem também ganha com a produção do material são os alunos, porque passam a ter um material pensado exclusivamente para facilitar o entendimento por parte desses alunos, levando em consideração as sugestões de seus familiares.

A pesquisa ajudou no aprimoramento das minhas metodologias de ensino, porque pudemos testar metodologias diferentes na hora de colocar em prática o material didático em sala de aula. Outra coisa que o projeto ajudou foi na organização e planejamento de ensino, porque aprendemos como fazer um bom planejamento na elaboração e aplicação da aula. Entendemos que a cartilha deve ser usada também em outras escolas da região.



Considerando o que foi trabalhado na prática com o material didático, podemos dizer que os objetivos traçados no início da elaboração do projeto foram alcançados, isso pôde ser observado nas falas dos alunos sobre o material didático citado em outros momentos. Cada objetivo deste material foi pensado a partir da dificuldade em se trabalhar matemática nas escolas indígenas, pois todos os materiais usados para ministrar os conteúdos de matemática nas escolas não atendem as necessidades dos alunos indígenas, pois estão baseados na educação do campo sem fazer ligamento com a realidade indígena.

Como sugestão, baseado nos conhecimentos adquirido durante a pesquisa e a partir do material didático desenvolvido, os professores indígenas precisamos trabalhar na construção de novos materiais didáticos nas mais diversas disciplinas ministradas nas escolas indígenas e que este material venha ser específico e diferenciado e que também atenda às necessidades dos nossos alunos para que eles possam ajudar no desenvolvimento econômico e social das comunidades indígenas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Indígena*. Brasília. Secretaria de Educação Fundamental – MEC/SEF. 1998. 84 p.

SOUSA, Cassio Noronha Inglez de. *Atividades Econômicas Sustentáveis: os Desafios da Comercialização de Produtos Indígenas*. 1ª Reimpressão. Brasília: MMA/ PDPI/GIZ, 2011. 48 p.



AS UNIDADES DE MEDIDAS TRADICIONAIS DO POVO TEMBÉ NO CONTEXTO DA SALA DE AULA

Eliaquim Pereira Tembê⁶⁵

Eliana Ruth Silva Sousa⁶⁶

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta os resultados de um estudo sobre as unidades de medidas tradicionais do povo Tembê que vive na região do Gurupi na Terra Indígena Alto Rio Guamá (TIARG). A abordagem empregada no desenvolvimento deste trabalho segue a utiliza na matemática tradicional com o intuito de compreender o uso dessa metodologia pela comunidade indígena da aldeia Cajueiro e sua aplicação pedagógica junto aos alunos do 5º ano do Ensino Fundamental da Escola Maria Francisca Tembê.

O ensino de matemática nas escolas indígenas ainda não se estabeleceu conforme os preceitos da educação escolar indígena, a saber: diferenciada, intercultural, específica, comunitária e multilíngue. Ainda vemos, hoje, professores indígenas e não indígenas nas escolas indígenas Tembê com abordagens tecnicistas de ensino, esquecendo de considerar a cultura e tudo que envolve o contexto das aldeias.

Para o povo Tembê, o uso das medidas veio pela necessidade cotidiana que envolvem atividades como construir canoas, casas, utensílios para fazer farinha, roças, entre outros. Sem o conhecimento do Sistema Internacional de Medida (SI), surgiu o uso de algumas medidas tradicionais criadas ou adaptadas pelos próprios indígenas, como por exemplo: a medida de comprimento da canoa, a cubagem da roça, o volume (peso) da farinha e muitas outras técnicas que substituem o SI, mas que se assemelha em alguns aspectos.

As unidades de medidas tradicionais são muito importantes na vida do indígena, principalmente nas atividades diárias. Nesta pesquisa, foi necessário buscar estes conhecimentos tradicionais, que já existem dentro da comunidade indígena, mas que estão, em sua grande maioria, guardados apenas na memória dos mais velhos.

⁶⁵ Egresso do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará.

⁶⁶ Docente do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará.



As unidades de medidas tradicionais são conhecimentos repassados de geração a geração em todas as aldeias, em especial, na aldeia Cajueiro, da região do Gurupi, lócus desta pesquisa. A ideia deste trabalho consiste em se apropriar de conceitos práticos de unidades de medidas utilizadas no dia a dia para justificar a elaboração de uma cartilha com conteúdo ligado a disciplina de matemática e assim discutir a importância do espaço geográfico e as relações culturais que existem na prática desses saberes.

A pergunta desta pesquisa gira em torno de como levar os alunos a entenderem seu espaço e a importância das unidades de medidas tradicionais dentro do conteúdo da matemática? As perguntas norteadoras para o encaminhamento do projeto foram: a) como trabalhar um conteúdo de matemática que se adeque a realidade indígena Tembé da aldeia Cajueiro? b) de que forma abordar a importância das unidades de medidas para a comunidade Tembé da aldeia Cajueiro? c) como trabalhar esse conhecimento dos indígenas na disciplina de matemática? d) como trabalhar a importância de cultura indígena Tembé para a comunidade dentro dos conteúdos de matemática?

Nossa intenção é levar os alunos a compreenderem a importância das unidades de medidas para o povo Tembé e entender o uso desse conhecimento na aldeia Cajueiro a partir da disciplina de matemática. O trabalho envolveu os alunos da Escola de Ensino Fundamental Maria Francisca Tembé. Como objetivos específicos buscou-se: 1) conhecer a importância das unidades de medidas para o povo Tembé; 2) entender a utilização dessas unidades de medidas dentro das atividades realizadas no cotidiano dos indígenas; 3) relacionar os conhecimentos tradicionais com os conhecimentos matemáticos científicos.

O processo metodológico para o desenvolvimento desse trabalho se deu por meio de pesquisa de campo realizada na aldeia Cajueiro. O trabalho de campo visava verificar como era o uso das medidas no passado na aldeia Cajueiro. Através das informações coletadas em entrevistas, foi possível produzir desenhos representativos das unidades de medidas mais utilizadas antigamente pelos indígenas.

Na aplicação do material, elaborado a partir do trabalho de campo, utilizamos o conteúdo contemplado na cartilha, bem como outras atividades para estimular o aluno a entender sobre as unidades de medidas tradicionais e sua utilidade na vida cotidiana dos Tembé. Ao longo do artigo veremos de forma mais específica o passo a passo desse processo.

A matemática pode ajudar o povo indígena a se relacionar com o mundo não indígena e o tradicional. No entanto, é de suma importância mostrar que devemos manter nossos conhecimentos tradicionais. Para que essas duas culturas convivam em harmonia é preciso o diálogo intercultural entre os dois tipos de conhecimento: o conhecimento matemático tradicional e o conhecimento matemático científico.



Para as comunidades indígenas do povo Tembé do Gurupi as unidades de medidas tradicionais representam conhecimentos e estratégias de sobrevivência que apesar do avanço do conhecimento científico, algumas práticas ainda resistem ao tempo pelas ações, principalmente, dos mais velhos.

A matemática sempre esteve presente em nosso meio, mesmo não havendo o conhecimento do Sistema Internacional de medida (SI). Os povos indígenas sempre fizeram uso da matemática adequando a sua realidade e necessidade. Hoje, com o desenvolvimento das sociedades indígenas e o contato com o não indígena podemos observar que a matemática tradicional serviu como base para entendermos a matemática científica que está sendo ensinada atualmente nas escolas indígenas. Desse modo, neste artigo, trazemos concepções da matemática escolar articuladas aos conhecimentos de unidades de medidas usadas pelo povo Tembé, mas especificamente pelos Tembé que vivem na aldeia Cajueiro.

A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA E O ENSINO DA MATEMÁTICA

Atualmente existem várias legislações que debatem acerca dos direitos à educação escolar indígena que visa uma educação de qualidade, diferenciada e que respeitem os direitos à cultura, o bilinguismo e a pluralidade de ideias e concepções pedagógicas. Esses documentos são resultados das mais variadas lutas dos povos indígenas por uma educação que valorize sua cultura e forma de vida.

A educação escolar dos indígenas foi por muito tempo realizada por não indígenas que trabalhavam, e ainda trabalham, conteúdos totalmente diferentes da realidade desses povos. Com novas orientações e legislações específicas para pautar a formação de professores indígenas outras metodologias foram criadas por estes em todo o país, bem como a realização de debates acerca do currículo. Infelizmente, ainda, existem muitos professores não indígenas nas salas de aulas levando apenas os conhecimentos científicos para os alunos indígenas, o que causa, muitas vezes, diferenças nas interpretações de mundo que, por sua vez, geram conflitos entre o saber tradicional, repassados pelos mais velhos às crianças e jovens e o que é ensinado na escola.

Sobre a educação diferenciada, segundo o Plano Nacional de Educação:

No Brasil, desde o século XVI, a oferta de programas de educação escolar às comunidades indígenas esteve pautada pela catequização, civilização e integração forçada dos índios à sociedade nacional. Dos missionários jesuítas aos positivistas do Serviço de Proteção aos Índios, do ensino catequético ao ensino bilíngue, a tônica foi uma só: negar a diferença, assimilar os índios, fazer com que eles se transformassem em algo diferente do que eram. Nesse processo, a instituição da escola entre grupos indígenas serviu de instrumento de imposição de valores alheios e negação de identidades e culturas diferenciadas. (Brasil, 2001, p. 29).



Contudo, isto vem mudando, e as várias legislações existentes procuram priorizar uma educação adequada a realidade indígena e que respeitem suas especificidades culturais. Segundo a Resolução N° 5 de 22, de junho de 2012:

Um dos objetivos da Educação Escolar Indígena na Educação Básica é: VII- Zelar para que o direito à educação diferenciada seja garantido às comunidades indígenas com qualidade social e pertinência pedagógica, cultural, linguística, ambiental e territorial, respeitando as lógicas, saberes e perspectivas dos próprios povos indígenas. (Brasil, 2012, p. 2).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996 (LDB) contempla também esses mecanismos e norteia os princípios de educação indígena voltada para a realidade desses grupos e para a própria adequação do fazer pedagógico do professor para estes processos, e este novo fazer pedagógico deve ser respaldado e proporcionado pela união, estados e municípios que possuem jurisdição política sobre esses territórios indígenas (Brasil, 1996).

A formação dos professores indígenas, hoje, foca essencialmente para que estes possam levar suas vivências para dentro da sala de aula, para desenvolver um trabalho que articule os conhecimentos tradicionais aos científicos, aproveitando destes últimos apenas os elementos que ajudem no desenvolvimento da sociedade indígena e que os ajudem a inserir e entender o mundo do não indígena.

A resolução n° 5 de 22 de junho de 2012, que trata dos acerca da formação e profissionalização dos professores indígenas, diz o que:

Art. 19 A qualidade sociocultural da Educação Escolar Indígena necessita que sua proposta educativa seja conduzida por professores indígenas, como docentes e como gestores, pertencentes às suas respectivas comunidades.

§ 1º Os professores indígenas, no cenário político e pedagógico, são importantes interlocutores nos processos de construção do diálogo intercultural, mediando e articulando os interesses de suas comunidades com os da sociedade em geral e com os de outros grupos particulares, promovendo a sistematização e organização de novos saberes e práticas.

§ 2º Compete aos professores indígenas a tarefa de refletir criticamente sobre as práticas pedagógicas da Educação Escolar Indígena, buscando criar estratégias para promover a interação dos diversos tipos de conhecimentos que se apresentam e se entrelaçam no processo escolar: de um lado, os conhecimentos ditos universais, a que todo estudante, indígena ou não, deve ter acesso, e, de outro, os conhecimentos étnicos, próprios ao seu grupo social de origem que hoje assumem importância crescente nos contextos escolares indígenas.

Diante disso, e em conformidade e necessidade dos Tembé por uma educação escolar específica, a Universidade do Estado do Pará – UEPA, através do curso de Licenciatura Intercultural Indígena, responsável também pela formação da primeira turma de professores Tembé, atua diretamente nas aldeias com uma



equipe de professores com currículo e formação específica para melhor atender essa demanda.

Este artigo, como já mencionamos, resultou de um projeto que visava, principalmente, a construção de material específico de matemática para os alunos indígenas levando em consideração a realidade e cultura desses alunos, abordando o tema sobre as unidades de medidas tradicionais vinculadas ao ensino de matemática presente no cotidiano da aldeia Cajueiro.

A matemática é conhecida como uma ciência exata, que estuda o raciocínio lógico e abstrato, as quantidades, as medidas, os espaços, as estruturas, as variações e a estatística e suas relações com o meio, sejam estas, sociais, culturais e/ou ambientais. A matemática sempre vai estar presente no dia a dia das pessoas das aldeias, portanto, nas escolas, o professor indígena deve levar em consideração o entrelaçamento de conceitos matemáticos baseados em elementos da sua própria cultura e da cultura do não indígena. Compreender as lógicas desses pensamentos é fundamental no processo ensino aprendizagem.

O aluno leva para a sala de aula suas vivências de mundo. Isso certamente refletirá no seu rendimento dependendo da estratégia de ensino adotada pelo professor, seja ele indígena ou não. O professor precisa estar em sintonia com a visão de mundo de seu aluno bem como aproveitar essas experiências em sala de aula em ações educativas contextualizadas. É importante que o professor considere a realidade e o acúmulo de experiências do aluno.

Cabe ao professor indígena traçar atividades que contemplem o conhecimento tradicional e o conhecimento matemático científico para que os alunos aprendam esses conceitos e exercitem exemplos práticos que fortaleçam o processo de ensino e aprendizagem da matemática no âmbito intercultural.

Planejar bem as atividades, garantir a participação e atenção do aluno, compreender que o conhecimento é uma construção que colabora para o melhoramento da educação matemática tradicional e científica deve ser tarefa contínua dos professores em sala de aula de todas as escolas indígenas do Brasil. A intenção é fazer com que os alunos entendam a matemática para além de valores numéricos. Como algo que está presente nas relações estabelecidas nas mais variadas ocasiões dentro das aldeias para qualificar o ensino e aprendizagem.

O material aqui produzido se baseia no conhecimento das unidades de medidas tradicionais utilizadas pelos indígenas da aldeia Cajueiro. O espaço geográfico da aldeia e seu entorno foram utilizados na pesquisa como dados para aproximar os alunos do assunto em questão e proporcionar uma melhor visão do ambiente em que vivem. Os tópicos a seguir vão mostrar um pouco acerca de como se deu a construção e aplicação da cartilha desenvolvida no projeto que apresentamos neste artigo.



A CONSTRUÇÃO DA CARTILHA

Para o levantamento das informações iniciais da cartilha fizemos entrevistas com indígenas mais velhos no sentido de saber em que circunstâncias eram utilizadas as medidas tradicionais dentro da aldeia. Observamos através da análise dos dados coletados várias unidades, as quais separamos quatro para ilustrar esse material, são elas: o palmo, a braça, o peso e o alqueire.

Imagem 1: As unidades de medidas mais usada pelos Tembê



Fonte: Artistas: Sidinei Tata; Clésio Tembê; Malena Tembê, 2019.

A partir da identificação das principais unidades de medidas tradicionais e do uso delas nas atividades dentro das aldeias, seguimos para a confecção dos desenhos que compõem o material. Cabe destacar que a estratégia de utilizar desenhos se deu em virtude de estabelecermos processos lúdicos que pudessem vir subsidiar os conhecimentos acerca da matemática tradicional e, desse modo, tornar os conteúdos mais atrativos para os alunos.

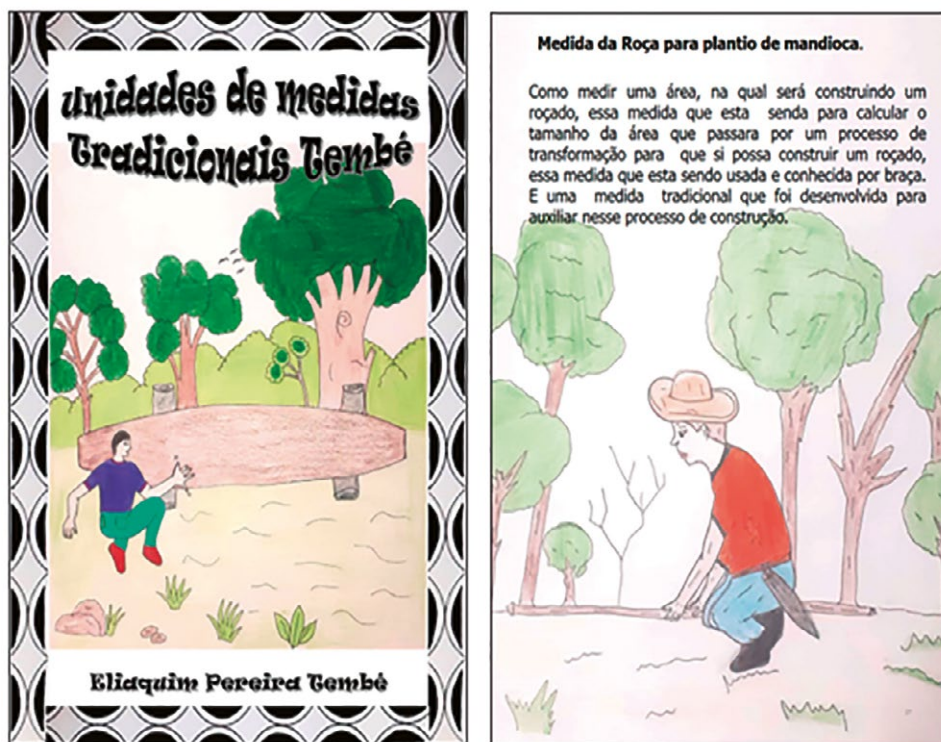
Estrutura da cartilha

Este material didático, em formato de cartilha, é composto de capa, contracapa, sumário, apresentação e contextualização do trabalho.

Iniciou-se o material abordando o palmo como primeira unidade de medida tradicional na construção de uma canoa, utilizada tanto para a pesca como meio de transporte, algo bem comum à comunidade indígena. Em seguida, abordou-se outras unidades de medidas como a braça, o peso. A última unidade de medida a ser trabalhada no material foi o alqueire. Todos com exemplos ilustrados e adaptados ao contexto indígena.



Imagem 2: Figuras mostrando a Capa da Cartilha (esquerda) e uma das páginas de dentro do Conteúdo da Cartilha (direita).



Fonte: Eliaquim Pereira Tembê, 2019.

RESULTADOS

A aplicação da cartilha

Dia 14 de outubro de 2019, às 07h15min, aconteceu primeira aula para aplicação do material didático sobre as unidades de medidas tradicionais utilizadas pelo povo Tembê. A atividade ocorreu nas dependências da escola Três Furos, situada em aldeia de mesmo nome, cuja estrutura física é de apenas uma sala de aula feita de madeira. A escola atende os estudantes do maternal ao 5º ano o ensino fundamental, assim como o modular para séries finais do ensino fundamental. Esta sala de aula funciona como anexo da escola Maria Francisca Tembê, da aldeia Cajueiro e sua administração está vinculada à SEMEC (Secretaria Municipal de Educação) do município de Paragominas.

No início da manhã do dia 14 de outubro, colocamos em prática a aplicação do conteúdo na turma do 5º ano do ensino fundamental. Apresentamos o assunto que seria trabalhado e em seguida falamos da importância das unidades de medidas tradicionais, como os antepassados indígenas desenvolviam estra-



tégias bem criativas que supriram necessidades diárias no que se refere a medir e quantificar as coisas. Nesse momento, alguns alunos manifestaram surpresa com as histórias contadas, enquanto outros identificaram algumas dessas ações ainda hoje em tarefas diárias ou mesmo em casos contados por seus pais e avós, como por exemplo, na de troca de alimentos ou no ato medir coisas através do palmo. Foi explicado também sobre o Sistema Internacional – SI, seu uso e importância nos currículos das escolas indígenas.

Dia 15 de outubro, terça-feira, às 07h15min, iniciamos a aula observando as unidades de medidas tradicionais usadas na construção de uma canoa. Um dos alunos, ainda no início do assunto, falou que conhecia o uso dessa medida, pois já havia participado do processo de construção de canoas com seus pais. Explicamos, com auxílio do quadro, como se usam as medidas de comprimento e largura desse artefato de forma teórica. Os alunos tomaram nota de tudo, tiraram dúvidas para a etapa seguinte que consistiu na elaboração de desenhos. Trabalhamos uma imagem com marcas e medidas pré-definidas para que os alunos pudessem observar e compreender como os artesãos procedem em cada etapa de construção de uma canoa sob o método tradicional.

Aproveitamos o momento para falar aos alunos um pouco do lado mais místico da arte de se construir uma canoa. Segundo os mais velhos, na fase final, quando a canoa deve passar por um processo chamado de abertura, a pessoa que estiver a frente dessa atividade, se for casada, não pode deitar-se com sua esposa na noite que antecede a abertura sob pena da canoa rachar ao meio e se perder. Os mais velhos relatam que essa história levada a sério e que deve ser respeitada, e que faz parte da tradição cultural Tembé.

Cada aluno foi orientado a se aproximar do quadro para medir o tamanho do seu palmo. Ao final, os alunos perceberam que as mediadas variavam entre 18cm e 20cm, ou seja, menos do que imaginavam. De posse dessas informações achamos oportuno falar que o Sistema Internacional de Medida (SI) considera como medida padrão do palmo 20cm, bem aproximado da média tirada por eles em sala de aula. A atividade seguiu com alguns exercícios para fixação do conteúdo e considerações de alunos sobre suas impressões acerca do assunto em questão. Eles notaram a relevância do tema para atividades diárias, tanto dentro quanto fora da escola, e para as gerações futuras por meio do material didático trabalhado.

Dia 16 de outubro, às 7h15, iniciamos a aula abordando outra unidade de medida bastante comum entre os Tembé, a braça. Ela é bastante utilizada na demarcação do tamanho das roças feitas pelos indígenas, portanto de domínio da maioria dos alunos pois muitos deles ajudam seus pais nessa atividade. A braça, assim como o palmo, utilizado na aula anterior, é também uma unidade de medida tradicional muito presente nas aldeias até hoje. Mostramos no quadro



um desenho simulando o formato de uma roça com suas linhas e tarefas, e como poderíamos aplicar esse método como instrumento de medida na demarcação do terreno a ser utilizado. Fizemos também uma relação dessa unidade tradicional com o Sistema Internacional de Medida (SI).

As atividades para fixação dos conteúdos foram bem-sucedidas pela experiência de parte dos alunos com esse tema. A exceção ficou por conta da relativa dificuldade que algumas meninas apresentaram, pois na divisão social do trabalho da etnia Tembê a atividade da roça é em sua maioria masculina.

Dia 17 de outubro, às 17h, iniciamos a aula abordando conceitos gerais sobre a unidade de medida peso. Explicamos os conceitos básicos de peso, massa e matéria no âmbito tradicional fazendo relação com o SI. Em seguida, apresentamos a nomenclatura dessas unidades que são: Kg (quilograma) e g (grama). Utilizamos um texto cujo conteúdo abordava situações práticas e diárias relacionadas a necessidade do uso da medida peso.

Indagamos os alunos sobre o assunto, alguns relataram que já conheciam a medida por conta de relações comerciais efetuadas na aldeia, principalmente na venda de farinha. Continuamos o assunto falando da diferença entre o modelo tradicional de pesar adotado pelos mais velhos, que levava em consideração o quilo ou até mesmo a experiência do olhar baseado no volume e a precisão das balanças digitais e eletrônicas, que além do quilo, registram também os gramas. Depois da exposição do assunto passamos a resolução de atividades com questões relativas ao contexto das aldeias para que o aluno despertasse maior interesse pelo tema.

Dia 18 de outubro, pela manhã, ocorre a nossa última aula sobre unidades de medidas tradicionais e suas relações com o Sistema Internacional de Medida (SI). Quando começamos a falar do alqueire como medida tradicional alguns alunos manifestaram familiaridade com o assunto, como já era esperado, porém, neste caso, não era do alqueire como medida agrária que nos referíamos no momento, apesar de servir para isso também, mas no sentido de medida para armazenamento de farinha. Essa prática causou surpresa para a turma, pois a única unidade de medida conhecida por eles para esse fim é a lata, com medida de 15Kg ou mesmo a saca de farinha, com peso variando entre 50kg e 60kg.

Para melhor visualizar o uso da medida alqueire utilizamos as ilustrações da cartilha. Nela os alunos puderam analisar melhor o processo como um todo, a relação do Sistema Internacional de Medida (SI) e o formato de pesagem e armazenamento da farinha praticada pelos mais velhos.

Depois de concluir a parte teórica iniciamos a atividade referente ao assunto. Percebemos que os alunos gostaram do tema, alguns até, ao final da atividade, relataram suas impressões sobre a aula. Uma das alunas confessou sua dificuldade



de na disciplina Matemática, mas, afirmou que da forma como foi abordado o assunto, ficou mais fácil entender. Além dela, outros alunos também manifestaram curiosidade por outras formas de medidas tradicionais. Aproveitamos o momento para reforçar a importância de se buscar nos mais velhos conhecimentos que fazem parte da identidade do nosso povo. Pedimos então para que os alunos pesquisassem junto aos mais antigos da aldeia outros procedimentos de medidas tradicionais, o que foi feito e apresentado em sala de aula no dia seguinte com excelente participação de toda a turma.

Imagem 3: Aplicação do material didático.



Fonte: Talison Tembê, 2019.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para os alunos, a aplicação da cartilha foi de grande importância, pois através dela obtiveram conhecimento das unidades de medidas tradicionais utilizadas pelos Tembê nas aldeias Cajueiro e Três Furos, da Terra Indígena Alto Rio Guamá, região do Gurupi. No material didático elaborado no âmbito deste estudo foi confeccionamos desenhos representativos dessas unidades bem contextualizados para que os alunos pudessem compreender melhor as informações e perceber a importância dessas práticas como instrumento de reafirmação da cultura Tembê.

Tanto a matemática tradicional como a científica já fazem parte das atividades cotidianas Tembê de forma combinada, seja na construção de uma casa, canoa, roçado, tecelagem ou trocas, entre outras circunstâncias da vida.

Ao aplicar esse material junto aos alunos do 5º ano, percebemos o quanto o papel do educador é importante para as futuras gerações. É necessário estimu-



lar a comunidade estudantil a compreender a importância dos conhecimentos trazidos de casa para valorizar e fortalecer ainda mais sua cultura no sentido de que este projeto traga um novo olhar sobre uma educação escolar indígena eficiente e em conformidade com a realidade local.

A garantia de uma educação escolar indígena específica e diferenciada ainda é pauta de luta para que se concretize o que consta em lei. Fazer valer esses direitos passa por efetivar professores indígenas que atuem com base em um projeto político pedagógico que contemple as especificidades da comunidade a qual a escola está inserida de modo a valorizar e atualizar os conhecimentos tradicionais em harmonia como o conhecimento científico.

Os professores indígenas são indispensáveis na articulação de estratégias para garantir que os alunos entendam a necessidade de uma educação escolar indígena diferenciada e sua importância para a manutenção de suas tradições. Neste sentido, a Universidade do Estado do Pará – UEPA, tem contribuído bastante, por meio da Licenciatura Intercultural Indígena, para garantir uma política educacional que visa, por meio de um currículo direcionado às necessidades de cada povo, uma autonomia que fortaleça as escolas e por consequência a identidade dos povos indígenas paraenses, em especial, os Tembé.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Resolução CNE/CEB 5/2012*. Diário Oficial da União, Brasília, 25 de junho de 2012, Seção 1, p. 7.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF, 1996.

BRASIL. *Plano Nacional de Educação*. Lei nº 10.172 de 9 de janeiro de 2001.



27

RELAÇÃO DA PRODUÇÃO E VENDA DO ARTESANATO TEMBÉ COM O ENSINO DE MATEMÁTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Elizete Tembé⁶⁷
Eliana Ruth Silva Sousa⁶⁸

INTRODUÇÃO

A educação escolar indígena vem passando por transformações desde sua existência, atualmente temos leis que reforçam o desejo de uma educação pautada pelos princípios da igualdade social, da diferença, da especificidade, do bilinguismo e da interculturalidade. Um dos pontos que tangem esses princípios é a produção de materiais didáticos adequados a realidade indígena. Nesse sentido, a Resolução nº 05/2012 estabelece que os materiais didáticos para as escolas indígenas sejam produzidos de acordo com o contexto sociocultural de cada povo (Brasil, 2012).

A busca pelo diálogo intercultural para a educação escolar indígena nos fez questionar e aprofundar nossos conhecimentos sobre os artesanatos produzidos na aldeia Cajueiro pelos indígenas Tembé e sua relação com a economia da aldeia.

Entendemos que é preciso ampliar a presença dos intelectuais e pensadores indígenas nas questões da educação escolar indígena, buscando que sejam implementadas outras formas de ensinar matemática que possam enfrentar a educação mecanicista, ainda muito presente no ensino de ciências e matemática. É preciso romper com a hegemonia do conhecimento científico como único válido e com a fragmentação do conhecimento na educação escolar indígena. Os conhecimentos indígenas e os modos de produzi-los são tão válidos quanto o científico, são maneiras diferentes de interpretar o mundo e a natureza.

A educação escolar indígena é carente de materiais didáticos disponíveis nas escolas para suprir as necessidades do professor e do aluno, levando a comunidade a questionar por que os professores não constroem materiais didáticos específicos que envolva o conhecimento tradicional e científico. Face a esta rea-

⁶⁷ Egressa do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará - UEPA.

⁶⁸ Docente do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará - UEPA.



lidade, nos propusemos, dentro das atividades do curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará (UEPA), a construir um material que, ao mesmo tempo, retratasse a realidade da aldeia indígena Cajueiro, do povo Tembé, que vive na região do Gurupi, e a ciência do *karaym*, (não indígenas), para trabalhar o ensino de matemática com alunos do 5º ano do ensino fundamental.

Escolhemos o tema *Produção e venda do artesanato Tembé no contexto da sala de aula* em função de uma experiência vivida no Estágio em Educação Escolar Indígena I e no cotidiano de trabalho nas escolas da região do Gurupi, onde foi possível perceber que nas escolas não existem materiais didáticos específicos para se trabalhar a disciplina de matemática e os livros disponíveis nas escolas da região não estão de acordo com realidade da comunidade, ou seja, não respeitam a visão de mundo, os valores, as línguas e principalmente a identidade sociocultural indígena.

O material didático produzido foi pensado com o intuito de ampliar o conhecimento sobre a produção artesanal Tembé e como está prática contribui para o desenvolvimento sociocultural e econômico das comunidades indígenas. Assim, buscamos desenvolver um material didático que envolvesse os conhecimentos científico e tradicional, visando estimular o lado crítico do aluno para que este se torne formador de opinião e capaz de analisar, interpretar, participar e lidar com as situações impostas pelo mundo sociocultural e econômico globalizado, assim, torná-los indivíduos autônomos, capazes de compreender o modo como a sociedade do *karaym* se organiza comercial e culturalmente e de observar se esta organização está entrelaçada a manutenção da cultura indígena dos Tembé do Gurupi, ou seja, compreender como são aproveitados os saberes na confecção e produção do artesanatos tradicional indígena Tembé na manutenção das formas de ser e viver de nosso povo.

No cotidiano indígena Tembé estão presentes diversas situações em que é preciso lidar com compra e venda de artesanatos e até produtos industrializados comprados e vendidos em mercadinhos nas aldeias indígenas. Tendo esta necessidade e observando que as crianças indígenas estão inseridas cada vez mais nesse meio, pois muitas vezes ajudam os pais na compra e venda de produtos ou até mesmo fazendo pequenas compras para seus pais, surgiu a necessidade de elaborar um material didático tendo como tema a produção e venda do artesanato Tembé com o ensino de Matemática no 5º ano do ensino fundamental, para que o aluno tenha contato direto com elementos de sua realidade. Facilitando o processo de ensino e aprendizagem da matemática dos jovens indígenas através da utilização de um material didático que retrata a realidade Tembé e a ciência do *karaim* e, ao mesmo tempo, reforçar os laços de pertencimento entre o aluno e a comunidade.



Nesse contexto, trazemos como objetivo geral: construir e avaliar um material didático sobre produção e venda do artesanato Tembê para o ensino de Matemática para alunos do 5º ano do ensino fundamental na escola Zayhé, na aldeia Piahu. Como objetivos específicos: valorizar a importância da produção do artesanato como principal fonte de renda nas aldeias Tembê do Gurupi; reconhecer o artesanato como objeto cultural identitário dos Tembê do Gurupi; identificar os materiais utilizados na produção desse artesanato; desenvolver um material didático com abordagem matemática sobre a produção e venda do artesanato Tembê.

Cabe destacar que a meta a ser alcançada é que este material contribua para o processo de ensino e aprendizagem da matemática junto aos jovens indígenas e, ao mesmo tempo, reforçar os laços de pertencimento entre o aluno e a comunidade, além de mostrar que o ato de aprender e ensinar matemática se torne mais significativo e prazeroso, levando o aluno a aprender a conviver socialmente com outros alunos e, principalmente, respeitar as diferenças socioculturais.

EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA TEMBÊ

A educação indígena existe desde muito antes de serem implantadas escolas nas comunidades indígenas, visto que estes sempre obtiveram modos próprios de produzir, expressar, transmitir, contar, medir e se organizar socialmente. Muito antes do contato com o *karaiw* o índio já desenvolvia seus modos próprios de produzir conhecimento. Assim, é preciso romper com a hegemonia do conhecimento científico que se coloca como único e válido e menosprezando os conhecimentos tradicionais dos povos indígenas. Esses conhecimentos foram completamente descartados quando a escola foi levada à aldeia. Segundo Sechi (2002), “o modelo integracionista de educação escolar para o índio no Brasil está associado historicamente ao binômio proselitismo doutrinário (religioso ou não) e preparação para o trabalho”

Face a esta realidade podemos citar também as missões missionárias, onde cabiam a eles “educarem” os indígenas, pois o conhecimento indígena não era válido para as demais sociedades, a fim de escravizá-los e até mesmo usá-los como via de comunicação entre índio e branco.

Alvares (1999) lembra que, além da invasão de suas terras tradicionais e a destruição de suas riquezas naturais e populacionais, as sociedades indígenas foram brindadas pelos agentes coloniais com atividades escolares de caráter civilizatório e missionário.

Desde muito antes da introdução da escola, os povos indígenas vêm elaborando, ao longo de sua história, complexos sistemas de pensamento e modos próprios de produzir, armazenar, expressar, transmitir, avaliar e reelaborar seus conhecimentos e suas concepções sobre o mundo, o homem e o sobre natural. (Brasil, 1998 p. 22).



Entre a diversidade de saberes tradicionais dos povos indígenas existem também vários saberes matemáticos desenvolvidos por esses povos de diferentes maneiras. Isto significa que há muito tempo o ser humano já desenvolvia a matemática mesmo sem saber ou conhecer os números, ou seja, quando iam coletar sementes e frutos, caçar, pescar, medir o tempo, até na hora de produzir seus utensílios.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), o objetivo da educação escolar indígena é proporcionar aos povos indígenas a recuperação de suas memórias históricas, bem como a reafirmação de suas identidades étnicas e valorização de suas línguas e ciências, garantindo a estes e suas comunidades o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não indígenas. Atualmente, tem-se discutido pelas comunidades indígenas uma educação que respeite o conhecimento que o aluno traz consigo de sua experiência de vida. Mas para que isso aconteça é necessário que escola e a comunidade trabalhem em parceria visto que ambos pretendem alcançar o mesmo objetivo.

O Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI) estabelece que a educação dos povos indígenas deve assentar-se em princípios que lhes são próprios, dentre os quais a formação de crianças e jovens como processo integrado, visto que uma característica comum às sociedades indígenas é que cada experiência cognitiva e afetiva carrega múltiplos significados (Brasil, 1998).

Vale ressaltar que, que os povos indígenas ao longo dos anos lutam para manter preservada a identidade cultural de seu povo, isto porque com o contato constante com o homem branco estão sendo impostos diversas situações na qual tem que se adaptar, culturalmente e comercialmente.

O RCNEI ressalta que pensar o estudo da matemática na experiência escolar indígena é importante por várias razões. A razão mais enfatizada pelos próprios povos indígenas diz respeito a situação de contato entre os diferentes povos e a sociedade majoritária. Neste sentido, a matemática é fundamental, porque permite um melhor entendimento do mundo dos não indígenas. (Brasil, 1998)

A povo Tembé, assim como os demais povos, são detentores de saberes culturais como, valores, crenças hábitos alimentares e costumes, saberes estes que diferenciam de um povo para o outro. Dentre estes saberes podemos destacar a produção de artesanato, que se tornou uma das principais fontes geradoras de renda para as famílias da comunidade do Cajueiro. A necessidade de obter uma renda é uma realidade de grande parte das aldeias indígenas, pois a destruição da natureza resultou em diminuição de vidas animais e vegetais que faziam parte da subsistência dos povos indígenas.



O artesanato Tembê foi e continua sendo uma das principais fontes de renda nas comunidades indígenas, isto porque nos últimos anos em virtude do contato intenso com os não indígenas, buscaram desenvolver atividades que trouxesse crescimento econômico das comunidades. Assim, “quando os temas são de pertencimento cultural, promovem diálogo entre as vozes presentes, que resgatam, amigavelmente, as ausentes, vitalizando, assim, os saberes milenares nesse movimento pedagógico” (Pimentel da Silva, 2017, p. 208).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Planejamento do material didático

A busca pelo diálogo intercultural para a educação escolar indígena nos fez questionar e aprofundar nossos conhecimentos sobre os artesanatos produzidos pelas mulheres indígenas Tembê e sua relação com a economia da aldeia. Nesse sentido, foram feitas entrevistas com quatro indígenas Tembê que produzem e vendem seus artesanatos para ajudar no sustento da família. As anotações dessas entrevistas foram feitas em caderno de campo e as imagens foram registradas com aparelho celular. Ao mesmo tempo, pesquisamos livros e artigos que ajudassem a diminuir a falta de compreensão no que se refere à dicotomia entre os saberes indígenas e o conhecimento científico. De acordo com Pimentel da Silva, “este é o sentido de ser pesquisador/a indígena na retomada do patrimônio cultural. Um movimento bonito e interessante de enfrentamento à colonialidade do saber” (2017, p. 210).

A elaboração deste material só foi possível, através de uma pesquisa de campo realizada na Terra Indígena Alto Rio Guamá (TIARG), nas comunidades Cajueiro e Teko-Haw, aldeias situadas na região do Gurupí, pertencente ao município de Paragominas, especificamente com as artesãs indígenas das respectivas aldeias, juntamente com apoio das lideranças indígenas e comunidade geral, onde nos propuseram dados de localização e econômicos.

O trabalho de campo foi realizado no período de setembro a dezembro de 2019. Através da pesquisa realizada foram destacados também, as peças mais produzidas no passado: a saia de pena e envira, cuias e maracás, objetos essenciais nos rituais Tembê.

A partir dessas entrevistas foram obtidas informações sobre produção e venda de artesanatos, como: nomes tradicionais, quantidades de peça produzidas e as peças mais vendidas, e a renda obtidas com as vendas das peças. Foram levantadas, ainda, dados sobre os materiais mais utilizados como: sementes, palhas, madeiras, penas e ossos de animais, além de materiais industrializados comprados em bazar como: missangas e outras bijuterias usadas para implementar a produção.



Segundos os relatos, no decorrer dos anos os artesanatos Tembé foram sofrendo modificações. Por conta do contato o não indígena a produção ganhou um sentido comercial. Atualmente dentre os artesanatos vendidos os mais citados foram: maracá, cuia, cocares, pulseiras de tucumã, saia de taboca, grampo de cabelo e brincos de penas, produtos estes vendidos dentro das próprias comunidades, gerando renda para as famílias.

A Terra Indígena Alto Rio Guamá (TIARG), região do Gurupi, tem 12 aldeias distribuídas as margens do rio Gurupi, das quais destacam-se Cocalzinho, Bate Vento, Canindé, *Ikatu*, *Teko-Haw*, Sussuarana, Cajueiro, *Anazatyn*, Três furos, Garapé Grande, *Abutyn* e Piahu, pertencente ao município de Paragominas-PA. Atualmente há um total de 24 artesãs indígenas que produzem e comercializam seus produtos. Porém, foram entrevistadas somente quatro, os quais se destacam mais na arte de produzir e vender artesanatos Tembé.

Os indígenas Tembé assim como os demais povos foram e continuam sendo prejudicados pela sociedade do *karaim*. No decorrer de todo um processo histórico de contato como branco foram a ainda são expostos a violência e modalidade de domínio imposto pelo *karaim*. Na contemporaneidade indígena, nota-se que os Tembé, assim como outros povos já incorporam o consumo de produtos industrializados dos não indígenas fato este que pode ser observada na realidade e relatos indígenas.

A venda dos artesanatos demonstra os meios tradicionais de sobrevivência dos Tembé do Gurupi. Tal prática foi ganhando destaque, pois foi uma maneira que os Tembé viram para buscar alternativas de subsistência, pois vem ocorrendo uma acelerada degradação de seu habitat natural o que gera, como já mencionamos, a escassez de alimentos.

Todas as artesãs indígenas entrevistadas demonstraram conhecimento sobre a prática de produção. Elas informaram que esses conhecimentos foram adquiridos através da observação feita na prática de produção de seus avós e pais. As artesãs relataram, ainda, que antigamente não existia professor pra ensinar a produzir artesanato eles aprendiam de forma natural.

Com as informações da pesquisa em mãos, demos início a construção do material didático, em formato de cartilha, no qual problematizamos a temática do artesanato indígena para o ensino de matemática, com título *Produção e venda do artesanato Tembé no contexto da sala de aula*. Propomos uma sequência didática elaborada a partir dos saberes sobre a produção do artesanato indígena Tembé, estruturado da seguinte forma: apresentação, introdução do assunto, artesanato Tembé e sequência didática.

Elaboramos uma primeira versão em papel, com desenhos feitos a punho dos artesanatos que remetem um significado importante para os Tembé, conforme relatado pelas artesãs, e por terem uma relação com os seres cosmológicos da na-



tureza em seus rituais que são, portanto, de suma importância para manutenção da cultura Tembê. O material didático elaborado foi colocado em prática no segundo semestre de 2019, na escola *Zaybé*, situada na aldeia *Piahu*, no município de Paragominas, com alunos das séries iniciais do ensino fundamental. Também elaboramos uma versão digital em formato Power Point, que foi melhorada após a aplicação da versão em papel, ambas com o mesmo conteúdo. A intenção foi verificar as distintas possibilidades pedagógicas ao se utilizar um material didático de caráter intercultural, produzido por uma professora indígena, bem como contribuir para a efetivação de uma educação escolar indígena pautada pelos princípios da igualdade social, da diferença, da especificidade, do bilinguismo e da interculturalidade.

As ilustrações da cartilha foram feitas pela primeira autora deste texto. Cabe destacar que se optou por usar desenhos ao invés das fotos por considerar-se mais atrativo para as crianças.

Imagem 1: Texto ilustrado sobre o artesanato Tembê.



INTRODUÇÃO

Os Tembê do Gurupi, mesmo morando em uma região de difícil acesso, demonstram interesse e motivação para melhorar sua produção e a comercialização dos produtos artesanais. Sabendo eles que dessa forma podem melhorar a renda familiar das comunidades indígenas e a sua interação social com os karaiw.

Por este motivo surgiu o interesse em produzir um material que tivesse interligado com os saberes tradicionais indígenas das artesãs Tembê dessa região e ao mesmo tempo interligar ao ensino da matemática. Visando melhorar a qualidade de ensino-aprendizagem dos cidadãos indígenas, que muitas das vezes se deparam com situações, ou seja, dados estatísticos e não sabem como ler e nem interpretar, informações estas vinculadas cotidianamente as mídias, e as políticas sociais e econômicas das sociedades envolvente.

Por fim é importante que se construa materiais didáticos que levem aos educandos vivenciar situações do seu próprio cotidiano para que assim possam identificar e elaborar problema, organiza-los e interpreta-lo, escrito com uma linguagem bem acessível a todos educando e educadores e ainda disponibilizar aos professores exemplos voltados ao conhecimento tradicional, meios dotados para que o aluno e professor possam se sentir confortável para abordar as ideias aqui exemplificados.

3

Fonte: Elizete, 2019.

O material contém vinte e duas páginas com várias atividades em uma sequência didática com quatro temáticas envolvendo o ensino de ciências e matemática. Nas páginas iniciais apresentamos alguns dos artesanatos existentes em nossa cultura, como: colar de tucumã, cuia, maracá, cocar, *waçai*, grampo de cabelo, brinco de pena, lanças, borduna e saia de taboca. Foram abordadas, ainda, as temáticas: interpretação de gráficos; produção e venda do artesanato Tembê; construção de gráfico e tabela; feirinha de artesanato.



Também devem ser discutidas questões sobre a influência do dinheiro na vida dos povos indígenas e sobre a importância de ser Tembê e saber lidar com o modo de vida do não indígena. Sobre a importância da utilização consciente dos recursos naturais que ainda temos, mas que se não forem cuidados podem acabar

RELATO DA PRÁTICA COM O MATERIAL DIDÁTICO

A elaboração deste material surgiu a partir das necessidades vividas no cotidiano indígena, pois na contemporaneidade vivemos num mundo globalizado e tecnológico, no qual o indígena precisa se adaptar aos avanços das demais sociedades, sem deixar sua cultura morrer.

Imagem 2: Capa do material didático.



Fonte: Elizete, 2019.

A cartilha apresenta desenhos dos artesanatos e informações sobre a matéria prima utilizada para a confecção desses produtos. A sequência didática está dividida em quatro temáticas e subdividida em oito atividades: Temática 1 – Interpretação de Gráfico: Atividade 1 – Buscando os Conhecimentos Prévios. Atividade 2 – Interpretação de Gráfico sobre Artesanatos produzidos na aldeia, Temática 2 - Artesanato Tembê: Produção e Venda: Atividade 1 – Pesquisando a temática, Temática 3 – Construção de Gráfico e Tabela: Atividade 1 – Construção de Gráficos, Temática 4: Feirinha de Artesanato

A aplicação das aulas ocorreu entre os dias 28 de outubro e 01 de novembro de 2019 no período da manhã na Escola Municipal indígena Zayhé. A aplicação das aulas ocorreu por meio de uma sequência didática, elaborada a partir dos saberes sobre a produção do artesanato indígena Tembê. O público atendido foi: três alunos do maternal, dois do jardim 1, dois do jardim 2, três do primeiro ano, três do segundo ano, dois do terceiro e um do quinto ano, totalizando 16 alunos das séries iniciais do ensino fundamental. A seguir os relatos do desenvolvimento das aulas com a cartilha.



As aulas iniciaram com uma breve introdução sobre o artesanato Tembé. Onde foi mostrado, por meio de desenhos exposto em sala, que nas aldeias do Gurupi, especificamente nas aldeias *Teko-Haw* e Cajueiro, são produzidas diversas peças artesanais. Artesanato este muito utilizado pela comunidade, usadas nos rituais, utensílios domésticos, objetos de decoração; jogos tradicionais em nossas competições e para caçar e pescar.

Atividade 1 – Problematização da temática:

Apresentou-se o conteúdo que seria trabalhado, *Produção e venda do artesanato Tembé*. Em seguida, buscamos um diálogo no sentido de saber o que eles conheciam sobre a temática.

- Vocês sabem o que é artesanato?

Apesar da diferença de série, todos os alunos responderam. Uns falaram que artesanato era todo tipo de objeto usado na cultura Tembé como: cuia, maracá, flecha arco e outros responderam que artesanato são os objetos usados em rituais como cantoria, dia do índio, mingau da moça, moqueado e noite cultural.

- Que tipo de artesanatos vocês conhecem?

Eles citaram vários nomes de artesanatos como: cuia, maracá, flecha, arco, brincos, grampo de cabelo saia de envira saia de taboca, cocar, paneiros, cestos, anel e pulseiras de tucumã.

- Quais materiais utilizamos para confeccionar nosso artesanato?

Ao fazer essa pergunta eu me surpreendi, pois a turma me respondeu de diferentes formas, os menores do maternal, jardim e 1º ano com desenhos ilustrativos de sementes, frutos, e os maiores explicaram que seus pais coletavam sementes, frutos e fibras na própria floresta, mas que quando não achavam compravam miçangas e fio de náilon para substituir as frutas e semente.

- Vocês sabem fazer algum artesanato?

Uns responderam que sim, pois ficavam observando sua mãe e seu pai fazer e depois os imitavam e outros falaram que não devido seus pais não saberem e tinham vergonha de perguntar pra outra pessoa como se faz. Ao término da aula, propôs aos alunos que viesse avaliar a aula, se eles gostaram ou não, se eles aprenderam alguma coisa ou não, se fui clara na explicação.

Ao observar a turma percebemos que inicialmente não estavam muito interessados no conteúdo, mas a partir do momento que começamos a fazer perguntas, todos começaram a participar, observamos dentro da sala de aula que alguns alunos tinham dificuldade de leitura e escrita até mesmo de se expressar. Havia alguns alunos que demonstraram dificuldade em entender o assunto, mas com a ajuda dos colegas conseguiram entender, os que não tinham domínio de escrita se expressavam através dos desenhos de forma bem criativa. A partir



dessa atividade, observamos que apesar das dificuldades de alguns alunos e pouca participação, todos estavam interessados e gostando da aula, devido serem assuntos e coisas que se encontram no seu cotidiano.

Atividade 2 – Interpretação de gráfico sobre artesanatos produzidos na aldeia:

Nessa atividade foi montado um mural com desenhos de diversos tipos de artesanato Tembê, como adornos feitos de plumárias, frutos, sementes, fibras e madeira, esses desenhos fazem parte do material didático.

Em seguida, foi proposto aos alunos que observassem o mural e anotassem com papel e caneta, a quantidade dos artesanatos e reorganizassem em forma de tabela e gráfico de barras, classificando-os em plumárias, sementes, frutos, fibras, madeira e outros. E depois que explicassem para a turma, ressaltando o método adotado para organizar os dados. E de que forma esse método de organização o ajudaria no seu aprendizado.

No decorrer da aula observamos o interesse dos alunos em querer aprender e entender o assunto abordado em sala. Diferentemente do primeiro dia, todos os alunos estavam empolgados com a aula, faziam perguntas quando não entendiam, trocavam ideias com os demais colegas e explicavam quando ambos não estavam entendendo. No desenvolver das atividades, sobretudo no que se refere à organização do gráfico e da tabela, os alunos apresentaram muitas dificuldades; os alunos foram interativos, observadores e quando não conseguiam chegar a uma conclusão perguntavam e não desistiam de fazer e que lhes foi proposto.

Ao término de toda atividade, juntamente com a turma fizemos uma autoavaliação do assunto abordado em sala, para que ambos falassem quais foram os pontos negativos e positivos da aula aplicada. Esta autoavaliação do conteúdo abordado e a metodologia aplicada, contribuiu muito para a minha formação enquanto futura professora, isto porque, os alunos falaram que gostaram muito da forma como foi desenvolvida a aula. Segundo eles, de início ficaram um pouco assustados por conta da disciplina ser matemática, pois pensaram que eu iria passar vários cálculos; situações problemas e pedissem que resolvessem; falaram que entenderam o assunto de forma bem simples, apesar deles nunca terem feito atividades e estudado sobre como organizar dados em gráfico e tabela.

Atividade 3 – Pesquisando a temática:

No dia 30 de outubro de 2019, dando início a aula, foi proposto a turma que fizessem uma pesquisa de campo na comunidade da aldeia Piahu, com relação a produção e venda de artesanatos Tembê. Foi explicado para turma que o trabalho realizado seria por meio da pesquisa, onde os estudantes foram orientados sobre o que é uma pesquisa e como devemos realizá-la. Em seguida, a turma foi dividida em dois grupos, sendo que cada grupo recebeu um questionário



com perguntas envolvendo a produção e venda de artesanatos. A turma foi liberada para realizar a pesquisa com a comunidade. Após a coleta de informações sobre produção e venda de artesanato Tembê, os grupos foram orientados a construir uma tabela, organizando os dados por: quantidade, artesãs, por gênero, faixa etária de idade dos entrevistados.

Com os dados organizados, em uma roda de conversa, perguntou-se aos alunos, quais foram as dificuldades que eles mais se depararam ao fazer a pesquisa de campo? E qual a importância, deles enquanto alunos indígenas estarem desenvolvendo este tipo de pesquisa na sua comunidade?

Segundo os relatos dos alunos, quando lhes foi proposto que fizessem uma pesquisa com relação a produção e venda do artesanato Tembê, todos imaginaram que seria muito fácil, mas se enganaram, pois são poucas as famílias que sabiam produzir e vender artesanato. Na primeira tentativa de entrevista, todos os que foram procurados para entrevista não estavam dispostos a responder ao questionário, por estarem ocupados ou por timidez. Eles pensaram até em desistir, mas lhes veio a lembrança de que estavam sendo avaliados, então persistiram novamente, porém de outra maneira, tiveram a ideia de reunirem somente os mais velhos da aldeia, explicaram que eram alunos e que estavam fazendo uma pesquisa sobre artesanato, foi então que conseguiram as informações.

Dando continuidade nas respostas, falaram da importância de estarem desenvolvendo dentro da comunidade este tipo de pesquisa, pois através desta experiência, observaram o quanto pode ser benéfico valorizar e aprender com os mais velhos da aldeia.

A pesquisa realizada pelos alunos é uma forma de estar registrando e guardando esses saberes para as novas e futuras gerações. Com os relatos dos alunos pudemos notar que o método adotado para o andamento da aula, despertou nos alunos o respeito ao conhecimento dos mais velhos e a importância de registrar os saberes tradicionais de modo geral.

Atividade 4 – Construção de Gráficos:

Essa atividade iniciou com a participação de uma artesã Tembê, onde ela foi convidada a nos explicar que tipo de artesanato era mais produzido por ela e qual seria o preço dos seus produtos. A princípio ela começou falando que o artesanato mais produzido e vendido era a pulseira de tucumã e o preço das suas pulseiras variavam de acordo com largura da pulseira. Após sua explicação ela expôs para turma algumas de suas pulseiras produzidas e seus respectivos valores.

Ela relatou que a pulseira de tucumã é muito importante para o povo tembê, pois com a venda dela era possível comprar os produtos que precisavam. Para finalizar, ela se despediu da turma dizendo que aprendeu a fazer pulseiras com sua mãe e que agora fazia e vendia para ajudar no sustento da casa.



Dando sequência na aula, foi explicado que a pulseira é um artesanato bastante confeccionado pelas indígenas para seu próprio uso e também muito comercializado, sendo estes vendidos dentro das comunidades e fora, em cidades vizinhas. Desse modo, fica evidente que em nosso dia a dia nos deparamos a todo momento com situações que envolve a matemática, por exemplo, na comercialização de uma pulseira.

Ao término das atividades perguntamos aos alunos o que eles acham dos relatos da artesã sobre a produção e venda de seus produtos. Relataram foi muito importante trazer a artesã que sabe fazer pulseiras para sala de aula, pois através de seus relatos ficamos sabendo do preço de seus produtos e a forma como ela aprendeu a fazer e para quem ela vende e o mais importante a tabela que ela criou para facilitar a venda das pulseiras para os interessados.

Atividade 5 – Feirinha de Artesanatos:

Para esse momento, foi solicitado aos alunos na aula anterior que trouxessem todo tipo de artesanato que tivessem em suas casas, para juntos montarmos uma feirinha do artesanato em sala. Com os artesanatos em sala de aula, os alunos foram orientados a fazer a separação deles em: adornos plumários, semente, frutos, fibras e outros. Feito a separação, eu coloquei o valor de cada produto.

Imagem 3: Feirinha de Artesanatos em sala de aula.



Fonte: Elizete, 2019.



Em uma roda de conversa foi explicado aos alunos que a aula iria ocorrer da seguinte forma: primeiramente, eles iriam até a feirinha simulada apenas observar os produtos. Ao término da observação os alunos retornaram aos seus lugares e se sentariam em círculo para uma roda de conversa, onde responderiam as seguintes perguntas relacionadas a feirinha com os artesanatos: a) como sabem que o número escrito nos produtos artesanais representa dinheiro? b) o preço dos produtos são todos iguais? c) como a gente sabe que um artesanato é mais caro que outro?

Estas perguntas foram essenciais para o desenrolar da aula, pois no decorrer da discussão, através das respostas dos alunos, pode-se notar que muitos alunos não sabiam que o símbolo R\$ com os números representavam o valor do artesanato, outros falaram que sabiam, pois eram eles que ajudavam as mães com a venda de seus artesanatos e ajudavam com o troco, falaram ainda que é melhor colocar o preço dos produtos que na hora de vender facilitava para que não precisasse repetir o preço do artesanato a todo momento.

Assim, percebemos que é muito importante o professor planejar e desenvolver aulas com elementos do dia a dia dos alunos, pois tudo isso torna-se aliado do processo de ensino aprendizagem do aluno indígena.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração deste artigo foi de fundamental importância para o ensino de matemática, pois constatamos que as práticas culturais de produção e venda do artesanato Tembé podem ser utilizadas como recursos didáticos a fim de melhorar o processo de ensino e aprendizagem do aluno indígena.

O material didático produzido pode servir para o ensino de matemática para outros professores indígenas facilitando sua metodologia de ensino e melhorando o ensino aprendizagem do educando na leitura e escrita dos números e seus respectivos valores, além de disponibilizar para as escolas indígenas um material didático específico, diferenciado e intercultural, pois com o desenvolvimento do material aqui descrito percebemos a necessidade de estabelecer uma relação mais íntima da comunidade escolar com a natureza, os rituais tradicionais do povo e outros elementos.

É interessante que o educador esteja sempre inovando suas metodologias de ensino, e não compactuar com aquela educação tecnicista que lhes foi imposta e que vem se perpetuando ao longo dos anos.

Com a aplicação desta cartilha, também percebemos que a escola é um espaço onde se deve estimular no aluno o ato de questionar o porquê das coisas e ampliar seus conhecimentos. Mas, isso só irá acontecer quando



as escolas passarem a querer de fato estar sempre inovando suas metodologias e sair da mesmice e ir em busca de novos horizontes.

Em meio a tantos desafios é válido dizer que o curso de Licenciatura Intercultural Indígena foi de suma importância para a formação de professores indígenas, pudemos entender o real significado de uma educação de qualidade e diferenciada para os povos indígenas. Onde no decorrer do curso com a elaboração e aplicações de projetos, vimos que não é conhecimento do *karain* que vai nos mostrar o que é educação diferenciada e de qualidade, são os indígenas que irão transformar o ensino indígena, fazer a diferença e ofertar uma educação pautada nos princípios de igualdade sociocultural.

Vale ressaltar que os objetivos estabelecidos no desenvolvimento deste trabalho só foram alcançados com a ajuda da comunidade indígena, professores e alunos, isto porque todos se comprometeram com a proposta de trabalho, todos tiveram plena participação na realização das atividades.

Os professores despertam no aluno o sentimento de reconhecer e se apropriar do artesanato como um elemento cultural indenitário dos Tembê do Gurupi. Com a aplicação desta cartilha notamos também que a produção de materiais didáticos específicos, usando elementos de cotidiano indígena, tem se mostrado uma boa alternativa para melhorar o desenvolvimento dos alunos com mais interação e participação, bem como leva-os a questionar mais e deixando de lado uma educação tecnicista que nos foi imposta, estimulando assim em nossos alunos o desenvolvimento da criatividade.

É importante frisar que este trabalho não termina aqui, muito pelo contrário, posteriormente pretende-se elaborar outros projetos relacionados a catalogação dos artesanatos e o fortalecimento da cultura Tembê.

Por fim, vale ressaltar que este trabalho é de suma importância para manutenção das práticas culturais de produção do artesanato Tembê, nas escolas indígenas região do Gurupi, como forma de ter uma educação diferenciada e intercultural. Conclui-se que este saber tradicional é de fundamental importância para o ensino-aprendizado dos indígenas, a fim de formar cidadãos autônomos, capazes de lidar com situações imposta pelo mundo globalizado e capitalista na qual estamos inseridos.



REFERÊNCIAS

ALVARES, M. M. A Educação Indígena na Escola e a Domesticação Indígena da Escola. Belém/PA. *Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi. Série Antropologia*, N° 15, Volume 2, 1999.

BRASIL, Ministério da Educação. *Resolução nº 5, de 22 de junho de 2012*: Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica. Brasília: MEC/CNE/CEB, 2012.

_____. Ministério da Educação. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Indígena*. Brasília. Secretaria de Educação Fundamental – MEC/SEF. 1998. 84 p.

_____. Ministério da Educação. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei n.9.394/96. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm.

PIMENTEL DA SILVA, M. do S. *A pedagogia da retomada: decolonização de saberes*. Articulando e Construindo Saberes, Goiânia, v. 2, n. 1, p. 204-216, 2017.

SECCHI, D. Apontamentos acerca da regularização das escolas indígenas. In *Congresso Brasileiro de Qualidade na Educação: formação de professores: formação de professores: educação indígena*. Marilda Almeida Marfan (Org.). Brasília: MEC, SEF, 2002.



28

AS FORMAS GEOMÉTRICAS NOS ARTESANATOS DO POVO TEMBÉ: material didático para o ensino de geometria na escola indígena

Maiara Borges dos Santos Tembê⁶⁹
Eliana Ruth Silva Sousa⁷⁰

INTRODUÇÃO

Os homens e mulheres do povo Tembê possuem o conhecimento para a confecção de uma diversidade de artesanatos. As mulheres indígenas Tembê trabalham bastante na confecção de utensílios, adornos e enfeites, como por exemplo: pulseiras feitas de tucum, anajá, missangas e ossos de jiboia; brincos de sementes, de frutas, de tucum com anajá, de penas e ossos; saias de taboca, de penas, de malvas; cuias; maracás; paneiros; peneiras, entres outros. Os homens trabalham na produção das bordunas, paneiros, arcos e flechas, lanças, e materiais de pescas, armas, entre outros instrumentos tradicionais. Os materiais utilizados para fabricação desses artesanatos são, na maioria das vezes, retirados das florestas.

O interesse em trabalhar com essa temática surgiu quando observou-se os detalhes de alguns artesanatos Tembê e as várias formas geométricas presentes nos artesanatos, o que torna possível relacionar os grafismos dos artesanatos com a geometria. Por exemplo, instrumento de pesca, utensílios, instrumento de música, as formas das casas etc. No artesanato Tembê existem diversas formas geométricas, o que possibilitam o aprendizado do conteúdo de geometria de forma intercultural.

A educação escolar indígena não dispõe de material didático adequado e específico para que os professores trabalhem com seus alunos, em sala de aula. Normalmente, os materiais utilizados nas escolas indígenas foram feitos por não indígenas. Embora alguns Tembê já tenham publicado alguns materiais sobre os saberes indígenas, ainda não são suficientes para o ensino indígena. A escola traz materiais didáticos da realidade dos *kabaiw* (não indígenas). Tais materiais focam somente nos conhecimentos científicos, em detrimento dos conhecimentos indígenas, desprezando nossos saberes tradicionais.

⁶⁹ Egressa do Curso Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará–UEPA.

⁷⁰ Docente do curso Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará–UEPA.



Nesse contexto, percebemos a importância de produzir um material didático que contribua para o fortalecimento da cultura indígena Tembé e para melhorar o ensino e aprendizagem na escola indígena. Entendemos que o conhecimento dos artesãos e artesãs Tembé são tão ou mais importantes que os conteúdos disciplinares ensinados nas escolas, por isso, são de grande relevância que esse conhecimento esteja presente nas aulas de maneira intercultural.

Os artesanatos apresentados neste trabalho representam a história e memória do povo Tembé do Gurupi, que busca preservar sua cultura através de sua tradição na confecção desses artesanatos. Ao produzir um material didático sobre as formas geométricas encontradas nos artesanatos do povo Tembé, esperamos contribuir também para o ensino e aprendizagem da matemática nas escolas indígenas.

O objetivo deste trabalho é elaborar um material didático sobre as principais formas geométricas planas e espaciais encontradas nos artesanatos do povo Tembé por meio do ensino de Matemática com alunos do 2º ciclo do ensino fundamental da Escola Maria Francisca Tembé.

ARTEFATOS E MENTEFACTOS NO ARTESANATO TEMBÉ

Nesta parte do artigo trazemos um breve diálogo entre os conhecimentos indígenas Tembé sobre a produção do artesanato e algumas pesquisas que discutem a importância da geometria indígena no ensino de matemática. Nossa intenção é ampliar as possibilidades e a diversidade da matemática ensinada nas escolas indígenas.

Os Tembé, ao construírem seus artesanatos e desenharem suas pinturas, estão praticando a coisa mais importante que também identifica sua identidade cultural. É um trabalho que pode parecer apenas manual, mas envolve pensamento e criatividade. Nesse sentido, “o ser humano age em função de sua capacidade sensorial, que responde ao material [artefatos], e de sua imaginação, muitas vezes chamada criatividade, que responde ao abstrato [mentefatos]” (D’ambrosio, 2015, p. 28)

Os indígenas criam e recriam objetos e utensílios em resposta a problemas do seu dia a dia. Nesse processo, o conhecimento também se renova. Os aspectos geométricos presentes no cotidiano indígena é apenas um tipo de conhecimento. Um cesto que é confeccionado reúne muitos outros saberes da cultura indígena, pois “a realidade percebida por cada indivíduo da espécie humana é a realidade natural, acrescida da totalidade de artefatos e de mentefatos [experiências e pensares].” (D’ambrosio, 2015, p. 28).

Podemos perceber as formas geométricas em diversas situações que nos cercam. Na dança Tembé tem as formas geométricas, como por exemplo, o for-



mato do círculo que surge quando estão dançando e os instrumentos musicais têm formas arredondadas.

Também podemos identificar formas geométricas nas cestarias produzidas e utilizadas pelos Tembé, como tapetes, paneiros, peneiras, armadilhas de arapuca, entre outros. As formas presentes nas cestarias parecem se relacionar com as formas da natureza.

Os cestos são construídos dos conhecimentos adquiridos a partir da observação que fazem dos elementos ou animais da natureza, que representam de forma estilizada a pele dos animais, a disposição de algumas folhas e flores, peixes, pássaros, a espiral de alguns caramujos, as dos insetos ou até as formas hexagonais de um favo de mel. (Machado; Gomes, 2017, p. 2).

O povo Tembé usa muito os grafismos que os animais utilizam no seu corpo, os formatos das coisas observadas na mata, tudo que avistamos no nosso dia a dia que está presente ao redor, são desenhados e recriados pelas artesãs. Nesse processo de criatividade das artesãs de estarem renovando seus artesanatos com modelos diferentes, são usados muito as formas geométricas, as mais usadas são as formas geométricas planas: quadrado, triângulos, losango, círculos entre outros. Estes grafismos são usados em vários tipos de artesanatos: em cuia, pulseiras, utensílios, instrumentos de músicas, vestuários, nos objetos feitos em cerâmicas. É difícil ver os artesanatos Tembé sem grafismos ou desenhos.

São os inúmeros os suportes e as formas de expressão e representação gráficos de povos indígenas brasileiros. Num rico conjunto artísticos-artesanal que abrange desde a cestaria até cerâmicas passando por um artefato de madeira habilmente entalhadas e pinturas corporais indiciadoras de momentos tribais, encontram-se padrões geométricos endogenamente criados. (Machado; Gomes, 2017, p. 1).

De acordo com autor, é verdade que cada povo tem vários tipos de materiais diferentes um dos outros. Cada povo tem sua elaboração na hora de tecer diferentes objetos. O mais importante é que os desenhos podem ser parecidos, mas os significados são diferentes. Só lembrando que no povo Tembé são as mulheres que fazem os artesanatos como as cuias, os maracás, os enfeites como brincos, pau-de-pena, saias, enfeite em geral, e os homens fazem outros como o paneiro, a peneira, o pau-de-chuva, os instrumentos de caça e pesca como arco e flechas, canoa, remo, lança, armadilhas para capturar os animais como arapuca, laço, camina, entre outros.

Os Tembé, antes da escola ser implantada nas aldeias, não tinham nenhum conhecimento científico ocidental, mas faziam e fazem seus artesanatos em geral, como os entrelaçados. Nesta categoria entra paneiros, abano, a peneira, pau-de-chuva, balaio, pulseira de miçangas, pulseira de tucum com anajá, colares de miçanga, entre outros. E os que não são entrelaçados como cuia, colares de tucum e de anajá, instrumentos de música, como maracá, são bem trabalhados.



Eles possuem talentos iguais o dos *karaniu* que são estudados e formados para fazer alguns tipos de artesanatos que estudou para fabricar como os artesanatos.

Todo o conhecimento da cultura e tradição Tembé é passado de geração em geração, tudo é registrado e comunicado de forma oral, não tinha que escrever as coisas no papel, mas depois do contato com o não índio é preciso saber escrever e ler para que possam se comunicar com a sociedade envolvente.

Os Tembé não são diferentes eles têm a preocupação de estar ensinando, seus artesanatos para os jovens, para as crianças aprenderem a fazer para que futuramente essas novas gerações continuem passando nosso conhecimento para as futuras gerações para fortalecer a cultura Tembé. Os conhecimentos tradicionais são passados dentro de suas casas pelos seus pais, na comunidade pelos mais velhos. Esse ensinamento é uma tradição que vem sempre acontecendo na aldeia. As crianças começam observando os pais a fazerem os artesanatos ainda bebê quando ela começa interagir no meio dos pais. Quando ele trabalha nos artesanatos a criança fica brincando de fazer artesanato igual a seus pais. Nesta brincadeira que acontece seus primeiros contatos com os materiais.

Quando a criança vai crescendo ela vai desenvolvendo sua habilidade. Os pais e os mais velhos ensinam suas crianças até quinze anos de idade. Eles ensinam tudo que as crianças precisam saber para sua vida diária. Todo esse conhecimento vai ajudar na nossa vida pessoal e profissional. Assim, quando crianças e adolescentes indígenas são inseridos na escola, já tem um aparato de conhecimentos que adquiriu em sua vida na aldeia.

Entendemos que o artesanato indígena pode servir como ponto de partida para o ensino de matemática, pois “o conhecimento implícito presente na construção deles poderá auxiliar na construção do pensamento geométrico, além de envolver conhecimentos sobre História, Geografia, Artes e Matemática” (Bayer; Santos, 2003, p. 26).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Ao construir a cartilha, durante a execução do projeto aqui relatado, houve várias etapas. A primeira etapa foi a pesquisa de campo, onde foi possível ir em algumas das casas dos moradores da aldeia Cajueiro onde a pesquisa ocorreu. Nesta aldeia moram 88 famílias. Entrevistei 10 famílias dessas 88. De cada casa entrevistei em média 3 pessoas, sendo homens, mulheres e jovens. Antes da pesquisa fiz um questionário com cinco perguntas, para eles estarem me respondendo. As perguntas foram as seguintes: 1) quais os artesanatos você faz? 2) entre esses artesanatos qual dele você faz com “grafismo” desenhos? 3) esses artesanatos você aprendeu com quem? 4) tem artesanatos que mulher não faz? Por quê? Tem artesanatos que homem não faz? Por quê? 5) na sua opinião você acha que vem acontecendo mudança nesses artesanatos?



Depois de fazer todas essas perguntas, indagava se havia artesanatos feitos e se eu podia fotografar. Foi possível fazer diversos registros dos artesanatos.

Realizar o levantamento dessas perguntas ocorreu para entender mais sobre quais artesanatos antigamente eram feitos pelo povo Tembê; saber também quais grafismos e desenhos eles usavam. Essas perguntas foram muito importantes para a pesquisa porque teve muitos conhecimentos que eu não sabia, por mais que eu seja indígena tem coisa que nós mais novo não sabemos. Me despertou a vontade de buscar aprofundar mais, de estar conhecendo a realidade de antigamente que hoje em dia está muito diferente dessa nova criação. É com os mais velhos que essas futuras gerações têm de estar buscando conhecimentos indígenas. Eles são conhecedores dos saberes indígenas Tembê.

Depois desse levantamento de perguntas, da pesquisa de campo, passei para a pesquisa de artigos e livros que pudessem me ajudar no diálogo intercultural e interdisciplinar. Foi para a partir dos desenhos, através dos artesanatos que os entrevistados citaram, que então foram desenhados, e em seguida pintados. Depois fui atrás de comprar os artesanatos feitos e reproduzi as formas geométricas planas concretas, com guarimã para estar usando na sala de aula, como material didático concreto.

Depois dos desenhos seguimos para parte da escrita, onde se vem discutir um pouco do contexto de produção dos artesanatos e suas características. Depois da cartilha já feita iniciamos a parte de aplicação e avaliação na escola Maria Francisca Tembê, na aldeia Cajueiro, município de Paragominas, na Terra Indígena Alto Rio Guamá (TIARG), na região do Gurupi, nas margens do rio Uraim.

A aplicação da cartilha foi dividida em cinco períodos de aulas, onde cada aula contava 5 horas de aula. Atuamos na turma do 2º ciclo de ensino, para turma do professor Sidney Tata Tembê para os alunos do 4º e 5º anos, faixa etária entre 8 e 20 anos. Nessa turma são 20 alunos.

Durante esses cinco dias trabalhamos vários assuntos sobre geometria: formas geométricas não planas, os nomes de alguns sólidos geométricos, as características, poliedros, não poliedros, as formas geométricas planas, os nomes das figuras planas, elementos das figuras, simetria, oficina de miçangas, oficina da construção de casa.

Foi possível perceber que com o material didático voltado para a realidade dos alunos, a aula ficou mais interessante, despertou a curiosidade deles de estar querendo saber mais sobre seu povo. Com relação a aplicação, foi excelente! Todos participaram em todas as atividades. O desempenho dos estudantes, de forma geral foi muito bom.

Conforme mencionado anteriormente, a escola possui alguns materiais didáticos da realidade dos brancos *kahaim*, focando, na maioria das vezes,



apenas nos conhecimentos científicos, deixando de lado os conhecimentos tradicionais. A educação que foi implantada na aldeia vem sempre desprezando nossos saberes tradicionais. Isso vem ocorrendo durante décadas, por isso que resolvemos cada vez mais nos qualificar para melhorar nossa educação escolar indígena, mas isso só vai acontecer quando os próprios indígenas se qualificarem para assumir os cargos, para estarem lutando por uma educação de qualidade e intercultural.

Descrevemos sobre o material didático, desde como foi a produção do material em modelo de cartilha até a sua aplicação. A elaboração desse material didático começou com a procura do nome do tema para a cartilha, que foi as formas geométricas nos artesanatos do povo Tembé Tenetehar da aldeia Cajueiro. Depois de escolhido o tema, passei para a organização e desenvolvimento do material, em que procurei relacionar os saberes indígenas com o conhecimento científico, para fazer a junção dos dois conhecimentos no material didático.

A construção do projeto aqui descrito envolve pesquisa de campo, consulta de artigos científicos, e de livros de matemáticas, desenhos de vários artesanatos, fotos, textos, desenhos das formas geométricas, artesanatos e as formas geométricas planas de guarimã e cipó como círculos, quadrado, retângulos, e triângulos para os alunos desenvolverem as atividades. A cartilha trata especificamente sobre formas geométricas presentes nos artesanatos Tembé, visando conscientizar os alunos acerca da sua importância para a cultura do povo Tembé.

A cartilha procura mostrar como as figuras planas, as figuras espaciais, simetria, os elementos das figuras, arestas, vértices, entre outros aspectos, se relacionam com os materiais feitos por nós indígenas, estabelecendo assim a relação entre os conhecimentos científicos e os tradicionais.

Esta cartilha está sendo feita para ficar de apoio nas escolas indígenas tanto na região do Gurupí como da região do Guamá e em outras escolas que se interessarem por esse material didático, uma vez que as escolas indígenas não possuem materiais didáticos interculturais suficientes para suprir as necessidades dos discentes e dos docentes em sala de aula. Esperamos que os professores aproveitem bem esse material didático que é diferente dos que eles estão acostumados a usar em sala de aula. Ele foi feito pensando nos professores e alunos para tornar as aulas mais divertidas e interessantes. Esperamos, ainda, que este recurso chame a atenção dos alunos e que estimule o seu estudo, que se interessem em estudar cada vez mais a matemática e outras matérias que possa ajudar na sua formação como cidadãos na sociedade.



geométrica espaciais: cubo, primas, cilindro, cone, pirâmide, paralelepípedo e esfera. Foi questionado se eles lembravam o nome de alguns dessas formas que estavam desenhadas no cartaz. Como já haviam estudado, já tinham ouvido falar nessa forma, das que eles lembraram, eles falaram direitinho o nome e das que eles não estavam lembrando fizemos uma breve revisão falando os nomes de todas as formas que estavam desenhadas no cartaz.

Imagem 2: Material utilizado em aula e exposição das atividades pelos alunos.



Fonte: acervo de Maiara B. dos S. Tembê, 2019.

No terceiro momento, estudamos os elementos das figuras vértice, aresta, faces, fizemos apresentação dos elementos tanto no quadro, quanto no cartaz e nos objetos levados para sala. No quarto momento, explicamos todos os conteúdos abordados, em seguida fizeram umas atividades sobre o tema tratado e tiveram um tempo para responder. No quinto momento fizemos a correção da atividade no quadro, logo após foram liberados.

Diferentemente das atividades desenvolvidas nas disciplinas de estágios e prática oferecidas no curso Licenciatura Intercultural Indígena, nas atividades de aplicação do material didático tivemos mais tempo de trabalho com os alunos, a preocupação foi maior, porque queria ter certeza de que eles estavam mesmo aprendendo, se estavam gostando das aulas. Para avaliar a prática com o material didático fazíamos uma roda de conversa ao final de cada aula, para que os estudantes falassem e se expressassem sobre o que acharam das aulas. Teve um estudante que falou que não gosta de matemática, que não entrava nada na cabeça dele, era a matéria mais difícil para ele; o professor falava, falava, mas não entendia nada. Iniciei um diálogo com ele:



Estudante A: Professora, eu gostei da atividade da sua aula!
Professora/Pesquisadora: Por que você gostou?

Estudante B: Através dos cartazes e dos materiais concretos eu podia pegar, observar cada detalhe que a senhora estava falando, e foi mais interessante ter colocado os alunos pra ler em voz alta para todos ouvirem, e também ajudou nas palavras que eu não sabia ou não conseguia ler.

Professora/Pesquisadora: Vocês conseguem sim! Eu também tinha essa dificuldade de falar na frente, mas com ajuda das professoras da universidade, dos trabalhos que elas pediam pra eu apresentar na frente, eu fui perdendo mais esse nervosismo, assim como eu fui ajudada eu também estou aqui pra ajudar vocês. Não vai pensando vocês só porque eu estou aqui na frente, que eu sei de tudo, não é bem assim, assim como eu repasso meus conhecimentos para vocês eu também aprendo muito com vocês. Nós estamos aqui em sala é pra compartilhar e trocar conhecimento uns com os outros, todo mundo sabe de alguma coisa, todo mundo aprende e se dedica mais nos estudos, como você diz que não gosta da matemática que não aprende? nada isso! é que você já colocou na sua cabeça. Se você fala “eu não sei matemática, mas vou me dedicar mais um pouco e vou aprender a matemática e vou estudar”, você vai ver a matemática com outro olhar, e você vai até gostar da matemática, vai ver que a matemática é que nem as outras matérias.

Os professores podem usar outros métodos para o ensino, através de brincadeiras, jogos educativos, apresentações, através de cartaz, de materiais concretos, para não ficar só escrevendo no quadro, como fazem em algumas escolas. Ainda existem muitos professores que só escrevem o assunto no quadro, não deixam os alunos falarem, mas isso está mudando, hoje, vemos os alunos e professores se expressando sobre o assunto abordado em sala, desse modo, a aula fica mais atraente, todo mundo compartilha conhecimento e aprendendo junto.

Teve outra aluna que se expressou sobre as atividades:

Professora, se todas as aulas fossem assim, como a sua, com cartazes e esses artesanatos, esses objetos que a senhora trouxe para sala, que nós pudéssemos agarrar, sentir, ficar mais perto dos nossos olhos, eu aprenderia mais do que ficar só tirando palavra do quadro. Quando a senhora entrou na sala pra dá aula pra nós, eu disse para meus colegas vichi é matemática logo. Nós só vamos só fica escrevendo e respondendo as continhas, quando a senhora começou escrever eu disse eu falei que só era escrever, escrever, o professor explicar e colocar nos pra responde as atividades, mais não eu me enganei com a senhora sua aula foi muito boa, quando a senhora deu os abjetos pra nos olha, quando você perguntou se nós já tinha estudado ou ouvido fala em forma geométrica, eu já ouvir fala mas



não lembro, quando senhora começou explica e fala que a geometria está em todo canto que ela faz parte da nossa vida, que nos ia estudar as formas geométricas espaciais, quando mostrou os desenhos de alguma forma espaciais lembrei do nome de algumas, quando pequei os painéis veio logo na mente que ele tem corpo redondo e parecia com cilindro, como é um objeto da cultura dos índios, e muito usado na nossa aldeia, como foi explicada pela senhora, que mesmo onde o estudo chega na aldeia, dos índios conhecer a matemática, os livros didáticos os Tembés e os outros índios já tinham ou sabiam sua própria matemática, fiquei pensando e imaginando em outros objetos e artesanatos, sabe que é mesmo e é verdade, tudo que as pessoas fazem tem as formas geométricas. (Estudante B, 2019).

Como futura professora e estagiária naquele momento, houve muita dedicação e esforço para cultivar uma boa aula, para que os alunos realmente aprendessem os assuntos abordados e gostassem das aulas, foi uma experiência muito boa, durante essas aulas eu me senti uma professora já capaz de assumir uma sala de aula. Destaco que tive um vínculo muito bom com os alunos em sala, eles são muito inteligentes, são bons alunos. As aulas foram muito produtivas, desse modo, concluímos que os objetivos almejados foram alcançados. Por meio dos relatos de alguns alunos, e atividades aplicadas tenho certeza de que despertado neles a curiosidade de aprender mais sobre matemática, assim como sobre os saberes tradicionais do povo Tembés.

Fiquei muito feliz de ter colaborado na aprendizagem deles durante os dias de estágio e saber que eles aprenderam, que tudo que eles aprenderam não vai ser em vão nem tempo perdido, mas vai ser um novo conhecimento adquirido por eles.

O segundo dia de aplicação do material didático, novamente com a turma do professor Sidinei Tata Tembés, comecei a escrever no quadro o cabeçalho da escola, e o assunto que iríamos estudar: formas geométricas planas. Em seguida, perguntei se eles poderiam me falar que seriam as formas geométricas planas, se lembravam dos nomes, das formas. Foi muito interessante com as respostas deles bem claras. Além desse assunto, neste dia, estudamos também simetria, os elementos das figuras e classificações dos triângulos.

Escrevi o assunto no quadro para eles copiarem, quando eles terminaram de copiar expliquei o assunto abordado, saímos da sala e fomos para frente da escola observar as formas ao redor da escola que podemos avistar na natureza ou no espaço geográfico, depois voltamos para sala de aula. Copiei as atividades no quadro para eles responderem, porque durante esses períodos estava avaliando-os tanto nos comportamentos, nas participações das falas durante a aula, nas atividades escritas, e desempenho geral em relação ao conteúdo abordado.

Ao finalizar a aula fizemos uma roda de conversa, pois queria saber o que eles acharam da aula. Também fiz uma reflexão sobre a aula e pude perceber, comparando com a primeira aula, que eles estavam interagindo mais, mais sol-



tos. Em relação ao conteúdo eles foram muito proveitosos, eles perguntavam e tiravam dúvidas.

No dia 01 de novembro de 2019, às 13h e 15h da tarde, com os alunos do quarto ano iniciamos a oficina de confecção da pulseira de miçangas. Primeiramente, fizemos uma breve revisão das formas geométricas planas e o nome de cada um que iríamos usar. Mostrei a pulseira já feita e expliquei que essa pulseira não era da nossa cultura Tembê e as miçangas também não, foi uma incorporação que o povo Tembê fez e hoje em dia já podemos dizer que fazem parte da cultura Tembê

No momento seguinte, organizei a mesa e distribui as miçangas, um pedaço do fio náilon, que é conhecida também como linha de pesca. Começamos a fazer a pulseira, eu ia falando e mostrando como entrelaçar as miçangas uma na outra e eles iam fazendo do mesmo jeito.

No terceiro momento, fiquei orientando cada um e ajudando a fazer a pulseira de miçanga tirando as dúvidas quando não estavam acertando, eu mostrava tudo de novo passo a passo. Em seguida, fizemos uma breve avaliação oral sobre a confecções da pulseira. Posteriormente, juntamos a duas turmas do quinto e do quarto ano que estavam com outra estagiária e socializamos os conteúdos abordados.

Imagem 3: Momento de confecção das pulseiras.



Fonte: acervo de Maiara B. dos S. Tembê, 2019.

O objetivo dessa atividade foi ensinar os estudantes a fazerem as pulseiras de miçangas e conscientizar a fazer esse artesanato, que é muito importante para fortalecimento da cultura Tembê e para as produções de pulseira de miçangas para a venda que é uma renda para a família. Que futuramente esses alunos possam estar passando esses conhecimentos para as outras crianças



Em outro dia, fizemos uma oficina de construções de casa, primeiramente cumprimentamos os alunos com boa tarde, explicamos a atividade e a turma foi dividida em equipes. Cada grupo ficou responsável por cada tipo de casa: casa de tijolos, casa de tábuas, de palhas, casa de ripas e casa de barro.

Depois de divididos os grupos e as atividades que cada um ia fazer, organizamos as mesas colocamos os materiais para cada grupo, explicamos sobre as transformações das casas Tembé ao longo do tempo. Destacamos que antes as casas eram feitas de palhas e com passar do tempo outros materiais foram sendo introduzidos. Demostramos como fazer cada casa e os materiais que seriam utilizados durante a construção das maquetes: talas de guarimã, papelão, pistola, bastão quente, palhas, barros fio da baia, tala de coco, tinta guache para as pinturas das casas, tesouras, estiletes.

Foi muito prazeroso e animado fazer essa atividade. Todos estavam empenhados no trabalho, compartilhando, interagindo entre eles e conosco. Eles pediam ajuda para colega quando não conseguia fazer o deles ou nos chamavam para ajudar. Todos tinham que fazer alguma coisa para ajudar o grupo, o objetivo era colocar os alunos para trabalhar em equipe, um ajudando o outro, estimulando o trabalho em equipe, que é uma peça fundamental para nossa vida. Aproveitamos para conscientizar os alunos que a gente precisa um dos outros na comunidade, que juntos somos mais fortes.

O período da aula foi todo usado na construção das casas. No outro dia a equipe tinha que apresentar para comunidade o que havia produzido. Desse modo, organizamos o local onde iria ocorrer as apresentações, além da nossa turma, outras turmas também apresentaram suas produções, foi muito boa a ideia de unir as turmas para apresentarem seus trabalhos para a comunidade. Na realização desse pequeno projeto objetivava também motivar as crianças a falarem e se expressarem para o público, diminuindo a timidez de falar para muita gente.

Imagem 4: Construção de maquetes e exposição.



Fonte: acervo de Maiara B. dos S. Tembé, 2019.



A experiência que tive, em sala de aula, com os alunos do quarto e quinto ano do ensino fundamental foi muito interessante. Trabalhar as formas geométricas usando materiais feito por mim, onde os alunos pudessem pegar, olhar de perto permitiu que o ensino ficasse mais fácil para reconhecer as formas geométrica e identificar as diferenças entre cada forma. Além de todas as explicações dada para a turma para que eles conhecessem as formas geométrica, foi feito uma brincadeira com as formas geométrica, onde todos os alunos desenharam as formas que queriam, assim todos participaram e interagiram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O curso de Licenciatura Intercultural Indígena foi uma experiência muito prazerosa. Durante esses quatro anos de curso tudo que foi estudado veio para somar e multiplicar nossos conhecimentos. O curso nos motivou a estar estudando mais sobre nosso povo, de estar registrando nossos saberes e memória. Dessa forma, fica registrado nesta pesquisa um pouco dos conhecimentos do nosso povo para as crianças aprenderem na escola. Ressalto também que o curso, bem como o desenvolvimento deste estudo nos motivou também a nos enxergarmos como produtores de conhecimento.

Além disso, mostrou também para os acadêmicos uma maneira de estar trabalhando nas escolas indígenas, trazendo mais da própria cultura para dentro da sala de aula. Nesse sentido, considero que a realização desse trabalho foi uma experiência muito proveitosa.

Ser um professor indígena é saber diferenciar sua cultura das outras e estar sempre relacionando seu conhecimento tradicional com os conhecimentos científicos. Um professor indígena tem que estar fortalecendo sua cultura em sala de aula, ou mesmo fora da sala, motivando os alunos a usarem sua pintura corporal no seu dia a dia e participar dos eventos tradicionais.

Um bom professor indígena é aquele que não abandona nenhum aluno, é aquele que sabe o conteúdo a ser ensinado e a maneira de ensiná-lo, tem domínio do conteúdo e sabe gerenciar a sala de aula e manter a autoridade durante a aula. Ensina e motiva os alunos, relaciona os conhecimentos adquiridos com a experiência do aluno, inclui todos os alunos nas atividades, procura ouvir o aluno e dialogar com ele. Dar valor a língua indígena, a cultura, faz uma autoavaliação pra ver se o objetivo proposto está sendo atingido.

O professor tem que elogiar, valorizar as atividades, e principalmente gostar do que faz, ensinar com amor. É aquele que tem a capacidade de ensinar os assuntos fáceis e difíceis, assim com aprender com cada aluno algo que não sabe, deixa os alunos tirarem suas dúvidas, perguntarem quantas vezes precisarem.



Para ser um bom professor indígena, também é preciso ter organização, saber planejar suas aulas, criar, ler, estar sempre em formação, compreender cada aluno, fazer os alunos se interessem pela matéria, motivar os alunos para que eles estudem, respeitando o ritmo de cada aluno e sua potencialidade e traçar metas e objetivos, pensar em atividades e a avaliação com antecedência. Além disso, criar um ambiente de aprendizagem, para cativar o interesse, dos estudantes e quando necessário, buscar ajuda de outros profissionais da área.

O bom professor indígena se dedica sempre, sempre busca atingir seu objetivo de ensino, promover a participação de todos. Ouvir os alunos, manter os alunos ocupados com tarefas, incentiva a turma a interagir durante as aulas e a correr atrás do sucesso que pretende atingir. Portanto, o professor indígena tem que valorizar e se empenhar na sua profissão, porque é ele que está ajudando a garantir o futuro da cultura indígena.

Como professora, tenho que estar sempre estudando, pesquisando, questionando com outros professores. Argumentando, buscando novos conhecimentos científicos, para me tornar uma ótima professora. Professor nunca para de estudar sempre está se profissionalizando cada vez mais na sua área, para dar uma excelente aula para seus alunos.

REFERÊNCIAS

BAYER, Arno. SANTOS, Beatriz Petrella. *A Cultura Indígena e a Geometria: Aprendizado pela Observação*. Revista ACTA SCIENTIAE – v.5 – n.2 – jul./dez. 2003. Disponível em: < file:///C:/Users/ruths/Downloads/133-134-1-PB.pdf >

D'AMBROSIO, Ubiratan. *Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade*. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

MACHADO, Silvana Rocha Brandão. GOMES, Luiz Vidal. *Análise de padrões etnogeométricos: a simetria na cestaria de indígenas brasileiros*. Graphica'2017: XII International Conference on Graphics Engineering for Arts and Design. Disponível em < <https://even3.blob.core.windows.net/anais/49723.pdf> >



ORGANIZADORES

ANTÔNIA ZELINA NEGRÃO DE OLIVEIRA

Doutora em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo – DINTER USP/UEPA. Professora do Departamento de Educação Escolar Indígena da Universidade do Estado do Pará – DEEI/UEPA. Atua na formação de Professores Indígenas e Não indígenas. Professora Permanente e Coordenadora do Mestrado Profissional em Educação Escolar Indígena – PPGEI/UEPA. Membro do Grupo de Estudos Indígenas na Amazônia - GEIA.

BRUNA FERNANDA SOARES DE LIMA PADOVANI

Doutora em Letras com ênfase em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (PPGL/UFGA). Realizou pós-doutorado com ênfase em Linguística Antropológica pela University of Helsinki na Finlândia. Atualmente é professora do Departamento de Educação Escolar Indígena da Universidade do Estado do Pará (DEEI/UEPA). Membro do Grupo de Estudos Indígenas na Amazônia (GEIA). Seus interesses de pesquisa incluem: documentação e descrição de línguas indígenas, produção de materiais didáticos e metodologias de ensino para línguas indígenas.

CLAUDIO EMIDIO-SILVA

Doutor em Educação com o foco em Educação Escolar Indígena (UFGA-2017). Mestre em Ciências Biológicas (UFGA-MPEG-1998). Biólogo e Licenciado em Ciências Biológicas (UNESP-1993). Atualmente é professor da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa) vinculado aos cursos de Licenciatura em Ciências Naturais e Licenciatura em Química. Atua como Professor credenciado no PPGECEM-UNIFESSPA e no PPGEI-UEPA-UFGA-UNIFESSPA-UFOPA. Coordena o Grupo de Estudos e Pesquisas para o Ensino-Aprendizagem de Ciências, Biologia, Química e Física na Amazônia (GEPECAM), onde são desenvolvidos projetos nas seguintes temáticas: Educação e Educação Escolar Indígena, Ensino de Ciências, Produção de Materiais Didáticos para o Ensino de Ciências, Etnobiologia e Etnoecologia.

ELIANA RUTH SILVA SOUSA

Doutora em Educação para a Ciência pelo Programa de Pós-graduação em Educação para a Ciência (2020) da Unesp (Doutorado Interinstitucional UEPA - Unesp). Mestrado em Educação em Ciências e Matemáticas (2010) pelo Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas (PPGECEM/UEPA/UFGA). Graduação em Licenciatura Plena em Matemática pela Universidade Federal do Pará (2006). Atualmente é Professora Adjunta I da Universidade do Estado do Pará. Docente do Departamento de Educação Escolar Indígena da UEPA. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar Indígena – PPGEI/UEPA. Pesquisa sobre a formação de professores indígenas, currículo na educação escolar indígena e materiais didáticos para escolas indígenas.



JOELMA PARENTE MONTEIRO ALENCAR

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Licenciada em Ciências Sociais. Licenciada em Educação Física. Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar Indígena - PPGEI/UEPA. Professora do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena na Universidade do Estado do Pará. Líder do Grupo de Estudos Indígenas na Amazônia – GEIA. Associada à Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - ANPED. Membro do Fórum Nacional de Educação Escolar Indígena – FNEEI.



O Núcleo de Formação Indígena (NUFI) da Universidade do Estado do Pará (UEPA) foi criado pela Resolução Nº 2396/11 – CONSUN, em 16 de dezembro de 2011, com o propósito de apoiar e valorizar os conhecimentos tradicionais dos povos indígenas da Amazônia, especialmente os do estado do Pará. Desde sua constituição, o NUFI tem se destacado na promoção das culturas indígenas, fundamentadas em seus referenciais cosmológicos e ancestrais, ao longo de mais de uma década de atuação na Política Indigenista da UEPA.

As iniciativas desenvolvidas pelo NUFI resultaram na valorização das práticas sociais e saberes indígenas, incluindo registros da memória cultural e da biodiversidade, além de fomentar a diversidade cultural e os processos interculturais com a sociedade nacional. Nesse contexto, o NUFI, em parceria com a Editora da UEPA (EDUEPA), lançou o Selo Etno's – Saberes Indígenas, que visa certificar publicações de natureza tecnológica, didático-pedagógica e científica, oriundas de ações realizadas em colaboração com os povos indígenas.

O Selo Etno's permite à comunidade leitora identificar produções que respeitam a autoria e coautoria indígena, promovendo diálogos interculturais e estimulando a autoestima de indígenas detentores de vasto conhecimento. Essa iniciativa congrega diversos agentes envolvidos na construção do etnoconhecimento, contribuindo para a preservação dos direitos e da autonomia dos povos indígenas nas publicações institucionais da EDUEPA.

Em suma, o Selo Etno's – Saberes Indígenas representa uma estratégia significativa para fortalecer as ações da Política Indigenista da UEPA, com o objetivo de disseminar e visibilizar os conhecimentos e pesquisas produzidos por indígenas e seus parceiros, promovendo a divulgação de suas investigações e experiências para a sociedade em geral.

